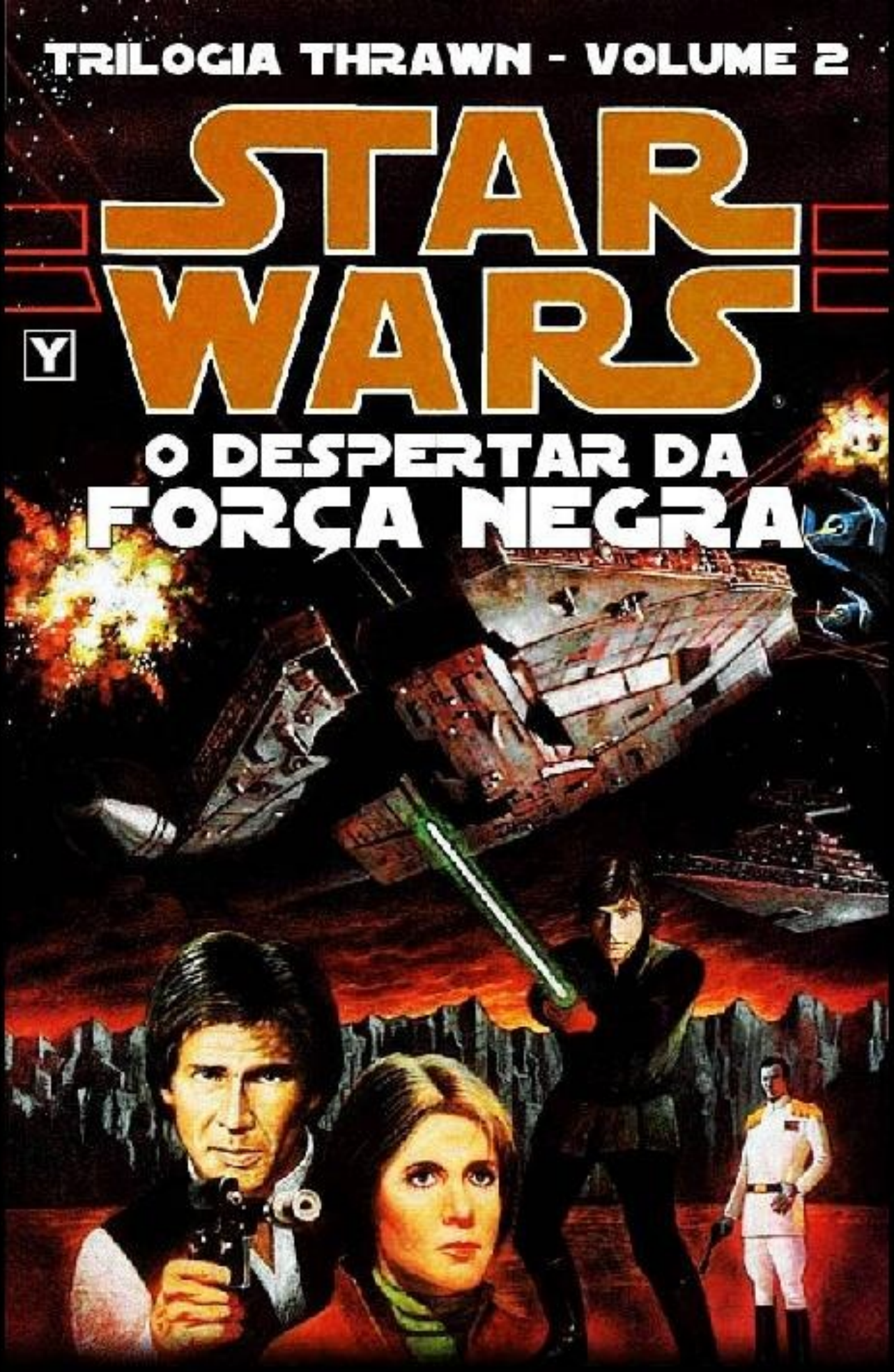
TRILOGIA THRAWN - VOLUME 2

STAR WARS

O DESPERTAR DA FORÇA NEGRA



TIMOTHY ZAHN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

TIMOTHY ZAHN

STAR WARS

O DESPERTAR DA FORÇA NEGRA

TRILOGIA THRAWN • VOLUME 2

Best Seller

Timothy Zahn
O DESPERTAR DA FORÇA NEGRA
Guerra Nas Estrelas

Tradução de
Luiz Fernando Martins Esteves

Formatação de
LEYTOR

Título original: *STAR WARS: DARK FORCE RISING*
Copyright © Lucasfilm, 1992

Licença editorial para o Círculo do Livro
por acordo com a Editora Nova Cultural Ltda.
e o detentor dos direitos autorais
Todos os direitos reservados.

ISBN 85-7123-428-0



Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa no Brasil
adquiridos por EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.,
que se reserva a propriedade desta tradução.



EDITORA BEST SELLER
uma divisão da Editora Nova Cultural Ltda.
Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 - CEP 01410-901 - Caixa Postal 9442
São Paulo, SP



CIRCULO DO LIVRO
Caixa postal 7413 01051 São Paulo, Brasil
Fotocomposto na Editora Nova Cultural Ltda. Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

UMA TRAMA INÉDITA E EMOCIONANTE DA MAIS INCRÍVEL EPOPÉIA INTERPLANETÁRIA!

Das profundezas do hiperespaço, uma lendária frota de cruzadores pode definir o rumo da guerra entre o Império e a República dos heróis Luke, Leia e Han Solo.

É a misteriosa Força Negra, cujos tripulantes, aparentemente enlouquecidos, são capazes de reviver fantasmas tecnológicos do passado e transformá-los em terríveis ameaças do presente.

Continuação de Herdeiros do Império, mas de leitura independente, *O Despertar da Força Negra* traz ação ininterrupta, suspense e absoluta fidelidade aos personagens e eventos cinematográficos.

Uma aventura simplesmente irresistível!

DO CRIADOR DE GUERRA NAS ESTRELAS.

1

Diretamente à frente, a estrela parecia uma esfera amarelo-alaranjada do tamanho de uma bola de gude, sua intensidade moderada pela distância e pelos filtros estelares da escotilha de observação do destróier estelar imperial *Quimera*. Circundando-a, e à própria nave, viam-se estrelas, um borrifo de pontos coruscantes na escuridão profunda do espaço. Diretamente abaixo da nave, pelo lado ocidental da Grande Floresta Setentrional do planeta Myrkr, a aurora se aproximava.

A última aurora que alguns naquela floresta assistiriam.

Em frente à um dos visores laterais da ponte de comando, o capitão Pellaeon observava enquanto a linha imprecisa do horizonte rastejava em direção à zona do alvo no planeta abaixo. Dez minutos antes, as forças terrestres ao redor do objetivo haviam confirmado sua prontidão; o próprio *Quimera* mantinha posição há quase uma hora. Só faltava a ordem de atacar.

Bem devagar, sentindo-se furtivo, o capitão Pellaeon virou a cabeça alguns centímetros para o lado. Atrás, e um pouco à direita dele, o Grande Almirante Thrawn estava sentado em seu posto de comando, a pele azulada impassível, sem demonstrar emoções e os olhos vermelhos fixos nos monitores de situação ao redor do assento. Não falara, ou tampouco movera- se desde o último relatório das forças terrestres, e Pellaeon notara que a tripulação da ponte começava a ficar inquieta.

De sua parte, Pellaeon desistira há muito de tentar adivinhar as razões que motivavam as ações do almirante. O fato de que o Imperador julgara adequado tornar Thrawn um de seus doze Grandes Almirantes testemunhava sua confiança; principalmente levando-se em conta a origem não inteiramente humana de Thrawn e os conhecidos preconceitos do Imperador nessa área. Além do mais, durante o ano em que Thrawn assumira o comando do *Quimera*, dando início à tarefa de reconstrução da Frota Imperial, Pellaeon testemunhara sua genialidade militar por mais de uma vez. Fosse qual fosse o motivo para retardar a ordem de ataque, o capitão sabia que haveria um propósito definido para justificá-la.

Tão devagar quanto desviara os olhos, voltou-os para o espaço; contudo, seu movimento não passou despercebido.

— Alguma pergunta, capitão? — indagou a voz suave de Thrawn, acima do burburinho dos tripulantes na ponte.

— Não, senhor — assegurou Pellaeon, voltando-se para encarar o superior.

Por um instante os olhos vermelhos e luminosos fixaram-se nele e Pellaeon preparou-se para uma reprimenda, ou coisa pior. Sempre se esquecia de que Thrawn não possuía o legendário temperamento explosivo e letal do Lorde Darth Vader.

— Talvez você esteja se perguntando por que ainda não atacamos? — sugeriu o Grande Almirante no mesmo tom cortês.

— Sim, senhor. Para dizer a verdade, estava mesmo — admitiu Pellaeon.

— Todas as nossas forças parecem estar em posição.

— Nossas forças militares estão — concordou Thrawn. — Mas não os observadores que enviei à cidade de Hyllyard.

Pellaeon piscou, surpreso.

— Hyllyard?

— Exatamente. Achei improvável que um homem com a sagacidade de Talon Karrde estabelecesse uma base no meio da floresta sem também colocar contatos nas vizinhanças. A cidade de Hyllyard é suficientemente distante do esconderijo de Karrde para que alguém ali seja testemunha do ataque; isso significa que qualquer surto de atividade na cidade implica na existência de uma linha mais sutil de comunicação. Por aí poderemos identificar os contatos de Karrde e colocá-los sob vigilância a longo prazo. Mais cedo ou mais tarde nos levarão até nossa presa.

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, sentindo a testa franzir-se. — Isso quer dizer que o senhor não espera apanhar ninguém do pessoal de Karrde com vida?

O sorriso do almirante tornou-se gélido.

— Pelo contrário. Acredito que nossas forças vão encontrar a base deserta e abandonada.

— Nesse caso, senhor... — Pellaeon voltou o olhar para o planeta abaixo, parcialmente iluminado —, por que estamos atacando?

— Por três motivos, capitão. Em primeiro lugar, mesmo homens cuidadosos, como Talon Karrde, cometem erros de vez em quando. Pode ser que na pressa em evacuar a base, deixe alguma informação importante para trás. Em segundo lugar, como já disse, um ataque à base pode denunciar os contatos dele em Hyllyard. Em terceiro lugar, será um bom treinamento para as forças terrestres, que necessitam mais experiência de combate. — Os olhos avermelhados penetravam os de Pellaeon. — Não se esqueça, capitão, que nosso objetivo não é mais a mera manutenção das forças restantes na retaguarda, como nos últimos cinco anos. Com o monte Tantiss e a última remessa de cilindros Spaarti em nosso poder, a iniciativa cabe outra vez ao Império. Em pouco tempo vamos iniciar o processo de retomar planetas dos Rebeldes; para isso precisamos

de um exército tão bem treinado quanto os oficiais e as tripulações da Frota.

— Entendido, Grande Almirante — respondeu Pellaeon.

— Ótimo — disse Thrawn, voltando o olhar para seus monitores. — Está na hora. Envie o sinal para o general Covell iniciar o ataque.

— Sim, senhor.

O capitão abandonou a escotilha de observação e retornou a seu posto de comando. Efetuou a leitura dos dados, verificou-os e acionou o botão do intercomunicador, reparando que o Thrawn fazia o mesmo com seu aparelho. Talvez fosse enviar alguma mensagem a seus espiões em Hyllyard...

— Aqui é o *Quimera* — informou Pellaeon. — Iniciar o ataque!

— Recebido, *Quimera* — respondeu o general Covell no comunicador embutido no capacete.

Teve o cuidado de não deixar que o desdém transparecesse na voz. Era típico... típico e previsível, a tal ponto que o deixava enjoado. Corriam como loucos, conseguiam colocar soldados e veículos em terra, apressavam-se em preparar tudo... depois ficavam esperando que os figurões, enfiados em suas naves brilhantes e uniformes impecáveis, terminassem seu chá e finalmente resolvesse dar a ordem.

Pois bem, acomodem-se nas poltronas, pensou o general, olhando na direção onde sabia estar vigilante o destróier estelar. Quer o Grande Almirante Thrawn estivesse interessado em resultados palpáveis, ou apenas em apreciar um bom espetáculo, iria obter o que desejava. Esticando a mão para o painel à sua frente, acionou a freqüência de comunicação local:

— General Covell para todas as unidades: temos sinal verde. Vamos!

As confirmações chegaram. Com um tremor no convés, o grande AT-AT partiu, balançando sua forma desengonçada através da floresta, na direção do acampamento, um quilômetro à frente. A frente do AT-AT, visível através da escotilha blindada de aço transparente, dois batedores AT-ST progrediam em formação eqüidistante, atentos contra possíveis inimigos ou armadilhas ao longo da trilha.

Não que tais reações fúteis pudessem trazer algum dano aos blindados. Covell dirigira centenas de ataques em vários anos de serviço ao Império e compreendia inteiramente a enorme capacidade das máquinas bélicas sob seu comando.

Sob a escotilha de observação, as imagens holográficas táticas iluminaram-se como um disco decorativo, com pontos vermelhos, brancos e verdes, mostrando as posições do círculo de veículos AT-AT, AT-ST e motos aéreas de ataque: todos fechavam ordenadamente o cerco ao redor do acampamento de Karrde.

A coordenação era boa, mas não perfeita. O AT-AT do flanco norte e seus veículos de apoio progrediam mais lentamente do que o restante dos blindados.

— Unidade dois, acelere um pouco — ordenou o general.

— Estamos tentando, senhor — respondeu uma voz distante através dos estranhos efeitos de interferência provocados pela flora de Myrkr, rica em metais. — Encontramos pela frente formações espessas de cipós, que atrasam o progresso dos batedores.

— Está perturbando de alguma forma seu AT-AT?

— Não senhor, mas gostaria de manter os flancos...

— A manutenção do padrão de ataque é um objetivo muito interessante durante manobras da academia militar — interrompeu Covell. — Porém não ao custo de todo um plano de batalha. Se os AT-STs não podem acompanhá- lo, pode deixá-los para trás.

— Sim, senhor.

Covell interrompeu a comunicação com um palavrão. Numa coisa, pelo menos, o almirante tinha razão: esses soldados iriam precisar de um pouco mais de prática de combate antes de atingirem os padrões das tropas imperiais. Ainda assim, a matéria-prima estava ali.

Enquanto observava, o general viu o flanco norte se reorganizando, com as motos aéreas ocupando a posição dos AT-STs, os quais passaram á retaguarda.

O sensor de energia emitiu um sinal indicando a proximidade do objetivo: estavam chegando ao acampamento.

— Situação? — indagou o general à tripulação.

— Todas as armas prontas e carregadas — informou o artilheiro, os olhos presos aos monitores de alvo.

— Nenhuma indicação de resistência, ativa ou passiva — completou o piloto.

— Estado de alerta — ordenou Covell, acionando a freqüência de comando. — Todas as unidades: aproximação final.

Com um estrondo na vegetação cerrada, o AT-AT irrompeu em espaço aberto.

Era uma visão impressionante. Dos quatro lados da clareira, em sincronismo quase perfeito, os outros três AT-ATs surgiram da floresta na luz acinzentada que antecedia o raiar do dia. Os AT-STs e motos aéreas agrupados ao redor das patas metálicas espalharam-se com rapidez para formar um círculo ao redor das construções escuras.

Covell verificou os sensores: ainda funcionavam duas fontes de energia, uma delas no edifício central, outra nas estruturas em forma de barracão. Não havia evidência de sensores operando ou de armas que produzissem campos

energéticos. O analisador de formas de vida verificava seus algoritmos complexos e concluía que as construções exteriores não abrigavam nenhum tipo de vida.

Por outro lado, o prédio principal...

— Estou obtendo uma leitura de aproximadamente vinte formas de vida no prédio principal, general — informou o comandante do AT-AT número quatro. — Todos na região central.

— Mas os registros não são de seres humanos — completou o piloto de Covell.

— Talvez estejam protegidos — resmungou o general, olhando pela escotilha. Não se percebia movimento algum no acampamento. — Vamos descobrir. Esquadrões de assalto: atacar.

Os transportes de assalto abriram a rampa traseira e de cada um saíram oito soldados, com os rifles laser cruzados sobre o peito blindado, prontos para a ação. Metade de cada esquadrão firmou posição na retaguarda, as armas cobrindo a aproximação dos companheiros, que correram em ziguezague ao longo do espaço aberto em volta do edifício. Uma vez nos limites exteriores, assumiram posições de cobertura, permitindo que os camaradas à retaguarda avançassem de forma similar. Tratava-se de uma tática militar com muitos séculos de idade, executada com a precisão que Covell esperava de soldados sem prática. Ainda assim, a matéria-prima para bons soldados estava ali.

Os homens progrediram na aproximação do edifício principal, com alguns soldados deixando o cerco para verificar as estruturas que ficavam para trás. Os primeiros atacantes atingiram o edifício — um clarão brilhante iluminou a floresta quando a entrada principal foi explodida — e houve uma aglomeração quando a vanguarda penetrou na construção.

Por alguns minutos persistiu o silêncio, pontuado por ordens ocasionais dos comandantes de esquadrão no interior do prédio. Covell escutava, observando os sensores... finalmente veio o relatório:

— General Covell, fala o comandante Barse. Ocupamos o objetivo, senhor. Não há ninguém por aqui.

— Muito bem, comandante. Como está o local?

— Como se alguém tivesse saído às pressas, senhor. Deixaram um bocado de coisas para trás, mas a maior parte parece tralha.

— Isso quem vai decidir é a equipe técnica de busca — lembrou o general. — Alguma indicação de armadilhas ou outro tipo de surpresas?

— Nada, senhor. Ah, sim! As formas de vida que identificamos com os sensores são apenas animais compridos e peludos, que estão numa árvore que cresce até o teto do salão.

Covell assentiu. Acreditava que os animais chamavam-se ysalamiri. Thrawn estava fazendo um carnaval com essas estúpidas criaturas há dois meses, embora o general ainda não soubesse que papel pudessem desempenhar no desenrolar da guerra. Mais cedo ou mais tarde, o pessoal da Frota deixaria escapar o segredo.

— Instale uma varredura fina defensiva — ordenou ao comandante. — Chame a equipe técnica de busca assim que estiver pronto. E pode se preparar para esperar. O Grande Almirante quer esse lugar revirado de cabeça para baixo e é exatamente o que pretendo fazer.

— Muito bem, general — disse a voz, quase no limite audível, apesar da amplificação e da filtragem corretiva do computador. — Prossiga com a operação.

Sentada à ponte do *Wild Karrde*, Mara Jade voltou-se para encarar o homem em pé atrás dela.

— Acho que é isso, então — comentou ela.

Por um instante, Talon Karrde deu a impressão de não haver escutado a observação. Permaneceu ali, olhando através da escotilha o planeta distante, uma pequena forma crescente azul-esbranquiçada, visível muito além do relevo irregular do asteróide onde a nave estava pousada. Mara estava a ponto de repetir o comentário quando ele manifestou-se.

— É, parece que *é* isso mesmo — respondeu, sem deixar que as emoções transparecessem.

Mara trocou um olhar com Aves, no posto de co-piloto, depois fitou Karrde.

— Isto quer dizer que podemos ir?

Karrde respirou fundo e ao observá-lo, Mara vislumbrou no brilho súbito do olhar o quanto a base de Myrkr havia representado para ele. Mais do que um centro de operações, fora como um lar.

Com esforço, ela suprimiu o pensamento. Karrde perdera um lar. Grande coisa. Ela perdera muito mais do que isso durante a vida e sobrevivera. Ele conseguiria ultrapassar aquela crise.

— Perguntei se podemos ir — insistiu ela.

— Ouvi muito bem — respondeu, compondo o rosto na expressão impassível que lhe era habitual. — Penso que devemos esperar um pouco mais. Vamos saber se deixamos para trás alguma coisa que possa indicar a base em Rishi.

— Acho que cuidamos de todos os detalhes — disse Mara, olhando para Aves.

— Não existe menção a Rishi em lugar nenhum, exceto no computador

principal, que saiu com a primeira turma — declarou o co-piloto.

— Sei disso. Você está disposto a apostar sua vida? — quis saber Karrde.

— Não — admitiu Aves.

— Nem eu. Vamos esperar mais um pouco.

— E se nos avistarem? — indagou Mara. — Esconder-se em asteróides é um dos truques mais antigos e primários da era espacial.

— Não vão nos descobrir. Para dizer a verdade, acredito que essa possibilidade nem vai ocorrer a eles. Um homem perseguido pela ira de um Grande Almirante não pára até ficar o mais longe possível de seu perseguidor.

Está disposto a apostar a vida nisso? pensou Mara com amargura. Mas não disse nada. Provavelmente tinha razão. Mesmo que o *Quimera,* ou alguns dos caças TIE viessem na direção do *Wild Karrde,* não teriam problemas em ligar os motores e atingir a velocidade da luz bem antes do ataque.

A lógica e a tática pareciam impecáveis. Ainda assim, Mara sentia certa intranqüilidade. Algo não parecia bem.

Cerrando os dentes, ela ajustou os sensores da nave para a maior sensibilidade possível e verificou se a seqüência de operações de pré-aquecimento dos motores estava em ordem, e pronta para funcionar. Depois preparou-se para esperar.

A equipe técnica de busca agiu de forma rápida, eficiente e completa. Levaram cerca de trinta minutos para perceber que não havia nada ali.

— Bem, nenhuma informação por esse lado — disse Pellaeon, fazendo uma careta ao observar os dados no monitor. — A menos que seus observadores tenham captado alguma reação em Hyllyard.

Pelo menos o exercício servira para treinar as forças terrestres, pensou ele. O olhar do Grande Almirante continuava preso aos monitores de combate.

— De fato, houve uma pequena agitação. Foi debelada pouco depois de começar, mas acho que as implicações são bastante reveladoras.

Aquilo, de fato, representava alguma coisa.

— Sim, senhor. Quer que mande a equipe de busca fazer uma triagem completa?

— Calma, capitão. Talvez não seja necessário, afinal. Regule os sensores para uma varredura média e me diga o que vê.

Pellaeon voltou-se para o console de monitores e fez o que foi sugerido. Havia o próprio planeta Myrkr, obviamente, e as defesas padrão de caças TIE ao redor do *Quimera*. O único corpo celeste por ali estava a uma distância média.

— O senhor se refere ao pequeno asteróide?

— Exatamente. Não há nada de especial com ele, certo? Não, não focalize os sensores — avisou Thrawn, ao mesmo tempo que o pensamento ocorria a

Pellaeon. — Não queremos assustar a caça antes da hora, queremos?

— A caça? — estranhou Pellaeon. As varreduras de rotina executadas três horas antes não haviam indicado coisa alguma e desde então seria impossível alguém instalar-se ali. — Com todo o respeito, senhor, não vejo indicação nenhuma da existência de algo ali.

— Nem eu — concordou o almirante. — Mas é o único corpo celeste num raio de quase dez milhões de quilômetros ao redor de Myrkr. Não existe nenhum outro lugar de onde Karrde possa observar nossa operação.

— Com sua permissão, almirante, duvido que Karrde seja tolo suficiente para ficar ali esperando nossas naves.

Os olhos vermelhos de Thrawn estreitaram-se.

— Capitão, o senhor se esquece de que me encontrei pessoalmente com ele. E mais importante que isso, vi o tipo de arte que ele coleciona. Não. Tenho certeza de que ele está por aí. Talon Karrde não é simplesmente um contrabandista... talvez nem mesmo um verdadeiro contrabandista. Talvez não esteja atrás de bens ou dinheiro e sim de informações. Ele busca conhecimento acima de qualquer outra coisa na Galáxia. E o conhecimento sobre o que tenhamos ou não encontrado aqui *é* valioso demais para que deixe passar a oportunidade.

Pellaeon estudou o perfil do Grande Almirante. Em sua opinião, aquela lógica possuía um limite tênue. Por outro lado, já vira muitas conclusões similares do superior provarem ser verdadeiras. Pretendia levá-las à sério.

— Quer que mande uma esquadrilha de caças TIE para investigar, senhor?

— Como disse, capitão, *é* preciso ter paciência. Mesmo com os sensores atenuados e com todos os motores desligados ele teria tempo de escapar antes que a força de ataque chegasse até lá... — disse Thrawn, sorrindo. — Ou pelo menos uma força de ataque partindo do *Quimera.*

Uma lembrança voltou à mente de Pellaeon. Quando ele dava a ordem de ataque às forças terrestres, o almirante dava uma ordem simultânea em seu intercomunicador.

— O senhor enviou uma ordem ao restante da Frota. Enquanto eu falava com os soldados, para mascarar a transmissão.

— Muito bom, capitão. Muito bom mesmo... — aplaudiu o Grande Almirante, arqueando levemente as sobrancelhas negro-azuladas.

Pellaeon sentiu que suas bochechas esquentavam. Os cumprimentos do superior eram raríssimos.

— Obrigado, senhor.

— Mais precisamente, minha mensagem era dirigida a uma nave, o

Repressor. Devem chegar em aproximadamente dez minutos. Daqui a pouco vamos saber se minhas deduções sobre Karrde estavam corretas.

Nos alto-falantes da ponte do *Wild Karrde*, os relatórios da equipe de busca rareavam.

— Parece que não encontraram nada mesmo — comentou Aves.

— Como você disse, levamos tudo — afirmou Mara, mal escutando as próprias palavras. A sensação de perigo ficava cada vez mais forte. — Podemos ir agora?

— Tente relaxar, Mara — respondeu Karrde. — Não existe nenhuma forma de adivinharem que estamos aqui. Não tivemos nenhuma focalização de sensores e sem isto não podem nos perceber aqui.

— A menos que os sensores de um destróier estelar sejam melhores do que você imagina — redargüiu Mara.

— Sabemos tudo sobre os sensores deles — afirmou Aves. — Calma, Mara, Karrde sabe o que está fazendo. O *Wild Karrde* possui o melhor atenuador de sensores deste lado da...

Ele interrompeu-se quando a porta da ponte de comando se abriu; Mara voltou-se a tempo de ver os dois vornskrs entrando. Arrastavam literalmente o tratador.

— O que está fazendo aqui, Chin? — quis saber Karrde. — Não sabe que estamos ocupados?

O tripulante puxava as correias com toda a força, inclinando-se para trás a fim de utilizar o peso do corpo para conter os animais. Tal esforço não obtinha sucesso, pois os predadores puxavam-no sem dificuldade.

— Desculpe, capitão. Não consegui segurar os dois. Achei que queriam ver o senhor.

Os vornskrs não pareciam ligar para o tratador e nem mesmo para o dono. Continuavam avançando como se os homens não estivessem ali.

Dirigiam-se diretamente para Mara.

— Ei! Estou falando com você, Sturm — disse Karrde, dando um tapa no focinho do animal. — O que está acontecendo com vocês?

Seguiu com o olhar o ponto que os predadores fitavam intensamente.

— Você está fazendo alguma coisa, Mara? — indagou ele, estranhando aquele comportamento.

Ela balançou a cabeça numa negativa, sentindo um arrepio na espinha. Já vira aquele olhar nos vornskrs selvagens que encontrara durante os três longos dias passados na floresta de Myrkr com Luke Skywalker.

Só que naquela oportunidade os olhares não eram dirigidos a ela, mas a Skywalker. Geralmente pouco antes do ataque.

— Essa é a Mara, Sturm — disse Karrde, falando no tom que se usa com crianças. — E Mara. Vamos, pare com isso... vocês estiveram com ela o tempo todo em casa.

Devagar, com relutância, Sturm parou de avançar e voltou a atenção para o amo.

Karrde agachou-se e encarou fixamente o olho do predador.

— Mara. Amiga. Está escutando, Drang? — reforçou ele, esticando a mão para a coleira do outro. — Amiga. Está entendendo?

Drang deu a impressão de considerar as palavras. Então, demonstrando a mesma má vontade de Sturm, parou.

— Assim está melhor — aplaudiu o dono, acariciando os animais atrás da orelha, depois levantando-se. — Leve os dois para baixo, Chin. Vá passear com eles no depósito principal. E bom fazer bastante exercício.

— Isso se eu conseguir andar no meio de toda a bagunça que está lá — resmungou Chin, puxando as correias. — Vamos indo, meus pequenos... vamos embora.

Hesitando, os dois vornskrs permitiram que o tratador os levasse dali. Karrde observou-os, até que a porta se fechasse.

— Gostaria muito de saber o que há com eles — declarou pensativo, olhando para Mara.

— Não tenho a menor idéia — respondeu ela, percebendo certo nervosismo na própria voz.

Com o contratempo terminado, o estranho pressentimento retornou com força total. Mara voltou-se para os monitores, esperando ver um esquadrão de caças TIE na tela.

Mas não havia nada. Apenas o *Quimera*, ainda orbitando de forma inofensiva ao redor de Myrkr. Nenhuma ameaça que os instrumentos do *Wild Karrde* pudessem detectar. Apesar disso, a sensação de perigo tornava- se cada vez mais forte...

De repente, Mara não conseguiu mais ficar parada. Estendendo a mão para o painel de controle, acionou o comando de pré-aquecimento do motor.

— Mara! — gritou Aves, saltando da poltrona como se um inseto o tivesse picado. — O que...

— Eles vêm vindo — berrou Mara, percebendo que sua voz revelava várias emoções.

O procedimento já estava irremediavelmente traçado, pois a ativação dos motores do *Wild Karrde* teria feito saltar os sensores do *Quimera.* Agora não tinham alternativa senão partir o mais rápido possível.

Ela olhou para Karrde, temendo o que a expressão dele iria demonstrar. Contudo, o chefe a encarava, ainda em pé, com uma expressão intrigada.

— Não parece que vêm vindo — observou ele.

— Precisa acreditar em mim — afirmou ela, com olhar suplicante, achando difícil acreditar em si mesma. — Estão se aprontando para atacar.

— Acredito em você. Aves: calcule o salto para o hiperespaço. Trace uma rota simples que não seja na direção de Rishi. Depois paramos e corrigimos.

— Mas, Karrde...

— Mara é a segunda em comando — interrompeu Karrde. — Como tal, ela tem o direito e o dever tomar decisões importantes.

— Certo, mas... — Aves engoliu seu protesto. — Está certo. Atirando um olhar furioso sobre Mara, ele voltou-se para o computador da nave e começou a trabalhar.

— E melhor nos colocar a caminho, Mara — continuou Karrde, sentando-se na cadeira do console de comunicação. — Mantenha o asteróide entre nós e o *Quimera* pelo tempo que for possível.

— Sim, senhor.

A mistura de emoções começava a dissolver-se, deixando apenas raiva e embaraço. Acontecera de novo. Ela dera ouvidos aos sentimentos, tentando fazer coisas que sabia não poder e nesse processo segurava mais uma vez a baioneta pela lâmina.

Provavelmente seria a última vez a secundar o comando depois disso. A união do comando na presença de Aves era uma coisa, porém uma vez que ficasse sozinha com Karrde, a conversa seria outra. Teria sorte se não fosse expulsa da organização. Manipulando os controles com gestos rápidos, ela virou o nariz do *Wild Karrde* para o lado oposto do asteróide e começou a mergulhar na direção do espaço aberto...

Viram um cintilar de pseudomovimento, depois algo grande saiu da velocidade da luz, numa manobra perfeita, penetrando no espaço normal a menos de vinte quilômetros.

Um cruzador interestelar de interceptação.

Aves praguejou.

— Temos companhia.

— Estou vendo — afirmou Karrde, calmo como sempre. — Qual nosso tempo para atingir a velocidade da luz?

Mara percebeu uma ponta de surpresa na voz dele.

— Mais um minuto — respondeu Aves, nervoso. — Tem um bocado de lixo no sistema exterior para o computador calcular.

— Nesse caso temos uma corrida — disse Karrde. — Mara?

— Ponto sete três — respondeu ela, tentando reunir toda a energia possível dos motores preguiçosos.

Ele tinha toda a razão. Seria uma verdadeira corrida. Com os quatro grandes geradores de ondas gravitacionais, capazes de simularem a massa de pequenos planetas, os cruzadores de interceptação eram a arma ideal do Império para manter uma nave inimiga no espaço normal, enquanto os caças TIE a destruíam. Porém, tendo retornado do hiperespaço há pouco, o interceptador precisaria de mais um minuto antes de poder fornecer a energia necessária para os geradores. Se ela conseguisse levar o *Wild Karrde* para fora do alcance...

— Mais visitantes — alertou Aves. — Algumas esquadrilhas de TIEs acabam de partir do *Quimera*.

— Energia em ponto oito seis. Prontos para o hiperespaço assim que o computador fornecer um curso.

— Situação do cruzador?

— Os geradores de ondas gravitacionais ainda estão carregando — relatou Aves.

No monitor tático de Mara surgia um cone de aspecto fantasmagórico, mostrando a área onde logo existiria o campo gravitacional que iria impedir o salto para o hiperespaço. Ela alterou levemente a rota, dirigindo-se para a borda mais próxima do campo. Arriscou um olhar para o monitor de navegação. Quase prontos. O campo impalpável começava a tornar-se denso...

O computador de bordo emitiu um sinal. Mara acionou simultaneamente as três alavancas de hiperespaço, puxando-as com delicadeza em sua direção. O *Wild Karrde* estremeceu ligeiramente, e por um segundo todos tiveram a impressão de que o cruzador vencera a corrida. De repente as estrelas transformaram-se em riscos luminosos.

Haviam conseguido.

Aves suspirou aliviado quando as linhas de luz assumiram o aspecto multicolorido do hiperespaço.

— Escapamos por um triz. Como vocês acham que souberam onde a gente estava?

— Não tenho a menor idéia — disse Karrde. — Mara?

— Também não — respondeu sem ousar levantar os olhos do monitor.

— Thrawn podia estar seguindo um palpite. Ele faz isso às vezes.

— Sorte nossa que não seja o único a ter palpites — comentou Aves, com a voz alterada. — Boa intuição, Mara. Desculpe ter ficado nervoso com você.

— De fato — concordou Karrde. — Um ótimo trabalho mesmo.

— Obrigada — sussurrou Mara.

Conteve a custo as lágrimas que subiam aos olhos. Recomeçara. Ela tivera

esperança que sua localização do asa-X de Skywalker no espaço exterior fosse apenas um evento isolado. Mais obra dele do que dela.

Mas, não. Tudo retornava, como em várias oportunidades nos últimos cinco anos. Os palpites e lampejos sensoriais, os impulsos e compulsões.

O que significava que, muito em breve, os sonhos também iriam recomeçar.

Com raiva, limpou os olhos e fez um esforço consciente para eliminar a rigidez da mandíbula. Era um padrão já familiar... porém, desta vez as coisas seriam diferentes. Antes, não havia nada que pudesse fazer a respeito das vozes e impulsos, exceto passar por todo o ciclo. E ficar pronta a romper qualquer papel que conseguisse desempenhar, quando finalmente se traísse aos que estivessem ao redor.

Só que desta vez ela não era garçonete de um bar em Phorliss, nem uma operadora novata de flectores para um bando em Caprioril e nem mesmo uma mecânica de hiperdrive presa num pântano no Corredor Ison. Era a segunda em comando do mais poderoso contrabandista da galáxia, com o mesmo tipo de recursos e mobilidade que possuía na época em que estava com o Imperador.

O tipo de recursos que permitiria encontrar Luke Skywalker outra vez. E matá-lo.

Talvez então as vozes se calassem.

Por um minuto que pareceu longo demais, Thrawn permaneceu à frente da escotilha na ponte, observando o asteróide distante e o agora desnecessário cruzador interestelar de interceptação por perto. Pellaeon pensou, com certa intranqüilidade, que a postura do corpo era a mesma de quando Luke Skywalker escapara de uma armadilha similar. Segurando o fôlego, o capitão fitava as costas de Thrawn, imaginando se alguém mais do *Quimera* seria executado por esta nova falha.

O Grande Almirante voltou-se.

— Interessante... reparou na seqüência de acontecimentos, capitão?

— Sim, senhor — respondeu Pellaeon, com cuidado. — O alvo já estava esquentando os motores quando o *Repressor* chegou.

— Exatamente. Isso pode significar três coisas. Ou Karrde estava mesmo de partida ou entrou em pânico por algum motivo... — Os olhos vermelhos brilharam. — Ou foi avisado de alguma outra forma.

— Espero, senhor, que não esteja sugerindo que alguém dos nossos tenha... — arriscou o capitão, empertigando-se.

— Claro que não. Mesmo colocando a lealdade de sua tripulação em dúvida, ninguém no *Quimera* sabia que o *Repressor* estava a caminho. E

ninguém no *Repressor* poderia ter enviado uma mensagem sem que nós detectássemos — afirmou Thrawn, caminhando para seu posto de comando e sentando-se, pensativo. — Um enigma interessante, capitão. Vou precisar meditar sobre isso. Nesse meio tempo, temos assuntos mais urgentes a resolver. A tarefa de conseguir mais naves de combate, por exemplo. Recebemos respostas para nossas mensagens?

— Nada definitivo, almirante — disse Pellaeon, apanhando o módulo de comunicação, digitando o teclado e verificando a pequena tela. — Oito dos quinze grupos com os quais entrei em contato demonstraram interesse, embora nenhum deles quisesse se comprometer com algo específico. Ainda aguardamos respostas dos outros.

— Vamos dar algumas semanas a eles. Se até então não tivermos resultados, podemos tornar o convite um pouco mais... compulsório.

— Sim, senhor. Recebemos também outro comunicado de Jomark.

O Grande Almirante voltou os olhos para Pellaeon.

— Eu apreciaria muito, capitão, que o senhor tentasse deixar bem claro para nosso mestre Jedi C’baoth, que se ele insistir nessas comunicações vai estragar todo o propósito de colocá-lo lá. Se os Rebeldes chegarem a ter alguma desconfiança de que existe uma ligação entre nós, ele pode esquecer a possibilidade de Skywalker aparecer lá algum dia.

— Foi o que eu disse a ele, senhor — assegurou Pellaeon, com uma careta. — Várias vezes. Sua resposta é que Skywalker vai aparecer. Quer saber quando o senhor entregará a irmã de Skywalker para ele.

Thrawn permaneceu em silêncio por algum tempo.

— Não vai sossegar até obter o que quer. Nem vamos conseguir trabalho sem que ele reclame.

— É verdade, estava reclamando sobre as coordenações de ataque que tem sido obrigado a fazer. Ele me disse várias vezes que não pode predizer exatamente quando Skywalker vai chegar em Jomark.

— E insinuou que algo horrível pode nos acontecer se não estiver em Jomark quando Skywalker chegar — completou Thrawn. — Conheço bem a rotina. E estou ficando cansado dela. Muito bem, capitão. Da próxima vez que C’baoth chamar, pode informar que a operação de Taanab será a última até segunda ordem. Skywalker não deve ir a Jomark nas próximas duas semanas. A confusão política que armamos no alto comando da Rebelião deve ocupá-lo pelo menos durante esse tempo. Quanto a Organa Solo e seus Jedi ainda não nascidos... pode dizer que de agora em diante pretendo tratar pessoalmente do assunto.

Pellaeon olhou por sobre o ombro, na direção do guarda-costas do

almirante, Rukh, que estava sentado perto da porta dianteira da cabine de comando.

— Isso significa que vai retirar os noghri do trabalho, senhor?

— Algum problema quanto a isto, capitão?

— Não, senhor. Mas gostaria de lembrar respeitosamente o almirante que os noghri nunca deixaram uma missão incompleta.

— Os noghri servem ao Império — observou friamente Thrawn. — E além disso, são leais à minha pessoa. Farão o que lhes for ordenado. Entretanto, vou levar seu conselho em consideração. De qualquer forma, nossa missão aqui em Myrkr terminou. Ordene ao general Covell que embarque os homens.

— Sim, senhor — aquiesceu Pellaeon, sinalizando ao oficial de comunicações para que enviasse a mensagem.

— Quero o relatório do general em três horas — continuou o Grande Almirante. — Doze horas depois, quero a recomendação dele para os nomes de três dos melhores soldados de infantaria e dois dos blindados. Os cinco serão indicados para a operação do monte Tantiss e imediatamente transferidos para Wayland.

— Entendido.

Pellaeon anotou diligentemente as ordens no arquivo referente ao general Covell. Tais recomendações eram procedimento padrão há várias semanas, desde que a operação no monte Tantiss fora iniciada. Porém Thrawn ainda se dava ao trabalho de recordar o assunto aos oficiais. Talvez preferisse essa forma pouco sutil de lembrar o quão importantes eram as indicações para o plano do Grande Almirante, cujo objetivo final era esmagar a Rebelião.

Thrawn olhava através da escotilha para o planeta abaixo deles.

— Enquanto aguardamos o retorno do general, você pode entrar em contato com a Inteligência, para que destaquem uma equipe de longo prazo para a cidade de Hyllyard. — Thrawn sorriu. — E uma galáxia muito grande, capitão, mesmo um homem esperto como Talon Karrde pode fugir apenas durante um determinado tempo. Mais cedo ou mais tarde, ele terá de parar para descansar.

O Alto Castelo de Jomark não fazia jus ao nome que tinha. Pelo menos na opinião de Joruus C’baoth. Pequeno e sujo, com as pedras mal encaixadas em alguns pontos, parecia tão alienígena quanto a raça, já extinta, que o construíra, espremido entre dois penhascos remanescentes, na borda de um cone vulcânico. Ainda assim, com o restante das escarpas recortadas erguendo-se à distância e as águas azuis e brilhantes do lago do Anel, quase quatrocentos metros abaixo, C’baoth admitia que os construtores haviam pelo menos encontrado uma bela paisagem para erguer o castelo. Castelo, templo ou fosse lá o que fosse. Tornara-se um bom lugar para um mestre Jedi, porque os colonos pareciam nutrir grande

respeito pelo local. Além disso, a ilha escura que preenchia o centro da cratera e conferia o formato de anel ao lago, se transformara em pista de pouso oculta para a corrente monótona e infindável de naves de carga enviadas por Thrawn.

Porém, C'baoth não pensava na paisagem, nem em naves e muito menos no Império, enquanto permanecia em pé no terraço de pedra, observando o lago do Anel. Sua mente ocupava-se da estranha oscilação que acabara de sentir na Força.

Captara essa oscilação antes. Ou pelo menos achava que sim. Filamentos do passado eram sempre difíceis de acompanhar, facilmente perdidos nas brumas e atribulações do presente. Mesmo em relação ao próprio passado ele só possuía lampejos de memória, cenas que poderiam pertencer a um arquivo histórico. Ele acreditara ter a lembrança de alguém tentando explicar os motivos certa vez, mas a explanação há muito se dissolvera nas sombras do passado.

De qualquer forma, não importava. A memória não era importante; a concentração não era importante. Poderia invocar a Força quando quisesse e *isso sim* era importante. Enquanto pudesse fazer isso, ninguém poderia feri- lo ou tirar o que já possuía.

Só que o Grande Almirante Thrawn fizera isso. Não fizera?

C'baoth olhou ao redor do terraço. Não estava na casa, na cidade ou mesmo no planeta que ele escolheria para influenciar e comandar como seu. Não era Wayland, conquistada ao vencer o Jedi do Mal, o Guardião deixado pelo Imperador para proteger o depósito do monte Tantiss. Encontrava-se em Jomark, onde ele esperava... por alguém.

Passou os dedos pela longa barba branca, forçando a concentração. Esperava Luke Skywalker... era isso. Skywalker vinha até ele e também a irmã de Skywalker e seus gêmeos não nascidos; todos eles seriam seus seguidores. O Grande Almirante Thrawn os prometera a ele, em retribuição por sua ajuda ao Império.

Franziu a testa quando teve o pensamento. Era difícil, essa ajuda que o Grande Almirante Thrawn queria. Precisava concentrar-se bastante para conseguir o efeito desejado; manter os pensamentos e sentimentos focalizados, por longos períodos de tempo. Em Wayland não precisava fazer nada disso, não desde que lutara contra o Guardião do Imperador.

Sorriu. Fora um grande combate, a luta contra o Guardião. Ao mesmo tempo que recordava, os detalhes fugiam como palhas ao vento. Acontecera muito tempo atrás.

Há muito tempo... como essas oscilações na Força.

Os dedos de C'baoth deixaram de cofiar a barba e pousaram no medalhão junto à pele do peito. Pressionando o metal aquecido contra a palma da mão,

lutou para tentar distinguir alguma coisa por entre a neblina do passado. Não, não estava enganado. Essas mesmas oscilações se repetiram por três vezes nas últimas estações. Haviam chegado, permanecido por algum tempo, depois adormecido outra vez. Como alguém que tivesse aprendido a utilizar a Força durante certo tempo e por algum motivo perdesse essa capacidade.

Não compreendia aquilo. Porém o assunto não o ameaçava, e portanto não era importante.

Acima ele, podia sentir o destróier estelar do Império entrando em órbita elevada, bem mais alto do que as nuvens, onde ninguém em Jomark conseguiria enxergar. Quando a noite caísse, a nave de transporte viria e iria levá-lo para algum lugar... Taanab, acreditava... para ajudar a coordenar mais um ataque múltiplo do Império.

Não estava ansioso para esforçar-se e sentir dor. Mas valeria a pena quando tivesse seus Jedi. Ele os moldaria à própria imagem e seriam seus servos e seguidores todos os dias de suas vidas.

E então o Grande Almirante Thrawn teria de admitir que ele, Joruus C’baoth, encontrara o significado verdadeiro do poder.

2

— Desculpe, Luke — a voz de Wedge Antilles soou ao comunicador, entre ruídos de estática. — Tentei todos os contatos em que pude pensar, em todos os níveis que conhecia e mesmo em alguns que não conhecia. Ainda assim não consegui a liberação de serviço. Algum fanático expediu ordens para que as naves de defesa dos Sluissi tenham prioridade total para reparos. Até encontrarmos esse sujeito e pedirmos a ele uma deferência especial, não vamos conseguir que nenhum técnico se aproxime do seu asa-X.

Luke Skywalker fez uma careta, sentindo quatro horas de frustrações se acumularem na garganta. Quatro preciosas horas perdidas, sem que o objetivo fosse conseguido, enquanto em Coruscant o futuro da Nova República estava por um fio.

— Conseguiu o nome desse caxias? — indagou ele.

— Não consegui nem isso — informou Wedge. — Cada linha que experimentei desaparecia cerca de três níveis acima dos técnicos. Ainda estou tentando, mas tudo por aqui anda meio difícil.

— Um ataque Imperial em larga escala faz isso com a gente — admitiu Luke, com um suspiro. — Continue tentando, sim?

Entendia perfeitamente porque os Sluissi tinham estabelecido as prioridades daquela forma; mas isso não queria dizer que sua intenção fosse divertir-se. Tinha pela frente seis dias de vôo até Coruscant e cada hora de atraso significava uma vantagem extra para que as forças políticas que estavam tentando tirar o almirante Ackbar do poder consolidassem suas posições.

— Claro — concordou Wedge. — Escute, sei que está preocupado com a situação em Coruscant, mas uma pessoa só, mesmo sendo Jedi, pode fazer muito pouco.

— Sei disso — admitiu Luke, com relutância. — A verdade é que odeio ficar parado, sem poder fazer nada.

Han estava a caminho de casa e Leia já se encontrava lá.

— Também odeio. Você ainda tem outra opção. Não se esqueça disso.

— Pode deixar.

Tratava-se de uma opção que estivera tentado a utilizar. Porém Luke não era mais um militar e com as forças da Nova República em alerta, Wedge poderia enfrentar uma corte marcial se entregasse seu caça asa-X a um civil.

O conselheiro Borsk Fey’lya e a facção anti-Ackbar dificilmente se interessariam em fazer um exemplo de alguém com o posto de comandante de

esquadrilha de caças asa-X. Por outro lado, talvez resolvessem o contrário.

Wedge, naturalmente, sabia disso tão bem quanto Luke. O que tornava a oferta ainda mais generosa.

— Agradeço muito — continuou Luke. — Mas a menos que a situação se torne desesperadora, provavelmente ficarei melhor esperando o conserto da minha nave.

— Certo. Como vai indo o general Calrissian?

— Ele está mais ou menos na mesma situação do meu asa-X. Cada médico e dróide paramédico por aqui está ocupado tratando ferimentos de combate. Extrair pequenos estilhaços de vidro e metal de alguém que não perde sangue está em baixo, na lista de prioridades deles.

— Aposto que o general não está muito contente com isso.

— Já vi Lando mais contente — admitiu Luke. — E melhor dar mais uma forçada nos médicos. Por que você não volta a pressionar os canais burocráticos? Se nós dois formos persistentes, talvez possamos conseguir um prazo menor.

Wedge riu.

— Certo. Volto a chamar mais tarde.

Com um último estalido de estática, a comunicação foi cortada.

— E boa sorte — acrescentou Luke baixinho, ao levantar-se do console público de comunicação.

Dirigiu-se através da área central de recepção para a ala médica. Se o restante do equipamento em Sluis Van tivesse sofrido tantos danos quanto a comunicação interna, talvez muito tempo se passasse até que alguém tivesse tempo para colocar dois novos hiperdrive no asa-X de um civil.

Ainda assim, as coisas não estavam tão ruins quando poderiam ter sido, lembrou ele, caminhando com cuidado por entre a multidão que dava a impressão de ir para todos os lados ao mesmo tempo. Havia ali várias naves da Nova República, cujas tripulações talvez demonstrassem mais vontade do que os próprios Sluissi para quebrar alguns regulamentos por um ex-oficial como Luke. E se chegassem ao pior, poderia tentar falar com Coruscant para ver se Mon Mothma apressava as coisas.

O inconveniente desse procedimento era que o pedido de ajuda seria interpretado como um sinal de fraqueza... e demonstrar fraqueza perante o conselheiro Fey'lya não seria bom no momento.

Ou era o que ele imaginava. Por outro lado, demonstrar que era capaz de obter atenção pessoal da dirigente da Nova República poderia igualmente ser interpretado como sinal de força e solidariedade.

Frustrado, Luke balançou a cabeça. Supunha que era uma habilidade útil ao Jedi ser capaz de enxergar os dois lados da questão. Tornava, entretanto, as

maquinações políticas ainda mais obscuras do que já eram. Outro bom motivo para deixar Leia cuidar da parte política.

Só podia esperar que ela estivesse à altura desse desafio em particular.

A ala médica encontrava-se tão apinhada quanto o resto da estação espacial, com a diferença de que ali os ocupantes permaneciam sentados ou deitados, ao invés de perambular pelo local. Abrindo caminho entre cadeiras e maças flutuantes, Luke chegou a uma grande enfermaria transformada em área de espera para pacientes não prioritários. Lando Calrissian, num misto de tédio e impaciência, estava sentado no canto oposto, segurando um medpack dessensibilizador contra o peito com uma das mãos, enquanto a outra manipulava uma prancheta de leitura. Quando Luke aproximou-se, reparou que o general fazia uma careta para o monitor.

— Más notícias? — indagou Luke.

— Nada pior do que o que tem acontecido ultimamente — disse Lando, depositando a prancheta na cadeira ao lado da sua. — O preço do hfredium baixou outra vez na bolsa geral. Se não subir um pouco nos próximos dois meses, vou perder algumas centenas de milhares.

— Uau! Não é o produto principal do complexo da Cidade Nômade?

— Um dos principais — admitiu Lando, com uma careta. — Diversificamos o suficiente para que não perdêssemos muito nessas situações. O problema é que ultimamente eu venho estocando minha produção de hfredium, esperando o preço subir. Agora me acontece exatamente o contrário!

Luke controlou-se para não sorrir. Aquele era o velho Lando. Tornara-se respeitável e honesto, mas não resistia à oportunidade de correr alguns riscos.

— Bem, se ajudar em alguma coisa, tenho boas novas para você. Como todas as naves que o Império tentou roubar pertencem à Nova República, não teremos de passar pela burocracia local de Sluis Van para reaver suas naves de mineração. Terá apenas o trabalho de fazer um requerimento ao comandante militar da República e depois rebocar os tatuzões daqui.

Os vincos de preocupação se desfizeram no rosto de Lando.

— Obrigado, Luke — disse ele. — Isso me poupou bastante esforço. Você não faz idéia do que tive de passar para conseguir essas naves mineradoras. Encontrar substitutas iria demorar um bocado.

Luke dispensou o agradecimento com um gesto.

— Nessas circunstâncias, era o mínimo que eu podia fazer. Vamos até a estação de controle de partida, para ver se posso apressar as coisas para você. Já terminou de usar a prancheta de leitura?

— Claro, pode pegar. Alguma novidade sobre o seu asa-X?

— Na verdade, não — respondeu Luke, esticando o braço para apanhar o

computador plano. — Continuam dizendo que vão demorar pelo menos algumas horas para... — Interrompeu-se, percebendo a mudança abrupta na atitude de Lando, que estendeu a mão e segurou seu braço. — O que foi?

Lando olhava para o vazio, a testa franzida em concentração, farejando a manga de Luke.

— Por onde você passou agora?

— Passei pela área de recepção e pelos comunicadores públicos — informou Luke. — Por quê?

— E tabaco carababba — disse Lando, largando o braço do amigo. — Com um pouco de armudu misturado. Não sinto esse cheiro desde... é Niles Ferrier! Tem de ser.

— Quem é Niles Ferrier? — quis saber Luke, os sentidos aguçando-se.

A preocupação de Lando parecia contagiosa.

— E humano, grande e um tanto rechonchudo. Cabelo escuro, provavelmente uma barba grande, embora às vezes use o rosto liso. Talvez fumando charutos longos e finos. Não, com certeza ele estava fumando... o cheiro está na sua manga. Lembra de ter visto alguém assim?

— Espere um pouco.

Luke fechou os olhos, viajando para dentro de si com a Força. A ativação da memória de curto prazo era uma das técnicas Jedi que aprendera com Yoda. As imagens voltaram lentamente no tempo: sua caminhada até a ala médica, a conversa com Wedge, a procura por um console vago de comunicação...

E lá estava. Exatamente como Lando o descrevera, passando a menos de três metros de distância.

— Achei — afirmou ele, congelando a imagem na memória.

— Para onde está indo?

Luke inverteu sua visualização para o sentido normal de passagem do tempo. O homem entrou e saiu de seu campo visual por um minuto e acabou sumindo de vista enquanto Luke encontrava um console vago.

— Parece que ele e alguns outros estavam se dirigindo para o corredor seis.

Lando acionou o mapa de localização e observou o monitor plano da prancheta.

— Corredor seis... diabo! — Ele levantou-se, deixando a prancheta e o dessensibilizador na cadeira. — Vamos até lá verificar essa história.

— Verificar o quê? Quem é Niles Ferrier, afinal? — quis saber Luke, apressando-se para não ficar atrás do companheiro através da multidão.

— É um dos melhores ladrões de espaçonaves da galáxia — esclareceu Lando por sobre o ombro. — E o corredor seis leva a uma das áreas designadas

para reparos. E melhor irmos até lá antes que ele passe a mão numa corveta corellian ou em alguma outra nave e suma com ela.

Abriram caminho através da área de recepção, passando sob o arco marcado: "Corredor Seis", em delicados caracteres Sluissi e nas letras Básicas, mais cheias. Ali, para surpresa de Luke, a multidão que parecia estar em todos os lugares, reduzia-se a apenas algumas pessoas. Depois de percorrer algumas centenas de metros, percebeu que ele e Lando encontravam-se sozinhos.

— Você *disse* que essa era uma das áreas de reparos, não disse? — indagou ele, usando os sentidos Jedi enquanto caminhavam.

As luzes e equipamentos nos escritórios e salas de trabalho pareciam funcionar normalmente e pode sentir um punhado de dróides locomovendo- se em seus afazeres. Porém, à exceção disso, o local parecia deserto.

— Disse. O mapa esquemático indica que os corredores cinco e três também estão sendo utilizados, mas deveria haver movimento suficiente para que esse também estivesse cheio. Não tem um desintegrador de reserva com você, tem?

Luke balançou a cabeça numa negativa.

— Não uso mais desintegradores. Acha que devemos entrar em contato com a segurança?

— Não se a gente quiser descobrir o que Ferrier pretende. Ele já deve ter entrado nos sistemas de comunicações dos computadores a essa altura. Se a gente chamar a segurança agora, ele simplesmente vai desaparecer por aí. E um truque típico de Ferrier. Um dos procedimentos favoritos dele é alterar as ordens de rotina para tirar todo mundo da área onde ele pretende...

— Espere um pouco — interrompeu Luke, pressentindo presenças. — Acho que percebi o grupo. Seis humanos e dois alienígenas, o mais próximo cerca de duzentos metros à frente.

— Que tipo de alienígenas?

— Não sei. Nunca encontrei nenhuma das espécies antes.

— Então fique alerta. Os alienígenas no bando de Ferrier são geralmente contratados como guarda-costas. Vamos.

— Talvez seja melhor você ficar aqui — sugeriu Luke, retirando o sabre-laser do cinto. — Não tenho certeza como vou poder proteger você se resolverem lutar.

— Vou arriscar — resolveu Lando. — Ferrier me conhece; talvez eu possa evitar um confronto. Além do mais, tenho uma idéia que gostaria de experimentar.

Estavam a cerca de vinte metros do primeiro humano quando Luke sentiu alterações no grupo à frente.

— Nos avistaram — murmurou para Lando, firmando a empunhadura do sabre-laser. — Quer tentar falar com eles?

— Não sei — sussurrou Lando, examinando o espaço à frente. — Talvez seja melhor nos aproximarmos...

Veio na forma de um lampejo de movimento numa das portas e uma agitação abrupta na Força.

— Abaixe! — avisou Luke, acionando seu sabre-laser.

Com o silvo característico, a luz verde-esbranquiçada e brilhante apareceu...

E moveu-se quase com vontade própria para bloquear a centelha que partira de um desintegrador.

— Fique atrás de mim! — gritou Luke, ao mesmo tempo que uma segunda descarga partia na direção deles.

Guiadas pela Força, suas mãos giraram a lâmina luminosa em posição de ataque. Uma terceira descarga foi neutralizada e logo depois uma quarta. De uma porta mais adiante, outro desintegrador começara a disparar, juntando- se ao primeiro.

Luke manteve a posição, sentindo a Força fluir através dele, e evocando uma espécie de visão seletiva em túnel, que ativava holofotes mentais sobre os pontos de ataque, obscurecendo o restante. Lando, meio agachado atrás dele, não passava de uma sensação apagada em sua mente; o restante do pessoal de Ferrier estava ainda mais escuro. Apertando a mandíbula e deixando a Força controlar sua defesa, manteve os olhos movendo-se pelo corredor, à procura de novas ameaças.

Estava olhando diretamente para uma sombra peculiar, quando ela se destacou da parede e locomoveu-se para a frente.

Por um tempo que pareceu longo demais, Luke não acreditou no que via. Não havia textura ou detalhes na sombra; nada, a não ser uma forma fluida e escuridão absoluta. Porém, era real... e movia-se em sua direção.

— Lando! — gritou o Jedi, acima dos zunidos do tiroteio. — A cinco metros... quarenta graus à esquerda. Tem alguma idéia do que seja?

— Nunca vi nada parecido. Vamos bater em retirada? Com esforço, Luke retirou tanta concentração quanto ousou de sua defesa, dirigindo-a para a sombra que se aproximava. Havia mesmo algo ali. Na verdade era uma das inteligências alienígenas que ele detectara pouco antes. O que significava que pertencia ao bando de Ferrier.

— Me acompanhe — disse ele a Lando.

Seria arriscado, mas correr não os levaria a lugar nenhum. Movendo-se devagar, mantendo os movimentos equilibrados e suaves, Luke caminhou direto

para a sombra.

O alienígena estacou, nitidamente surpreso pelo comportamento da presa em potencial, que avançava ao invés de fugir. Luke tomou partido da indecisão momentânea para mover-se na direção da parede esquerda do corredor. O primeiro desintegrador, com a sombra se interpondo na linha de tiro, cessou os disparos. A forma escura contorceu-se, dando a Luke a impressão de olhar por cima do ombro. Continuou movendo-se para a esquerda, deixando a sombra próxima à linha de tiro; pouco depois o segundo desintegrador se calava, relutante.

— Bom trabalho — aprovou Lando em voz baixa. — Deixe comigo agora. Ferrier?

Ninguém respondeu e ele recuou um passo para poder ser visto.

— Ferrier? Aqui é Lando Calrissian. Escute, se você quiser manter seu amigo inteiro, é melhor chamá-lo de volta. Este é Luke Skywalker, Cavaleiro Jedi. O cara que matou Darth Vader.

O que não correspondia exatamente à verdade, claro. Mas era suficientemente acurado. Afinal de contas, Luke *vencera* Vader em seu último duelo, mesmo que não o tivesse matado depois.

A despeito disso, as implicações pareceram causar efeito nos homens escondidos pelo corredor. Luke sentiu a dúvida e a consternação entre eles e ao levantar o sabre-laser, a sombra parou de aproximar-se.

— Qual é mesmo seu nome? — gritou uma voz grossa.

— Lando Calrissian. Lembra daquela operação mal feita em Phraetiss, mais ou menos dez anos atrás?

— Lembro. O que você quer?

— Quero oferecer um acordo — disse Lando. — Saia para podermos conversar.

Houve um momento de hesitação. Depois o homem que a memória de Luke descrevera saiu de trás de um grupo de caixas apoiadas na parede do corredor, ainda com o charuto preso entre os dentes.

— Todos — insistiu Lando. — Vamos, Ferrier, peça para eles saírem. A menos que esteja levando a sério a idéia de esconder-se de um Jedi.

Os olhos de Ferrier voltaram-se para Luke.

— Os poderes místicos dos Jedi sempre foram exagerados... Contudo, logo depois de falar, os lábios moveram-se de forma quase inaudível; um grupo de cinco humanos e um alienígena insetiforme, coberto de escamas verdes emergiram um por um de seus esconderijos.

— Assim é melhor — aprovou Lando, saindo detrás de Luke e acenando na direção do novo personagem. — Um verpine?

Uma coisa eu tenho de admitir, Ferrier: você trabalha rápido. Não faz nem trinta horas que as tropas do Império se forame você já está em ação. E com um verpine domesticado, ainda por cima. Já ouviu falar dos verpine, Luke?

O Jedi assentiu. A aparência do alienígena não lhe era familiar, porém o nome era.

— Dizem que são verdadeiros gênios quando se trata de consertar ou reformar equipamentos de alta tecnologia.

— E é uma fama bem merecida — informou Lando. — Escutei rumores de que foram eles que ajudaram o almirante Ackbar a projetar os caça asa-B. Mudou de especialidade para surrupiar naves avariadas, Ferrier? Ou o seu verpine veio especialmente para essa ocasião?

— Você mencionou um acordo — lembrou Ferrier com voz fria. — Vamos a ele.

— Primeiro quero saber se você esteve no ataque a Sluis Van desde o início. Se está trabalhando para o Império, não existe acordo — ameaçou Lando, no mesmo tom.

Um dos homens do bando respirou mais profundamente, numa preparação. Luke moveu o sabre-laser na direção dele, num aviso, e logo os pensamentos heróicos se dissolveram. Ferrier olhou para Lando.

— O Império demonstrou interesse em adquirir naves. Em particular, naves de combate. Estão pagando um abono de vinte por cento sobre o preço de mercado para qualquer coisa com mais de cem toneladas que seja capaz de lutar.

Luke e Lando trocaram um breve olhar.

— Que pedido estranho — comentou Lando. — Será que perderam algum estaleiro espacial?

— Não disseram e eu não perguntei. Sou um homem de negócios; dou ao cliente o que deseja — afirmou Ferrier, impaciente.

— Está aqui para fazer um acordo ou só quer conversar?

— Estou aqui para um acordo. Sabe, Ferrier, acho que vocês se meteram numa encrenca. Foi apanhado em flagrante no processo de tentar roubar naves da Nova República. Acho que também já ficou claro que Luke pode acabar com todos vocês sem o menor problema. Tudo o que tenho a fazer é telefonar para a segurança e todos vocês estarão a meio caminho de tirar férias na colônia penal pelos próximos anos.

A sombra, que estivera parada, avançou um passo.

— O Jedi poderia sobreviver — ameaçou Ferrier. — mas você não conseguiria.

— Talvez sim, talvez não... mas algo me diz que esta não é a situação em que um homem de negócios como você quer se meter — argumentou Lando.

— O acordo é o seguinte: você vai embora agora e terá um certo tempo para se distanciar de Sluis Van antes de darmos o alarme.

— Como você é generoso — ironizou Ferrier. — Me diga o que quer *de verdade*. Uma parte do lucro? Ou uma pequena fortuna basta?

— Não quero seu dinheiro. Só quero que saia daqui.

— Não gosto de ameaças.

— Então encare como o conselho de um antigo associado — avisou Lando. — Contudo, leve a sério.

Por algum tempo fez-se silêncio no corredor, soando apenas o zumbir suave dos equipamentos. Luke manteve-se em postura de luta, tentando perceber mudanças emocionais no chefe dos ladrões.

— O seu "acordo" vai nos custar um bocado de dinheiro — afirmou Ferrier, girando o charuto na boca.

— Sei disso — admitiu Lando. — E acredite ou não, *sinto* muito. A Nova República não pode se dar ao luxo de perder naves no momento. Você pode tentar o sistema Amorris. A última notícia que eu soube dizia que um bando de piratas Cavrilhu estava baseado lá e eles sempre precisam de especialistas em manutenção. — Ele olhou significativamente para a sombra.

— E de força bruta também.

— Gostou da minha ira?

— Ira? — estranhou Luke.

— Eles se chamam defel — informou Ferrier. — Mas eu acho que "ira" é uma palavra que se ajusta melhor. Os corpos deles absorvem toda a luz visível... algum tipo de mecanismo de sobrevivência. E o que *você* acha desse acordo, Jedi? Como defensor da lei e da ordem?

— Você roubou alguma coisa aqui? — indagou Luke, que já esperava a pergunta. — Fez algo de ilegal, além de penetrar nos computadores de manutenção da base?

— Atiramos contra um par de abelhudos que metiam o nariz onde não deviam — acrescentou o ladrão, com sarcasmo. — Isso conta?

— Quando você não acerta ninguém, não conta — respondeu Luke. — No que me diz respeito, você pode ir embora.

— É muito generoso. Só isso?

— Só isso — concordou Lando. — Ah, sim! Não esqueça de me dar o cartão de acesso.

Ferrier fuzilou-o com o olhar, mas fez um gesto ao verpine atrás dele. Em silêncio, o alienígena verde e alto deslizou para a frente e depositou na mão de Lando um par de cartões de dados.

— Muito obrigado. Vou dar uma hora para que voltem à sua nave e saiam do sistema. Depois daremos o alarme. Boa viagem.

— Sim, vamos fazer isso. Foi muito bom encontrar você, Calrissian. Talvez da próxima vez *eu* possa prestar um favor a você — despediu-se Ferrier.

— Experimentem Amorris. Aposto que têm pelo menos um par de naves-patrulha Sienar esperando por vocês para sair de lá — aconselhou Lando.

Ferrier não se deu ao trabalho de responder. Em silêncio, o grupo passou por eles, dirigindo-se ao corredor deserto que conduzia à área de recepção.

— Tem certeza que contar a ele sobre Amorris foi uma boa idéia? — indagou Luke. — O Império pode conseguir uma nave ou duas com esses ladrões.

— Você preferia que eles saíssem daqui com um cruzador estelar callamarian? Ferrier é bom o suficiente para conseguir roubar um. Pelo menos no meio dessa confusão toda — argumentou Lando, assumindo a seguir um ar intrigado. — Fico imaginando o que o Império está pretendendo. Não faz muito sentido pagar tanto por naves usadas, quando se possui estaleiros equipados para construir naves de combate.

— Talvez estejam enfrentando dificuldades - sugeriu Luke, recolhendo a lâmina do sabre-laser e pendurando-o no cinto. — Ou talvez tenham perdido um dos destróieres estelares, mas salvado a tripulação e os oficiais e precisem de outra nave para eles.

— Poderia ser possível — concordou Lando, relutante. — Mas é difícil imaginar um acidente que destruísse uma nave dessas além do ponto de recuperação e deixasse a tripulação viva. Bem, podemos passar a informação para Coruscant. Vamos deixar os figurões da Inteligência queimarem a cabeça com o assunto.

— Se não estiverem muito ocupados brincando de política — comentou Luke.

Se o grupo do conselheiro Fey'lya também estivesse tentando infiltrar-se na Inteligência Militar... pensou Luke. Depois sacudiu a cabeça para espantar a idéia. Não adiantava nada preocupar-se com a situação em Coruscant.

— E agora? Vamos dar a vantagem de uma hora a Ferrier?

— Vamos dar o que prometemos — concordou Lando. — Mas os cartões de código são outro assunto. Quando estávamos a caminho, me ocorreu que se Ferrier estava usando cartões para penetrar no computador, não existe nenhum motivo para que não usemos o mesmo cartão para colocar seu asa-X no alto da lista de prioridades.

Luke sabia que esse não era o tipo de procedimento do qual um Jedi devesse tomar parte. Porém, naquelas circunstâncias... e dada a urgência da

situação em Coruscant, quebrar algumas regras poderia ser moralmente justificável.

— Quando começamos?

— Agora mesmo — disse Lando, aliviado.

Luke percebeu que o companheiro tinha receio que ele fizesse perguntas difíceis sobre a ética envolvida no procedimento.

— Com um pouco de sorte, você estará pronto para voar assim que eu forneça essas coordenadas aos Sluissi. Vamos, precisamos encontrar um terminal — convidou Lando.

3

— Permissão para aterrisar recebida e confirmada, *Millenium Falcon* — informou o controlador de vôo do Palácio Imperial. — Estão liberados para a pista oito. A Conselheira Organa Solo irá recebê-los lá.

— Obrigado, controle — agradeceu Han Solo. Manobrou a nave na direção da Cidade Imperial, olhando com desagrado a nuvem escura que cobria toda a região, como uma ameaça crescente. Não costumava ligar muito para premonições, mas as nuvens não ajudavam a melhorar seu humor. Acionou o intercomunicador interno.

— Estamos nos preparando para aterrisar.

— Obrigado, capitão Solo — respondeu a voz de C-3PO, com uma certa rigidez.

O dróide devia estar com o ego magoado. Ou o que quer que os dróides tivessem no lugar de ego.

Han desligou o comunicador, torcendo os lábios, num movimento de enfado. Nunca apreciara dróides. Ele os utilizava normalmente, mas nunca quando podia evitar. Threepio não era pior do que os outros que conhecera... mas por outro lado, nunca passara seis dias sozinho no hiperespaço com nenhum outro.

Bem que ele tentara. De verdade, pensando em quanto Leia gostava de Threepio e no quanto apreciaria que os dois se relacionassem bem. No primeiro dia depois da partida de Sluis Van, deixara Threepio sentar-se na cabine com ele, agüentando a voz entojada do dróide e tentando manter uma conversa nos moldes tradicionais. No segundo dia, deixara que Threepio falasse à vontade e passara um bocado de tempo trabalhando nos corredores de manutenção, onde não havia espaço para dois. O dróide aceitara as limitações com sua típica alegria mecânica e continuara falando do lado de fora das aberturas.

Por volta da tarde do terceiro dia, Han banira completamente o dróide de sua presença.

Leia não gostaria de saber daquilo. Mas teria gostado menos ainda se desse vazão à sua vontade, que era transformar o dróide num sistema de drenagem automática para água de chuva.

O *Falcon* já havia passado pela camada de nuvens e podiam agora enxergar a monstruosidade onde funcionara o antigo palácio do Imperador.

Curvando-se para a frente, Han confirmou visualmente que a pista oito encontrava-se vaga e manobrou naquela direção.

Leia devia estar esperando no compartimento de acesso à pista, pois quando a rampa do *Falcon* foi baixada, ela já aguardava no local.

— Han, graças à Força você voltou — desabafou ela, com a voz tensa.

— Oi, meu amor — cumprimentou Han, abraçando-a com cuidado para não lhe apertar o ventre proeminente. Os músculos do ombro e do pescoço da esposa pareciam rígidos de tensão. — Também estou contente em ver você.

— Vamos, precisamos ir andando — disse Leia, depois de apertá-lo de encontro ao corpo.

Chewbacca também o esperava, logo após a rampa de acesso, a besta no ombro, pronta para a ação.

— Oi, Chewie — saudou Han, recebendo um cumprimento rosnado do companheiro. — Obrigado por tomar conta de Leia.

O wookie respondeu com um grunhido inesperado. Han olhou para ele e resolveu que não era o momento de pedir detalhes sobre a estadia em Kashyyyk. Voltou-se para a esposa:

— O que andei perdendo?

— Não muita coisa — esclareceu ela enquanto os conduzia pelo corredor que levava ao palácio propriamente dito. — Depois da primeira leva de acusações, Fey'lya parece ter resolvido acalmar-se. Ele conseguiu convencer o Conselho a deixá-lo assumir algumas das funções de Ackbar, principalmente no tocante à segurança interna, mas está se comportando mais como um zelador do que como novo administrador. Também insinuou que estaria pronto e disponível para assumir o Comando Supremo, caso fosse convocado, mas não insistiu.

— Não quer que ninguém entre em pânico — sugeriu Han. — Acusar alguém como Ackbar de traição é um prato cheio para os fofoqueiros, mas qualquer coisa acima disso é um risco, por enquanto.

— É o que acho, também. Isso nos dá pelo menos um pouco de tempo para descobrir o que houve exatamente na transação bancária que ele colocou a público — afirmou Leia.

— Então foi nisso que ele se baseou, não foi? Tudo o que você me contou foi que alguma verificação de rotina encontrou uma grande quantidade de dinheiro na conta de Ackbar.

— Isso, mas descobri que não foi uma simples investigação de rotina. Houve uma sofisticada invasão eletrônica no banco central de Coruscant na manhã do ataque a Sluis Van, com prejuízo de várias contas — relatou Leia.

— Os investigadores verificaram todas as contas da agência e descobriram uma grande transferência de fundos para a conta de Ackbar, na mesma manhã, vinda do banco central em Palanhi. Conhece Palanhi?

— Todo mundo conhece Palanhi — retrucou Han, de mau humor. — Um

pequeno planeta de encruzilhada com uma idéia megalomaníaca de importância.

— E uma crença inabalável de que podem se manter neutros o tempo suficiente para jogar dos dois lados da guerra e garantir os lucros — completou Leia. — De qualquer forma, o banco central de lá afirma que o dinheiro não veio de Palanhi. Apenas foi transferido através deles. Nosso pessoal não foi capaz de rastrear o dinheiro além disso.

— Aposto que Fey'lya sugeriu algumas alternativas.

— Nem precisou insistir. Simplesmente foi o primeiro a externá-las.

— E subir o próprio conceito às custas da reputação de Ackbar — resmungou Han. — Onde colocaram Ackbar, afinal? Na prisão?

— Está confinado aos próprios aposentos, numa espécie de prisão domiciliar, enquanto a investigação prossegue. Mais uma prova de que Fey'lya não tem intenção de criar mais agitação do que o necessário.

— Ou sabe que não existem provas suficientes para condenar ninguém. Ele tem mais alguma coisa contra Ackbar além dessa história do depósito?

— Só o quase fiasco em Sluis Van. Baseia-se no fato de que foi Ackbar quem enviou as naves de combate para lá.

— Um ponto a favor dele — concedeu Han, tentando lembrar-se dos regulamentos da Aliança sobre prisioneiros militares.

Se a memória não lhe falhava, um oficial com voz de prisão decretada poderia receber visitas, sem que os visitantes tivessem de passar por muitas verificações burocráticas.

Contudo, poderia estar errado sobre as normas militares. Eles o fizeram aprender todos os regulamentos quando recebera o posto de oficial, após a batalha de Yavin. Porém, mesmo na época, nunca levara muito a sério os regulamentos.

— Quantos do conselho Fey'lya tem a seu lado?

— Se você está se referindo a apoio incondicional, só uns dois ou três — informou Leia. — Se quer saber quantos estão inclinados na direção que ele deseja... bem, dentro de alguns minutos vai poder julgar por você mesmo.

Han piscou. Preocupado com a própria avaliação dos acontecimentos, não havia reparado no caminho que faziam. Repentinamente percebeu que caminhavam pelo Grande Corredor, que ligava a Câmara do Conselho com o auditório maior da Assembléia.

— Espere um pouco... agora?

— Desculpe, Han. Mas Mon Mothma insistiu. Você é a primeira pessoa presente ao ataque que retorna da batalha de Sluis Van e eles têm muitas perguntas para fazer.

Han olhou ao redor, reparando no teto alto e arqueado, nos ornamentos

trabalhados que se alternavam com vitrais nas paredes, nas fileiras de árvores púrpura-esverdeadas ao longo das paredes. O Imperador projetara pessoalmente o Grande Corredor, o que provavelmente explicava porque Han nutria tanta antipatia pelo local.

— Sabia que deveria ter mandado Threepio descer primeiro... — resmungou.

— Vamos, soldado — convidou Leia, tomando-lhe o braço.

— Respire fundo e vamos terminar logo com isto. Chewie, é melhor esperar aqui.

A disposição no Auditório do Conselho era uma versão ampliada do aposento menor do Conselho Interno: uma mesa oval para os próprios conselheiros, com fileiras de cadeiras ao longo das paredes para auxiliares e assessores. Naquela oportunidade, para surpresa de Han, a sala fora arrumada de outra forma, notadamente na ala da Assembléia dos Comuns. Os assentos estavam em fileiras, com cada conselheiro cercado pelos assessores. A frente, no nível mais baixo da construção em forma de anfiteatro, Mon Mothma sentava-se sozinha num pequeno pódio, lembrando uma professora perante os alunos.

— De quem foi essa idéia? — murmurou Han enquanto ele e Leia dirigiam-se para o assento das testemunhas, ao lado de Mon Mothma.

— Mon Mothma foi quem montou assim — respondeu Leia, também em voz baixa. — Mas aposto que a idéia foi de Fey'lya.

Han franziu a testa. Teria imaginado que ressaltar a importância do papel de Mon Mothma daquela maneira seria a última coisa que Fey’lya desejaria.

— Não estou entendendo.

— Dar a Mon Mothma toda a atenção e o poder, ajuda a acalmar os receios de que tente alguma coisa para ocupar a posição dela. Ao mesmo tempo, colocar os conselheiros juntos com seus assessores tende a isolá-los um do outro.

— Certo... até que ele é bem espertinho — comentou Han.

— E mesmo. E agora vai dissecar o assunto de Sluis Van para obter todas as vantagens possíveis. Cuidado.

Atingiram a frente e separaram-se. Leia sentou-se na primeira fileira, ao lado de Winter, sua assessora, enquanto Han caminhou até a cadeira que o esperava, ao lado de Mon Mothma.

— Quer que eu faça um juramento? — indagou ele, sem preâmbulos.

— Isso não será necessário, capitão Solo — respondeu Mon Mothma, com voz formal. — Por favor, sente-se. Existem algumas perguntas que o Conselho gostaria de fazer sobre os acontecimentos recentes nos estaleiros em Sluis Van.

Han acomodou-se. Fey'lya e seus companheiros bothan estavam ao lado do grupo de Leia. Não havia nenhuma cadeira vazia, que poderia sinalizar a

ausência do almirante Ackbar, pelo menos na frente, onde ele deveria estar. Os conselheiros sentavam-se de acordo com a hierarquia e aparentemente haviam mudado de posição para ficarem mais próximos à frente. Mais um motivo para Fey'lya ter proposto a mudança, pensou Han. Na mesa oval, a cadeira de Ackbar teria ficado vazia.

— Em primeiro lugar, capitão Solo, gostaríamos que descrevesse o ataque a Sluis Van — pediu Mon Mothma. — O que estava acontecendo quando chegou, quantos eram os atacantes...

— Quando nós chegamos, a batalha estava começando — declarou Han.

— Entramos no espaço bem à frente dos destróieres estelares. Recebemos uma comunicação de Wedge, o comandante de esquadrilha Wedge Antilles, da Esquadrilha Rogue, dizendo que havia caças TIE nos estaleiros...

— Desculpe, capitão, mas quem exatamente é o nós a que se refere? — interrompeu suavemente Fey’lya.

Han concentrou-se no bothan. Encarou os olhos violeta e o pelo bege e macio que compunha a expressão impenetrável.

— Minha tripulação consistia de Luke Skywalker e Lando Calrissian — informou Han, ciente de que o outro já tinha conhecimento do fato e o interrompia apenas para atrapalhar o fio da narrativa. — Ah, sim, e dois dróides. Quer o número de série de cada um?

Uma pequena agitação percorreu os presentes e Han teve o prazer de ver que os pelos se abaixavam no rosto do bothan.

— Não, muito obrigado — disse Fey'lya.

— O esquadrão Rogue estava lutando contra um grupo de aproximadamente quarenta caças TIE, e cinqüenta naves de mineração, que de alguma forma foram contrabandeadas até o estaleiro. Ajudamos no combate contra os caças, e descobrimos que os imperiais estavam usando as naves de mineração para invadir e roubar os cargueiros e naves maiores adaptadas e conseguimos impedí-los. Foi isso.

— O senhor é modesto demais, capitão Solo — comentou Fey'lya. — Segundo os relatórios que recebemos, você e Lando Calrissian, sozinhos, conseguiram impedir o plano do Império.

Han preparou-se. Sabia o que viria a seguir. Ele e Lando haviam contido o ataque do Império... só que tiveram de danificar o centro nervoso de aproximadamente quarenta naves importantes. Encarou Fey'lya.

— Desculpe pelos danos nas naves. Preferia que o Império ficasse com elas intactas?

O pelo do bothan arrepiou-se.

— De fato, capitão Solo — aquiesceu ele, com voz insinuante. — Não

tenho pessoalmente nenhuma dúvida quanto ao método utilizado para impedir o seqüestro das naves, embora tenha nos custado um bom dinheiro. Dentro dos limites da situação, você e seus amigos lidaram muito bem com ela.

Han ergueu a sobrancelha. Tinha esperado um ataque mais direto por parte de Fey'lya contra sua atuação. Pelo menos uma vez o bothan errara o alvo.

— Obrigado, conselheiro — disse Han, por falta de coisa melhor.

— O que não significa que a tentativa de ataque que quase culminou com a vitória do Império deva ser encarada como fato sem importância — continuou Fey'lya, relanceando os olhos pelo aposento. — Muito pelo contrário. Na melhor das hipóteses, podemos falar em erros de avaliação por parte de nosso comando militar. Na pior... podemos pensar em traição.

Então era isso, pensou Han. Fey'lya não errara nenhum alvo. Decidira não perder uma oportunidade destas em alguém sem importância como Solo.

— Com todo o respeito, conselheiro, o que aconteceu em Sluis Van não foi culpa do almirante Ackbar. Toda a operação...

— Desculpe, capitão Solo — interrompeu o bothan. — E com todo o respeito devido a *você,* deixe lembrar o motivo pelo qual aquelas naves importantes estavam em Sluis Van, sem armamentos e vulneráveis: foi uma ordem direta do almirante Ackbar.

— Mas não houve nada parecido com traição envolvida no assunto. Nós já sabíamos que o Império consegue captar nossas comunicações...

— E quem é o responsável por essas falhas na segurança? — indagou Fey'lya. — Mais uma vez, a culpa recai sobre os ombros do almirante Ackbar.

— Nesse caso, ache *você* a falha — retrucou Han, captando o movimento da cabeça de Leia em sua direção. Porém, ele estava nervoso demais para conter-se. — E já que falamos no assunto, gostaria de ver como *você* se sairia contra um Grande Almirante.

Toda a conversa na sala cessou.

— O que disse? — quis saber Mon Mothma.

Han maldisse a própria precipitação. Não queria ter mencionado o assunto a ninguém até que tivesse uma chance de verificar pessoalmente os arquivos do Palácio. Porém, era tarde demais.

— Existe um Grande Almirante dirigindo o ataque do Império. Eu mesmo o vi.

O silêncio deu a impressão de ficar ainda mais denso.

— Isso é impossível — afirmou Mon Mothma, a primeira a recuperar-se do choque, dando a impressão de que desejava firmemente acreditar no que dizia. — Temos registros sobre todos os Grandes Almirantes.

— Eu mesmo o vi — repetiu Han.

— Descreva-o — pediu Fey’lya. — Como ele era?

— Não era humano. Pelo menos, não completamente. A constituição era humana, mas a pele era azul-clara, o cabelo era uma espécie de preto- azulado e os olhos eram vermelhos. Brilhantes. Não sei a que espécie pertencia.

— E sabemos também que o Imperador não gostava de utilizar seres não-humanos — lembrou Mon Mothma.

Han olhou para Leia. A pele do rosto dela esticara-se e o olhar trazia um brilho de medo. Compreendera o que isto significava.

— Ele usava um uniforme branco — relatou a Mon Mothma. — Nenhum outro oficial do Império tem permissão para usar nada parecido. E o contato com quem eu estava chamou-o de Grande Almirante.

— Deve ter sido uma autopromoção — disse Fey'lya. — Algum almirante comum ou talvez um moff remanescente tentando reunir as sobras do Império ao redor dele. De qualquer jeito, essa discussão não é relevante para o nosso assunto.

— Não é relevante? — espantou-se Han. — Escute, conselheiro, se existe algum Grande Almirante por aí...

— Se existir... — interrompeu Mon Mothma, com firmeza. — Certamente saberemos em pouco tempo. Até lá, não vale a pena ficar discutindo. A Pesquisa do Conselho será instruída para verificar a possibilidade de que um Grande Almirante possa ainda estar vivo. Até que essa investigação se complete, vamos continuar com a narrativa e discussão sobre as circunstâncias do ataque em Sluis Van. — Ela olhou para Leia. — Conselheira Organa Solo, pode começar o interrogatório.

A testa alta e rosada do almirante Ackbar inclinava-se ligeiramente, e os olhos redondos e protuberantes giraram nas órbitas, num gesto calamarian que Leia nunca vira. Seria surpresa ou preocupação?

— Um Grande Almirante? — articulou ele, por fim, a voz mais grave do que de hábito. — Um Grande Almirante Imperial. Sim. Isso explicaria muitas coisas.

— Na verdade não *sabemos* ainda se é realmente um Grande Almirante — lembrou Leia. — Mon Mothma mandou que a Pesquisa verificasse.

Olhou de soslaio para o rosto grave do marido. Han não abrigava qualquer dúvida sobre o fato. Na verdade, nem ela.

— Não vão encontrar nada — afirmou Ackbar, balançando a cabeça, num gesto que usava quando lidava com humanos. Era indício de estar mais controlado. — Mandei fazer uma busca geral nos arquivos do Império, quando chegamos a Coruscant. Não há nada, a não ser uma lista dos nomes dos Grandes Almirantes e poucos detalhes sobre as atividades de cada um.

— Tudo apagado antes da gente chegar — afirmou Han.

— Ou talvez esses dados nem estivessem no computador — sugeriu Leia. — É bom lembrar que eles não eram apenas os melhores e mais brilhantes líderes militares que o Império encontrou. Também faziam parte do plano pessoal do Imperador para controlar melhor os militares.

— Como o próprio projeto da *Estrela da Morte* — afirmou Ackbar. — Concordo, conselheira. Até que os Grandes Almirantes estivessem integrados como políticos e militares, não havia motivo para divulgar qualquer detalhe sobre a identidade deles. O Imperador tinha todas as razões para escondê-las.

— Em resumo, um beco sem saída — comentou Han.

— Aparentemente, sim — concordou o almirante. — Significa que qualquer informação que venhamos a obter, virá de fora.

Leia olhou para Han.

— Você disse que esteve com um contato quando viu pessoalmente esse Grande Almirante, mas não deu o nome desse homem.

— É verdade. E não pretendo dar o nome dele, por enquanto. Leia olhou para o rosto do marido, tentando utilizar os rudimentos de técnica Jedi para perceber os sentimentos e razões. Se ao menos tivesse mais tempo para praticar, pensou. Porém o Conselho precisava de todo a sua dedicação, agora mais do que nunca.

— Mon Mothma vai querer saber quem é, no futuro — lembrou ela.

— Quando chegar o futuro, vou dizer a ela — afirmou Han. — Até lá, vai ser nosso pequeno segredo.

— Como uma certa "segurança"?

— Nunca se sabe. Não vai adiantar nada o Conselho saber agora esse nome. O grupo inteiro deve ter sumido por aí. Isso se o Império não conseguiu pegar ninguém...

— Você não sabe como encontrá-los, é isso? — indagou Leia.

— Prometi tentar liberar uma nave deles. Podemos experimentar por esse lado — disse Han, dando de ombros.

— Faça o que puder. Você disse que o irmão da conselheira Organa estava com você em Sluis Van? — quis saber Ackbar.

— Sim, senhor. O hiperdrive dele precisava ser consertado, e ele deve chegar algumas horas depois de mim — respondeu Han, olhando a seguir para a esposa. — Ah, sim, e precisamos devolver a nave de Lando em Sluis Van.

Ackbar fez um ruído que lembrava um apito cheio de água, o equivalente calamarian de um grunhido.

— Vamos precisar do testemunho dos dois. E também do Comandante Antilles. E vital descobrir como o Império conseguiu passar com uma força tão

grande pelos nossos sensores — disse o almirante.

Leia olhou para Han.

— De acordo com o relatório preliminar de Wedge, parece que elas estavam dentro de um velho cargueiro, cuja leitura não registrava nada no interior.

Os olhos de Ackbar giraram outra vez nas órbitas.

— Vazio? Não, impossível de detectar ou protegido, mas vazio? Isso elimina a possibilidade de um sensor defeituoso ou estática.

— Wedge disse que estava vazio — insistiu Han. — Ele deve saber a diferença entre essa leitura e simples estática.

— Vazio — repetiu Ackbar, movendo apenas a testa. — Isto só pode significar que o Império finalmente conseguiu desenvolver um sistema operacional de escudo de camuflagem.

— E o que tudo indica — concordou Leia. — Acho que a única parte boa da novidade é que eles devem ter ainda falhas no sistema. Se fosse de outra forma, poderiam ter camuflado a força tarefa inteira e reduzido o lugar a poeira.

— Não — disse Ackbar, balançando a cabeçorra. — Isso é uma coisa com a qual não precisamos nos preocupar. Pela própria natureza, um escudo de camuflagem seria mais perigoso ao usuário do que ao inimigo. O próprio sensor de uma nave camuflada seria tão inútil quanto o do adversário. Uma nave dessas seria virtualmente cega. Se usasse a própria energia, o inimigo poderia localizá-los medindo as emissões de deslocamento.

— Não tinha pensado nisso — admitiu Leia.

— Há anos existem rumores de que o Imperador havia desenvolvido um escudo de camuflagem — relatou Ackbar. — Precisei pensar muito sobre essa contingência. Mas as fraquezas representam um conforto pequeno. Um escudo de camuflagem nas mãos de um Grande Almirante seria sem dúvida uma arma perigosa. Ele encontraria formas de aproveitar essa capacidade contra nós.

— Já encontrou — observou Han.

— Aparentemente, sim — concordou Ackbar, voltando-se para Leia. —

Você precisa me livrar logo dessa acusação ridícula, conselheira. Assim que for possível. Apesar de toda a autoconfiança e ambição, o conselheiro Fey'lya não tem a habilidade tática que precisamos para enfrentar um inimigo como esse.

— Vamos libertá-lo, almirante — prometeu Leia, com maior segurança do que sentia. — Estamos trabalhando nisso agora mesmo.

Uma batida discreta soou na porta e Leia foi abrir.

— Com licença — articulou a voz mecânica do dróide G-2RD, abaixo dela. — Seu tempo terminou.

— Obrigada.

Leia suprimiu um grito de frustração. Precisava desesperadamente de mais tempo com Ackbar, para explorar com ele as implicações dessa nova ameaça do Império e para estabelecer as estratégias legais a serem usadas na defesa. Contudo, de nada adiantaria discutir com o dróide, que poderia até caçar seus privilégios de visitante, impedindo-a de retornar. Dróides de guarda tinham esses poderes e a série 2RD era famosa por sua sensibilidade.

— Até logo, almirante — disse ela a Ackbar. — Volto esta tarde ou amanhã cedo.

— Até logo, conselheira. Capitão Solo... — houve uma breve hesitação por parte do almirante. — Obrigado por ter vindo.

O casal saiu do quarto de Ackbar e o dróide postou-se à porta. Já no corredor, Han sorriu.

— Isso deve ter doído.

— O que deve ter doído? — quis saber Leia, curiosa.

— Me agradecer por ter vindo.

— Pare com isso, Han. Só porque você renunciou a seu posto, não quer dizer que...

— Não é imaginação minha, Leia. Pergunte a Lando quando tiver oportunidade. Ele tem o mesmo tipo de reação com Lando. Se você deixa a vida militar, passa a ser menos do que qualquer soldado raso para Ackbar.

— Você precisa entender a cultura de Mon Calamari, Han. Eles não eram uma espécie guerreira até que o Império começou a atacar e destruir o mundo deles. Aqueles maravilhosos cruzadores espaciais eram a princípio transportes de passageiros, que ajudamos a converter em naves de combate. Talvez não esteja zangado com você por ter desistido e sim com a culpa que ele mesmo e seu povo sentem, por elevar a guerra à prioridade máxima.

— Mesmo tendo sido forçados a pegar em armas? Leia deu de ombros.

— Não acho que ninguém vá para a guerra sem o sentimento de que poderia haver outro jeito. Mesmo quando se tentou de tudo e nada deu resultado. Foi assim que *eu* me senti quando me juntei à Rebelião — lembrou ela. — E pessoas como Mon Mothma e Bail Organa esgotaram todas as tentativas de paz. Para uma raça pacífica como a de Mon Calamari, o sentimento deve ser muito pior.

— Bem... pode ser — concedeu Han. — Só gostaria que eles mesmos superassem essa crise e nos deixassem fora disso.

— Eles vão conseguir — assegurou Leia. — E só dar um pouco de tempo.

— Certo. Aliás, ainda não me contou porque você e Chewie saíram de Kashyyyk e voltaram para cá — lembrou ele, encarando-a.

Leia cruzou os dedos. Mais tarde teria de contar ao marido sobre o acordo que fizera com o comando noghri Khabarakh. No momento, caminhavam por um corredor público do Palácio Imperial e com certeza não era a hora de discutir tais assuntos.

— Não fazia mais sentido ficar lá — disse ela. — Sofremos outro ataque...

— Outro *ataque!*

— Calma, Han, conseguimos escapar. E fiz alguns arranjos que vão me manter em segurança, pelo menos nas próximas semanas. Depois conto os detalhes, quando estivermos num lugar mais discreto e seguro.

Ela sentiu os olhos do marido tentando penetrá-la e percebeu que desconfiava que escondia alguma coisa. Contudo, compreendia o perigo de comentar determinados assuntos em locais públicos.

— Tudo bem. Só espero que saiba o que está fazendo — concordou Han.

Leia estremeceu, focalizando os sentidos nos gêmeos que carregava no ventre. Tão repletos da Força... e apesar disso tão indefesos.

— Eu também... — murmurou baixinho.

4

JORUS C’BAOTH. HUMANO. NASCIDO EM RHEITCAS, BORTRAS, A 4/3/112, DATA PRÉ-IMPÉRIO.

Luke fez uma careta ao observar as letras subindo na tela do computador da Velha Biblioteca do Senado. Por que todos os novos regimes, nos primeiros atos oficiais, sempre criavam novos sistemas de contagem de tempo, que eram aplicados a todos os dados históricos existentes? perguntou-se. O Império Galáctico procedera assim, bem como a Velha República antes deles. Só podia esperar que a Nova República não lhes seguisse o exemplo. A História já era difícil de acompanhar do jeito que estava.

FREQÜENTOU A UNIVERSIDADE MIRNIC, DE 6/4/95 A 4/32/90 P.I.

FREQÜENTOU O CENTRO DE TREINAMENTO JEDI EM KAMPARAS, DE 2/15/90 A 8/33/88 P.I. TREINAMENTO PARTICULAR INICIADO EM 9/88 P.I.; INSTRUTOR DESCONHECIDO. RECEBEU O TÍTULO DE CAVALEIRO JEDI EM 3/6/86 P.I. ASSUMIU OFICIALMENTE O TÍTULO DE MESTRE JEDI EM 4/3/74 P.I. FIM DO SUMÁRIO. MAIS DETALHES SOBRE ESCOLARIDADE E TREINAMENTO?

— Não — disse Luke, em voz alta.

Então C’baoth *assumira* o título de Mestre Jedi? Sempre tivera a impressão que este título, assim como o de Cavaleiro Jedi, era concedido pela comunidade Jedi e não autoproclamado.

— Forneça os dados dos registros como Jedi.

MEMBRO DO GRUPO DE OBSERVAÇÃO ANDO, DE 8/82 A 7/81 P.I. MEMBRO DO COMITÊ INTERESPÉCIE DE ASSESSORIA AO SENADO, DE 9/81 A 6/79 P.I. ASSESSOR JEDI PESSOAL DO SENADOR PALPATINE 6/79 A 5/77...

— Pare — pediu Luke, sentindo um arrepio na espinha. Assessor do senador *Palpatine?* — Quero detalhes sobre os serviços prestados ao senador Palpatine.

O computador pareceu considerar o pedido. Logo veio a resposta: NÃO DISPONÍVEL.

— Não disponível ou secreto? — indagou Luke. NÃO DISPONÍVEL.

Luke fez uma careta. Porém não havia nada que pudesse fazer, no momento.

— Continue.

MEMBRO DA FORÇA JEDI REUNIDA PARA COMBATER A INSURREIÇÃO DOS JEDI DO MAL, EM BPFASSH, DE 7/77 A 1 /74 P.I. AJUDOU A RESOLVER A DISPUTA DO DOMÍNIO DE ALDERAAN 11/70 P.I. AJUDOU O MESTRE JEDI TRA'S M'INS NA MEDIAÇÃO DO CONFLITO DUINUOGWUINGOTAL 1/68 A 4/66 P.I. NOMEADO EMBAIXADOR DO SETOR XAPPYH EM 8/21/62 PELO SENADO. TEVE GRANDE INFLUÊNCIA PARA CONVENCER O SENADO A AUTORIZAR E DESTINAR FUNDOS AO PROJETO ESPAÇO EXTERIOR. UM DOS SEIS MESTRES JEDI LIGADOS À MISSÃO INTERGALÁCTICA, EM 7/7/65 P.I. NÃO HÁ REGISTROS POSTERIORES À PARTIDA DA MISSÃO, DE YAGA MENOR, A 4/1/64. SUMÁRIO DE TÓPICOS TERMINADO. MAIS INFORMAÇÕES?

Luke reclinou-se pensativo em sua poltrona, olhos postos no monitor, mastigando o interior da bochecha. Aquilo significava que C'baoth não só fora conselheiro do homem que um dia se proclamara Imperador, mas que também tomara parte no ataque contra os Jedi do Mal no setor Sluis, que Leia relatara. Um dos que haviam sobrevivido para enfrentar Yoda, em Dagobah...

Escutou passadas leves atrás.

— Comandante?

— Oi, Winter — cumprimentou Luke, sem se voltar. — Estava me procurando?

— Estava. A Princesa Leia gostaria de vê-lo assim que acabar aqui — informou Winter, alisando os cabelos brancos e olhando de relance para a tela. — Mais pesquisas sobre os Jedi?

— Mais ou menos — concordou Luke, enfiando um cartão de dados na abertura de transmissão do terminal. — Computador, copie todos os dados disponíveis sobre o Mestre Jedi Jorus C'baoth.

— Jorus C'baoth — repetiu Winter, pensativa. — Não foi ele um dos que julgaram a disputa de domínio em Alderaan?

— E o que afirmam os registros. Sabe alguma coisa sobre o assunto?

— Não mais do que qualquer um em Alderaan — disse ela. Mesmo através do rígido controle de Winter, percebia-se o sofrimento na voz dela e Luke descobriu-se solidário, sentindo compaixão. Para Leia, a destruição de Alderaan e a perda da família era uma dor que perdia força e ia sendo relegada a

um canto da mente. Porém para Winter, com sua memória indelével e perfeita, o sofrimento continuaria para sempre.

— A questão era sobre a linha ascendente do vice-rei, se deveria continuar com o pai de Bail Organa ou com outros da família real — continuou Winter. — Depois da terceira votação sem definição, apelaram para o Senado, a fim de mediar a disputa. C'baoth fazia parte da delegação enviada, que levou menos de um mês para decidir a favor da legitimidade da família Organa.

— Você chegou a ver fotografias de C'baoth? Ela pensou um pouco antes de responder.

— Havia uma holografia do grupo nos arquivos que mostravam a delegação. C'baoth tinha... constituição e altura medianas, eu acho. Era um tanto musculoso, também, o que lembro de ter achado atípico para um Jedi — relatou ela, olhando para Luke e corando. — Desculpe, não quis parecer depreciativa.

Ele sabia que havia um conceito errado sobre os Jedi, pois as pessoas achavam que com o domínio da Força não havia motivo para que um Jedi aprimorasse o físico. O próprio Luke levara anos para perceber as formas sutis de controle do corpo e sua ligação com o controle da mente.

— Não tem problema — assegurou Luke. — Mais alguma coisa?

— Ele tinha cabelo grisalho e uma barba curta, bem aparada. Usava o roupão marrom e o camisolão branco que muitos Jedi gostavam de usar. Além disso, não havia nada particularmente notável sobre ele.

— Que idade aparentava? — indagou Luke, cocando o queixo.

— Eu diria por volta de quarenta anos. Mais ou menos cinco anos. E difícil estimar a idade através de uma fotografia.

— Isso combina com os dados que obtive aqui — comentou ele, retirando o cartão de dados da abertura. Se os registros estivessem corretos...

— Você disse que Leia queria me ver?

— Se for conveniente. Ela está no escritório.

— Muito bem. Vamos indo.

Saíram da biblioteca e caminharam pelo corredor que unia as áreas de pesquisa com o Conselho e a Assembléia.

— Sabe alguma coisa sobre o planeta Bortras? — perguntou ele, enquanto andavam. — Especificamente sobre o período de vida do povo?

— Nunca li nada a esse respeito — respondeu Winter, depois de pensar um pouco. — Por quê?

Luke hesitou um instante. Porém, fosse qual fosse o método de obter informações sobre a Nova República, a assessora de Leia estava acima de qualquer suspeita.

— O problema é que se esse Jedi de Jomark for mesmo Jorus C'baoth,

teria de ter cerca de cem anos agora. Sei que existem espécies que vivem mais do que isso, mas pelos registros, ele é humano.

Winter deu de ombros.

— Sempre existem exceções ao período de vida apresentado por uma raça — lembrou ela. — E no caso de um Jedi, em particular, podem ser usadas técnicas que aumentem esse período.

Luke considerou o assunto. Sabia que isto era possível. Yoda certamente tivera uma longa vida, no mínimo novecentos anos; e como regra geral, as espécies menores tinham períodos de vida mais curtos do que as grandes. Mas uma regra geral possuía exceções e depois de várias horas de pesquisa, Luke ainda não sabia à qual espécie Yoda pertencera. Talvez uma abordagem melhor para o problema fosse tentar descobrir quanto tempo viveu o Imperador.

— Acha então que Jorus C’baoth está vivo? — quis saber Winter.

Luke olhou ao redor. Haviam alcançado o Grande Corredor, que em virtude de sua localização geralmente fervilhava com todo o tipo de seres. Naquele dia, porém, estava quase vazio, contendo apenas alguns humanos e outras poucas espécies formando pequenos grupos à distância, todos longe demais para escutar algo.

— Tive um breve encontro mental com outro Jedi enquanto estava em Nkllon — murmurou ele. — Mais tarde, Leia me contou que corriam boatos sobre Jorus C’baoth ter sido avistado em Jomark. Não sei que outra conclusão posso tirar.

Winter permaneceu em silêncio.

— Nenhum comentário? — quis saber Luke.

— Qualquer assunto relativo aos Jedi e à Força estão fora da minha experiência pessoal, comandante. Não tenho autoridade para comentar ou julgar. Mas... pela impressão que tive da participação de C’baoth na história de Alderaan, sou um pouco cética a respeito dessas notícias.

— Por quê?

— Na verdade não passa de uma impressão. Nada que eu fosse mencionar se o comandante não tivesse perguntado... — acrescentou Winter.

— Mas C’baoth me deu a impressão de ser o tipo de pessoa que adora estar no centro dos acontecimentos. Do tipo que se não fosse capaz de liderar ou controlar uma situação em particular, mesmo assim estaria presente, só para ser visto.

Estavam passando por uma das árvores púrpura-esverdeadas, chamadas ch'hala, que cresciam ao longo do Grande Corredor, perto o suficiente para que Luke observasse o torvelinho de cores ondulando sob a casca transparente do tronco.

— Acho que isso encaixa com o que li — comentou ele, esticando a mão para encostar um dedo no caule enquanto caminhava.

O sutil rodamoinho explodiu ao toque, tornando-se um ponto vermelho brilhante sobre o tranqüilo violeta. A cor irada espalhou-se em ondas concêntricas, como num lago, indo e voltando até esmaecer para roxo vinho, depois púrpura.

— Não sei se você sabia, mas ele se autopromoveu, de Cavaleiro para Mestre Jedi. Parece um indicador de vaidade — comentou Luke.

— Concordo — opinou Winter. — Embora não tenha acontecido nada desse tipo quando veio a Alderaan. Mas o melhor argumento é que alguém vaidoso como ele não teria ficado fora da guerra contra o Império.

— De fato é um bom argumento.

Luke voltou-se para observar os últimos tons de vermelho desaparecerem na árvore que tocara. O contato de Nkllon com o misterioso Jedi fora daquela maneira: existira por um determinado tempo, depois sumira sem deixar qualquer rastro. Será que C’baoth não controlava mais seus poderes?

— Vamos mudar de assunto — anunciou ele. — O que sabe sobre o Projeto Espaço Exterior da Velha República, a Missão Intergaláctica?

— Não muito. Supostamente uma tentativa de buscar vida fora da Galáxia, mas o projeto foi envolto em tanto segredo, que jamais divulgaram nenhum detalhe. Nem sei se chegou a ser realizado — disse Winter.

— Os registros afirmam que sim — declarou Luke, tocando em outro tronco de ch'hala e produzindo novos círculos irados de vermelho. — Também informam que C’baoth estava ligado a esse projeto. Isso significa que teria ido à bordo da nave?

— Não sei. Existem rumores que vários Mestres Jedi teriam ido, mas nunca houve confirmação oficial para o fato. Está pensando que este fosse o motivo para a ausência dele na guerra?

— E possível — admitiu Luke. — Mas esse fato só provocaria outro monte de perguntas. Como, por exemplo, o que aconteceu com eles e como voltaram?

— Acho que só existe uma forma de saber.

— É. Ir até Jomark e perguntar — concluiu Luke. — Vou ter de fazer isso.

O escritório de Leia, assim como o do outros conselheiros, ficava logo após o saguão que ligava o Grande Corredor à privacidade do Conselho Interno. Luke e Winter chegaram à área de recepção, para encontrar uma figura familiar aguardando por eles.

— Como vai, Threepio? — cumprimentou Luke.

— Mestre Luke! Que prazer em vê-lo outra vez — articulou o dróide

dourado. — Espero que esteja bem.

— Estou ótimo. Artoo manda recomendações; não pôde vir porque ficou no espaçoporto ajudando com a manutenção do meu asa-X, mas de noite ele vem até aqui. Vai poder conversar com ele.

— Obrigado, senhor — disse Threepio. Depois inclinou a cabeça, como se subitamente lembrasse de sua tarefa. — A Princesa Leia e os outros estão esperando. Entrem, por favor.

Luke olhou o dróide com ternura. Não importa o quanto Threepio parecesse ridículo numa dada situação, havia uma certa dignidade inerente nele, à qual procurava responder com bondade.

— Obrigado, Threepio. Avise-nos se vier mais alguém.

— Certamente, Mestre Luke.

Penetraram no aposento e depararam com Leia e Han à escrivaninha, conversando em voz baixa, em frente ao monitor. Chewbacca, com a besta armada sobre os joelhos, sentava-se próximo à porta e urrou uma saudação.

— Luke... obrigada por vir. — disse Leia, levantando a cabeça e voltando-se para Winter. — Por enquanto é só, obrigada.

— Sim, Alteza — respondeu Winter, curvando-se com a graça habitual e saindo do aposento.

Luke olhou para Han.

— Ouvi dizer que jogou uma bomba térmica no Conselho, ontem.

— Bem que eu tentei — sorriu Han. — Mas acho que não acreditaram em mim.

— Um daqueles momentos em que o pensamento político deriva para o reino do otimismo — comentou Leia. — A última coisa em que alguém pode se dar ao luxo de acreditar, é que tenhamos falhado em eliminar todos os Grandes Almirantes.

— Parece mais negação da realidade do que otimismo — opinou Luke.

— Ou eles tem alguma outra explicação sobre como fizeram a armadilha em Sluis Van com perfeição?

— Alguns acham que é aí que entra a traição de Ackbar — disse Leia.

— Ah, então foi *esta* a jogada de Fey’lya! Ainda não sei de nenhum detalhe...

— Até agora Fey'lya está mantendo suas cartas de sabacc bem perto do pelo — resumiu Han. — *Ele* alega que está sendo justo; e *eu* acho que não quer balançar todos os estabilizadores da nave de uma só vez.

Luke encarou-o. Percebia algo mais no amigo, talvez uma preocupação...

— Algo mais? — indagou ele. Leia e Han trocaram olhares.

— Talvez... — admitiu Han, olhando para a esposa. — Você reparou como

ele atacou Ackbar assim que ocorreu o ataque a Sluis Van? Ou ele é o maior oportunista de todos os tempos...

— O que sabemos que ele é — afirmou Leia.

— Ou sabia de antemão o que iria acontecer — completou Han.

Luke olhou para ambos, com expressão séria.

— Compreendem que estão acusando um membro do Conselho de ser um agente do Império?

— Claro. Não é essa mesma a acusação que ele quer lançar sobre Ackbar? — retrucou Han.

— O problema é a ocasião, Han — interveio Leia, em tom paciente. — Como já tentei explicar. Se acusarmos Fey'lya agora, só vai parecer que estamos voltando as acusações contra Fey'lya para tentar desviar a atenção de Ackbar. Mesmo que sejam verdadeiras, e eu não acredito que sejam, ainda assim pareceriam um mero truque barato.

— Talvez esse seja um dos motivos da rapidez dele em acusar Ackbar — argumentou Han. — Para evitar que usemos as mesmas acusações contra ele. Já pensou nisso?

— Já, já pensei — respondeu Leia. — Mas infelizmente, isso não altera a situação. Até que tenhamos livrado Ackbar, não poderemos fazer acusações.

— Pare com isso, Leia. Acho ótimo ficar fazendo política, mas o que está em jogo aqui é a sobrevivência da Nova República — afirmou Han.

— Que pode desmoronar completamente sem um só tiro disparado — retrucou Leia, inflamada. — Enfrente o fato, Han... todo esse assunto está colado com um pouco de fita adesiva e muita esperança. Se você espalhar mais acusações por aí, metade das raças da velha Aliança Rebelde pode resolver separar-se.

Luke pigarreou.

— Posso dizer algo?

O casal olhou para ele, aliviando a tensão.

— Claro, garoto. O que é?

— Uma coisa em que todos nós concordamos, é que Fey'lya *está preparando* alguma — lembrou Luke. — Talvez seja bom tentar descobrir o que é. O que sabemos sobre ele, Leia?

— Ele é um bothan, embora tenha sido criado na colônia Kothlis e não no planeta Bothawui. Juntou-se à Aliança Rebelde logo depois da Batalha de Yavin, trazendo um grande grupo de compatriotas. O povo dele realizava missões de apoio e reconhecimento, embora também tenham enfrentado combate espacial. Envolveram-se em várias atividades comerciais interestelares antes de ingressar para a Aliança: transporte, comércio, um pouco de mineração e outras parecidas.

Tenho certeza de que ele manteve alguns contatos dessa época, embora não saiba quais.

— Estão no arquivo? — quis saber Luke.

A irmã negou, com um movimento de cabeça.

— Examinei o arquivo dele pelo menos cinco vezes e verifiquei todas as referências. Nada.

— Então é por aí que devemos começar a procurar — sugeriu Han. — Negócios tranqüilos demais são ótimos para descobrir sujeiras.

— A Galáxia é enorme, Han — lembrou Leia, suspirando. — Nem ao menos sabemos onde começar...

— Acho que podemos descobrir um bom lugar. Você disse que os bothan participaram de combates em Yavin. Onde, exatamente? — indagou Han.

— Em vários lugares — informou Leia, voltando-se para o monitor. — Vamos ver...

— Pode pular as batalhas nas quais receberam ordens diretas de participação — pediu Han. — E também as que tomaram parte como sendo uma entre várias espécies. Quero apenas as batalhas em que um punhado de bothan combateu de verdade.

Pela expressão de Leia, via-se que ela não sabia onde o marido queria chegar, o que Luke percebeu logo. De qualquer forma, fez o que lhe foi pedido.

— Bem... com essas restrições, acho que a única alternativa é uma batalha violenta em New Cov, no setor Churba. Quatro naves bothan atacaram um destróier estelar classe *Victory*, que estava espionando e o conservaram ocupado até que um cruzador estelar chegasse para ajudar.

— New Cov... — repetiu Han, pensativo. — Esse sistema é mencionado de alguma forma na ficha comercial de Fey'lya?

— Um momento... não, não é.

— Ótimo. Então é por aí que começamos — decidiu Han. Leia olhou para Luke, sem entender nada.

— Será que eu perdi algum pedaço da conversa? — perguntou ela ao irmão.

— Ora, Leia. Você mesma disse que os bothan tiravam o corpo das batalhas, se pudessem — explicou Han. — Não iriam atacar um destróier estelar classe *Victory* só para se divertirem. Estavam protegendo alguma coisa.

— Não sei...

— Talvez sim, talvez não — concedeu Han. — Mas suponha, só por um instante, que tenha sido Fey’lya e não o Império que depositou dinheiro na conta de Ackbar? Transferir fundos do setor Churka para Palanhi seria muito mais fácil do que enviar o dinheiro de qualquer sistema do Império.

— Mas isso nos leva de volta à alternativa de acusar Fey'lya de ser agente do Império — lembrou Luke.

— Talvez não. A época da transferência pode ter sido coincidência. Ou algum bothan ficou sabendo das intenções do Império e Fey'lya aproveitou para usar o argumento contra Ackbar.

— Mas não é nada que possamos levar para o Conselho — declarou Leia, balançando a cabeça.

— Não pretendo levar nada ao Conselho — disse Han. — Vou até New Cov com Luke e nós mesmos vamos verificar. Sem levantar suspeitas.

Leia olhou para o irmão, com uma pergunta formulada na mente.

— Não há nada que eu possa fazer, além de ajudar — disse Luke. — Mas acho que vale a pena dar uma olhada.

— Certo — suspirou Leia. — Mas sejam discretos.

— Pode deixar comigo — assegurou Han, sorrindo. Depois olhou para Luke. — Está pronto?

— Está querendo dizer... agora?

— Claro, por que não? Leia está tomando conta da parte política por aqui. Podemos ir.

Luke sentiu uma hesitação mental da irmã e olhou para ela a tempo de vê-la piscar. Os olhos encontraram os de Luke, com um aviso mental para ficar quieto. *O que foi?* indagou ele, em silêncio.

Ficou sem saber se ela teria respondido. Chewbacca, da porta, grunhiu toda a história.

Han voltou-se para a esposa, o queixo caído de surpresa.

— Você prometeu *o que?*

Ela engoliu em seco.

— Han, não tive alternativa...

— Como assim, não teve alternativa? Pois eu lhe dou uma alternativa: você não vai.

— Han, escute...

— Com licença — interrompeu Luke. — Preciso verificar meu asa-X.

Vejo vocês mais tarde.

— Claro, garoto — respondeu Han, sem olhar para ele.

Luke caminhou até a porta, olhando para Chewbacca ao passar. O wookie, obviamente, chegara à mesma conclusão que ele. Levantou-se e acompanhou-o para fora.

A porta deslizou por trás dos dois e por um instante o casal se entreolhou. Leia quebrou o silêncio:

— Preciso ir, Han. Prometi a Khabarakh que o encontraria. Não entende?

— Não, não entendo.

Han calou-se e respirou fundo, tentando controlar sua raiva. O medo avassalador que sentira em Bpfassh retornou, fazendo seu estômago arder. Temia pela segurança de Leia e pela segurança dos gêmeos que ela carregava. Seu filho e sua filha...

— Esses...

— Noghri — completou Leia.

— Esses noghri vêm atacando você a cada chance que têm, há meses. Lembra de Bpfassh e da réplica do *Falcon* que tentaram usar para que subíssemos a bordo? Antes disso foi o ataque em Bimmisaari, no meio do mercado público. Se não fosse por Luke e Chewie, teriam conseguido. Esses caras levam isso à *sério,* Leia. E agora você vem me dizer que pretende voar sozinha até o planeta deles? Acho que *é* mais fácil entregar-se ao Império, assim podemos ganhar tempo!

— Eu não iria se achasse a mesma coisa — insistiu ela. — Khabarakh sabe que sou filha de Darth Vader e por algum motivo, isso parece muito importante para eles. Talvez eu possa usar esse conhecimento para tirá-los do lado do Império e fazê-los passar para nosso lado. De qualquer jeito, é algo que preciso tentar.

— Que diabo está acontecendo? De novo aquelas loucuras Jedi? Luke sempre estava dando uma de nobre e viajando na direção dos problemas.

Leia aproximou-se e apoiou a mão no braço dele.

— Han, eu sei que é arriscado — murmurou ela. — Mas pode ser a única chance de resolvermos esse assunto. Os noghri precisam de ajuda; Khabarakh me disse. Se eu puder fornecer essa ajuda... se puder convencê- los a passarem para o nosso lado... significa ao mesmo tempo um inimigo a menos e um aliado a mais. Além disso, não posso fugir para sempre.

— E os gêmeos?

Han teve a satisfação de vê-la hesitar.

— Sei dos riscos... — afirmou ela. — Mas não tenho alternativa. Depois do parto não posso trancá-los numa torre do palácio, com um anel de guardas wookie em volta, certo? Eles nunca terão a oportunidade de viver uma vida normal enquanto os noghri quiserem tomá-los de nós.

Han cerrou os dentes. Isso significava que ela sabia. Não tinha certeza disso antes, mas agora descobrira. Leia sabia que o Império estava atrás de seus filhos, ainda não nascidos.

Mesmo conhecedora dessas intenções, ela desejava ir ao encontro dos agentes do Império.

Encarou-a durante um bom tempo, os olhos observando os traços que

aprendera a amar tanto ao longo dos anos. Sua memória voltou ao passado, recordando cenas vividas. Lembrou a determinação expressa no rosto jovem, quando ela arrancou o desintegrador das mãos de Luke e abriu caminho atirando até o alçapão de lixo da *Estrela da Morte.* Recordou o som da voz dela no meio dos perigos na fortaleza de Jabba, encorajando-o através da cegueira, do frio intenso e da desorientação provocada pela hibernação. A determinação madura e sábia que adivinhara nos olhos dela, através de uma cortina de dor, ferida e deitada do lado de fora da casamata em Endor antes de fuzilar dois soldados do Império às costas de Han.

Lembrou do instante em que tivera a terrível revelação de que não importava o quanto tentasse, nunca seria capaz de protegê-la totalmente de todos os perigos do Universo. Pois não importava o quanto a amasse — não importava o quanto desse de si para ela — Leia jamais se contentaria com isso. Sua visão estendia-se além dele, além dela própria, na direção de todos os seres da Galáxia.

Tomar aquilo de Leia, por coação ou persuasão, seria diminuir-lhe a alma. E tomar parte do que o fizera apaixonar-se, quando a conhecera.

— Pelo menos posso ir com você? — perguntou ele, em voz baixa.

Ela levantou a mão e acariciou-lhe o rosto, os olhos úmidos sorrindo de gratidão.

— Prometi que iria sozinha — sussurrou Leia, a voz carregada de emoção. — Não se preocupe, vou ficar bem.

— Claro — disse Han, levantando-se. — Bem, se você vai, então vai e acabou. Vamos indo... vou ajudar a preparar o *Falcon.*

— O *Falcon?* Mas pensei que você ia para New Cov.

— Vou com a nave de Lando. Preciso devolver, de qualquer jeito — argumentou ele, olhando por sobre o ombro ao encaminhar-se para a porta.

— Mas...

— Não vamos discutir — interrompeu Han. — Se esse tal noghri tem algo em mente além de conversar, você terá mais chance no *Falcon* do que no *Lucky Lady.*

Ele abriu a porta... e parou.

Em pé à sua frente, estava Chewbacca, rosnando sem cessar.

— O quê? — perguntou Han.

A resposta do wookie foi curta e direta.

— Também não gosto disso, mas o que quer que eu faça? Não posso trancá-la em algum lugar, posso? — respondeu Han, percebendo a presença de Leia atrás dele.

— Vou ficar bem, Chewie — assegurou ela. — De verdade. Chewbacca

rosnou outra vez, deixando bem claro o que pensava daquela afirmativa.

— Se você tem alguma outra sugestão, vamos ouvi-la — pediu Han.

O wookie rugiu.

— Desculpe, Chewie, mas prometi a Khabarakh que iria sozinha — disse Leia.

Arreganhando os dentes, Chewbacca demonstrou sua opinião a respeito.

— Ele não aprova — traduziu Han, diplomaticamente.

— Entendi muito bem, obrigada. Escutem vocês dois, pela última vez...

O wookie interrompeu com um urro que fez a Princesa dar um pulo para trás.

— Sabe, meu amor... acho melhor você deixar que ele vá com você. Pelo menos até o ponto de encontro — aconselhou Han, em voz baixa. — Sabe como um wookie leva à sério esta história de débito de vida. E de qualquer forma, precisa de um piloto.

Por um instante ele pensou que ela fosse discutir, argumentando que era perfeitamente capaz de pilotar o *Falcon* sozinha, o que correspondia à verdade. Em vez disso, Leia suspirou.

— Está bem. Acho que Khabarakh não vai fazer nenhuma objeção. Mas quando chegarmos lá, Chewie, você tem de me obedecer, mesmo que não goste. Concorda?

O wookie concordou.

— Tudo certo, então. Vamos andando. Threepio?

— Sim, Alteza?

Pelo menos daquela vez ele tivera o bom senso de não se meter na discussão. Representava um belo progresso em relação ao comportamento habitual, pensou Han. Talvez devesse deixar Chewbacca zangar-se com mais freqüência.

— Quero que venha comigo também. Khabarakh fala Básico muito bem, mas os outros noghri não devem falar e não quero depender dos tradutores deles para me fazer entender.

— Pois, não, Alteza — aquiesceu Threepio, inclinando a cabeça dourada.

— Ótimo — comentou Leia, voltando-se para Han. — E melhor irmos andando.

Havia pelo menos um milhão de coisas diferentes que poderia dizer naquele instante. Argumentos que desejava evidenciar. Porém, foi lacônico:

— Vamos. Está na hora.

5

— Você vai me desculpar, mas acho que como esconderijo, este lugar é horrível — comentou Mara, terminando de emendar o último fio em seu console de comunicação.

Karrde deu de ombros ao levantar um sensor da caixa e colocá-lo na bancada, com os outros equipamentos.

— Concordo que não seja Myrkr — disse ele. — Mas por outro lado, tem suas compensações. Quem pensaria em procurar o esconderijo de um contrabandista no meio de um pântano?

— Não estou me referindo à pista de pouso — esclareceu Mara, ajeitando o desintegrador preso ao braço, sob a manga larga do braço esquerdo. — Estou me referindo a *este* lugar.

— Ah... este lugar — repetiu ele, olhando pela janela. — Não sei. Talvez seja um pouco devassado, mas tem suas compensações.

— Um pouco devassado? Chama isto de um pouco devassado? — indagou Mara, observando pela janela a fileira de prédios bege a menos de cinco metros e as multidões de humanos e alienígenas ao lado de fora.

— Calma, Mara — disse Karrde. — Quando os únicos lugares habitáveis de um planeta são um punhado de vales profundos, eles têm de ser cheios de gente. As pessoas aqui estão acostumadas e aprenderam a dar umas às outras um grau razoável de privacidade. De qualquer forma, mesmo que quisessem meter o nariz onde não devem, não adiantaria nada.

— Janelas espelhadas não são defesa para sensores — argumentou Mara. — E além disso, as multidões significam um bom esconderijo para espiões imperiais.

— O Império não tem a menor idéia de onde estamos — afirmou Karrde, olhando para ela de forma estranha. — A menos que você saiba de alguma coisa que eu não sei...

Mara olhou para o outro lado. Então, seria assim. Antigos patrões haviam reagido a suas estranhas premonições demonstrando medo, raiva ou um ódio declarado. Karrde, aparentemente preferia explicações educadas.

— Não posso ligar e desligar como se fosse um sensor à pilha — resmungou ela, por sobre o ombro. — Não mais.

— Interessante — comentou Karrde. — Isso é resultado de algum treinamento Jedi?

Mara voltou-se para encará-lo.

— Me fale sobre as naves.

— Como? — espantou-se ele, franzindo a testa.

— As naves. Aquelas naves de guerra que você fez questão de esconder do Grande Almirante, quando ele nos visitou, em Myrkr. Você prometeu me dar os detalhes depois. Agora é a hora, certo?

Karrde estudou o belo rosto da companheira, a sugestão de um sorriso nos lábios.

— Que seja. Já ouviu falar da Frota *Katana?*

Mara teve de procurar na memória.

— Era um grupo também chamado a Força Negra, não era?

— arriscou ela, obtendo um gesto de confirmação. — Algo em torno de duzentos cruzadores pesados classe Dreadnaught que foram perdidos cerca de dez anos antes do início das Guerras Clônicas. Todas as naves foram equipadas com algum tipo de servo-controle em larga escala, e quando o sistema falhou, toda a frota entrou no hiperespaço e desapareceu.

— Quase correto — aplaudiu Karrde. — Os Dreadnaught daquela época eram naves que necessitavam de tripulações ridiculamente grandes, que chegavam até dezesseis mil homens cada uma. Esse sistema de servo- controle diminuía o número para dois mil.

Mara lembrou dos cruzadores pesados Dreadnaught que chegara a conhecer.

— Deve ter sido uma modificação bem cara — comentou ela.

— Foi mesmo. Principalmente porque eles a fizeram tendo em vista tanto as relações públicas quanto os propósitos militares. Reprojetaram totalmente as naves, desde o equipamento e decoração interior, até a superfície cinza-escuro dos cascos. Foi isso que deu origem ao apelido de Força Negra, embora alguns digam que era uma referência ao menor número de lâmpadas usadas por uma tripulação de dois mil homens. De qualquer forma, foi uma boa demonstração, por parte da Velha República, de como pode ser eficiente um sistema servo-controlado.

— Que bela demonstração! — resmungou Mara.

— De fato, não deu certo — admitiu Karrde. — Mas por outros motivos, não pelo servo-controle em si. Os registros são vagos a respeito... foram suprimidos em boa parte na época, mas afirmam que uma nave ou mais foram contaminadas por um retrovírus letal num dos planetas em que aportaram na viagem inaugural. Espalhou-se pelas tripulações das outras naves ainda em estado de incubação, o que significa que ao eclodir, atingiu praticamente a todos de uma só vez.

Mara estremeceu. Ouvira contar como alguns tipos de retrovírus

dizimaram raças inteiras nos dias que antecederam as Guerras Clônicas, antes que os médicos da Velha República e do Império finalmente descobrissem como curar a doença.

— E os homens acabaram morrendo antes que conseguissem obter ajuda.

— Pelas descrições, tudo aconteceu numa questão de horas, embora seja apenas suposição — contou Karrde. — O que transformou o desastre em catástrofe foi o fato de que esse retrovírus apresentava a particularidade de enlouquecer as vítimas antes de matá-las. Os tripulantes moribundos duraram o suficiente para ativar o servo-controle, juntando as naves... o que significa que quando os pilotos da nau-capitânia *Katana* ativaram a velocidade da luz, todas as naves foram com eles para o hiperespaço.

— Agora lembro de ter ouvido falar a respeito — disse Mara. — Foi o que deu início ao grande movimento para a descentralização no funcionamento automático das naves. Deixaram de lado os supercomputadores e passaram a utilizar centenas de dróides.

— Esse movimento já existia, mas o fracasso da Frota *Katana* foi a gota d'água. De qualquer forma, a frota inteira desapareceu nas profundezas do espaço interestelar e nunca mais se ouviu falar dela. Todos falavam muito sobre o caso, com a mídia se aproveitando e difundindo o nome "Força Negra". Por alguns anos, foi considerada um prêmio cobiçado pelos caçadores de tesouros que possuíam mais entusiasmo do que bom senso. Quando perceberam quanto espaço vazio existia na Galáxia para esconder algumas centenas de naves, a onda de interesse terminou. De qualquer forma, a Velha República ficou às voltas com problemas maiores nas mãos. Além dos vigaristas tradicionais que tentam vender mapas com a localização das naves, não se ouviu mais falar da Frota *Katana*.

— Certo — assentiu Mara, compreendendo onde ele queria chegar. — E como você encontrou essa frota lendária?

— Foi por acidente, isso eu posso garantir. Na verdade, só descobri o que encontrara muitos dias depois. Acredito que o resto da tripulação não chegou a perceber.

O olhar de Karrde chegou a ficar desfocalizado, os olhos fitos num ponto distante, como se revivesse o passado.

— Foi há quinze anos... eu trabalhava como navegador e especialista em sensores para um pequeno grupo de contrabandistas independentes. Nos demos mal num recebimento de mercadoria e tivemos de despistar um par de cruzadores carrack para fugir. Conseguimos bem a tempo, mas não tivemos tempo de fazer cálculos completos para o salto no hiperespaço, portanto voltamos ao espaço normal mais ou menos a meio ano-luz de distância — A

expressão de Karrde alterou-se. — Imagine nossa surpresa quando demos de cara com dois cruzadores Dreadnaught bem à nossa frente.

— Parados no espaço.

— Na verdade, não. E foi exatamente o que me chamou a atenção nos primeiros segundos. A julgar pelas aparências, as naves pareciam estar em operação, iluminadas no interior, com as luzes de navegação acesas e até mesmo um sensor de rotina ativado. Naturalmente presumimos que fizessem parte do grupo que nos perseguia, e o capitão resolveu fazer um salto de emergência para nos tirar ali. Sem cálculos.

— Não foi uma idéia muito boa, aposto — comentou Mara.

— Na hora pareceu o menor dos males — esclareceu Karrde.

— Mas logo depois percebemos que foi quase fatal. A nave atingiu a cauda de um cometa, estragando o hiperdrive principal e quase esmagando o resto da fuselagem. Cinco da tripulação morreram no instante da colisão, e mais três morreram de ferimentos, antes que a gente tivesse chance de voltar à civilização com o hiperdrive de reserva.

— Quantos sobraram? — indagou Mara, depois de um instante de silêncio.

Karrde olhou para ela, alargando o sorriso.

— Em outras palavras, quem mais pode saber sobre a frota?

— Se prefere colocar assim...

— Sobraram seis, contando comigo. Como disse, não acho que nenhum dos outros percebeu o que encontramos. Só quando resolvi estudar os registros dos sensores e descobri que havia muito mais do que dois cruzadores Dreadnaught na área onde paramos, foi que suspeitei de alguma coisa.

— E os registros?

— Apaguei todos. Depois de decorar as coordenadas, claro.

— Claro — assentiu Mara. — Você disse que isso aconteceu há quinze anos?

— Isso — confirmou Karrde. — Pensei em voltar e fazer alguma coisa com as naves, mas nunca tive tempo de preparar nada. Colocar duzentos cruzadores pesados Dreadnaught no mercado não é algo que se faça sem muita negociação. Mesmo que existam compradores para todos, é um assunto problemático.

— Até agora.

Karrde levantou uma sobrancelha.

— Está sugerindo que eu venda todos ao Império?

— Eles estão comprando naves de guerra — lembrou Mara.

— E estão oferecendo vinte por cento acima do valor.

— Pensei que não ligasse muito para o Império...

— Não ligo. Qual a outra alternativa? Entregar tudo à Nova República?

— Poderia ser uma alternativa rentável a longo prazo — sugeriu Karrde.

A mão esquerda de Mara crispou-se, e o estômago queimou com a idéia de deixar os cruzadores nas mãos da Nova República, responsável pela destruição de sua vida; era um pensamento odioso. Por outro lado, o Império sem o Imperador era apenas uma pálida sombra do que fora, talvez nem merecedor de manter esse nome. Entregar a Força Negra a eles seria o mesmo que atirar pérolas aos porcos.

Ou não? Com um Grande Almirante encarregado da Frota Imperial, talvez fosse possível recuperar um pouco da antiga glória.

— O que pretende fazer? — perguntou ela.

— Por enquanto, nada — afirmou Karrde. — E a mesma dúvida que tivemos com Skywalker: o Império seria mais rápido para executar sua vingança se formos contra eles, mas a Nova República tem mais chances de vencer, a médio prazo. Dar a Frota *Katana* a Thrawn somente serviria para adiar o inevitável. Por enquanto, o curso mais prudente é permanecer neutros.

— Você esqueceu de mencionar que dar os cruzadores para Thrawn vai tirá-lo do nosso encalço — lembrou Mara. — Valeria a pena fazer isso agora...

— Pare com isso, Mara. O Grande Almirante pode ser um gênio militar, mas não pode saber tudo. Não tem a menor idéia de onde estamos e certamente tem coisas mais importantes para fazer do que gastar tempo e dinheiro nos perseguindo pelo espaço.

— Deve ter mesmo — concordou Mara, com relutância. Não conseguiu evitar as lembranças do passado, sobre como o Imperador, com todo o seu poderio e milhares de assuntos urgentes, várias vezes gastava seu tempo para vingar-se pessoalmente de alguém que tivesse atravessado seu caminho...

Soou um aviso de chamado no console de comunicação e Mara acionou a chave correspondente.

— Sim?

— Lachton — disse uma voz familiar através do alto-falante. — Karrde está por aí?

— Estou aqui — respondeu ele, aproximando-se. — Como está indo o trabalho de camuflagem?

— Estamos quase terminando — informou Lachton. — Mas acabou a rede de camuflagem. Temos mais por aí?

— Temos. Num dos depósitos. Vou mandar Mara buscar; você pode providenciar alguém para apanhar aqui?

— Claro, sem problema nenhum. Vou mandar Dankin... ele não está fazendo nada agora.

— Muito bem, então. A rede vai estar aqui quando ele chegar. Karrde fez um gesto, e Mara fechou o canal.

— Sabe onde é o depósito número três? — indagou ele.

— Na rua Wozwashi, quatrocentos e doze. Três quarteirões a oeste e dois ao norte — recitou Mara.

— Isso mesmo. Infelizmente ainda é muito cedo para veículos repulsores de gravidade nas ruas. Você vai ter de caminhar.

Mara achou que um pouco de exercício lhe faria bem.

— Ótimo. Duas caixas de rede são suficientes?

— Se você conseguir carregar duas, muito bem. Se não, Lachton se vira com uma caixa — respondeu ele, medindo-a de alto a baixo para certificar- se de que o traje dela correspondia aos padrões locais de Rishi.

Não precisava ter se preocupado com isso, pois uma das primeiras regras que o Imperador incutira nela muitos anos antes, fora a de mesclar-se perfeitamente ao meio ambiente. Mara jamais negligenciava essa regra, e sempre se disfarçava com perfeição.

— Até mais tarde — despediu-se ela.

A casa situava-se entre uma fileira de construções similares, dominando uma das centenas de áreas de mercado que pontilhavam o vale congestionado.

Por um instante Mara ficou parada à soleira do pórtico, fora do fluxo de pedestres apressados, estudando os arredores. Através dos vãos entre os prédios circundantes, pôde enxergar a região mais distante da cidade-vale, composta na maior parte pelas pedras cor-de-creme que os nativos tanto apreciavam. Em alguns pontos podia enxergar os limites mais distantes, onde algumas construções pequenas, precariamente cravadas no topo das montanhas, erguiam-se em profusão. Além daqueles picos habitavam tribos de Rishi, sem dúvida olhando para baixo e perguntando-se por que aquelas estranhas criaturas escolhiam os lugares mais quentes e úmidos do planeta para viver.

Baixando a vista, Mara examinou a área imediata. Do outro lado da rua erguiam-se construções quase idênticas; entre ela e os prédios passava o fluxo normal de pedestres trajando roupas de cores brilhantes, no afã de se locomoverem de um ponto de comércio a outro. Por reflexo, correu com rapidez o olhar pelas paredes, embora as janelas fossem espelhadas, e não permitissem distinguir o interior dos aposentos. Igualmente verificou cada uma das calçadas entre os prédios.

Entre duas construções, os ombros encostados à parte sombreada de uma delas, havia um homem parado, usando um cachecol azul e túnica em padrão esverdeado de camuflagem.

Olhando em sua direção.

Mara continuou virando o rosto, como se não o tivesse notado, mas sentiu o coração acelerado. Saiu do pórtico e tomou a direção leste para o mercado, penetrando na multidão.

Não permaneceu muito tempo dessa forma. Assim que saiu da linha de visão do misterioso desocupado, começou a cortar caminho em diagonal, aproximando-se da linha de construções. Atingiu a calçada três prédios adiante da figura de verde, entrou na viela, e correu pela parte traseira. Se ele estivesse mesmo vigiando o reduto de Karrde, havia uma boa chance de conseguir pegá-lo pela retaguarda.

Virou na viela onde avistara o suspeito, apenas para descobrir que ele não se encontrava mais ali.

Por um momento permaneceu parada, olhando ao redor para ver se enxergava algum sinal da presença dele, e perguntando-se o que fazer a seguir. Não havia vestígio das sensações de perigo que sentira quando escaparam de Myrkr, mas como dissera a Karrde, não era algo que ela fosse capaz de ligar e desligar.

Olhou para o chão onde o homem estivera parado. Havia algumas pegadas na camada fina de poeira que cobria o solo, dando a impressão de que ele ficara ali o tempo suficiente para trocar o apoio dos pés várias vezes. Um pouco adiante, bem no centro de nova camada de poeira, havia uma pegada bastante nítida, voltada para o oeste, além dos prédios.

Mara olhou naquela direção, percebendo que era um indício plantado de propósito, pois as bordas das marcas indicavam intenção deliberada. E estava certa. Cerca de cem metros adiante, bem no centro de outra mancha de poeira, casualmente caminhando na direção de uma rua norte-sul, estava o personagem de cachecol azul e roupa camuflada. Um convite nada sutil para segui-lo.

Muito bem, se você quer brincar, vamos brincar, pensou Mara, saindo atrás do homem.

Ela diminuíra a distância para noventa metros, quando o homem atingiu a multidão de pedestres, rumando para o norte. Mais um convite evidente, desta vez para evitar que ela o perdesse.

Porém Mara não tinha a menor intenção de fazer o que ele desejava. Decorara a geografia local da cidade-vale antes mesmo de chegar, e era óbvio que o homem pretendia conduzi-la à área industrial no extremo norte, menos populosa, onde não entrariam testemunhas inconvenientes. Se pudesse chegar lá antes dele, teria a chance de surpreendê-lo. Verificando o desintegrador sob a manga, ela cortou caminho por uma viela à direita, tomando a direção norte.

O vale estendia-se por quase cento e cinqüenta quilômetros, numa direção aproximadamente leste-oeste, e naquele ponto a largura norte-sul era de apenas

alguns quilômetros. Mara apertou o passo, procurando evitar transeuntes e outros obstáculos sempre que possível. Aos poucos casas e lojas foram dando lugar à indústrias leves. Por fim, deu-se por satisfeita. Se a presa mantinha o passo de quem passeava com toda a calma, ela já deveria ter vantagem suficiente para preparar uma pequena surpresa.

Existia, naturalmente, a possibilidade de que ele tivesse mudado para outra rua norte-sul, ou mesmo voltado para o reduto de Karrde. Ao espiar com cuidado pela esquina, Mara percebeu que a imaginação dele era tão limitada quanto indicava a técnica. Na metade do quarteirão, o homem encontrava-se agachado atrás de uma pilha de barris, o cachecol destacando- se contra o verde da túnica, certamente empunhando um desintegrador pronto para atirar. Aguardava que ela entrasse na viela pelo outro lado, onde deveria estar. Confirmava o fato de ser amador. Observando-o atentamente, aproximou-se sem se dar ao trabalho de sacar o desintegrador.

— Pode parar aí mesmo — disse uma voz atrás dela. Mara imobilizou- se. A figura agachada à frente nem ao menos se moveu... foi então que ela percebeu. O homem estava quieto demais para quem esperava; na verdade, parecia quieto demais para pertencer ao mundo dos vivos.

Devagar, mantendo os braços estendidos ao lado do corpo, ela voltou-se. O homem que tinha à frente era de estatura mediana, com olhos escuros e boa musculatura. Sob a túnica de baixo podia-se enxergar um colete blindado leve. Na mão, naturalmente, havia um desintegrador.

— Muito bem, muito bem... o que temos aqui? Já era tempo de aparecer. Pensei que estivesse perdida ou algo assim.

— Quem é você? — indagou Mara.

— Não, não, Ruiva. Quem faz as perguntas sou eu. Não que precise, porque essas beleza aí em cima me diz o que quero saber — afirmou ele, gesticulando em direção aos cabelos ruivos. — Devia ter se livrado dos cabelo... tingido de outra cor, botar um turbante por cima, sabe como é. Deu bandeira.

Mara respirou profundamente, oxigenando os músculos.

— O que quer de mim? — perguntou, procurando controlar a voz.

— O mesmo que qualquer homem — confidenciou o estranho, sorrindo com a boca desdentada. — Uma pilha enorme de grana!

— Nesse caso, creio que escolheu a pessoa errada. Só tenho cinqüenta comigo.

O sorriso alargou-se.

— Pare com isso, Ruiva. Não vamos perder tempo. Sei muito bem quem você *é*. Você e seus amigo vão me deixar rico de verdade. Vamos embora!

Mara não se moveu.

— Talvez a gente possa fazer um acordo — sugeriu ela, sentindo uma gota de suor escorrer pelas costas.

Tinha experiência suficiente para não se deixar enganar pelo palavreado e pelas maneiras rudes do atacante... quem quer que fosse, sabia exatamente o que estava fazendo.

Como vantagem, ainda tinha o desintegrador na manga; seu atacante não julgava possível que ela ocultasse alguma arma potente, prova disso era o fato de não a ter revistado.

De qualquer forma, se fosse fazer alguma coisa, teria de ser naquele instante, enquanto estava de frente para ele. Infelizmente seus braços estavam separados e não havia forma de apanhar a arma sem telegrafar sua intenção. Precisava distraí-lo.

— Um acordo... que tipo de acordo? — perguntou o atacante, desinteressado.

— Isso depende. Que tipo de acordo você quer?

Se houvesse uma caixa a seus pés, poderia chutá-la na direção do adversário. Embora avistasse um bocado de lixo pelas redondezas, nada que servisse estava ao alcance. As botas encontravam-se bem presas aos tornozelos, e também não poderia soltá-las com facilidade. Fez uma lista mental do que estava usando ou carregando... nada útil.

Porém o treinamento intensivo do Imperador incluía a manipulação direta da Força, além de comunicação à distância, técnicas úteis para os propósitos e intrigas imperiais. Essas habilidades haviam desaparecido no instante da morte dele, reaparecendo de forma aleatória desde então.

Mas se as impressões sensoriais haviam retornado, talvez o poder de controlar a Força também...

— Tenho certeza que posso dobrar o que ofereceram a você — disse ela.

— Talvez com alguma coisa extra por baixo do pano...

— Uma oferta generosa, Ruiva. Muito boa, mesmo. A turma do Lotta ia aceitar na hora. Ia, sim. Mas eu... — ele apontou o desintegrador. — Prefiro ficar com o certo.

— Mesmo que vá receber metade do dinheiro?

Dois metros atrás dele, apoiada contra a parede, estava uma pilha de sucata de metal esperando para ser recolhida. No alto, alguns objetos chamaram a atenção de Mara, especialmente um tubo enrolado sobre uma bateria quebrada ao meio.

Clareando os pensamentos tanto quanto era capaz, Mara enviou sua vontade mental à tubulação enferrujada.

— Na minha conta, um pássaro na mão é melhor que dois voando — disse

o homem. — Depois, não acho que possa cobrir a oferta do Império.

Mara engoliu em seco. Suspeitava desde o início que sua habilidade não iria funcionar, porém ainda assim, a constatação do fato lhe provocava um arrepio de medo.

— Acho que você ficaria surpreso com os nossos recursos — provocou ela, insistindo com a mente, e percebendo que o tubo se movia alguns milímetros...

— Não, obrigado. Vamos embora!

Mara apontou o homem morto atrás dela.

— Se importa de me contar o que aconteceu aqui?

— Não há o que dizer, Ruiva. Precisava de uma isca, e o sujeito tava no lugar errado, na hora errada. Fim da história. E fim de papo! Pode começar a andar... a menos que prefira ir morta.

— Não — sussurrou Mara.

Respirou fundo e reuniu toda a concentração possível, sabendo que seria sua última chance.

E atrás de seu atacante, o rolo de tubo metálico caiu, levando peças menores de roldão, com grande estardalhaço.

O homem era mesmo dos bons. A peça mal chegara ao solo, e ele girava nos joelhos, dominando a área atrás dele com rajadas de cobertura, enquanto procurava localizar o possível agressor. Levou apenas um segundo para reconhecer o erro, e sem parar de atirar, virou-se outra vez.

Um segundo, porém, era tudo o que Mara precisava. Os disparos do atacante ainda acertavam a parede quando ele recebeu a carga mortal, entre os olhos.

Por um instante ela permaneceu parada, respirando forte e tremendo. Em seguida correu os olhos pelos arredores, à procura de eventuais testemunhas do ocorrido; depois guardou sua arma a abaixou-se ao lado do corpo do adversário.

Como esperava, havia pouco a descobrir. Uma identidade, provavelmente forjada, com o nome de Dengar Roth, duas pilhas de reserva para o desintegrador, uma faca vibradora, um cartão de dados, uma prancheta de leitura, e algum dinheiro local e Imperial. Guardando a identidade e o cartão de dados, ignorou o dinheiro e as armas. Levantou-se.

— Aí está o dobro de nada, otário — murmurou na direção do corpo.

Seus olhos caíram sobre o pedaço de tubulação no chão. Assim como as premonições, o controle da Força voltara.

O que significava que os sonhos viriam logo.

Pronunciou um palavrão em desabafo. Se vinham, que viessem de uma vez. Pouco poderia fazer, além de suportá-los. No momento tinha questões mais

urgentes a resolver.

Olhando mais uma vez ao redor, voltou para casa.

Karrde e Dankin estavam esperando quando ela chegou, esse último andando de um lado para outro.

— Finalmente! Onde estão as...

— Temos encrenca — interrompeu Mara, entregando a identidade de Dengar Roth para Karrde, e caminhando diretamente para a sala de comunicações, ainda por acabar.

Empurrando uma caixa de cabos de conexão, ela enfiou o cartão de dados na abertura apropriada de uma prancheta de leitura.

— Que tipo de encrenca? — indagou Karrde, em seus calcanhares.

— Tipo caçadores de recompensa — respondeu ela, afastando-se para que ele visse o próprio rosto na tela, abaixo da cifra: 20 000. — Provavelmente estamos todos aí. Ou pelo menos, todos que o Grande Almirante conheceu.

— Então, agora estou valendo vinte mil. Fico lisonjeado.

— E só o que tem para dizer? Karrde olhou para ela.

— O que quer que eu diga? Que você estava certa e eu errado sobre o interesse do Império em nossas humildes pessoas?

— Não estou interessada em distribuir culpas — garantiu Mara. — Quero saber o que vamos fazer a respeito.

Ele olhava o pequeno monitor, os músculos dos maxilares enrijecendo.

— Vamos fazer o que a prudência aconselha, ou seja: bater em retirada. Dankin, use a freqüência de segurança, e avise Lachton para desmontar tudo de novo. Depois fale com Chin e peça para o grupo dele levantar acampamento. Você pode ficar para nos ajudar aqui. Se possível, quero sair de Rishi à meia-noite.

— Entendido — respondeu Dankin, já acionando os códigos de comando no console.

Karrde passou a prancheta de leitura para Mara.

— E melhor a gente se mexer.

Ela colocou a mão no braço dele, e externou sua preocupação principal:

— O que acontece quando ficarmos sem nenhuma base para ir?

Karrde fitou-a intensamente.

— Não vamos desistir dos Dreadnaught sob pressão — sussurrou ele. — Nem para Thrawn, nem para ninguém mais.

— Podemos ser obrigados a fazer isto — lembrou ela.

— Poderemos escolher uma alternativa. Jamais seremos obrigados a fazê-lo. Está claro?

— Sim, senhor.

— Ótimo — disse Karrde, olhando por sobre o ombro de Mara para Dankin, que transmitia as ordens pelo comunicador. — Temos muito trabalho a fazer. Vamos lá.

Mara teria apostado que não conseguiriam reunir todo o equipamento em menos de vinte e quatro horas. Para sua surpresa, as tripulações conseguiram aprontar tudo uma hora depois da meia-noite local. Com generosos donativos de fundos para apressar a burocracia do espaçoporto, decolaram de Rishi, e entraram na velocidade da luz uma hora depois disso.

Mais tarde, enquanto o *Wild Karrde* estava envolto no céu colorido do hiperespaço, os sonhos recomeçaram.

6

À distância, parecia um cruzador Bulk comum: obsoleto, lento, com um mínimo de armamentos, e quase nenhuma vantagem em combate, a não ser o tamanho. Mas como sempre em matéria de guerra, as aparências enganavam; e se o Grande Almirante Thrawn não estivesse na ponte de comando do *Quimera,* Pellaeon teria de admitir que seria apanhado de surpresa.

Porém Thrawn estava na ponte, e reconhecera imediatamente a impossibilidade dos estrategistas da Rebelião terem colocado o comboio sob a guarda de uma nave tão fraca. Sendo assim, quando as comportas do velho cruzador abriram-se para deixar sair três esquadrões da caças asa-A, os interceptadores TIE do *Quimera* já estavam no espaço, em posição de ataque.

— Uma tática interessante — comentou Thrawn, observando os laser brilhando no combate que se iniciava entre as naves. — Não que seja inovadora. A idéia de converter cruzadores Bulk em transportes de caça foi proposta pela primeira vez há vinte anos.

— Não me lembro dela ter sido implementada — afirmou Pellaeon, sentindo-se pouco à vontade.

Caças asa-A eram mais rápidos ainda do que os malditos asa-X, e ele não tinha certeza de como os TIE iriam sair-se contra o inimigo.

— São excelentes caça, os asa-A — comentou o Grande Almirante, como se estivesse lendo os pensamentos do capitão. — Porém, têm as suas limitações. Particularmente aqui. Naves de alta velocidade são mais apropriadas para operações surpresa, tipo ataque-e-fuga, do que para serviço de escolta. Forçá-las a permanecerem perto do comboio anula a vantagem tática da velocidade. Talvez estejamos observando o resultado da remoção do almirante Ackbar como Comandante Supremo.

— Talvez — concedeu Pellaeon. — Mas o pessoal de Ackbar ainda está encarregado da defesa.

Os interceptores TIE pareciam estar à altura dos asa-A, e o próprio *Quimera* não tinha dificuldades em enfrentar o cruzador. Além do campo de batalha, o comboio tentava agrupar-se, como se adiantasse alguma coisa.

— Já discutimos isso antes, capitão — lembrou Thrawn. — Plantar várias evidências sólidas contra Ackbar teria o efeito de tirá-lo do cargo rápido demais. As acusações mais sutis também vão neutralizá-lo, mas com a vantagem de espalhar indecisão e confusão no sistema político da Rebelião. No mínimo vai apanhá-los distraídos e enfraquecidos no momento em que lançarmos a

campanha do monte Tantiss. Na melhor das hipóteses, pode dividir inteiramente a Aliança. Ackbar é dispensável, capitão, mas o delicado equilíbrio político que a Rebelião criou para si mesma não é.

— Compreendo esse raciocínio, almirante. Minha preocupação é a presunção de que o bothan no Conselho possa ser confiável para levar as coisas até esse ponto de rompimento.

— Ah, não tenho dúvidas disso — afirmou o Grande Almirante, sorrindo e voltando os olhos vermelhos para a batalha no espaço, ao redor do comboio inimigo. — Passei muitas horas estudando arte bothan, capitão. Entendo bem essa espécie. Não existe nenhum tipo de dúvida de que o conselheiro Fey’lya vai fazer a parte dele direitinho. Tão bem como se estivéssemos puxando pessoalmente os cordões para manobrá-lo...

Thrawn interrompeu-se e acionou uma tecla.

— Baterias de estibordo: uma das fragatas do comboio está assumindo posição de tiro. Vamos presumir que é uma nave armada e tratá-la de acordo. Esquadrões A-2 e A-3, protejam o flanco até que a fragata seja neutralizada.

Os artilheiros e pilotos acusaram recebimento, e uma parte dos disparos de turbolaser concentrou-se na nave descrita.

— E o que acontece se Fey'lya vencer? — insistiu Pellaeon. — Quero dizer, a curto prazo, antes que essa confusão política tenha chance de assentar ou explodir. Por sua própria análise da espécie, qualquer bothan que tenha subido tanto quanto Fey'lya teria de ser muito inteligente.

— Inteligente, sim, mas não a ponto de nos ameaçar. Ele teria de ser um sobrevivente, com certeza, porém a inteligência dele não está voltada para a competência militar — explicou Thrawn, dando de ombros. — Na verdade, a vitória de Fey’lya só iria prolongar a situação do inimigo. Com o tipo de apoio que o bothan vem conseguindo entre os militares, os políticos teriam de passar por uma nova luta polarizadora quando perceberem o erro e tentarem substituí-lo.

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, suprimindo um suspiro. Era aquele o tipo de sutileza com a qual nunca se sentira à vontade. Esperava que o Grande Almirante estivesse certo em relação aos ganhos em potencial; seria uma vergonha para a Inteligência ter engendrado uma operação bancária impecável, e não conseguir extrair dela nada de lucrativo.

— Confie em mim, capitão. Ouso dizer que o desperdício de esforço político já começou. Os aliados de Ackbar dificilmente sairiam de Coruscant a essa altura, a menos que estejam desesperados, procurando evidências para livrá-lo das acusações.

Pellaeon franziu a testa.

— Está dizendo que Han e Organa Solo estão se dirigindo para o sistema Palanhi?

— Acho que apenas Solo — corrigiu Thrawn. — Organa e o wookie ainda devem tentar encontrar outro lugar para esconder-se dos noghri. Mas Solo vai para Palanhi, firmemente convencido pela pista da Inteligência que indica aquele sistema. Por isso o *Cabeça da Morte* está se dirigindo para lá.

— Compreendo — disse Pellaeon, que havia notado a dispensa de um dos melhores destróieres da frota. — Espero que esteja à altura da tarefa. Solo e Skywalker já provaram que não são fáceis de apanhar.

— Não acho que Skywalker vá para Palanhi — afirmou o almirante. — Nosso estimado Jedi aparentemente fez a coisa correta. Skywalker resolveu visitar Jomark.

— Tem certeza, almirante? — estranhou o capitão. — Não vi nada sobre o assunto no relatório da Inteligência.

— Essa informação não foi prestada pela Inteligência. Veio da Fonte Delta.

— Ah...

Pellaeon sentiu que sua expressão não se tranqüilizara. A divisão de Inteligência do *Quimera* o questionava sem cessar nos últimos meses para descobrir exatamente o que era a Fonte Delta, que aparentemente fornecia informações claras e precisas ao Grande Almirante, diretamente do Palácio Imperial. Até então, Thrawn só adiantara que a Fonte Delta estava firmemente implantada, e todas as informação obtidas através dela deveriam ser encaradas como verdadeiras e confiáveis.

A Inteligência não fora capaz de determinar se essa fonte seria uma pessoa, um dróide, ou algum sistema exótico de gravação, que permitia iludir a contra-inteligência dos Rebeldes, cuja tarefa era proteger o Palácio. Os agentes do Império ficavam irritados por ter seu trabalho realizado por algo desconhecido; Pellaeon admitia não gostar de ficar no escuro sobre o assunto. Porém Thrawn ativara pessoalmente a Fonte Delta, e longos anos de protocolo não escrito em tais assuntos lhe dava o direito de manter o contato confidencial.

— Tenho certeza que C’baoth vai gostar muito da notícia. Presumo que o senhor vai falar pessoalmente com ele — disse Pellaeon, imaginando ter ocultado sua irritação com C’baoth.

Mas enganara-se.

— Você ainda está chateado com o ocorrido em Taanab — observou Thrawn, voltando a olhar a batalha espacial.

Não fora uma pergunta.

— E verdade, senhor — concordou Pellaeon. — Examinei os registros

outra vez e só existe uma conclusão possível. C’baoth deliberadamente agiu contra o plano de combate que o capitão Aban expôs... chegando ao ponto de desobedecer uma ordem direta. Não me importo com o que C’baoth é, o que representa, e se julgou sua ação justificada, ou não. O que ele fez foi motim!

— É verdade — concordou Thrawn, calmamente. — Devo retirá-lo do serviço ao Império, ou simplesmente rebaixá-lo de posto?

— Estou falando sério, almirante.

— Também estou, capitão — respondeu o Grande Almirante, com voz fria. — Você sabe muito bem o que está em jogo. Precisamos usar todas as armas ao nosso alcance, se pretendemos derrotar a Rebelião. A habilidade de C’baoth para coordenar e aumentar a eficiência de combate em nossas forças é uma dessas armas; se ele não consegue lidar com nosso protocolo e nossa disciplina militar, então alteramos um pouco as regras para ele.

— E o que acontece se alterarmos tanto as regras que elas se voltem contra nós? — argumentou Pellaeon, num arroubo de ousadia. — Ele ignorou uma ordem direta em Taanab... da próxima vez podem ser duas ordens. Depois três, quatro, até que finalmente ele só vá fazer o que quiser, e manda o Império às favas. O que vai conseguir pará-lo?

— De início, os ysalamiri — respondeu Thrawn, fazendo um gesto em direção aos tubos espalhados pela ponte de comando, cada um contendo uma criatura peluda e alongada presa a um tronco. — Afinal, é para isso que eles servem.

Cada animal formava uma espécie de bolha na Força, onde os truques Jedi de C’baoth não funcionavam e o capitão sabia disso.

— Quanto a isso, tudo bem. Mas a longo prazo...

— A longo prazo, *eu* vou cuidar dele — interrompeu Thrawn, acionando uma tecla no console. — Esquadrão C-3, observe o quadrante a boreste no zênite. Existe uma bolha no casco da fragata, que pode ser uma armadilha térmica.

O comandante acusou recebimento e os interceptadores TIE manobraram em resposta à ordem. Um segundo mais tarde, o ponto referido explodiu, espalhando granadas de concussão em todas as direções. O último dos TIE foi apanhado pelo extremo da explosão, inflamando-se num clarão brilhante. O restante dos caças escapou ileso.

— Entendo muito bem suas preocupações, capitão — murmurou Thrawn. — Mas o que o você não entende... o que você ainda não entendeu, é que um homem com as instabilidades mentais e emocionais de C’baoth não pode chegar a representar uma ameaça para nós. Sim, ele possui um poder muito grande, e a qualquer dado instante, pode causar danos ao nosso pessoal e ao nosso

equipamento. Porém, pela própria natureza dele, não consegue conservar esse poder por um determinado período de tempo. A concentração, a focalização e o planejamento de longo prazo, são as qualidades que distinguem um verdadeiro lutador de um mero combatente. E são qualidades que C'baoth jamais vai possuir.

Pellaeon concordou, com um gesto de cabeça. Ainda não estava completamente convencido, mas sabia que não adiantava discutir mais. Pelo menos não no momento.

— Sim, senhor... C'baoth vai querer saber sobre Organa Solo. Os olhos rubros brilharam, mas o capitão sabia que não estavam voltados em sua direção.

— Diga a Mestre C'baoth que resolvi dar uma última chance aos noghri para encontrar e capturar a mãe dos gêmeos. Quando terminarmos aqui, irei levar essa mensagem a ele. Pessoalmente.

Pellaeon olhou para a entrada da ponte, onde o guarda-costas pessoal do almirante, o noghri Rukh, continuava sua vigília silenciosa.

— Vai fazer uma convocação para reunião dos comandos noghri? — indagou o capitão, controlando um arrepio.

Certa feita assistira a uma reunião daquelas, e não apreciara nem um pouco a sensação de ficar num aposento repleto daqueles assassinos sorrateiros de pele acinzentada. Não gostaria de repeti-la.

— Acredito que esse assunto foi bem além do ponto de convocar uma simples reunião — disse Thrawn com voz fria. — Ordene à navegação que prepare um curso do ponto de encontro para o sistema Honoghr. Acredito que toda a população noghri precisa ser lembrada sobre quem são, e a quem servem — baixou o olhar para o console e acionou a tecla. — Comandante dos TIE: chame todas as naves para a base. Navegação: iniciar cálculos para retornar ao ponto de encontro.

Pellaeon continuou olhando para o campo de batalha. O cruzador Bulk modificado e a fragata de escolta pareciam imobilizadas, mas o comboio em si não sofrerá muitos danos.

— Vamos deixar assim?

— Não há necessidade de destruí-los. Aniquilar as defesas é uma lição adequada a nosso propósito — explicou Thrawn, digitando uma combinação numérica no teclado.

Uma holografia daquele setor da Galáxia surgiu entre as duas estações. Linhas azuis marcavam as principais rotas comerciais das naves da Rebelião; as que tinham traços vermelhos ao lado haviam sido atacadas pelas forças do Império, nos últimos dois meses.

— Existe muito mais do que parece nesses ataques, capitão. Uma vez que

esse grupo contar sua história, todos os comboios que saírem de Sarka vão exigir escolta pesada. Quando tivermos realizados ataques suficientes, a Rebelião vai precisar decidir entre fornecer naves para escoltar comboios em todas as rotas ou abandonar o comércio com vários locais na zona de fronteira. De qualquer forma, estarão em desvantagem quando lançarmos a campanha do monte Tantiss — concluiu o Grande Almirante, com um sorriso. — Economia e psicologia, capitão. Por enquanto, quanto mais civis sobreviverem para contar a terrível história dos ataques do Império, melhor. Temos tempo para destruí-los depois. Aliás, falando de naves do Império, temos alguma novidade em nossa procura por naves de combate?

— Tivemos mais de cinco naves grandes entregues ao Império nas últimas dez horas — informou Pellaeon. — Nada maior do que um galeão estelar, mas é um começo.

— Vamos precisar de bem mais do que apenas o começo, capitão — lembrou Thrawn, virando o pescoço para observar o último TIE a retornar.

— Alguma novidade sobre Talon Karrde?

— Nada desde a última comunicação de Rishi — disse o capitão, consultando o registro apropriado. — O caçador de recompensa que a enviou foi morto pouco depois.

— Mantenha a pressão — ordenou Thrawn. — Karrde é um homem muito bem informado. Se existirem naves grandes fora de uso por aí, ele deve saber a localização.

Pessoalmente, Pellaeon achava aquele conceito exagerado para um simples contrabandista. Não acreditava que as conexões que Karrde mantinha fossem melhores do que as da Inteligência do Império. Porém também acreditara que Luke Skywalker não se encontrasse preso em Myrkr, e estivera errado. Karrde revelara-se um personagem cheio de surpresas.

— Existem muitos caçadores de recompensa à procura dele — disse ao Grande Almirante. — Mais cedo ou mais tarde acabarão por encontrá-lo.

— Ótimo. Nesse meio tempo, todas as unidades devem continuar os ataques de acordo com o programado contra a Rebelião.

— Thrawn pousou os olhos rubros sobre Pellaeon. — E devem continuar a manter o *Millenium Falcon* e o *Lady Luck* sob vigilância. Depois que os noghri forem preparados para sua tarefa, quero que a presa esteja pronta para eles.

C’baoth acordou de repente, os sonhos escuros dando lugar à percepção de que alguém estava se aproximando.

Por um instante permaneceu imóvel na escuridão, a longa barba branca aflorando suavemente a pele do peito de acordo com a respiração, e a mente utilizando a Força para viajar pelo caminho que conduzia ao Alto Castelo,

partindo dos vilarejos na base das montanhas. Era difícil concentrar-se... muito difícil... mas com uma perseverança um tanto sádica, ele ignorou a dor da fadiga e manteve a concentração. Ali... não, *mais adiante.* Um homem sozinho cavalgando um bípede cracian, progredindo através dos obstáculos da trilha. Provavelmente um mensageiro, que viera trazer notícias chegadas ao vilarejo. Alguma ninharia, talvez, mas que julgavam que o Mestre deveria saber.

Mestre. *A* palavra ecoou pela mente de C'baoth, disparando uma torrente de pensamentos e sentimentos. O Império queria que ele lutasse algumas batalhas... e o chamavam de Mestre também. Assim fizeram os habitantes de Wayland, cujas vidas controlara completamente antes que o Grande Almirante Thrawn viesse tentá-lo, prometendo seguidores Jedi.

Os habitantes de Wayland acreditavam no título. Os habitantes de Jomark ainda não estavam certos sobre o assunto. Os homens do Império não acreditavam no que diziam.

C'baoth torceu os lábios, num gesto de desprezo. Com toda a certeza, não acreditavam. Faziam com que ele combatesse pelo Império, dirigindo-o com a própria descrença que ele realizasse façanhas que não tentava há anos. Depois que ele provara ser capaz de realizar o impossível, ainda assim ficavam amarrados ao próprio preconceito, ocultando-o atrás daquelas criaturas chamadas ysalamiri, e aos estranhos espaços vazios que criavam na Força.

Contudo, ele sabia. Reparara nos olhares trocados pelos oficiais, e as breves discussões entre eles. Sentira a tensão na tripulação, submetendo-se à sua influência por ordem superior. Observara o capitão Aban sentado na cadeira de comando do *Belicoso*, gritando e blasfemando em sua direção, mas ainda assim chamando-o de Mestre. Esbravejou e reclamou enquanto C'baoth calmamente impunha seu castigo à nave da Rebelião que ousara atacar sua nave.

O mensageiro estava aproximando-se do Alto Castelo, e C'baoth usou a Força para trazer sua túnica até o leito. Levantou-se, sentindo uma leve vertigem. Sim, fora muito cansativo tomar conta dos artilheiros do *Belicoso* para liquidar a nave atacante. Ultrapassara seus esforços anteriores em termos de concentração, e as dores mentais que estava sofrendo eram o resultado direto desse esforço.

Amarrou o cordão do roupão à cintura, refletindo. Fora difícil, porém, ao mesmo tempo, compensador. Em Wayland, chegara a controlar completamente uma cidade-estado, com uma população muito maior do que a de todos os vilarejos de Jomark juntos. Só que lá, há muito tempo não precisava utilizar a Força para impor sua vontade. Os humanos e psadans haviam se submetido à sua autoridade antes, e mesmo os myneyrshi, com certa relutância, aprenderam a

obedecer suas ordens sem questionar.

O Império, assim como a população de Jomark, teriam de passar pelo processo do aprendizado.

Quando o Grande Almirante Thrawn trouxera C’baoth para seu lado, deixara implícito que há muito ele não enfrentava um desafio verdadeiro. Talvez o próprio Grande Almirante acreditasse que o desafio de dirigir uma guerra do Império fosse demais para um simples Mestre Jedi.

C’baoth sorriu na escuridão. Se era essa a opinião do Grande Almirante de olhos vermelhos, ele teria uma surpresa. Porque quando Luke Skywalker finalmente chegasse, C’baoth enfrentaria talvez o desafio mais sutil de toda a sua vida: submeter e moldar outro Jedi à sua vontade, sem que ele se desse conta disso.

E quando obtivesse sucesso, seriam dois... quem poderia prever o que seria possível, a partir daí?

O mensageiro apeara do bípede peludo e estava em pé em frente ao portão naquele instante, preparando-se para aguardar o Mestre, sem importar-se quanto tempo essa espera pudesse representar. Isso era bom: era a atitude certa. Depois de dar o nó apropriado na faixa que fechava a túnica, C’baoth percorreu o verdadeiro labirinto de aposentos escuros que levava até a porta de entrada, para saber o que os aldeões julgavam tão importante.

7

Com a suavidade que sempre parecia deslocada num ser com o seu tamanho, Chewbacca manobrou o *Falcon* para a órbita escolhida sobre a luxuriante lua verde de Endor. Respirando pesadamente, desligou a energia e cortou os motores, deixando-os em posição de prontidão.

Sentada ao lado, no assento do co-piloto, Leia suspirou quando um dos gêmeos se moveu, no interior da barriga.

— Parece que Khabarakh ainda não chegou — disse ela, percebendo o quão supérfluo fora o comentário.

Estivera observando os sensores desde o momento em que saíram da velocidade da luz; como não localizaram outras naves no sistema, não havia chance que pudessem ter deixado de vê-lo. Porém, com o rugido dos motores transformado num murmúrio, o silêncio parecia estranho e até um pouco tenebroso.

Chewbacca rosnou uma pergunta.

— Acho que temos de esperar — respondeu Leia, dando de ombros. — Na verdade, chegamos um dia adiantados... foi mais rápido do que eu esperava.

O wookie voltou-se para o console, fornecendo sua explicação para a ausência do noghri.

— Pare com isso. Se ele resolvesse armar uma armadilha nesse encontro, não acha que teriam um par de destróieres e um cruzador interceptador esperando por nós?

— Alteza? — chamou a voz de Threepio do túnel de manutenção. — Desculpe incomodar, mas acho que descobri a falha no sistema carbanti de contramedidas. Poderia pedir a Chewbacca para vir até aqui um instante?

Leia arqueou as sobrancelhas ao olhar para o wookie. Como sempre, alguns equipamentos do *Falcon* haviam deixado de funcionar desde a partida de Coruscant. Cheio de reparos importantes a realizar, Chewbacca designara o trabalho não prioritário do sistema carbanti a Threepio. Leia não fizera objeção alguma, embora não esperasse muito, levando em conta os resultados obtidos da última vez que o dróide trabalhara no *Falcon.*

— Ainda vamos transformá-lo num dróide-mecânico — comentou ela.

— Sem dúvida é sua influência.

Chewbacca exprimiu sua opinião enquanto se levantava do assento do piloto para ver o que Threepio encontrara. A porta da cabine abriu e fechou atrás de Leia, parecendo ainda mais silenciosa.

— Estão vendo aquele planeta ali, meus amores? — disse ela, esfregando o ventre. — E Endor. Onde a Aliança Rebelde finalmente conseguiu seu triunfo sobre o Império e a Nova República começou.

Ou pelo menos, corrigiu silenciosamente, era o que a história diria, no futuro. Que a morte do Imperador ocorrera em Endor, sendo o restante apenas pano de fundo.

Um pano de fundo que até agora durara cinco anos. E poderia durar mais vinte, da forma como as coisas corriam.

Deixou que os olhos pousassem sobre o mundo manchado de verde brilhante girando devagar abaixo dela, imaginando por que escolhera esse local para seu encontro com Khabarakh. Era verdade, tratava-se de um sistema que praticamente todos na Galáxia conheciam, tanto na República quanto no Império. E com os planos militares afastados dali há muito, tratava-se de um lugar sossegado para o encontro de duas naves.

Porém, ali existiam lembranças, algumas delas desagradáveis para Leia. Antes de triunfarem, haviam perdido praticamente tudo.

Do interior do túnel, Chewbacca rosnou.

— Espere um pouco, vou verificar — respondeu ela, inclinando-se sobre o painel e acionando uma tecla. — Módulo em prontidão. Espere um pouco, agora diz "sistema pronto". Quer que eu...

Sem aviso, uma espécie de cortina negra toldou sua visão.

Vagarosamente, tornou-se consciente de uma voz metálica chamando.

— Alteza — repetia a voz. — Alteza. Pode me ouvir? Por favor, responda. Pode me ouvir?

Abriu os olhos, surpresa por estarem cerrados e deparou com Chewbacca inclinado sobre ela com um *medpack* na mão, à frente de Threepio, agitado como um pássaro nervoso.

— Estou bem. O que aconteceu?

— Você gritou por socorro — explicou o dróide antes que Chewbacca pudesse dizer algo. — Pelo menos pensamos ter escutado um grito de socorro. Algumas coisas eram incoerentes.

— Não duvido — afirmou ela, começando a lembrar-se, como se algumas nuvens saíssem da frente da lua. Sentira ameaça, raiva e desespero. Voltou-se para o wookie. — Você não sentiu nada, sentiu?

Ele rosnou uma breve negativa e observou-a, cheio de cuidados.

— Também não senti nada — declarou Threepio. Leia sacudiu a cabeça.

— Não sei o que pode ter sido. Num minuto eu estava sentada aqui e logo depois...

Interrompeu-se, ao identificar uma possibilidade horrível.

— Chewie, onde estamos orbitando? Por acaso nossa trajetória passa pelo lugar onde a Estrela da Morte explodiu?

O wookie rugiu, largou o *medpack* e teclou alguns dados. A resposta apareceu quase no mesmo instante.

— Há cinco minutos — murmurou Leia, impressionada. — Coincide perfeitamente, certo?

Chewbacca concordou, depois grunhiu uma pergunta.

— Na verdade, não sei — respondeu ela. — Parece algo que Luke passou... durante o treinamento Jedi. — Lembrou-se de que ele queria manter secreto o ocorrido em Dagobah. — Mas ele teve uma visão. E tudo o que eu senti, foi... não sei explicar. Era uma onda de raiva e amargura; mas ao mesmo tempo uma espécie de tristeza profunda... não, a palavra certa não é tristeza — corrigiu Leia, sentindo as lágrimas aflorando aos olhos. — Não sei explicar. Escutem, vocês dois. Estou bem. Podem voltar ao que estavam fazendo.

Chewbacca, obviamente não convencido, rugiu. Mas calou-se, largou o *medpack* e saiu. Com a palavra wookie para sutileza, deixou a porta aberta antes de desaparecer nos corredores de manutenção.

— Você também — disse Leia a Threepio. — Ainda tem trabalho a fazer por lá. Estou bem. De verdade.

— Muito bem... Alteza — concordou o dróide, não mais convencido do que Chewbacca. — Se é isso que quer...

— E o que quero.

Threepio hesitou um instante, depois retirou-se da cabine. E o silêncio voltou a reinar. Porém, de alguma forma, era um silêncio mais espesso e tenebroso. Leia cerrou os dentes.

— Não vou me deixar intimidar. Nem aqui, nem em lugar nenhum — disse em voz alta.

O silêncio continuou. Depois de um minuto, Leia esticou a mão para o painel e definiu uma pequena alteração de curso, suficiente para que não cruzassem outra vez o ponto onde o Imperador morrera. Recusar-se a ser intimidada não incluía procurar problemas.

Afinal de contas, não havia nada a fazer, a não ser esperar. E imaginar se Khabarakh viria mesmo.

A parte superior da cidade de Ilic aparecia através das árvores da floresta espessa que sufocavam a cidade. Han achou que vista do espaço, a cidade parecia um robô prateado com um domo transparente na cabeça, afundando num mar de areia movediça verde.

— Alguma idéia de como aterrissamos nessa coisa? — indagou ele.

— Provavelmente através daquelas aberturas no topo — respondeu Lando,

apontando o local no monitor principal do *Lucky Lady.* — São grandes o suficiente para deixar passar qualquer coisa abaixo de um transporte classe-W.

Han assentiu, os dedos apertando o couro macio do braço do assento do co-piloto. Não existiam muitas coisas na Galáxia capaz de deixá-lo nervoso, mas ter de ficar ao lado de alguém que fazia um pouso difícil era uma delas.

— Esse é um lugar mais louco do que aquela Cidade Nômade que você tem — resmungou ele.

— Concordo inteiramente — disse Lando, ajustando a altitude vários segundos depois do que Han teria feito. — Pelo menos em Nkllon não temos de nos preocupar em sermos devorados por alguma planta exótica. Na última contagem, haviam cerca de oito cidades nessa parte de New Cov, e mais duas em construção. Uma questão de economia.

Han fez uma careta. Tudo por causa daquelas plantas esquisitas. Mais precisamente, das biomoléculas extraídas das árvores. Os nativos pareciam acreditar que valia a pena viver em cidades blindadas, tamanhos os lucros obtidos. Ninguém sabia o que as plantas achavam de tudo aquilo.

— Mesmo assim, é um planeta maluco — insistiu ele. — Cuidado! Aqueles tubos têm comportas magnéticas nos orifícios de entrada.

— Quer relaxar um pouco? Sabe, eu já pilotei algumas vezes...

— Humm — respondeu Han, cerrando os dentes para controlar-se.

Não foi tão ruim quanto ele esperava. Lando conseguiu autorização do Controle e conduziu o *Lucky Lady* com habilidade razoável por um dos túneis de entrada, seguindo o tubo curvado para baixo, até uma área de pouso circundada por luzes brilhantes, logo abaixo do domo de aço transparente que se erguia sobre as muralhas da cidade. A inspeção alfandegária não passou de um mero cumprimento de formalidades, porém, dada a dependência econômica das exportações, com certeza a verificação seria rigorosa na saída. Foram oficialmente recepcionados por um relações públicas ostentando um sorriso profissional, de quem receberam um cartão de dados com o mapa da cidade e da área adjacente. Depois, foram liberados.

— Até que não foi tão difícil — comentou Lando, enquanto ambos desciam a rampa espiralada do espaçoporto. A cada saída, estavam os níveis do mercado, administrativo, e áreas de moradia da cidade. — Onde vamos encontrar Luke?

— Mais três níveis abaixo, num dos bairros de diversões — informou Han. — A biblioteca Imperial não tinha muitos detalhes sobre esse planeta, mas mencionava um pequeno bar chamado Mishra, uma versão menor do velho teatro Grandis Mon, em Coruscant. Fiquei com a impressão de que era um ponto de encontro entre os figurões locais.

— Parece um bom lugar para a gente se encontrar — concordou Lando, olhando de soslaio para o companheiro. — Muito bem, está pronto para me contar o truque?

— O truque? Que truque?

— Pare com isso, seu velho pirata. Você me apanhou em Sluis Van, pediu uma carona para New Cov, mandou Luke na frente para esse encontro de espionagem tipo capa-e-espada... e espera que eu vá acreditar que agora vamos nos despedir e vai me deixar voltar para Nkllon?

Han olhou para o amigo da forma mais magoada que conseguiu.

— Como pode pensar uma coisa dessas, Lando?

— Qual é o truque, Han? Basta me dizer o que está escondendo.

— Não existe truque nenhum, Lando. Pode partir para Nkllon na hora que quiser — disse ele, de forma teatral. Depois assumiu um ar casual: — Naturalmente, se você ficar e nos der uma ajudazinha, talvez possa negociar aqui alguma matéria-prima que você tenha em excesso. Como talvez, uma partida de hfredium ou algo parecido.

Mantendo o olhar à frente, sentiu o olhar fixo de Lando.

— Luke andou conversando com você, não foi? Han deu de ombros.

— Talvez ele tenha mencionado o assunto.

— Vou estrangular esse nosso amigo. Jedi ou não, vou estrangulá-lo com minhas próprias mãos.

— Que é isso, Lando? Você fica por aqui algum tempo, escuta o papo de algumas pessoas, talvez consiga uma ou duas informações sobre os assuntos de Fey'lya por aqui, e só. Pode ir para casa, continuar sua mineração, e nunca mais incomodamos você.

— Já escutei essa história antes — retrucou Lando, com a voz resignada.

— Por que você acha que Fey'lya tem contatos em New Cov?

— Porque durante a guerra, esse foi o único lugar que os bothan se preocuparam em defender...

Han interrompeu-se, agarrando o braço do amigo e voltando-o para a coluna central da grande rampa espiralada.

— O que...

— Quieto! — sibilou Han, tentando ocultar o rosto, sem deixar de observar o personagem que avistara descendo a rampa. — Aquele bothan ali, ao lado esquerdo. Está vendo?

— O que tem ele? — quis saber Lando, olhando dissimuladamente na direção indicada.

— É Tav Breil’lya. Um assessor importante de Fey'lya.

— Está brincando. Como sabe?

— Aquele colar que ele está usando. Algum tipo de símbolo familiar ou tribal. Vi esse colar dezenas de vezes nas reuniões do Conselho.

Han tentou raciocinar. Se realmente era Breil’lya, era preciso descobrir o que ele estava fazendo ali, uma informação que poderia poupar bastante tempo. Porém Luke devia estar aguardando por eles naquele instante. Colocou o cartão e sua prancheta de leitura na mão de Lando.

— Vou seguir Breil’lya — anunciou Han. — Você vai até o Mishra, pega Luke, e os dois me alcançam depois.

— Mas...

— Se não estiver comigo em uma hora, eu chamo pelo comunicador — interrompeu Han, caminhando na direção tomada pelo bothan. — Não me chame. Posso estar em algum lugar onde não gostaria de ouvir um sinal soando.

Voltou-se e apressou o passo.

— Boa sorte! — ouviu Lando desejar, às suas costas. Havia um bom número de alienígenas entre os humanos que andavam por Ilic, porém o pelo bege de Breil'lya sobressaía na multidão, tornando-o fácil de seguir. Se Han reconhecera o bothan, ele provavelmente poderia fazer o mesmo, e seria arriscado aproximar-se demais.

Felizmente, o assessor de Fey'lya nem ao menos considerava a possibilidade de alguém segui-lo. Mantinha um andar constante, sem voltar- se ao passar pelas lojas, ruas apinhadas, e praças, dirigindo-se para a parte externa da muralha. Han acompanhou-o, desejando não ter passado o mapa da cidade a Lando. Seria bom ter uma idéia sobre onde iam.

Passaram por um último átrio e atingiram uma série de estruturas, que compunham um enorme mural, ocupando toda a parte interna da muralha. Breil’lya aproximou-se de uma das construções e desapareceu pela porta da frente.

Han postou-se num pórtico conveniente, cerca de trinta metros rua abaixo. A porta por onde o bothan entrara ostentava os dizeres: Transportes e Depósitos Ametista.

— Só espero que esteja no mapa — murmurou retirando o comunicador do cinto.

— Está — respondeu uma voz de mulher atrás dele. Han gelou.

— Oi — cumprimentou ele, numa tentativa amistosa.

— Oi. Pode virar-se. Bem devagar, claro — instruiu ela. Ele fez o que foi pedido, ainda segurando o comunicador.

— Se isto for um assalto...

— Não seja bobo.

A mulher era baixa e esguia, talvez dez anos mais velha do que ele, com o

cabelo grisalho cortado curto e um rosto magro, que em outras circunstâncias ele teria julgado amigável. O desintegrador apontado em sua direção era uma versão não familiar de um BlasTech DL-18, uma arma menos potente do que o seu DL-44, mas na situação em que se encontrava, não fazia muita diferença.

— Ponha o comunicador no chão — instruiu ela. — E já que vai abaixar mesmo, ponha o desintegrador também.

Em silêncio, Han agachou-se, sacando a arma com lentidão exagerada. Confiando em que a atenção dela estaria voltada para o desintegrador, aproveitou o gesto para ligar o comunicador. Depositou os dois objetos no chão e deu um passo para trás, para provar que conhecia o procedimento apropriado e saudável para prisioneiros.

— E agora?

— Você parece interessado em que eu chegue perto — observou ela, abaixando para pegar os objetos. — Talvez queira também uma excursão com guia.

— Seria ótimo — disse Han, levantando as mãos e esperando que não lembrasse de verificar o comunicador.

Na verdade ela nem olhou para o aparelho. Mas não se esqueceu de desligá-lo.

— Acho que devo me considerar insultada. Esse deve ser o truque mais antigo da Galáxia.

Han deu de ombros, determinado a manter um mínimo de dignidade.

— Não tive tempo de pensar em nada melhor.

— Desculpas aceitas. Vamos indo. E abaixe as mãos... não queremos nenhum transeunte inocente reparando em nós, certo?

— Claro que não — concordou Han, fazendo o que fora pedido. Estavam a meio caminho da transportadora Ametista, quando, ao longe, uma sirene começou a soar.

Observando o interior do Mishra, Luke imaginou sua presença ali como uma espécie de repetição invertida da visita à cantina de Mos Eisley, em Tatooine, quando ainda não era um Jedi.

Na verdade, Mishra estava a anos-luz de distância do decadente estabelecimento em Tatooine e apresentava uma clientela mais refinada.

Porém o bar e as mesas estavam cheios com o mesmo tipo de mistura entre humanos e alienígenas, e tanto os sons quanto a conversa possuíam uma ampla variedade. O conjunto musical, a um canto, estava tocando canções similares, pertencentes a um estilo evidentemente criado para agradar várias raças.

Havia ainda outra diferença. Mesmo apinhado como estava o local, os freqüentadores deixaram um espaço considerável ao redor de Luke.

Ele tomou um gole de sua bebida, uma variante local do chocolate quente que Lando o ensinara a apreciar, com um toque de hortelã. Olhou para a entrada. Han e Lando estavam apenas duas horas atrás dele, o que significava que podiam chegar a qualquer minuto. Pelo menos era o que esperava. Compreendera os motivos para que as duas naves chegassem separadas a Ilic, mas com todas as ameaças do Império contra a Nova República, não podiam dar-se ao luxo de desperdiçar tempo. Tomou outro gole...

E atrás dele soou um grito.

Luke voltou-se, a mão partindo por reflexo para o sabre-laser no cinto, enquanto o som de uma cadeira se espatifando completou o quadro. A cinco metros, no meio de um círculo de espectadores imóveis, um barabel em pé e um rodian ainda sentado defrontavam-se, ambos empunhando desintegradores.

— Não são permitidos desintegradores! Não são permitidos desintegradores! — articulou um dróide-garçom SE4, rodando na direção da confusão.

Num átimo de segundo, o barabel girou a pistola e arrebentou o dróide, com um tiro certeiro. A seguir voltou a arma para seu contendor.

— Ei! — reclamou o dono, atrás do balcão. — Isso vai custar...

— Cale a boca! O rodian vai pagar por isso. Depois que pagar a mim.

O rodian levantou-se, ainda assim ficando cerca de meio metro abaixo do adversário. Reclamou numa linguagem estranha, que Luke não entendeu.

— Mentiroso! — rosnou o barabel. — Você engana. Eu sei. O rodian disse alguma coisa.

— Você não gosta? — retrucou o barabel, com a voz cheia de desdém.

— Então chamar julgamento Jedi.

Todos os olhares no bar deixaram de observar o confronto. Em perfeito sincronismo, voltaram-se para Luke.

— O que foi? — perguntou ele, com cautela.

— Ele quer que você resolva a questão — explicou o *barman,* com voz aliviada.

Um alívio que Luke estava longe de sentir.

— Eu?

O homem olhou-o de forma estranha.

— Você é o Jedi Luke Skywalker, não é? — indagou ele, apontando o sabre-laser.

— Sou.

— Pois então — concluiu o homem, realizando um gesto em direção à contenda.

O fato, porém, é que Jedi ou não Jedi, ele não possuía um pingo de

autoridade ali. Abriu a boca para explicar isso ao *barman,* e...

Reparou no fundo dos olhos dele.

Vagarosamente, voltou-se, as desculpas ainda encravadas na garganta. Viu que não se tratava apenas do *barman.* Todos no recinto olhavam para ele com a mesma expressão. Um olhar de expectativa e confiança.

Confiança no julgamento de um Jedi.

Respirou fundo e ordenou ao coração disparado que diminuísse o ritmo. Caminhou na direção do confronto. Ben Kenobi lhe mostrara a Força. Yoda o ensinara como utilizá-la para autocontrole e autodefesa. Nenhum deles o havia ensinado coisa alguma sobre servir de mediador em disputas.

— Muito bem, a primeira coisa que vão fazer, os dois, é deixar as armas de lado.

— Quem primeiro? — indagou o barabel. — Rodian é mau. Se eu larga arma, ele atira.

Aquilo prometia um começo conturbado. Suprimindo um suspiro, Luke acionou o sabre laser, de forma que a lâmina luminosa ficasse entre os desintegradores.

— Aqui ninguém vai atirar em ninguém — disse ele, sério. — Guardem as armas.

Em silêncio, o barabel obedeceu. O rodian hesitou um segundo a mais, depois seguiu o exemplo do outro.

— Agora me contem qual foi o problema — pediu Luke, desativando a lâmina, mas mantendo o cabo em posição.

— Ele contrata eu para trabalho — começou o barabel, apontando um dedo queratinoso para o rodian. — Eu faz trabalho. Ele não paga eu.

O outro irrompeu numa série de sons guturais.

— Um minuto. Você vai ter sua vez de falar — avisou Luke, imaginando como iria resolver o assunto. — Que tipo de trabalho era?

— Ele pede para caçar ninho de animal na nave — explicou o barabel.

— Animal incomoda nave pequenas... come o casco. Eu faz o que ele pede. Queima ninho de animal, ganha dinheiro. Mas ele paga eu com dinheiro não- bom — concluiu ele, apontando uma pilha de lascas metálicas douradas.

Luke apanhou uma. Era pequena e triangular, com padrões intrincados de linhas ao centro, ostentando um pequeno 100 em cada canto.

— Alguém já viu esse dinheiro antes?

— E a nova moeda do Império — disse um sujeito com ar de executivo, em tom de desagrado. — Só se pode gastar nos mundos e estações do Império.

Luke fez uma careta. Era mais um lembrete supérfluo de que a guerra pelo controle da Galáxia estava longe de terminar.

— Você avisou antes que iria pagar desta forma? — perguntou ele ao rodian.

O outro respondeu algo em sua própria língua. Luke olhou ao redor para ver se havia alguém capaz de traduzir, pois não queria perguntar. Poderia perder prestígio.

— Ele disse que foi a forma como ele recebeu o pagamento — traduziu uma voz conhecida. — Disse que discutiu mas foi obrigado a aceitar.

Luke voltou-se para deparar com Lando abrindo caminho para a frente da multidão.

— E assim que o Império tem feito negócios ultimamente — avisou alguém na multidão. — Pelo menos por aqui.

O barabel voltou-se na direção do outro.

— Não quero julgamento seu. Quero julgamento Jedi.

— Muito bem, calma — pediu Luke, tentando raciocinar. Se aquela fora a maneira como o rodian fora pago... — Existe alguma forma de trocar esse dinheiro por algum outro?

O rodian disse alguma coisa.

— Ele disse que não — traduziu Lando. — Você pode comprar bens e serviços nos mundos do Império, mas como ninguém aceita na Nova República, não existe taxa de câmbio.

Luke não tinha a experiência de Lando em operações escusas, mas também não se julgava simplório.

— Muito bem. Então qual é a taxa *não-oficial?*

— Não tenho idéia. Mas deve ter alguém aqui que trabalha dos dois lados... — respondeu Lando, observando a multidão. Elevou a voz: — Alguém aqui faz negócios com o Império?

Se existia alguém, não se manifestou.

— São tímidos, não? — comentou Luke.

— Eu também seria tímido para admitir que trabalho para o Império — disse Lando.

Luke assentiu, estudando o focinho em forma de anta do ro-dian, abaixo dos olhos multifacetados. Esperava poder simplificar o problema e não ter de pronunciar sentença alguma. Agora não tinha alternativa senão concluir que o rodian tentava lesar o outro.

Fechando os olhos, ordenou sua mente e projetou os sentidos. Tratava-se de um tiro no escuro, mas a maioria das espécies, sob tensão, apresentava mudanças psicológicas sutis. Se o rodian estivesse mentindo sobre o pagamento e se achasse que as habilidades do Jedi não poderiam apanhá-lo, talvez reagisse o suficiente para incriminar-se.

Mas enquanto Luke aplicava as técnicas de realce sensorial, algo mais chamou sua atenção. Era um odor: um aroma de tabaco carababba e armudu. A mesma combinação que Lando detectara em sua manga, nos estaleiros espaciais de Sluis Van...

Abriu os olhos e olhou para a multidão.

— Niles Ferrier. Dê um passo à frente, por favor.

Lando prendeu a respiração à menção do nome. O silêncio reinou, até que um movimento, no canto, indicou que alguém se adiantava. Tratava-se de uma figura corpulenta e familiar.

— O que quer? — indagou Niles Ferrier, a mão repousando sobre o coldre do desintegrador.

— Preciso da taxa não-oficial entre a moeda do Império e da Nova República — disse Luke. — Achei que você devia saber, não sei porquê.

— Esse problema é seu, Jedi. Me deixe de fora — retrucou o criminoso, sem esconder seu desprezo.

Houve uma agitação na multidão. Luke não respondeu, mas sustentou o olhar de Ferrier. Depois de um instante, o outro resmungou:

— Da última vez que fiz negócio com o outro lado, acertamos uma taxa de conversão de quatro moedas do Império para cinco da Nova República.

— Obrigado, acho que isso responde ao que perguntei — disse o Jedi, voltando-se para o rodian. — Pague o trabalho com moeda da Nova República, na proporção de quatro para cinco e livre-se do dinheiro do Império na próxima vez que trabalhar no território deles.

O rodian argumentou em sua língua estranha.

— E mentira! — gritou o barabel.

— Ele diz que não tem o suficiente em moeda da Nova República — traduziu Lando. — Conhecendo essa raça, acho que concordo com o barabel.

— Pode ser que sim, pode ser que não — observou Luke, encarando os olhos divididos do rodian. — Mas existe outro jeito.

Olhou para Ferrier, as sobrancelhas arqueadas numa interrogação.

— Nem pense nisso, Jedi — avisou Ferrier.

— Por que não? Você trabalha em ambos os lados da fronteira. E mais provável que consiga gastar o dinheiro imperial do que o barabel.

— Suponha que eu não queira. Suponha que eu não tenha planos de voltar tão cedo. Resolva esse assunto você mesmo, Jedi. Não te devo favor nenhum.

— Fala com respeito — avisou o barabel. — Ele Jedi. Você fala com respeito.

Um murmúrio de aprovação elevou-se da multidão.

— E melhor fazer o que ele diz — aconselhou Lando, olhando para Niles.

— Acho que não deseja entrar numa luta aqui, especialmente com um barabel. Eles sempre tiveram uma certa preferência pelos Jedi.

— Cozidos ou assados? — retrucou Ferrier.

Luke percebeu que os olhos do contrabandista barbado percorriam a multidão, e sentiu a mudança na disposição dele, ao reparar que ninguém compartilhava de sua prevenção contra os Jedi.

Talvez tivesse raciocinado e compreendido que estava atraindo mais atenção do que seria desejável. Luke esperou, certo de que a decisão acabaria a seu favor.

Quando aconteceu, foi muito rápido.

— Certo, mas a taxa vai ser de três para cinco — concordou ele. — A taxa de quatro para cinco foi pura sorte... não sei se vou consegui-la outra vez.

— Eu enganado — protestou o barabel. — Mereço mais do rodian.

— E verdade — concordou Luke. — Mas do jeito que as coisas estão, esse é provavelmente o melhor que vai conseguir. Se ajudar alguma coisa, lembre que vai poder avisar o resto do seus para não fazer negócio com esse rodian. Se ele não puder contratar nenhum caçador barabel, vai ser mais prejudicado a longo prazo do que você agora.

O estranho estalar produzido foi o equivalente à risada do barabel.

— Jedi fala verdade. Castigo bom.

Luke preparou-se, pois o barabel não iria apreciar o que tinha a dizer:

— Não esqueça que precisa pagar o dróide que destruiu. O rodian, apesar do que fez, não é responsável por essa despesa.

O barabel encarou longamente Luke, os dentes, finos como agulhas, movendo-se de forma assustadora. O Jedi devolveu o olhar, preparando-se para um ataque.

— Jedi fala verdade — admitiu o alienígena, relutante, mas com sinceridade. — Eu aceita julgamento.

— Então o assunto está encerrado — declarou Luke, com um suspiro de alívio.

Olhou para Ferrier, depois levantou o sabre-laser, numa saudação aos litigantes e retornou ao lugar.

— Muito bom — comentou Lando, baixinho.

— Obrigado — disse Luke, sentindo a boca seca.

Havia funcionado, afinal... porém sabia que se tratara mais de sorte do que de habilidade. Se Ferrier não estivesse ali, ou se tivesse decidido não recuar, não tinha idéia de como teria resolvido a disputa. Leia, com seu fraquejo diplomático, teria se saído melhor; até mesmo Han, com sua longa experiência em barganhas, teria resolvido as coisas.

Era um aspecto da responsabilidade Jedi que ele nunca considerara. Porém era melhor começar a pensar no assunto, sem demora.

— Han está seguindo um assessor de Fey'lya, no nível quatro — informou Lando, enquanto ambos se dirigiam para a saída. .— Avistamos o tal bothan na rampa central de oeste e eu vim para...

Interrompeu-se, pois chegou até eles o uivo das sirenes.

— O que será isto? — indagou Luke.

Um dos donos do bar, ao lado, apurou os ouvidos. O tom das sirenes alterou-se, para uma freqüência mais alta.

— É uma patrulha — disse ele, por fim.

— Uma patrulha? — estranhou Luke, que não ouvira menções à atividades de pirataria naquela região. — Quem está patrulhando?

— Quem mais? O Império.

Luke olhou para Lando, cuja voz assumiu um tom urgente.

— Vamos indo.

Saíram do Mishra e caminharam pela grande avenida. Curiosamente, não havia sinal algum de pânico ou mesmo temor na rua. Ao contrário, os cidadãos de Ilic pareciam continuar os afazeres diários como se nada estivesse passando.

— Talvez ninguém tenha percebido o que está acontecendo — arriscou Luke, olhando para as rampas em espiral.

— Ou quem sabe eles tenham algum tipo de acordo com o Império — sugeriu Lando. — Talvez a liderança ache politicamente mais fácil alinhar- se com a Nova República, mas querem também manter as boas relações com o Império. Desde que não paguem uma taxa oficial de impostos, podem deixar o Império fazer essas patrulhas para retirar parte do estoque de biomoléculas refinadas. Já vi esse tipo de coisa em outros planetas.

— Só que desta vez o tiro pode sair pela culatra — comentou Luke.

— Como por exemplo, se tiverem encontrado o *Lucky Lady* e seu asa-X nos registros do espaçoporto?

— Exato. Onde você disse que Han está?

— Da última vez, ele se dirigia para oeste — afirmou Lando, sacando o comunicador. — Na verdade, ele pediu para não chamar, mas acho que temos uma emergência em andamento.

— Espere um pouco — pediu Luke. — E se ele estiver próximo ao assessor de Fey'lya? E se Fey'lya tiver algum tipo de acordo com o Império?

Lando praguejou.

— Tem razão. O que fazemos, então?

Haviam atingido a rampa e subiam pela larga espiral.

— Eu vou procurar Han. Você vai até o espaçoporto e tenta descobrir o

que está acontecendo. Se o Império ainda não aterrissou, talvez seja possível entrar no computador e apagar nossas naves do registro. Artoo pode ajudar, se você conseguir tirá-lo da minha nave e levá-lo a um terminal sem ninguém perceber.

— Vale a pena tentar.

— Certo. Suponho que o *Lucky Lady* esteja equipado com o servo-controle acionado à distância sobre o qual comentou em Nkllon?

Lando negou com um gesto de cabeça.

— Minha nave tem um piloto remoto, mas é apenas um controle simples, para chegar até onde estou. Nada mais complexo do que poucas manobras e navegação em linha reta. Não seria capaz de chegar até onde estamos agora, no meio de uma cidade fechada como esta.

Mesmo que isso fosse possível, não adiantaria nada. A única maneira de sair dali seria através da tubulação de acesso, ou então fazendo um belo buraco no domo de aço transparente.

— Foi só uma idéia...

— Foi aqui que deixei Han — disse Lando, apontando. — Ele seguiu naquela direção.

— Certo. Vejo você daqui a pouco. Tenha cuidado — avisou Luke, tomando a direção indicada.

— Você também.

8

A mulher grisalha levou Han para uma sala com aparência de um pequeno escritório no prédio da Ametista, entregando-o aos cuidados de dois guardas não uniformizados e desapareceu com sua identidade, o comunicador e o desintegrador. Han tentou conversar com os guardas, mas não obteve resposta e dispôs-se a esperar, escutando as sirenes do lado de fora, até que a captora retornasse.

Veio acompanhada por outra mulher, mais alta, com uma inequívoca aura de autoridade.

— Bom dia — cumprimentou com um gesto de cabeça. — Capitão Han Solo?

Como trazia a identidade apreendida na mão, não fazia muito sentido discutir.

— Isso mesmo.

— Estamos honradas por sua visita — afirmou ela, com voz educada e uma ponta de sarcasmo. — Embora tenha nos apanhado de surpresa.

— Não sei por quê. Vocês é que tiveram a idéia de me fazer uma surpresa — disse Han. — Sempre apanham as pessoas na rua desse jeito?

— Só as especiais — argumentou ela, levantando as sobrancelhas. — Quer nos dizer quem é, e quem o enviou?

— Como assim? Você está com minha identidade na sua mão.

— E verdade, mas existe uma certa dúvida quanto à autenticidade dela — declarou a mulher, olhando para a porta, que se abria.

Tav Breil’lya entrou no aposento.

— Eu tinha razão — declarou o bothan, com o pelo arrepiado.

— E como eu disse assim que vi o documento. Trata-se de um impostor. Deve ser um espião do Império.

— O quê? — espantou-se Han com o rumo que a situação tomava. Olhou para o colar do bothan. Era mesmo Tav Breil'lya.

— Do que me chamou?

— Você é um espião do Império — confirmou Breil’lya. — Veio para destruir nossa amizade ou até mesmo para nos matar. E preciso destruí-lo, Sina. Antes que tenha chance de chamar nossos inimigos.

— Não vamos nos precipitar, assistente de conselheiro Breil'lya. Irenez está verificando — respondeu Sina, olhando a seguir para o prisioneiro. — Quer responder às acusações?

— Não temos o menor interesse em escutar as mentiras de um espião do Império — atalhou o bothan, antes que Han pudesse responder.

— Ao contrário. Por aqui, estamos interessados em muitas coisas — declarou Sina, estendendo a identidade na direção do prisioneiro. — Tem alguma outra prova de que seja você mesmo?

— Não importa quem seja — intrometeu-se Breil'lya outra vez, a voz alterada. — Ele a viu, e deve saber que temos negócios. O fato de pertencer ao Império ou à Nova República é irrelevante... são nossos inimigos e podem usar essa informação contra você.

— Então agora não importa mais a identidade verdadeira — comentou Sina com frieza. — Isso significa que não tem mais certeza se ele é impostor ou não?

O pelo do bothan arrepiou-se outra vez. Não era tão rápido de raciocínio quanto seu patrão.

— Parece muito com Han Solo — resmungou ele. — Mas uma dissecação vai determinar com certeza.

Sina sorriu. Compreendera tudo. Subitamente Han percebeu que o bothan também estava sendo testado. E pela expressão dela, Breil'lya falhara.

— Vou levar sua sugestão em consideração — afirmou ela. Ouviu-se um chamado do comunicador e Irenez apanhou o aparelho, falando em voz baixa. Depois escutou, falou outra vez e olhou para Sina.

— Notícias de mais um homem se aproximando. Constituição média, cabelo castanho-claro... — Irenez interrompeu-se e olhou para Breil'lya. — Carrega o que parece ser um sabre-laser.

Sina também olhou para o bothan.

— Acredito que esse fato termina nossa discussão. Irenez, peça aos nossos agentes para pedir que venha até aqui. Deixe bem claro que se trata de um *convite,* não de uma ordem. Depois devolva as coisas do capitão Solo.

— Sina voltou-se para o prisioneiro. — Minhas desculpas, capitão Solo. Gostaria que compreendesse nossa cautela. Em especial quando temos uma coincidência.

Ela fez um gesto em direção ao exterior e Han demorou algum tempo para perceber que a referência era à sirene.

— Não tem problema — agradeceu apanhando seus objetos. — Qual o motivo desse barulho todo, afinal?

— E uma patrulha do Império — esclareceu Irenez.

— Uma patrulha?

— Nada para se preocupar — garantiu Sina. — Eles vêm a cada dois meses e levam uma parte das biomoléculas refinadas preparadas para

exportação. E uma forma de taxação não oficial que nosso governo combinou com eles. Não se preocupe, nunca chegam até os níveis inferiores.

— Certo, mas desta vez vão mudar um pouco a rotina — disse Han, ligando seu comunicador. Esperou que alguém fosse impedi-lo, mas isso não aconteceu. — Luke?

— Estou aqui, Han. Minha acompanhante me disse que estou sendo conduzido até você. Está tudo bem?

— Só tivemos um pequeno mal-entendido. Mas é melhor se apressar... temos companhia.

— Certo.

Han desligou o aparelho. Sina e Irenez conversavam.

— Se vocês têm a esconder tanta coisa do Império, como Breil'lya insinuou, devem ter um lugar para esconder-se — observou ele.

— Nossa rota de fuga está pronta. A questão é o que fazer com você e seu amigo.

— Vocês não podem soltá-los — protestou Breil'lya, numa última tentativa. — Sabem muito bem que a Nova República não pode obter informações sobre vocês...

— Nosso comandante está sendo avisado — interrompeu Sina. — Ele vai decidir.

— Mas...

— Isso é tudo, assistente de conselheiro — cortou ela, com voz dura. — Reúna-se aos outros, junto ao elevador. Vai acompanhar-me até a nave.

Breil'lya lançou um olhar rancoroso para Solo, antes de sair, em silêncio.

— Quem é o comandante de vocês? — quis saber Han.

— Ainda não posso dizer — respondeu Sina, estudando-o. — Mas não se preocupe. A despeito do que Breil'lya disse, não somos inimigos da Nova República. Pelo menos, não no momento.

— Que bom...

Ouviram o som de passos no saguão. Alguns segundos mais tarde, acompanhado por dois jovens com as armas no coldre, Luke entrou no aposento.

— Han. Você está bem? — cumprimentou o Jedi, olhando de relance para Sina.

— Estou ótimo. Como disse, foi apenas um pequeno mal-entendido. Essa moça, Sina... — Han fez uma pausa, esperando que fornecesse o sobrenome.

— Vamos deixar Sina, por enquanto.

— Certo — concordou Han, resignado. — De qualquer forma, pensou que eu fosse um espião do Império. E por falar no Império...

— Eu sei. Lando subiu até o espaçoporto para ver se consegue tirar nossas

naves do computador de controle de vôo.

— Não vai dar tempo. Já devem ter visto a lista de naves na cidade.

— A menos que venham conosco — ofereceu Sina. — Temos bastante espaço em nossa nave, que está escondida.

— Não, obrigado. Lando não vai querer deixar o iate dele — recusou Han, não querendo colocar a segurança na mão deles, até que soubesse mais sobre as intenções do grupo.

— E eu preciso do meu dróide — completou Luke. Irenez voltou e entregou uma prancheta de leitura a Sina.

— Os soldados estão vindo para os níveis inferiores — informou ela. — E consegui falar com o comandante.

Sina concordou com um gesto de cabeça e voltou-se outra vez para Han.

— Há um tubo de manutenção aqui perto, que desemboca na parte oeste do espaçoporto. Duvido que os soldados do Império o conheçam, pois não aparece nos mapas da cidade. Irenez vai com vocês até lá e ajudará no que for necessário.

— Não precisa — declinou Han. Sina ergueu a prancheta de leitura.

— O comandante me instruiu para ajudar no que for possível — insistiu ela. — Gostaria que me deixassem cumprir as ordens.

Han olhou para Luke, que deu de ombros. Se havia alguma intenção traiçoeira na oferta, seus sentidos Jedi não captavam nada.

— Muito bem, pode vir conosco — decidiu Han. — Vamos embora!

— Boa sorte — desejou Sina, desaparecendo em seguida. Irenez fez um gesto em direção à porta que havia utilizado.

— For aqui, cavalheiros.

O tubo de manutenção era uma combinação de escadaria com turboelevador montado na muralha externa, cuja entrada era quase invisível no desenho do mural. O carro do elevador não estava e Han imaginou se ainda estaria transportando o grupo de Sina. Sem perda de tempo, começaram a subir as escadas.

Percorreram os três níveis que levavam ao espaçoporto. Porém, cada nível numa cidade vertical significava um longo lance de escadaria. Han parou de contar depois de cinqüenta e três degraus no primeiro lance. Quando finalmente atingiram a porta oculta no espaçoporto, suas pernas estavam tremendo e ele suava; Irenez nem ao menos tinha a respiração alterada quando se esconderam atrás de um volumoso analisador de defeitos.

— E agora? — indagou Luke, olhando ao redor.

Ele também não demonstrava cansaço.

— Precisamos encontrar Lando — disse Han, sacando o comunicador.

— Lando?

— Aqui — sussurrou o companheiro através do aparelho. — Onde estão?

— Na parte oeste do espaçoporto, a uns vinte metros do asa-X de Luke. E você?

— A noventa graus de vocês, para o sul. Estou atrás de uma pilha de caixas — respondeu Lando, ainda falando baixo. — Tem um soldado da tropa de assalto, a cerca de cinco metros da minha posição. Não posso sair daqui.

— Que tipo de encrenca espera? — indagou Han.

— Parece uma força de assalto completa. Vi três transportes chegarem e acho que havia mais um ou dois já no espaçoporto quando cheguei. Se todos estiverem lotados, o total de homens deve chegar a cento e sessenta ou duzentos homens. A maioria é de soldados comuns, mas vi alguns das tropas de assalto — informou Lando. — Aqui em cima não têm muitos... a maior parte desceu as rampas há alguns minutos.

— Provavelmente estão procurando por nós na cidade — disse Luke.

Han espiou por cima da máquina que servia para ocultá-los. O topo do asa-X de Luke era visível, acima do nariz de um transporte W-23.

— E... parece que Artoo ainda está na nave de Luke.

— Eu sei. Mas vi um certo movimento ali — declarou Lando. — Talvez tenham colocado um cinturão de segurança nele.

— Podemos lidar com isso — disse Han, observando os arredores. — Acho que é possível chegar até lá sem dar na vista. Você me disse que tinha um servo-controle adaptado no *Lucky Lady.* Pode usá-lo?

— Posso, mas não vai adiantar. Com todas essas caixas, não posso sair daqui sem que me vejam.

— Tudo bem — respondeu Han, com um sorriso torcido. — Você sai daí quando eu der o sinal.

Luke podia ter a Força e Irenez podia ser capaz de subir escadas sem se cansar, mas ele deixava os dois para trás em matéria de trapaça e truques sujos.

Desligou o comunicador.

— Vamos até o asa-X — disse ele a Luke e Irenez, depois de sacar a arma. — Estão prontos?

Recebeu duas afirmativas como resposta e com uma última olhada ao redor, os três avançaram tão rapidamente quanto possível, mantendo silêncio. Han atingiu o transporte W-23 sem incidentes e esperou que os outros o alcançassem.

— Shh! — avisou Luke.

Han ficou imóvel, pressionando o corpo contra a fuselagem escura e corroída. A menos de quatro metros de distância, um soldado das tropas de

assalto caminhava na direção deles.

Cerrando os dentes, Han levantou a arma. Enquanto realizava o movimento, viu com o canto dos olhos Luke fazendo um gesto na direção do inimigo. Repentinamente, o soldado do Império fez a volta e caminhou na direção oposta, com o desintegrador apontado para o chão.

— Ele acha que escutou um barulho — sussurrou Luke. — Vamos indo.

Han assentiu e deu a volta ao transporte. Alguns segundos mais tarde, os três estavam agachados embaixo do asa-X.

— Artoo — chamou Luke, olhando para cima. — Vamos lá, meu pequeno, acorde.

Ouviram um ruído eletrônico indignado do alto do caça, o que significava que o cinturão de segurança imperial não o havia desligado completamente, mas apenas bloqueado os sistemas de controle da nave.

— Muito bem, ative seu sensor de comunicação e fique pronto para gravar — instruiu Luke, recebendo um sinal como resposta.

— E agora? — quis saber Irenez.

— Agora *é* hora do show — disse Han, ligando novamente o comunicador. — Lando? Está pronto?

— Já nasci pronto — respondeu o outro.

— Ótimo. Quando eu der o sinal, ative seu controle e chame o *Lucky Lady.* Quando eu avisar de novo, desligue. Entendeu?

— Alto e claro. Espero que saiba o que está fazendo.

— Confie em mim. — Han olhou para Luke. — Já sabe o que vai fazer?

Luke ergueu o sabre-laser.

— Estou pronto.

— Muito bem, Lando. Agora!

Por um instante, que pareceu longo em demasia, nada aconteceu. Em seguida, através dos ruídos constantes no espaçoporto, os três ouviram o som de repulsorlifts em funcionamento. Levantando-se um pouco, Han viu o *Lucky Lady* elevando-se dentre outras naves estacionadas.

De algum lugar nas proximidades veio um grito de alarme, seguido pelo disparo múltiplo de baterias desintegradoras. Mais três armas abriram fogo, todas assestadas sobre o *Lucky Lady,* que girava a proa na direção de Lando.

— Seu amigo não vai conseguir chegar até lá — avisou Irenez.

— Assim que descobrirem o que está acontecendo, vão disparar sobre ele.

— É por isso mesmo que a nave não vai até lá — explicou Han, observando cuidadosamente o iate. Dentro de mais alguns segundos, todos os soldados estariam observando a nave de Lando. — Pronto, Luke... Agora!

Repentinamente, o Jedi deu a impressão de desaparecer, pois num único salto atingiu a cabine do asa-X. Acima dos outros ruídos, Han escutou o sibilar da lâmina luminosa sendo acionada e viu a luz esverdeada refletida pelas fuselagens ao redor. O brilho e o ruído mudaram sutilmente quando Luke cortou algo...

— Retirei o cinturão de segurança — anunciou ele, de cima.

— Agora?

— Ainda não — pediu Han. — Eu aviso quando. Fique pronto para interferir no controle.

— Certo — respondeu Luke.

O *Lucky Lady* percorrera cerca de um quarto do caminho até a parede mais distante, com dezenas de disparos atingindo a blindagem inferior. O asa-X balançou ligeiramente quando Luke ocupou a cabine e depois começou a aquecer os repulsorlifts.

O zunido não foi identificado no meio da confusão reinante. O *Lucky Lady* ia agora a meio caminho de seu percurso...

— Desligue, Lando! — comandou Han. — Artoo, assuma o controle e traga a nave para cá.

Com acesso completo aos transmissores do asa-X, foi uma tarefa simples para o dróide duplicar os sinais do servo-controle de Lando. O *Lucky Lady* parou no ar, voltou o nariz para a nova orientação e avançou na direção do pequeno caça.

Foi um movimento inesperado para os soldados do Império, por instantes os disparos cessaram por completo e os soldados pararam. Quando recomeçaram a perseguição ao iate, o *Lucky lady* estava perto do asa-X.

— Agora? — perguntou Luke.

— Agora. Pouse e abra espaço para nós — instruiu Han. Artoo emitiu um sinal afirmativo e o iate baixou para o solo, lentamente. Um grito de triunfo escapou dos soldados... porém foi um dos triunfos mais curtos da história espacial.

Sem aviso, o asa-X saltou para o ar. Realizando uma curva fechada ao redor do *Lucky Lady,* Luke abriu um verdadeiro corredor de destruição ao redor do iate, aproveitando a surpresa dos inimigos.

Dentro de algum tempo, os soldados conseguiriam reorganizar-se, porém Han não tinha intenção de permitir que isso acontecesse.

— Vamos! — gritou ele por sobre o ombro, correndo como um louco para o *Lucky Lady.*

Atingiram a rampa de embarque sem serem avistados pelo inimigo. Han

entrou na espaçonave antes que os soldados tivessem tempo de disparar.

— Fique aqui e cubra a entrada — gritou ele para Irenez, que vinha logo atrás. — Vamos apanhar Lando.

Luke ainda revoava sobre o iate, causando desespero aos adversários, quando Han se acomodou no assento do piloto. Vistoriou rapidamente os instrumentos e verificou que todos os sistemas pareciam prontos para operar. O que não estivesse, teria de funcionar enquanto se moviam.

— Segure em alguma coisa! — gritou ele para Irenez.

O soldado das tropas de assalto que Lando mencionara não se encontrava por perto quando o iate se aproximou da pilha de caixas. Luke permaneceu em volta deles, com os canhões das asas disparando incessantemente e fazendo um verdadeiro estrago, que mantinha os inimigos abrigados. Han baixou o *Lucky Lady* até meio metro acima do solo, com a rampa de entrada voltada para o esconderijo de Lando. Chegou a perceber um movimento rápido pela escotilha lateral da cabine...

— Ele entrou! Vamos embora! — avisou Irenez, da porta.

Han girou a nave, elevando ao máximo a potência dos repulsorlifts, flutuando à toda força para cima, na direção da tubulação de saída. Com um pequeno balanço, abriu o selo magnético, ao mesmo tempo que fechava a escotilha de entrada. No período de poucos segundos encontraram-se fora da cidade, ganharam a atmosfera e prosseguiram na direção do espaço aberto.

Quatro interceptadores TIE patrulhavam os arredores, para lidar com problemas eventuais. Só que não esperavam barulho tão cedo. Luke, que vinha na retaguarda, abateu três deles, e Han liquidou o quarto.

— Nada como viver perigosamente — comentou Lando, ofegante, entrando na cabine de comando. — Como estão as coisas?

— Parece que vem mais algumas naves por aí — respondeu Han, franzindo a testa. — O que você está fazendo?

— Estou fazendo uma análise de multisensores para deslocamento de ar. Isso mostra qualquer irregularidade no casco, como por exemplo se alguém aplicou qualquer tipo de "grampo" ou transmissor magnético à fuselagem — explicou Lando, examinando os monitores.

Han recordou-se da primeira fuga da Estrela da Morte, e o quase desastroso vôo para Yavin, levando um dispositivo de localização a bordo.

— Gostaria de ter um sistema desses no *Falcon.*

— Não iria funcionar — informou Lando. — Seu casco é tão irregular que o sistema ficaria maluco só para mapear o contorno de um grampo. Muito bem, estamos livres de transmissores.

— Ótimo. Estamos livres também das naves que possam nos perseguir.

Não podem mais nos alcançar.

— Aquele ali pode — afirmou Irenez, apontando para o monitor de alcance médio.

Havia um destróier interestelar do Império em órbita inferior, tomando posição para persegui-los.

Han praguejou e acionou a propulsão principal. Usá-la tão perto do solo não ia fazer muito bem para as plantas de New *Cov*, mas essa era a menor das preocupações no momento.

— Luke?

— Estou vendo — respondeu a voz do companheiro pelo alto-falante. — Tem alguma idéia além de fugir?

— Acho que fugir é uma ótima opção — declarou Han. — Lando?

— Estou calculando o salto — anunciou o companheiro, ocupado com o computador de bordo. — Devo acabar quando tivermos altura suficiente.

— Outra nave está se aproximando — avisou Luke. — Saindo do meio da floresta.

— E a nossa nave — informou Irenez, espiando sobre o ombro de Han.

— Pode estabelecer um curso paralelo mudando o rumo para cento e vinte e seis ponto trinta.

O destróier estelar ganhava velocidade agora e a tela mostrava uma esquadrilha de caças TIE à frente da poderosa espaçonave.

— Seria melhor a gente se separar — sugeriu Han.

— Não. Fiquem junto à nossa nave — aconselhou Irenez. — Sina diz que temos ajuda a caminho.

Han olhou novamente para a nave que subia em direção ao espaço aberto. Um pequeno transporte, com alguma velocidade, e quase nada além disso. Estimou a distância dos caças que se aproximavam...

— Vão chegar antes que a gente possa fazer o salto — murmurou Lando, externando o pensamento do companheiro.

— É. Luke, você está aí?

— Estou. Acho que Lando tem razão.

— Sei disso. Existe alguma forma de repetirmos aquele truque de Nkllon? Sabe o que estou dizendo... talvez mexer um pouco na cabeça dos pilotos?

O silêncio traduziu certa hesitação.

— Acho que não. Não creio que seja uma coisa boa para mim — respondeu Luke, por fim. — Entende?

Na verdade, Han não entendia, mas era o que menos importava. Por um instante, esquecera que não estava a bordo do *Falcon*, com canhões laser pesados, escudos de proteção e blindagem reforçada. A bordo do *Lucky Lady*,

apesar de todas as modificações que Lando fizera, não havia nada capaz de confundir os pilotos inimigos.

— Tudo bem, deixe para lá — disse ele a Luke. — E melhor que Sina esteja certa sobre essa ajuda.

As palavras mal haviam sido pronunciadas quando um clarão esverdeado passou pela cabine do *Lucky Lady.*

— Caças TIE vindo de bombordo — avisou Lando.

— Estão tentando nos interceptar — disse Luke, pelo comunicador. — Eu cuido deles.

Sem esperar resposta, o Jedi colocou o asa-X abaixo do *Lucky Lady* e aumentou a potência dos motores, derivando para a esquerda, na direção dos caças inimigos que se aproximavam.

— Se cuida, garoto — murmurou Han, verificando o monitor. Os inimigos se aproximavam rapidamente. Voltou-se para Irenez.

— Sua nave tem armas?

— Não, mas tem boa blindagem e bastante potência defletora — respondeu ela. — Talvez você deva ficar à frente, e deixar que eles suportem o ataque.

— Vou pensar nisso — disse Han, espantado com a ignorância dela em termos de combate no espaço.

Os interceptores TIE não se importavam com qual nave era atacada primeiro e se ficasse suficientemente próximo à outra espaçonave para aproveitar o escudo defletor, perderia toda a capacidade de manobrar. Tomar-se-ia um alvo fácil.

A esquerda, o grupo de caças TIE espalhou-se quando Luke irrompeu no meio da formação, o asa-X disparando sem cessar. A segunda onda de caças quase interceptou seu curso, porém Luke realizou uma curva de cento e oitenta graus, retornando à retaguarda da primeira esquadrilha. Han prendeu o fôlego ao observar a perigosa manobra, porém de alguma forma o amigo conseguiu passar incólume entre os dois grupos de inimigos, fazendo nova curva e partindo em ângulo perpendicular à trajetória do *Lucky Lady.* Foi perseguido de perto pela esquadrilha inteira de TIE.

— Bem, pelo menos desse grupo estamos livres — comentou Irenez.

Lando parecia preocupado.

— Você está bem, Luke?

— Fiquei um pouco tonto, mas agora tudo bem. Só que não vou poder voltar para perto de vocês — respondeu o Jedi.

— Nem tente isso — aconselhou Han. — Assim que estiver longe o bastante, passe para o hiperespaço e livre-se deles.

— E vocês?

Nesse instante o comunicador emitiu um ruído diferente.

— São eles. Nosso reforço chegou — avisou Irenez.

Han franziu a testa, examinando o monitor frontal. Não havia nada ali, a não ser estrelas...

Subitamente, em perfeita coordenação, três naves gigantescas saíram do hiperespaço em formação triangular, bem à frente do *Lucky Lady.*

— São antigos cruzadores Dreadnaught — exclamou Lando, incrédulo.

— São os nossos — informou Irenez. — Vamos para o centro do triângulo. Eles vão fornecer cobertura.

— Certo — concordou Han, alterando em alguns graus o curso da nave e tentando obter mais velocidade.

A Nova República possuía alguns cruzadores Dreadnaught, que impressionavam pelo tamanho de seiscentos metros. Ainda assim, como naves de combate, mesmo trabalhando em conjunto, teriam dificuldade para abater um destróier imperial.

Aparentemente, o comandante dos Dreadnaught partilhava dessa opinião. Ao mesmo tempo que o destróier perseguidor abria fogo com suas baterias turbolaser, os cruzadores começaram a disparar seus canhões iônicos, tentando sobrecarregar os sistemas da espaçonave atacante, para dar tempo aos fugitivos.

— Isso responde sua pergunta? — indagou Han a Luke, pelo comunicador.

— Acho que sim. Muito bem, vou indo. Onde nos encontramos?

— Não nos encontramos. Eu e Lando podemos dar conta da missão — respondeu Han. — Se toparmos com algum problema, entramos em contato através de Coruscant.

Suspeitava que Luke não iria apreciar a resposta, mas não podia evitar. Com uma dúzia de interceptores TIE entre o *Lucky Lady* e o asa-X, fornecer um ponto de encontro em comunicação aberta, ainda que fosse uma freqüência supostamente segura, seria um convite ao Império para aguardar com um comitê de recepção.

— Certo. Tomem cuidado vocês dois — respondeu Luke, a contragosto.

Sabia, porém, que não havia outra maneira.

— Até logo — despediu-se Han, fechando o canal de comunicação.

— Então agora é *minha* missão também? — disse Lando, numa mistura de resignação e aborrecimento. — Eu sabia...

O transporte de Sina já penetrara no triângulo formado pelos Dreadnaught e ainda acelerava. Han manteve o *Lucky Lady* tão próximo quanto possível da cauda da outra nave, sem correr o risco de queimar-se.

— Algum lugar especial onde queira ficar? — perguntou ele a Irenez, que observava a parte inferior do cruzador pelo qual passavam.

— Na verdade, nosso comandante esperava que você nos acompanhasse até a base.

Han olhou para Lando. A voz da passageira não implicava em nada além de uma sugestão.

— Seu comandante quer *muito* que a gente vá junto com ele? — quis saber Lando.

— Quer — disse ela, encarando os dois. — Mas não me entenda mal: não é uma ordem. Quando falei com ele, o comandante disse que gostaria muito de rever o capitão Solo.

— Rever? — espantou-se Han.

— Foram as palavras dele.

— Algum amigo que você nunca mencionou? — indagou Lando, trocando olhares com o companheiro.

— Não me lembro de nenhum amigo que tenha cruzadores Dreadnaught. O que você acha? — quis saber Han.

— Que não temos muitas opções. E além disso, quem quer que seja esse comandante, parece ter contato com seus amigos bothan. Se você quer saber o que Fey'lya está armando, pode perguntar a ele.

Han considerou o assunto. Lando tinha razão, naturalmente. por outro lado, tudo poderia ser uma armadilha, com essa conversa de velhos amigos servindo como isca.

Ainda assim, estando Irenez sentada atrás dos dois com um desintegrador, se ela resolvesse pressionar, não teriam muita escolha. O melhor era ser educado.

— Muito bem — decidiu ele. — Que rumo tomamos?

— Nenhum — respondeu ela, olhando para cima.

Han seguiu o olhar dela. Um dos três Dreadnaught que haviam passado mudou o rumo para ficar paralelo ao deles. A frente, a nave de Sina dirigia- se para um hangar bem iluminado, na parte inferior.

— Não diga nada, acho que posso adivinhar.

— Simplesmente relaxem e terão uma boa viagem — disse ela, em tom de aeromoça num vôo comercial.

— Certo — suspirou Han, espantado com o primeiro traço de bom humor exibido por Irenez.

Ainda com os clarões dos disparos atrás dele, o *Lucky Lady* manobrou para cima, em direção à área de acoplamento.

Luke não percebera qualquer traição em Sina, nem no pessoal da cidade.

Por outro lado, também não percebera nenhuma má intenção nos bimms de

Bimmisaari, antes do ataque dos comandos de pele escura.

Era melhor que dessa vez o garoto tivesse razão.

O primeiro Dreadnaught realizou seu pseudomovimento, ao passar para o hiperespaço, levando consigo o *Lucky Lady* e o transporte de Sina. Alguns segundos mais tarde, os outros dois cessaram o ataque contra o destróier, e através de uma chuva turbolaser das baterias inimigas, também passaram para a velocidade da luz.

Luke ficou sozinho. Exceto, pela esquadrilha de caças TIE que o perseguiam.

— Muito bem, Artoo, vamos indo.

Esticando o braço, acionou o controle dos hiperdrive. As estrelas transformaram-se em riscos luminosos e o asa-X penetrou no espaço multicolorido, onde estavam a salvo.

Luke respirou fundo, depois suspirou. Han e Lando haviam partido para onde quer que o tal comandante misterioso os tivesse levado, e na verdade não havia forma de segui-los sem as coordenadas. Pelo menos até que voltassem a comunicar-se.

Talvez fosse melhor assim.

Atrás dele, o dróide produziu uma série de ruídos.

— Não, não vamos voltar para Coruscant, Artoo — respondeu, com uma sensação de *déjà vu*. — Vamos para um planeta chamado Jomark. Para encontrar um Mestre Jedi.

9

Uma pequena nave de patrulha saiu do hiperespaço e aproximou-se algumas centenas de quilômetros do *Falcon,* antes que os sensores detectassem em sua presença. Quando Leia chegou à cabine de comando, o piloto fazia contato.

— É você, Khabarakh? — indagou ela pelo canal de comunicação já aberto, instalando-se ao lado de Chewbacca.

— Sim, Lady Vader — respondeu a voz felina e grave do noghri. — Vim sozinho, como prometi. Também está sozinha?

— Meu companheiro Chewbacca, veio como piloto — disse ela. — E também trouxe um dróide de protocolo. Gostaria de levar o dróide comigo para ajudar nas traduções. Chewbacca, conforme combinamos, fica na nave.

O wookie rugiu.

— Não! — retrucou Leia com firmeza, lembrando-se de fechar o canal para que o noghri não ouvisse. — Desculpe, mas foi o que prometi a Khabarakh. Você fica aqui no *Falcon* e isso *é* uma ordem.

Chewbacca rugiu outra vez, com maior insistência... e com um arrepio na nuca, Leia tornou-se consciente de algo que não considerara, em muitos anos de convivência. Um wookie era perfeitamente capaz de ignorar uma ordem, se quisesse. Teria de resolver aquilo com lógica e argumentos.

— Preciso ir sozinha, Chewie — insistiu ela, mantendo a voz calma. — Não entende? Foi esse o combinado.

Mais um grunhido. Leia balançou a cabeça, numa negativa.

— Não. Minha segurança não é mais uma questão de força. Minha única chance é convencer os noghri a confiar em mim. E quando faço promessas, gosto de cumpri-las.

— O dróide não representa problema — respondeu Khabarakh. — Vou me aproximar da sua nave.

Leia acionou o transmissor.

— Ótimo. Também pretendo levar uma mala com roupas e objetos pessoais. Se puder, gostaria de levar um sensor/analisa-dor para testar o solo e a água para saber se há algo potencialmente perigoso.

— O ar e a água onde vamos são bons.

— Acredito em você — declarou Leia. — Mas não sou responsável apenas pela minha segurança. Carrego duas novas vidas dentro de mim e preciso protegê-las.

— Herdeiros do Lorde Vader?

Leia hesitou. Ainda que não fosse correto, era geneticamente verdadeiro.

— Sim.

— Pode trazer o que desejar — afirmou o noghri. — Mas devo passar tudo pelos sensores. Alguma arma?

— Tenho meu sabre-laser. Existem animais perigosos em seu mundo para que eu precise levar um desintegrador?

— Agora não existem mais. Seu sabre-laser será aceitável.

Chewbacca rugiu algo maldoso, as garras aparecendo e se retraindo de forma involuntária. Leia percebeu que ele estava à beira de perder o controle... e talvez de lidar com a situação de uma forma diferente.

— Qual o problema? — indagou Khabarakh. Honestidade, disse ela a si mesma, antes de responder.

— Meu piloto não está gostando da idéia de que eu vá sozinha com você

— admitiu ela. — Ele tem uma... bem, você não entenderia.

— Ele tem uma dívida de vida para com você?

Leia piscou, surpresa. Jamais esperara que o noghri soubesse da dívida de vida dos wookies.

— Tem. A dívida original era para com meu marido, Han Solo. Durante a guerra Chewie estendeu-a a mim e ao meu irmão.

— E às crianças que carrega dentro de você? Leia olhou para Chewbacca.

— Sim.

Por um longo minuto, nenhum som chegou até eles. A nave-patrulha aproximava-se em velocidade uniforme. Leia apertou o descanso dos braços, no assento, imaginando o que o noghri estaria pensando. Se considerasse as objeções de Chewbacca como falha em cumprir o acordo...

— O código de honra wookie é similar ao nosso — declarou finalmente Khabarakh. — Ele pode vir com você.

Chewbacca rugiu, tão surpreso quanto ela. Logo tornou-se desconfiado.

— Preferia que dissesse que não pode vir? — argumentou Leia, aliviada por resolver a situação com tanta facilidade. — Vamos, resolva logo!

O wookie rugiu novamente, mas ficou claro que preferia entrar com ela numa armadilha do que deixar que fosse sozinha.

— Obrigada, Khabarakh, aceitamos. Estaremos prontos quando você chegar. A propósito, quanto tempo leva a viagem até o seu planeta?

— Quatro dias, mais ou menos — respondeu o noghri. — Aguardo a honra de sua presença em minha nave.

Quatro dias, pensou Leia, preocupada. Quatro dias para aprender tudo o que pudesse sobre Khabarakh e os noghri.

E para preparar-se para a missão diplomática mais importante de sua vida.

Ela acabou não aprendendo muita coisa sobre a cultura noghri. Khabarakh ficou a maior parte do tempo sozinho, dividindo o tempo entre a cabine de comando e suas acomodações. Ocasionalmente aparecia para conversar com Leia, mas a troca de informações era breve e deixavam a impressão nada confortável de que havia algo ambivalente na decisão de levá-la a seu planeta natal. Quando fizeram o acordo, em Kasyyyk, no mundo wookie, Leia sugerira que o noghri discutisse o assunto com seus amigos ou confidentes; ao se aproximarem do final da viagem, o nervosismo à flor da pele, começou a perceber pequenos detalhes, indicando que não fizera isto. A decisão de trazê-la consigo fora exclusiva dele.

Não se tratava, na maneira de Leia encarar as coisas, um começo auspicioso. Implicava em certa falta de confiança nos amigos ou um desejo de absolvê-los da situação se as coisas não corressem bem. De qualquer forma, nada que aumentasse sua confiança.

Com o anfitrião isolado, ela e Chewbacca foram forçados a procurar o próprio entretenimento. Para o wookie, interessado em tecnologia e mecânica, a diversão constituía-se em andar pelos corredores, enfiando o nariz em cada aposento, escotilha e portinhola de manutenção que encontrasse pela frente... estudava a nave, para o caso de precisarem pilotá- la. Leia, por sua vez, passou a maior parte do tempo com Threepio, tentando deduzir a derivação *de Mal'ary'ush*, a única palavra noghri que ela conhecia, com a esperança de ter uma idéia sobre a região da Galáxia para onde se dirigiam. Infelizmente, com seis milhões de línguas e dialetos, Threepio apresentara um grande número de etimologias, que iam desde o razoável até o completo absurdo. Tratava-se de um interessante exercício de lingüística aplicada, porém produziu mais frustração do que resultados úteis.

No meio do quarto dia, chegaram ao planeta dos noghri... e foi pior do que esperava.

— Incrível — foi seu comentário ao avistar o mundo de Khabarakh.

Aconchegou-se ao wookie para observar através da única escotilha disponível para passageiros. Aproximavam-se rapidamente de um planeta cuja superfície abaixo da camada de nuvens parecia ter coloração marrom uniforme, quebrada apenas pelo azul profundo de alguns lagos e pequenos oceanos. Não existia verde, amarelo, violeta ou qualquer outra cor associada à vida vegetal. Se alguém lhe perguntasse, diria que se tratava de um planeta morto.

Chewbacca rosnou seu comentário.

— É, eu sei que Khabarakh disse que o planeta foi devastado na guerra, mas nunca pensei que fosse o planeta *inteiro.*

Sentiu uma tristeza profunda, imaginando quem teria sido mais responsável pelo desastre.

Mais responsável. A expressão procurava defender seu lado da questão. Não existia uma gradação de responsabilidade. O mundo fora destruído durante uma batalha espacial e só haviam dois lados na guerra. Fosse qual fosse o ocorrido, a Aliança rebelde não podia negar sua parcela de culpa.

— Não é de estranhar que o Imperador e Vader tenham conseguido virá-los contra nós — murmurou ela. — Precisamos encontrar uma forma de ajudá-los.

Chewbacca rugiu, fazendo um gesto em direção à escotilha. A linha luminosa do horizonte desenhava uma faixa imprecisa entre o dia e a noite; ali, na zona escura, estava o que parecia ser um padrão irregular esverdeado.

— Estou vendo. Será que só restou isso? O wookie emitiu sua opinião.

— É, suponho que seria a única maneira de saber — respondeu Leia. — Mas não sei se gostaria de perguntar a ele. Vamos esperar até chegar mais perto para ver melhor... o quê?

Chewbacca ficara rígido. Uma fração de segundo depois, o urro emitido assustou-a. Em seguida, ela olhou para fora: elevando-se acima da curva do planeta, pairava um destróier estelar.

Haviam sido traídos.

— Não! — gritou Leia. — Não acredito que Khabarakh fizesse isto.

Mas não havia erro possível. O casco em forma de seta não deixava margens a dúvidas.

De repente, percebeu que estava sozinha. Chewbacca não se encontrava mais a seu lado. Voltou-se a tempo de ver o pelo fulvo passando pela porta, como um raio. Leia precipitou-se atrás dele pelo corredor, correndo atrás do wookie, em direção à cabine.

— Não! Chewie, não!

A ordem era um desperdício de fôlego e sabia disso. O wookie estava possuído de fúria assassina e chegaria até Khabarakh mesmo que tivesse de abrir a porta com as unhas.

O primeiro ruído soou enquanto ela estava na metade do corredor; o segundo veio quando avistou a porta. Chewbacca levantava as garras, preparando-se para mais uma batida...

Para surpresa de Leia, a porta deslizou no encaixe.

O wookie também pareceu surpreso, mas não demorou muito a reagir. Passou pela porta antes que ela se abrisse por completo, com um grito de gelar o sangue.

— Chewie!

Leia enxergou o braço direito do noghri passar por sobre o assento do piloto e de alguma maneira Chewbacca foi impulsionado para a frente, caindo contra a parte inferior do console de comando.

Ela parou, sem acreditar no que presenciara.

— Khabarakh...

— Eu não chamei o destróier — afirmou o noghri, olhando para ela. — Não traí minha palavra de honra.

Chewbacca deu vazão à sua descrença enquanto tentava levantar-se no espaço reduzido.

— Você precisa fazer com que ele pare. O wookie tem de ficar quieto, porque se eu não der o código de reconhecimento, estamos perdidos de verdade — avisou Khabarakh.

Leia olhou em direção ao destróier estelar, os dentes cerrados. *Traição...* mas se Khabarakh tivesse planejado traí-la, por que teria permitido que Chewbacca viesse com ela? Qualquer que fosse a técnica utilizada pelo noghri para rechaçar o primeiro ataque, não iria funcionar de novo.

Concentrou sua atenção no rosto de Khabarakh; examinou os olhos escuros, a mandíbula proeminente e os dentes pontiagudos. Ele a observava, ignorando a ameaça do wookie enraivecido atrás de si. A mão pousava sobre o controle de comunicação. Um sinal insistente soou e os dedos moveram-se, depois pararam. O ruído outra vez.

— Não traí ninguém, Lady Vader. Precisa acreditar em mim.

— Chewie, fique quieto! Chewie? Fique *quieto.*

O wookie ignorou a ordem. Finalmente em pé, soltou seu grito de guerra e partiu na direção da garganta do noghri. Khabarakh enfrentou-o, agarrando-lhe os grandes pulsos, e segurando-os com toda a força.

Não foi o suficiente. Devagar, os braços do noghri eram forçados para trás, à medida que Chewbacca ganhava terreno.

— Chewie, eu disse para parar! — gritou Leia. — Use a cabeça: se estivesse planejando alguma armadilha, não acha que teria aproveitado enquanto a gente dormia?

Chewbacca rugiu, as mãos continuando a avançar.

— Seu estúpido! Se ele não responder, eles vão *saber* que alguma coisa está errada — argumentou ela. — É uma forma certa de acabar com a gente.

— Lady Vader diz a verdade — reforçou Khabarakh, a voz alterada pelo esforço. — Eu não traí vocês, mas se eu não responder, então eles nos pegam.

— Ele tem razão. Se vierem investigar, perdemos por não fazer nada.

Por favor, Chewie, é nossa única esperança.

O wookie rugiu, sacudindo a cabeça numa negativa.

— Nesse caso, não tenho escolha — disse Khabarakh.

Sem aviso, a cabine foi iluminada por uma luz azul e o wookie caiu ao chão como um saco de batatas.

— O que... — começou Leia, interrompendo-se e ajoelhando ao lado do amigo.

— E só uma arma para deixar fora de combate — explicou o noghri, respirando forte ao voltar-se para o console. — Uma arma defensiva implantada no corpo.

Leia voltou-se para encará-lo, furiosa com o que fizera... uma fúria que diminuiu pela lógica da situação. Chewbacca estivera a um fio de matar o noghri; e ela sabia, por experiência pessoal, que era difícil, senão impossível, acalmar um wookie zangado, mesmo quando se era amiga dele.

E Khabarakh *tentara* conversar primeiro.

— E agora? — perguntou ao noghri, colocando a mão no peito do companheiro para verificar os batimentos cardíacos.

Estavam firmes, o que significava que a arma para tontear não causara um dos raros traumas letais ao organismo do wookie.

— Agora fique quieta, por favor — avisou Khabarakh. Acionou o canal de comunicação e disse algo em sua própria língua. Outra voz noghri respondeu e por alguns minutos os dois conversaram. Leia permaneceu ajoelhada ao lado de Chewbacca, desejando ter trazido Threepio antes que a discussão começasse. Seria interessante saber sobre o que falavam.

Quando terminou, Khabarakh desligou.

— Estamos a salvo agora — declarou relaxando na poltrona. — Estão convencidos de que foi um problema no equipamento.

— Vamos esperar que sim — disse Leia.

O noghri olhou para ela, com uma expressão estranha em seu rosto de pesadelo.

— Não traí ninguém, Lady Vader. Precisa acreditar em mim. Prometi defendê-la e é o que pretendo fazer. Até a morte se for preciso — afirmou com voz séria.

Leia encarou-o... e utilizando sua sensibilidade na Força, ou talvez a percepção diplomática, percebeu pela primeira vez a posição na qual ele se encontrava. Quaisquer que fossem suas incertezas, o encontro inesperado com o destróier imperial as dissipara. A palavra de honra de Khabarakh fora colocada em dúvida e agora se encontrava na situação de ter que provar que essa palavra não fora quebrada.

Ele faria o que fosse necessário para provar esse fato. Mesmo que isso significasse sua morte.

Antes, Leia imaginara como Khabarakh poderia conhecer o débito de vida dos wookies. Talvez as culturas wookie e noghri fossem mais parecidas do que imaginara.

— Acredito em você — declarou ela, levantando e acomodando-se no assento do co-piloto. — E agora o que fazemos?

— Precisamos tomar uma decisão. Minha intenção era a de pousar na cidade de Nystao e esperar até escurecer para apresentá-la ao chefe do meu clã. Mas agora isto é impossível. Nosso lorde do Império veio e convocou uma reunião de todos os chefes.

Leia arrepiou-se.

— Seu lorde do Império é o Grande Almirante?

— Sim. A nave que vimos é o *Quimera,* a nave-capitânia. Lembro do dia em que nosso Lorde Vader o trouxe até nós — relatou Khabarakh, em sua voz felina. — Ele nos disse que seus deveres para com os inimigos do Imperador teriam toda a sua atenção. Que o Grande Almirante seria nosso lorde e comandante... muitos ficaram tristes nesse dia. Nosso Lorde Vader era o único, além do Imperador, que se preocupava com o bem-estar dos noghri. Ele nos deu esperança e propósito.

Leia compreendeu. Esse propósito era sair e morrer como comandos-suicidas, ao bel-prazer do Imperador. Mas obviamente não poderia dizer isto a Khabarakh. Pelo menos, ainda não.

— Certo — respondeu ela, reparando que Chewbacca se movia.

— Ele vai acordar daqui a pouco. Não gostaria de ter de repetir a dose. Consegue controlá-lo?

— Creio que sim.

Aproximavam-se da atmosfera do planeta, num curso que os levaria diretamente sob a órbita do destróier estelar.

— Espero que não resolvam fazer uma varredura de sensores na nave — murmurou Leia. — Se perceberem que existem três formas de vida, você vai ter de dar um bocado de explicações.

— O gerador de estática não vai deixar que os sensores penetrem — explicou Khabarakh. — Está funcionando a pleno.

— Não vão estranhar?

— Negativo. Expliquei que era parte do defeito que causou problemas no transmissor.

Chewbacca rugiu e Leia olhou para os olhos abertos do companheiro, ainda tonto. Dava a impressão de estar alerta, mas sem controle motor suficiente para representar perigo.

— Já passamos pelo destróier — explicou Leia. — Vamos aterrissar em...

onde mesmo, Khabarakh?

O noghri respirou fundo, numa espécie de suspiro.

— Vamos para minha casa, uma pequena vila perto da Terra Limpa. Vou escondê-los lá até nosso lorde, o Grande Almirante, partir.

Leia considerou o assunto. Uma pequena aldeia, situada nos limites dos locais mais freqüentados pelos imperiais seria mais seguro. Por outro lado, se a vila fosse parecida com as pequenas comunidades que conhecia, todos saberiam de sua presença uma hora depois do pouso.

— Pode confiar nos outros habitantes da aldeia?

— Não se preocupe. Vou mantê-los a salvo — garantiu o noghri.

Porém, ela notou certa hesitação. E enquanto penetravam na atmosfera,

Leia reparou que ele não respondera sua pergunta.

O chefe do clã curvou-se uma última vez e recuou para a fila dos que aguardavam para prestar homenagem ao líder. Thrawn, sentado no belo Trono Superior da Casa Comum de Honoghr, acenou gravemente para o chefe do clã que fizera a reverência, e voltou-se para o próximo. O noghri deu um passo à frente, movendo-se na dança tradicional que traduzia respeito, e curvou-se até que a testa tocasse o solo perante o Grande Almirante.

Em pé, dois metros à direita e atrás de Thrawn, Pellaeon reprimiu um bocejo e imaginou quando terminaria o ritual. Ficara com a impressão de que haviam vindo a Honoghr para motivar os grupos de comandos, porém, até então, só vira os guardas cerimoniais e o grupo maçante de líderes dos clãs. Thrawn presumivelmente tinha seus motivos para suportar o ritual, mas Pellaeon desejava que ele se apressasse e acabasse logo com aquilo. Precisavam ganhar a guerra para o Império, e ali estavam, escutando um grupo de alienígenas de pele acinzentada a prestar lealdade. Parecia uma perda de tempo ridícula.

Sentiu uma respiração na nuca.

— Capitão? — disse uma voz próxima à sua orelha, que identificou como a do tenente Tschel. — Desculpe, senhor, mas o Grande Almirante Thrawn pediu para ser informado imediatamente se algo fora do comum ocorresse.

Pellaeon fez um gesto discreto de assentimento, feliz pela quebra da monotonia.

— O que aconteceu?

— Não parece perigoso, senhor, nem muito importante — desculpou-se Tschel. — A nave de um comando noghri quase não respondeu ao sinal de reconhecimento.

— Problemas técnicos, provavelmente — arriscou Pellaeon.

— Foi o que o piloto alegou. O estranho é que não se dirigiu para o espaçoporto em Nystao. Seria de se imaginar que alguém com problemas

técnicos quisesse consertar a nave.

— Um transmissor com defeito não é exatamente uma crise — resmungou Pellaeon. Mas Tschel tinha razão, pois Nystao era o único lugar onde se poderia reparar uma espaçonave em Honoghr. — Temos a identidade do piloto?

— Sim, senhor. O nome dele é Khabarakh, do clã Kihm'bar.

Consegui tudo o que temos nos arquivos sobre ele — concluiu o tenente, entregando uma prancheta de leitura a Pellaeon.

Discretamente o capitão apanhou o objeto, pensando sobre o que fazer. Thrawn deixara instruções específicas para ser avisado sobre qualquer atividade no sistema. Contudo, interromper a cerimônia por um assunto tão trivial não parecia uma boa opção.

Como sempre, Thrawn estava um passo à sua frente. Levantando a mão, ele parou a apresentação do chefe de clã à frente, e voltou os olhos rubros para Pellaeon.

— Tem alguma coisa a dizer, capitão?

— Só uma pequena anomalia, senhor — informou Pellaeon, aproximando-se. — A nave de um comando foi muito lenta para dar o código de reconhecimento, depois deixou de pousar no espaçoporto de Nystao. Provavelmente um problema com equipamento.

— Pode ser — concordou o Grande Almirante. — A nave foi testada para obter provas do defeito?

O capitão consultou a prancheta antes de resolver.

— A varredura foi inconclusiva. A estática da nave era forte o suficiente para bloquear...

— A nave estava cheia de estática? — interrompeu Thrawn, olhando para Pellaeon.

— Sim, senhor.

Sem falar, o Grande Almirante estendeu a mão. O capitão entregou a prancheta e por um instante o oficial superior examinou os dados.

— Khabarakh, do clã Kihm'bar — murmurou para si mesmo. — Interessante... para onde foi a nave?

Pellaeon olhou para Tschel.

— Segundo o último relatório, tomou rumo sul — informou o tenente.

— Ainda deve estar ao alcance de nossos raios tratores, senhor.

— Quer que mande pará-la, Grande Almirante? — indagou Pellaeon.

Thrawn examinou a tela plana da prancheta, concentrado.

— Não. Deixem que aterrisse, mas sigam a trajetória. E peça a uma equipe de técnicos do *Quimera* para que encontrem a nave em seu destino — afirmou o Grande Almirante. — Chefe Ir'khaim, do clã Kihm'bar, dê um passo à frente.

Um dos chefes noghri na fila fez o que foi pedido.

— Qual seu desejo, meu lorde?

— Um dos seus acabou de voltar — disse Thrawn. — Vamos à sua aldeia para saudá-lo.

Ir'khaim curvou-se.

— Seja feita a sua vontade. Thrawn levantou-se.

— Ordene que o transporte seja preparado, capitão. Partiremos imediatamente.

— Sim, senhor. Mas, se me permite a sugestão, não seria mais fácil trazer o piloto até aqui?

— Talvez, mas acredito que não seria tão revelador. Você com certeza não reconheceu o nome do piloto, mas Khabarakh, do clã Kihm'bar, foi parte do grupo de comandos vinte e dois. Será que *isso* desperta sua memória?

Pellaeon sentiu o estômago contrair-se.

— Foi o grupo que perseguiu Leia Organa Solo em Kashyyyk.

— Isso mesmo. E Khabarakh foi o único sobrevivente. Acho que pode ser muito instrutivo escutar os detalhes da operação que falhou. E descobrir por que demorou tanto a voltar para casa…

10

Estava escuro quando Khabarakh aterrissou em sua aldeia, um grupo pequeno de cabanas, cujas janelas pareciam iluminadas, à distância.

— Muitas naves pousam aqui? — quis saber Leia quando o noghri manobrou a nave para uma estrutura escura que se destacava no centro da vila.

Em meio ao brilho das luzes de aterrissagem, a sombra foi adquirindo o contorno de uma construção cilíndrica com telhado em cone achatado, sendo a parede circular vertical composta de pilares maciços e de madeira mais fraca. Logo abaixo do beirai, Leia percebeu o brilho de um cinturão de aço ao redor.

— Um pouso aqui não é comum — disse Khabarakh, desligando os repulsorlifts e os sistemas da nave. — Porém também não é tão raro.

Em outras palavras, o fato iria atrair atenção. Chewbacca, que se recuperara o suficiente para sentar-se num dos assentos para passageiros, pensava o mesmo.

— Os habitantes todos pertencem ao clã Kihm'bar — disse o noghri, em resposta à pergunta do wookie. — Todos aceitarão minha promessa de proteção como se fosse deles.

Leia retirou o cinto de segurança e levantou-se, reprimindo os pensamentos pessimistas. Agora haviam chegado e só podia esperar que a confiança depositada em Khabarakh fosse mais do que apenas idealismo.

Ajudou Chewbacca a retirar o cinto de segurança e juntos seguiram o noghri na direção da porta de saída, apanhando Threepio em sua cabine.

— Preciso descer primeiro — avisou Khabarakh, quando atingiram a porta. — Segundo o costume, devo me aproximar sozinho da *dukha* do clã Kihm'bar. Pela lei, sou obrigado a anunciar a presença de visitantes não pertencentes à família para o chefe do clã.

— Certo. Vamos esperar até você voltar — respondeu Leia, pouco à vontade.

Não gostava da idéia de Khabarakh conversar com outros noghri fora de sua presença, porém, mais uma vez não podia fazer nada a respeito.

— Não vai demorar muito — garantiu ele, tocando duas vezes o controle da porta.

A seguir, desapareceu na noite e a porta fechou-se. Chewbacca grunhiu algo ininteligível.

— Ele volta logo — respondeu ela, tentando adivinhar as preocupações do wookie.

— Tenho certeza que está falando a verdade — acrescentou Threepio para tranqüilizar os companheiros. — Costumes e rituais desse tipo são comuns entre as sociedades mais primitivas pré-espaciais.

— Só que essa cultura não é pré-espacial — lembrou Leia, com a mão no sabre-laser, olhando desconfiada para a porta fechada.

Ele pelo menos poderia ter deixado a porta aberta, para podermos ver quando volta, pensou ela. A menos, claro, que *não quisesse* ser visto ao retornar.

— Isso é evidente, Alteza — concordou o dróide, em tom de voz acadêmico. — Entretanto, acredito que o status dessa cultura mudou recentemente.

Threepio reclamou de Chewbacca, que o empurrara, dirigindo-se para o centro da nave.

— Onde vai? — quis saber Leia, seguindo o wookie e entendendo parcialmente o comentário sobre o Império. — Chewie, venha cá! Khabarakh vai voltar daqui a pouco.

Ele não se dignou a responder.

— Que ótimo... — comentou ela, tentando decidir o que fazer. Se o noghri voltasse e não encontrasse Chewbacca... Por outro lado, se voltasse e não encontrasse nenhum dos dois, seria muito pior. Resolveu ficar.

— Como eu dizia — continuou Threepio, ignorando as maneiras rudes do wookie. — Até agora, todas as evidências encontradas sobre essa cultura indicam que até recentemente eram um povo que desconhecia as viagens espaciais. A referência de Khabarakh à essa *dukha,* que é um tipo de centro do clã, mais as estruturas familiares na aldeia e essa preocupação com seu status real...

— A alta corte de Alderaan também possuía uma hierarquia real — lembrou Leia com acidez, ainda olhando para o corredor vazio. — E a maior parte dos habitantes da Galáxia não nos considera primitivos.

— Claro que não. Não foi isso o que eu quis dizer — apressou-se em corrigir o dróide.

— Sei que não foi — assegurou ela, um pouco embaraçada por descontar suas preocupações em Threepio. — Afinal, *onde* foi?

A pergunta fora apenas retórica; mas a porta abriu-se nesse instante.

— Vamos indo — disse Khabarakh, relanceando os olhos pelos arredores. — Onde está o wookie?

— Foi para dentro. Não sei porque. Quer que vá procurá-lo? — ofereceu Leia.

O noghri fez um som que parecia um misto de ronronar e sibilar.

— Não dá tempo. A maitrakh está esperando. Venham. Voltando-se,

começou a descer a rampa.

— Quanto tempo acha que vai demorar para aprender a linguagem deles? — indagou ela a Threepio.

— Não sei dizer, Alteza — informou o dróide. — Aprender uma linguagem diferente seria mesmo muito difícil. Mas se for parecida com uma das seis milhões de formas de comunicação que já sei...

— Certo — cortou Leia.

Seguiram Khabarakh por um pátio sujo, passaram pela enorme estrutura de madeira que viram ao aterrissar e continuaram na direção de uma construção menor.

Em frente à construção iluminada havia um par de noghri, quase invisíveis na escuridão, que se adiantou e abriu as portas. Respirando profundamente, Leia entrou atrás de Khabarakh.

Pela luz que perceberam ao lado de fora, Leia imaginara que entrariam num local claro. Para sua surpresa, o aposento estava ainda mais escuro do que a penumbra exterior. Uma olhadela para o lado esclareceu o motivo: as "janelas" brilhantemente iluminadas, eram na verdade painéis luminosos autônomos, voltados para o exterior. Com a exceção de pequenos vazamentos das placas, o interior era iluminado apenas por um par de lâmpadas flutuantes. A análise de Threepio sobre a cultura deles voltou à sua lembrança; aparentemente verdadeira.

No centro do aposento, em pé, cinco noghri olharam para os recém-chegados.

Leia engoliu em seco, sentindo que as primeiras palavras deveriam ser deles. Khabarakh dirigiu-se para o noghri no centro e ajoelhou-se, batendo a cabeça no chão, com as mãos ao lado do corpo. Reparou que fora o mesmo gesto de respeito que ele demonstrara em Kashyyyk, na cela.

— *Ilyr’ush mir Lakh svoril’lae. Mir’lae karah siv Mal'ary'ush vir'ae Vader'ush* — disse ele.

— Você entende? — sussurrou Leia para o dróide.

— Até certo ponto. Parece o dialeto de uma antiga linguagem comercial...

— *Sha'vah!* — ordenou o noghri ao centro.

— Ela disse "quieto" — traduziu Threepio, sem necessidade.

— Entendi o sentido — disse Leia.

Elevou-se em toda a imponência da Corte de Alderaan, encarando os alienígenas. A deferência aos costumes locais era um sinal de respeito, mas ela era filha do Lorde Darth Vader, e algumas faltas de cortesia não se podia tolerar.

— E assim que falam com a *Mal'ary'ush?*

Seis cabeças noghri voltaram-se, surpresas, para ela. Projetando a Força, Leia tentou perceber os sentimentos por trás dos olhares; porém, como antes, as mentes desses alienígenas pareciam fechadas para ela. O melhor seria seguir a intuição.

— Fiz uma pergunta.

O noghri ao centro avançou um passo e com o movimento, Leia notou pela primeira vez um par de apêndices sob a parte superior da túnica. Seria uma fêmea?

— Maitrakh? — sussurrou para Threepio, recordando a palavra que Khabarakh usara.

— Uma fêmea que é líder da família, ou da estrutura subclã — traduziu o dróide, nervoso, em voz baixa demais.

— Obrigada — disse Leia, medindo a alienígena. — Você é a maitrakh dessa família?

— Sou — respondeu a noghri, em básico com forte sotaque, mas compreensível. — Que provas tem de que é a *Mal'ary'ush?*

Em silêncio, Leia estendeu a mão. A maitrakh hesitou, depois farejou-a.

— Não é como disse, maitrakh? — indagou Khabarakh.

— Silêncio, terceiro filho — disse a maitrakh, levantando a cabeça para encarar a visitante. — Eu a saúdo, Lady Vader. Mas não dou as boas-vindas.

Leia sustentou-lhe o olhar. Não podia penetrar na mente dos alienígenas, mas projetando a Força, percebeu que Chewbacca deixara a nave e aproximava-se da casa. Vinha caminhando com rapidez e parecia agitado. Desejou que não atacasse, arruinando a pequena quantidade de diplomacia empregada ali.

— Posso saber por quê?

— Você serviu o Imperador? Agora serve nosso lorde, o Grande Almirante?

— A resposta é não, para as duas perguntas — disse Leia.

— Então traz discórdia e insegurança em nosso meio — concluiu a maitrakh, em tom soturno. — Discórdia entre o que era e o que é agora. Não precisamos de mais discórdia em Honoghr, Lady Vader.

As palavras mal haviam sido pronunciadas quando as portas se abriram e Chewbacca entrou no aposento,

A maitrakh surpreendeu-se com a visão do wookie e um dos noghri rosnou algo. Quaisquer outras reações foram interrompidas pelos grunhidos urgentes do recém-chegado.

— Tem certeza que são soldados do Império? — indagou Leia. Por favor, agora não, pensou ela, angustiada. Ainda não. Chewbacca afirmou que um par de transportes classe Lambda, saindo de órbita, vindos da direção da cidade de

Nystao dificilmente trariam outras pessoas.

Khabarakh aproximou-se da maitrakh e disse algo em sua própria língua.

— Ele afirma que prometeu proteção a nós e pede para que seja honrada sua palavra — traduziu Threepio.

No silêncio angustiado que se seguiu, Leia imaginou que a matriarca fosse recusar. Contudo, com um suspiro resignado, ela curvou a cabeça.

— Venham comigo — pediu Khabarakh, olhando para Leia, e passando entre ela e Chewbacca, na direção da porta. — A maitrakh concordou em esconder vocês do Grande Almirante, pelo menos por enquanto.

— Onde vamos? — quis saber Leia, seguindo-o na noite.

— Vou esconder seu dróide e os equipamentos de análise no barracão onde os robôs de descontaminação ficam guardados durante — disse o noghri, apontando uma construção à distância. — Já você e o wookie serão um problema maior. Se os soldados trouxerem biosensores, seus dados vão aparecer como diferentes dos noghri.

— Sei disso — disse ela, olhando para o céu à procura dos transportes enquanto tentava lembrar o que sabia sobre algoritmos de identificação de formas de vida. Um dos parâmetros era a taxa de batimentos cardíacos, outro eram os subprodutos da respiração e efeitos eletromagnéticos de polarização das moléculas. Mas o principal era... — Precisamos de uma fonte de calor. Tão grande quanto possível.

— O forno da padaria — lembrou o noghri, apontando uma construção baixa, sem janelas.

Ao fundo havia uma chaminé, de onde saíam rolos de fumaça escura para o céu, iluminados pelas casas adjacentes.

— Parece nossa melhor chance — concordou Leia. — Khabarakh, esconda Threepio. Chewie, venha comigo.

Vários noghri aguardavam as figuras que desceram do transporte: três fêmeas lado a lado, com duas crianças fazendo a guarda de honra ao lado das portas da *dukha.* Thrawn examinou o grupo, depois relanceou os olhos pela área circundante e voltou-se para Pellaeon:

— Capitão, ordene que comecem uma varredura de avaliação das comunicações e do restante da nave. Depois me encontre no interior.

— Sim, senhor.

O Grande Almirante voltou-se para Ir'khaim.

— Chefe... — disse gesticulando na direção da *dukha.*

O noghri curvou-se e caminhou na direção da casa. Thrawn olhou para Rukh, que tomou o lugar a seu lado. Juntos, seguiram atrás de Ir'khaim. Houve o

ritual de praxe e as fêmeas precederam os outros para o interior da *dukha*.

O transporte do *Quimera* estava apenas alguns minutos atrás. Pellaeon aguardou-o e instruiu o grupo de técnicos, certificando-se que iniciavam o trabalho de inspeção da nave; depois juntou-se ao Grande Almirante.

Imaginara que a maitrakh tivesse reunido um punhado de pessoas importantes para a visita do glorioso lorde e senhor, porém descobriu que trouxera metade da aldeia. Havia uma fileira dupla de crianças e adultos ao longo da parede da *dukha*, desde o mural com os desenhos genealógicos logo após a porta, até a cabine de meditação, do lado oposto. Thrawn estava sentado ao trono do clã, um pouco além do meio do aposento, com Ir'khaim em pé a seu lado. As três fêmeas que haviam recepcionado o transporte encontravam-se em pé em frente aos dois, com uma fileira de anciões um passo atrás.

Aparentemente Pellaeon não perdera nada mais importante do que os rituais sem sentido que os alienígenas tanto apreciavam. Ao deslocar-se através das fileiras silenciosas de alienígenas para ficar ao lado de Thrawn, um jovem macho adiantou-se e ajoelhou-se perante o trono.

— Eu o saúdo, meu lorde — ronronou ele, mantendo os braços ao lado do corpo. — O senhor honra minha família e o clã Kihm’bar com sua presença.

— Pode levantar — ordenou Thrawn. — Você é Khabarakh, do clã Kihm’bar?

— Sou eu, meu lorde.

— Você já fez parte do grupo de comandos vinte e dois. Um grupo que deixou de existir no planeta Kashyyyk. Me conte o que aconteceu lá.

Khabarakh deu a impressão de vacilar por um instante. Pellaeon não teve certeza.

— Escrevi um relatório, meu lorde, logo depois de sair daquele planeta.

— Sei disso. Li seu relatório — respondeu Thrawn, com voz fria. — Li com todo o cuidado e reparei que algumas questões não foram respondidas. Por exemplo: como e por quê você sobreviveu quando todos os outros foram mortos? E como conseguiu escapar apesar de todos no planeta saberem de sua presença? Também gostaria de saber por que não voltou para Honoghr ou alguma outra de nossas bases depois do fracasso.

Dessa vez, com toda a certeza houve uma hesitação. Talvez uma reação à palavra fracasso.

— Fui deixado inconsciente durante o primeiro ataque — disse Khabarakh. — Acordei sozinho e consegui fugir para a nave. Uma vez lá, deduzi o que aconteceu ao resto do grupo escutando fontes oficiais de informação. Quando escapei, suspeitei que não estavam preparados para a velocidade e camuflagem da nave. Quanto ao meu destino depois, meu lorde... — ele hesitou.

— Transmiti meu relatório e depois saí para ficar sozinho por um tempo.

— Por quê?

— Para pensar, meu lorde e para meditar.

— E Honoghr não teria sido um lugar mais adequado para tais meditações? — indagou Thrawn, fazendo um gesto que indicava o interior da *dukha*.

— Eu tinha muito o que pensar, meu lorde.

Por um instante, o Grande Almirante encarou-o com o olhar rubro e penetrante.

— Você demorou para responder o pedido para o sinal de reconhecimento da superfície. Depois recusou aterrissar nas instalações do espaçoporto em Nystao.

— Não recusei, meu lorde. Não me ordenaram que pousasse lá.

— Estou consciente da diferença — ressaltou Thrawn. — Nesse caso, explique porque escolheu vir para cá.

— Eu queria conversar com a maitrakh. Para discutir com ela minhas meditações e pedir perdão pelo meu... fracasso.

— Já fez isso? — quis saber Thrawn, voltando-se para a maitrakh.

— Começamos, mas não chegamos a terminar — disse ela, em básico carregado de sotaque.

As portas abriram-se e um oficial do grupo de técnicos entrou no aposento.

— Já temos um relatório? — perguntou o Grande Almirante.

— Sim, Grande Almirante — respondeu o oficial, atravessando a sala, pouco à vontade no meio do grupo de alienígenas. — Terminamos a primeiro conjunto de testes e contramedidas, de acordo com as ordens.

Thrawn olhou para Khabarakh.

— E o que encontraram?

— Acreditamos ter encontrado o motivo, senhor. O chicote de cabos do transmissor parece ter sido sobrecarregado e deixado a corrente vazar para um capacitar de ejeção, danificando vários circuitos por perto. O computador de compensação realinhou a transmissão, mas a nova linha passou perto demais dos cabos atenuadores de estática e por indução provocou corrente estática nas comunicações.

— Um belo grupo de coincidências — comentou Thrawn, sem tirar os olhos do noghri. — Acha que foi um acontecimento natural ou provocado?

A maitrakh remexeu-se, como se estivesse a ponto de dizer alguma coisa. Thrawn olhou para ela que se aquietou.

— E impossível dizer, senhor — respondeu o técnico, pouco à vontade. Com certeza percebera que estava próximo de insultar um grupo sensível de

noghri. — Alguém que soubesse muito bem o que estava fazendo provavelmente poderia ter arrumado as coisas assim. Por outro lado, senhor, devo esclarecer que os computadores de compensação em geral têm uma reputação baixa entre os mecânicos. Funcionam bem nos defeitos sérios, que poderiam causar problemas letais aos pilotos inexperientes, mas em realinhamentos não críticos, como nesse caso, apresentam a tendência de cometer erros ao longo do caminho.

— Obrigado. Seu grupo vai levar a nave para Nystao, para reparos — disse Thrawn.

Se ficou aborrecido por não ter apanhado Khabarakh numa mentira, não demonstrou.

— Sim, senhor.

O Grande Almirante voltou-se para Khabarakh.

— Com seu grupo destruído, você naturalmente será designado para outro grupo. Quando a nave estiver consertada, irá apresentar-se na base de Valrar, no setor Glythe.

— Sim, meu lorde.

Thrawn levantou-se e inclinou a cabeça na direção da maitrakh.

— Você tem motivos para ter orgulho. Os serviços prestados por sua família ao clã Kihm'bar e ao Império serão lembrados por todos em Honoghr.

— Assim como sua liderança e proteção à todos os noghri — respondeu a maitrakh.

Entre Rukh e Ir'khaim, o Grande Almirante dirigiu-se para as portas duplas. Pellaeon seguiu atrás e um minuto mais tarde estavam outra vez no ar frio da noite. O transporte aguardava a postos e sem mais rituais ou comentários, Thrawn embarcou. Quando decolaram, Pellaeon enxergou os noghri saindo da *dukha* para assistir à partida dos líderes.

— Essa imagem é agradável — murmurou ele.

— Acredita que foi uma perda de tempo, capitão? — indagou Thrawn, com voz suave.

Pellaeon deu uma olhada na direção de Ir'khaim, sentado numa poltrona dianteira do transporte. O chefe não parecia estar em posição de escutá-los, mas mesmo assim era bom usar de tato.

— Acredito que valeu a pena para demonstrar como o senhor se preocupa com Honoghr, inclusive as aldeias mais remotas — observou ele.

— Porém como a nave tinha mesmo um defeito, não acho que conseguimos muita coisa.

— Não tenho tanta certeza sobre esse defeito. Ainda não podemos descartar nenhuma possibilidade — respondeu o Grande Almirante, voltando-se e observando o exterior pela escotilha. — Existe alguma coisa nessa história que

não está encaixando direito. Rukh, qual sua impressão do jovem comando Khabarakh?

— Ele estava inquieto — respondeu o guarda-costas. — Percebi isso no rosto e nas mãos.

Ir'khaim girou na cadeira.

— E uma inquietude natural em quem experimenta a sensação de ficar frente a frente com o lorde dos noghri — disse ele.

— Especialmente quando as mãos da pessoa ainda estão molhadas pelo fracasso? — ironizou Rukh.

Ir'khaim levantou meio corpo do assento e por alguns instantes o ar pareceu eletrificar-se com a tensão entre os dois noghri. Pellaeon sentiu-se afundar no lugar, recordando de repente as histórias sobre as rivalidades entre os clãs noghri, sangrentas e antigas.

— A missão gerou vários fracassos — lembrou Thrawn, com voz calma no silêncio espesso. — Nisso, o clã Kihm'bar não está sozinho.

Vagarosamente Ir'khaim sentou-se.

— Khabarakh ainda é jovem — afirmou ele.

— Tem razão — concordou o Grande Almirante. — Talvez seja um dos motivos pelo qual não saiba mentir. Rukh, talvez o chefe Ir'khaim queira apreciar a vista do setor traseiro. Por favor, acompanhe-o até lá.

— Sim, meu lorde — assentiu Rukh, levantando-se e fazendo um gesto em direção à porta. — Chefe Ir'khaim?

Por um instante o outro noghri não se moveu. Em seguida, com relutância, levantou-se.

— Meu lorde, com licença.

Thrawn aguardou até que a porta se fechasse sobre os dois noghri, antes de voltar-se para Pellaeon.

— Khabarakh está ocultando alguma coisa, capitão. Tenho certeza disso.

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, perguntando-se como seu superior chegara àquela conclusão. Os sensores com certeza não haviam identificado coisa alguma. — Quer que ordene uma varredura completa sobre a vila?

— Não foi isso o que eu quis dizer. Ele não teria trazido para Honoghr nada que o incriminasse. Não se pode esconder muita coisa nesses vilarejos. Acredito que seja algo sobre o mês que ele alega ter ficado sozinho.

— Talvez possamos obter alguma informação com a nave dele.

— Concordo. Mande que uma turma especializada em varredura verifique a nave de cabo a rabo. Cada milímetro cúbico, dentro e fora. E mande a Vigilância seguir Khabarakh.

— Sim... senhor. Um dos nossos ou outro noghri? Thrawn levantou uma

sobrancelha.

— O óbvio ululante ou uma acomodação política, em outras palavras? Certo, você tem razão. Vamos então tentar uma outra solução: será que temos algum dróide espião no *Quimera?*

— Acredito que não, senhor — disse Pellaeon, verificando a questão no computador do transporte, ligado ao do destróier. — Não. Temos alguns Arakyd Viper de investigação, mas nenhum dos modelos mais compactos de espionagem.

— Nesse caso teremos de improvisar. Peça para a engenharia colocar um motivador Viper num dróide de descontaminação e que também seja equipado com sensores óticos e auditivos de longo alcance, além de um gravador. Podemos colocá-los no grupo entre os que trabalham na aldeia de Khabarakh.

— Sim, senhor — aquiesceu Pellaeon, digitando a ordem. — Quer que mande instalar um transmissor também?

— Não, um gravador será o suficiente. E muito difícil esconder a antena. A última coisa que queremos é que algum noghri curioso resolva descobrir por que esse dróide é diferente.

O capitão fez um gesto de quem entendia. Aquilo poderia levar os noghri a desmontar os outros dróides.

— Sim, senhor. Vou mandar fazer isto agora mesmo.

Os olhos rubros do Grande Almirante fixaram-se no espaço.

— Nesse ponto não estamos com pressa — observou ele, pensativo. — Pelo menos não no momento. Estamos na calmaria antes da tempestade, capitão; até que esteja pronta para desabar, podemos gastar tempo e energia nos certificando de que nosso bom Mestre Jedi tenha vontade de colaborar quando precisarmos dele.

— O que significa entregar Leia Organa Solo para ele.

— Exatamente — concordou Thrawn, olhando para a porta. — E se a minha presença é o que os noghri precisam para inspirar essa ação, é o que terão.

— Por quanto tempo? — indagou Pellaeon.

— Por quanto for necessário — afirmou o Grande Almirante, com um sorriso sardônico.

11

— Han? Acorde — chamou a voz de Lando pelo alto-falante do comunicador ao lado da cama.

— Estou acordado — grunhiu Han, passando a mão sobre os olhos sonolentos. — O que aconteceu?

Se havia um hábito criado pelos anos de contrabando, era o de passar do sono profundo para um estado de alerta em poucos segundos.

— Chegamos — anunciou Lando. — Seja onde for.

— Subirei num minuto.

Han terminou de vestir-se e quando adentrou à cabine do *Lady Luck*, o planeta estava à vista.

— Onde está Irenez? — indagou observando pela escotilha a aproximação da esfera em forma de crescente com manchas azuis- esverdeadas.

Parecia com uma infinidade de planetas que conhecera.

— Voltou para a estação de controle na popa. Tive a impressão de que queria enviar os códigos sem ninguém espiando sobre o ombro.

— Tem alguma idéia de onde estamos?

— Não. Levamos quarenta e sete horas para chegar, mas isso não nos dá muitas pistas.

Han pensou um pouco, forçando a memória.

— Um Dreadnaught pode fazer, vamos dizer... ponto quatro?

— Mais ou menos isso — concordou Lando. — Andando quase no máximo da velocidade.

— Quer dizer que estamos a mais do que cento e cinqüenta anos-luz de New Cov.

— Pessoalmente acredito que estejamos mais perto do que isso, Han. Não faria muito sentido usar New Cov como ponto de contato se ficasse tão longe.

— A menos que New Cov seja idéia de Breil'lya e não deles — sugeriu Han.

— E possível — admitiu Lando. — Mas ainda acho que estamos a menos de cento e cinqüenta anos-luz. Eles podem ter demorado mais tempo a chegar, só para nos confundir.

Han olhou para cima, na direção do cruzador Dreadnaught que os carregara através do hiperespaço nos últimos dois dias.

— Ou para ter tempo de organizar um pequeno comitê de recepção...

— Pode ser. Eu não mencionei antes, mas depois que pediram desculpas

pelo mal acoplamento que obstruiu nossa escotilha, fui até lá e dei uma olhada — disse Lando.

— Você não mencionou o assunto e nem eu. Acontece que fiz a mesma coisa — confessou Han. — Parecia algo deliberado, não?

— Foi o que pensei. Como se arrumassem uma boa desculpa para nos manter aqui em baixo durante o salto; não queriam ninguém bisbilhotando a nave.

— Poderia pensar num monte de bons e inocentes motivos para fazerem isto — afirmou Han.

— E. E outros motivos nem tão inocentes — lembrou Lando.

— Tem certeza de que não tem idéia sobre quem possa ser o comandante deles?

— Nem ao menos um palpite. Todavia creio que não vamos demorar muito para descobrir.

— *Lucky Lady,* aqui é Sina — avisou pelo comunicador uma voz familiar. — Chegamos.

— E, nós reparamos — respondeu Lando. — Suponho que vão sugerir que a gente siga vocês.

— Exatamente — confirmou ela. — O *Peregrino* está pronto a desfazer o acoplamento magnético assim que tiverem condições de vôo.

Han olhou para o alto-falante, mal escutando a resposta do companheiro. Uma nave chamada *Peregrino*...

— Ei, está acordado?

Só então se deu conta de que a conversa com Sina terminara.

— Estou... é que... o nome da nave, *Peregrino*, não me é estranho.

— Já ouviu falar?

— Da nave, não — respondeu Han, balançando a cabeça. — E que o Peregrino é uma antiga lenda corellian, que eu escutava quando criança. Era uma espécie de fantasma condenado a vagar pelos mundos e a nunca encontrar sua casa. Eu morria de medo...

Do alto veio um ruído metálico; com um sacolejo, viram-se livres do acoplamento com o Dreadnaught.

— Pois tente lembrar que essa história não passa de uma lenda — lembrou Lando, afastando o iate do cruzador com suavidade.

Han olhou para o Dreadnaught, desconfiado.

— Claro... sei disso.

Seguiram o transporte de Sina para a superfície do planeta, e logo sobrevoavam uma espécie de planície gramada, cuja monotonia era quebrada por

pequenos bosques de coníferas baixas. Um paredão de rochedos erguia- se à frente... um local ideal para esconder uma base de manutenção de espaçonaves, pensou Han, usando os velhos instintos de contrabandista. Alguns minutos mais tarde, após sobrevoarem uma cordilheira pouco elevada, o palpite provou ser verdadeiro.

Porém, era um acampamento maior do que uma simples base de manutenção. Fileiras de estruturas camufladas preenchiam a planície abaixo da escarpa: desde alojamentos de pequeno porte até prédios maiores, sem dúvida dedicados à administração e suprimentos; havia ainda hangares enormes, cercados por estruturas de manutenção. A área era dotada com baterias Golan Arms antiinfantaria em forma de cilindros com torres móveis, alguns canhões Speizoc antiveículos, mais potentes, além de blindados de assalto KAAC Freerunner, estacionados em posições defensivas.

Lando assobiou, impressionado.

— Dê só uma olhada nisso! Será um exército particular?

— Parece que sim — concordou Han, sentindo a pele da nuca arrepiar-se.

Já tivera encontros com exércitos particulares antes, e nunca encontrara nada além de encrenca.

— Não estou gostando. Tem certeza que quer continuar? — indagou Lando, manobrando por sobre a linha fortificada.

Adiante, o transporte de Sina estava se aproximando de uma área de pouso, quase invisível.

— Como assim? Com esses Dreadnaught em cima da gente? — argumentou Han. — Não acho que a gente tenha alguma outra alternativa. Pelo menos nessa banheira.

— Você está certo — admitiu Lando, preocupado demais para ofender- se com o insulto ao iate. — O que fazemos?

O transporte de Sina baixara o trem de aterrissagem no local apropriado.

— O melhor é pousar e nos comportarmos como hóspedes. Lando olhou para o desintegrador do companheiro.

— Acha que eles têm objeções a visitantes armados?

— Vamos esperar para ver se reclamam primeiro...

Lando pousou o *Lucky Lady* ao lado da outra nave e juntos ele e Han caminharam até a escotilha de proa. Irenez, tendo terminado as transmissões, aguardava por eles, o desintegrador no coldre. Um carro de pequeno porte estava estacionado ao lado de fora e enquanto os três desciam a rampa, Sina e alguns companheiros aproximaram-se do iate. A maior parte dos homens usava um uniforme caqui de talho sóbrio, que lembrava vagamente o estilo corellian; Sina continuava com as roupas civis de New Cov.

— Sejam bem-vindos à nossa base de operações — cumprimentou ela, fazendo um gesto que abrangia toda a área. — Se me acompanharem, vou levá-los até nosso comandante.

— Você tem um lugar bem movimentado por aqui — comentou Han, ao embarcar. — Estão pretendendo começar uma guerra, ou algo parecido?

— Nosso negócio não é começar nenhuma guerra — respondeu Sina, com voz fria.

Han assentiu com um gesto de cabeça, nada convencido. O veículo terrestre deslocava-se pelo acampamento e havia algo na disposição das construções que parecia familiar.

Lando percebeu primeiro.

— Esse lugar lembra bastante as antigas bases da Aliança, onde eu costumava trabalhar. Só que foi construído na superfície, ao invés de ser subterrâneo.

— Parece mesmo, não? — Foi a resposta desencorajadora de Sina.

— Então tiveram negócios com a Aliança? — arriscou Han.

Ela não respondeu. Lando olhou para o companheiro, sobrancelhas levantadas. Han deu de ombros. Fosse o que fosse, ficava claro que o assunto não deveria ser comentado.

O transporte parou em frente a uma construção administrativa sem nada que a distinguisse das outras, com exceção dos dois guardas que ladeavam a entrada. Ambos saudaram Sina e um deles abriu a porta.

— O comandante pediu para encontrar-se a sós com o senhor, capitão Solo — informou ela. — Vamos aguardar aqui com o general Calrissian.

— Certo — concordou Han, respirando fundo e entrando.

Pela aparência exterior, ele esperava encontrar um centro administrativo padrão, com uma área de recepção e vários executivos em escrivaninhas, antes do escritório principal. Para sua surpresa, porém, encontrou-se numa sala de guerra completamente equipada. Ao longo das paredes viam-se consoles de comunicação e de sensores, incluindo pelo menos um receptor de cristal para campos gravitacionais, e o que parecia uma mesa operadora de canhão iônico KDY v-150 Planet Defender, exatamente como o que a Aliança abandonara em Hoth. No centro do aposento havia um grande dispositivo holográfico que mostrava um setor estelar, com centenas de marcadores coloridos e vetores luminosos entre os pontos brilhantes.

Ao lado, havia um homem em pé.

O rosto mostrava-se distorcido pelas luzes coloridas; Han reconheceu as feições que vira em fotografias. Repentinamente, o nome lhe veio à cabeça:

— Senador Bel Iblis!

— Bem vindo ao Ninho do Peregrino, capitão Solo — cumprimentou o outro, de modo grave, caminhando em sua direção. — Estou lisonjeado por ainda se lembrar de mim.

—É muito difícil para um corellian esquecer o senhor, senador — respondeu Han, percebendo que não existiam muitas pessoas na Galáxia capazes de arrancar um "senhor" espontâneo dele. —

Mas — Eu devia estar morto? — completou o senador, sorrindo.

— Bem... sim. Quer dizer, todos os que estavam com o senhor morreram em Anchoron.

— Num determinado sentido, estou morto — declarou o anfitrião, desmanchando o sorriso. De perto, as linhas da idade eram perceptíveis nas feições severas. — O Imperador não conseguiu acabar comigo em Anchoron, mas poderia ter conseguido. Tirou tudo o que tinha, a não ser a vida: minha família, minha profissão e até mesmo os contatos com a sociedade corellian. Ele me forçou para fora da lei que eu mesmo ajudei a criar e manter. — O sorriso desenhou-se outra vez. — Me forçou a virar rebelde. Acredito que você conheça bem essa sensação.

— Conheço — respondeu Han, sorrindo em resposta. Estudara na escola a vida do legendário senador Garm Bel Iblis. Agora o encontrava. — Ainda não consigo acreditar. Gostaria que nos tivéssemos conhecido antes... teríamos um ótimo uso para o seu exército durante a guerra.

Por um instante o rosto do senador demonstrou tristeza.

— Provavelmente não poderíamos ter ajudado muito. Levamos muito tempo para montar o que está vendo aqui... mas teremos tempo para falar sobre isso mais tarde. Por enquanto, percebo que está se perguntando quando foi que nos encontramos — observou o senador.

Na verdade, Han esquecera-se por completo da menção ao encontro anterior.

— Para dizer a verdade, não tenho nenhuma pista — confessou ele. — A menos que esse encontro tivesse acontecido depois de Anchoron e o senhor estivesse disfarçado.

Bel Iblis balançou a cabeça negando.

— Não estava disfarçado e tampouco esperei que lembrasse. Vou dar uma pista: você tinha onze anos, naquela época.

Han piscou.

— Onze? Então foi na escola?

— Correto. Foi numa conferência em sua escola, onde vocês foram obrigados a assistir várias palestras dos fósseis políticos.

Man sentiu o rosto avermelhando. A lembrança específica ainda não

chegara, mas de fato, na época era assim que ele se sentia a respeito de políticos. Pensando bem, sua opinião não se alterara muito ao longo dos anos.

— Desculpe, mas não estou lembrando...

— Como disse, não esperava que lembrasse. Por outro lado, eu me recordo do incidente. Logo depois da conferência, na hora das perguntas, você fez duas irreverentes, mas importantes: a primeira dizia respeito à ética da inclinação antialienígena que começava a instalar-se na estrutura legal da República, e a segunda foi sobre pontos sensíveis e específicos da corrupção que existia no Senado.

As cenas começaram a voltar, de uma forma nebulosa.

— Estou lembrando. Acho que um dos meus colegas me desafiou a fazer essas perguntas ao senhor. Provavelmente achou que eu seria repreendido por falta de educação. Na época, eu já era encrenqueiro.

— Talvez preparando o resto de sua vida? — sugeriu Bel Iblis. — De qualquer forma, não era o tipo de pergunta que eu esperava escutar de um menino de onze anos e fiquei intrigado o suficiente para me informar sobre você. Desde então, venho seguindo suas atividades, de tempos em tempos.

— Provavelmente não ficou muito impressionado...

— No começo foi assim — confessou o senador. — Admito que fiquei desapontado quando deixou a Academia Imperial. Você tinha uma carreira promissora pela frente e naquela época eu acreditava que um corpo de oficiais leais era uma das poucas defesas que a República tinha contra o Império. — Ele deu de ombros. — Depois, da maneira que as coisas correram, achei que foi bom ter saído. Com seu óbvio desdém pela autoridade, teria sido eliminado logo, na perseguição que o Imperador fez aos que não foi capaz de seduzir. Nesse caso, as coisas teriam sido muito diferentes, não concorda?

— Um pouco, talvez — admitiu modesto Han. Olhou ao redor. — Então... há quanto tempo tem estado montando esse... como chamou? O Ninho do Peregrino.

— Ah, nós nunca ficamos muito tempo no mesmo lugar — declarou Bel Iblis, dando uma palmada amistosa no ombro de Han e voltando-o para a porta. — Se você fica muito tempo no mesmo lugar, o Império acaba por encontrá-lo. Mas podemos falar de negócios mais tarde. No momento, seu amigo lá fora deve estar ficando nervoso. Não quer me apresentar?

De fato, Lando parecia um pouco tenso quando os dois saíram do interior da construção para a luz do sol.

— Está tudo bem — assegurou Han. — Estamos entre amigos. Senador, este é Lando Calrissian, que já foi general da Aliança Rebelde. Lando, este é o senador Garm Bel Iblis.

Não esperava que o amigo reconhecesse o nome de um político corellian da velha guarda. Estava certo.

— Senador Bel Iblis — disse Lando, em tom formal.

— Estou honrado em conhecê-lo, general Calrissian. — Ouvi falar muito do senhor.

Lando olhou para o amigo antes de responder.

— Só Calrissian — corrigiu ele. — O *general é* mais um título de cortesia agora.

— Então estamos quites. Também não sou mais senador — sorriu Bel Iblis. Depois fez um gesto em direção à Sina. — Acho que já conheceram minha principal conselheira e embaixadora não-oficial com plenos poderes, Sina Leikvold Midanyl. E Irenez, que veio com vocês.

— Foi necessário, senhor — declarou Sina. — Nosso outro convidado precisava ser tranqüilizado.

— Claro, o assessor de conselheiro Breil'lya — disse o senador, olhando na direção do ponto de aterrissagem. — Pode ser uma situação delicada.

— E verdade, senhor — admitiu Sina. — Talvez eu não devesse tê-lo trazido, mas na hora não consegui pensar em nada melhor.

— Concordo. Deixá-lo lá no meio de um ataque do Império teria sido desastroso — disse o comandante.

Han sentiu um arrepio correndo pelas costas. Na excitação de encontrar Bel Iblis, esquecera-se completamente do motivo que os tinha levado até New Cov.

— Parece manter um boas relações com Breil'lya, senador — declarou com cuidado.

— E você gostaria de saber como é esse relacionamento, certo?

— Na verdade, senhor... gostaria. O anfitrião sorriu.

— Você ainda tem o reflexo de não se curvar à autoridade, não? Ótimo. Vamos até o saguão do quartel-general, e vou revelar o que quiserem saber — convidou, o sorriso endurecendo. — E depois, tenho algumas perguntas para vocês, também.

A porta deslizou e Pellaeon penetrou na antecâmara da sala de comando de Thrawn. A penumbra reinava num ambiente vazio; porém o capitão já aprendera.

— Tenho informações importantes para o Grande Almirante — anunciou em voz alta. — Não tenho tempo para esses joguinhos.

— Não são joguinhos — rosnou a voz grave de Rukh, bem perto, provocando um sobressalto no capitão, apesar do controle.

— Técnicas de emboscada precisam ser praticadas, ou a gente esquece.

— Pois vá praticar com outra pessoa — redargüiu Pellaeon.

— Tenho trabalho a fazer.

Caminhou na direção da porta interna, maldizendo silenciosamente o guarda-costas e toda a raça noghri. Podiam ser instrumentos úteis para o Império, mas ele já lidara com a estrutura de clãs antes, e a longo prazo nunca tivera outro resultado que não problemas. A porta deslizou...

Revelando uma escuridão quebrada apenas pela luz suave de velas.

Pellaeon parou abrupto, sua mente retornando à cripta lúgubre em Wayland, onde um milhar de velas marcavam os túmulos dos aventureiros mortos ali nos últimos anos, por Joruus C'baoth. Thrawn tornara seu aposento numa réplica exata...

— Não, não estou sob a influência do nosso instável Mestre Jedi — disse a voz de Thrawn do outro lado da sala. Observe melhor...

Por sobre a iluminação bruxuleante, Pellaeon divisou os olhos vermelhos do Grande Almirante.

Reparando nas velas, o capitão percebeu que não passavam de imagens holográficas de delicadas esculturas luminosas.

— Bonitas, não? São miniaturas corellian de esculturas em chamas, uma das que muitos tentaram copiar, mas nunca foram capazes de reproduzir — disse a voz meditativa de Thrawn. — Não passam de fibras transópticas, material pseudoluminoso de plantas, e um par de fontes luminosas Goorlish; mesmo assim, existe algo nelas que jamais foi captado por mais ninguém. — As chamas holográficas se dissolveram, e no centro do aposento apareceram três cruzadores Dreadnaught. — Esta imagem foi obtida pelo *Incansável* dois dias atrás, perto do planeta New Cov. Observe com cuidado, capitão.

As imagens animaram-se. Pellaeon assistiu em silêncio quando os Dreadnaught começaram a disparar canhões iônicos na direção do ponto de vista da câmera. Quase escondido pela força do ataque, um transporte comum, e outra nave que lembrava um iate de recreio, deslizaram para a proteção oferecida pelo centro da formação. Ainda disparando, os cruzadores começaram a recuar, e um minuto mais tarde o grupo inteiro realizou o salto para a velocidade da luz. O holograma dissolveu-se e as luzes do aposento estabilizaram-se numa penumbra suave.

— Algum comentário? — incentivou Thrawn.

— Parece que nossos velhos amigos estão de volta. Devem ter se recuperado do susto que levaram em Linuri. Um aborrecimento, logo agora — comentou Pellaeon.

— Infelizmente, existem indicações de que se tornaram mais do que apenas um aborrecimento. Uma das duas naves que foram salvas foi identificada pelo *Incansável* como o *Lucky Lady,* de Lando Calrissian, levando ele e o

capitão Solo a bordo.

Pellaeon franziu a testa.

— Solo e Calrissian? Mas...

— Deviam estar no sistema Palanhi — completou o Grande Almirante. — É verdade. Cometi um erro de julgamento. Obviamente surgiu algum assunto mais importante do que a reputação de Ackbar.

— Tal como angariar mais forças para a Rebelião.

— Não acredito que tenham se juntado a eles ainda. Nem que tal aliança seja inevitável. Aquela era uma força tarefa corellian, capitão... — informou Thrawn, a testa franzida. — Agora tenho certeza. E existem fortes indícios sobre quem possa ser esse corellian.

— Solo é um corellian, certo?

— Certo. Esse *é* um dos motivos pelo qual acredito que estejam ainda na fase de negociações. Se o líder deles for quem suspeito que seja, ele deve preferir conversar com um compatriota do que assumir compromissos com os líderes da Rebelião.

Um painel de comunicação à esquerda de Thrawn emitiu um sinal eletrônico.

— Grande Almirante Thrawn? Conseguimos a comunicação que o senhor pediu. O *Incansável* está na linha.

— Obrigado — disse Thrawn, digitando o teclado.

Um rosto humano maciço apareceu, as mãos postas à sua frente, a expressão indicando uma cuidadosa neutralidade, em frente ao que parecia ser o console de um centro de detenção.

— Grande Almirante...

— Bom dia, capitão Dorja. Tem o prisioneiro que requisitei?

— Está aqui, senhor — assentiu Dorja, gesticulando para o lado. Apareceu um humano corpulento, as mãos manietadas à frente, e a expressão neutra abaixo da barba aparada com meticulosidade. — O nome dele é Niles Ferrier. Nós o apanhamos com sua tripulação durante a operação em New Cov.

— A operação em que Skywalker, Solo e Calrissian escaparam.

— Sim, senhor — concordou Dorja, piscando. Thrawn dirigiu sua atenção para Ferrier:

— Capitão Ferrier... nossos arquivos indicam que o senhor especializou- se em roubo de espaçonaves. Apesar disso você foi apanhado com uma carga de biomoléculas de New Cov em sua nave. Pode explicar esse fato?

O prisioneiro deu de ombros.

— Roubar naves não é uma atividade que se possa praticar todos os dias. É preciso escolher a oportunidade e fazer um bocado de planejamento. Aceitar

trabalhos comuns ajuda nas duas coisas e evita que se morra de fome.

— Naturalmente está consciente de que essas biomoléculas não foram declaradas.

— O capitão Dorja me explicou esse fato, senhor — afirmou Ferrier, com a expressão surpresa e indignada. — Acredite, se eu soubesse que estava fazendo parte de uma trapaça dessa monta contra o Império...

— Presumo também que saiba que tanto sua carga como a própria nave podem ser confiscadas — interrompeu Thrawn, implacável.

Ferrier naturalmente sabia, como o almirante pôde ver nos olhos assustados.

— Tenho colaborado com o Império sempre que posso, senhor. Já entreguei várias cargas de contrabando da Nova República, e recentemente entreguei três naves-patrulha de Sienar para o Império.

— E em todos esses casos recebeu uma quantidade ultrajante de dinheiro — recordou Thrawn. — Se está tentando insinuar que lhe devemos alguma coisa por sua bondade, não se dê ao trabalho. Entretanto... pode haver uma forma de pagar seu novo débito. Você reparou nas naves que atacaram o *Incansável* enquanto tentava fugir desse planeta?

— Claro que sim, senhor — disse Ferrier, com ar de profissional ofendido. — Eram três cruzadores Dreadnaught Rendili StarDrive. Velhos, pela aparência, mas operacionais. Provavelmente passaram por um bocado de reformas.

— De fato — assentiu Thrawn, sorrindo. — Eu os quero. Ferrier levou vários segundos para absorver as implicações da afirmação. Quando finalmente entendeu, deixou cair o queixo.

— O senhor quer dizer... *eu?*

— Algum problema?

— Bem, almirante... com o devido respeito...

— Você tem três meses-padrão para me conseguir aquelas naves, ou fornecer a localização exata — interrompeu Thrawn. — Capitão Dorja?

O militar aproximou-se.

— Senhor?

— Você vai libertar Ferrier, com sua tripulação, e fornecer uma nave não identificada da Inteligência para o uso dele. A nave apreendida fica no *Incansável* até que tenham completado a missão que designei.

— Entendido — assentiu Dorja.

— Mais uma coisa, capitão Ferrier. Só para o caso de sentir-se tentado a desistir da missão e tentar fugir, a nave que vai receber está equipada com um mecanismo de autodestruição inviolável, que estará regulado para explodir em três meses. Acredito que compreende a situação.

A tez de Ferrier tornou-se lívida:

— Certo — conseguiu responder.

— Ótimo. — O Grande Almirante voltou a atenção para Dorja. — Deixo os detalhes com o senhor, capitão. Mantenha-me informado do desenrolar da operação.

Thrawn acionou uma tecla, cortando a comunicação.

— Como disse, capitão, não acho que uma aliança com a Rebelião seja inevitável — declarou a Pellaeon.

— Isto se Ferrier conseguir...

— Ele tem uma chance razoável — assegurou Thrawn. — Afinal de contas, temos uma idéia geral sobre onde se escondem. Simplesmente não temos tempo e homens suficientes para atacá-los agora. Mesmo que tivéssemos, um ataque em larga escala destruiria os Dreadnaught e preferia capturá-los intactos.

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, lembrando-se do assunto que o trouxera ali. — A propósito, senhor, chegou o relatório da equipe técnica sobre a nave de Khabarakh.

Ele colocou o cartão de dados sobre a bancada.

Thrawn encarou-o por um instante, os olhos rubros penetrando os do subordinado, como se tentasse decifrar a tensão que havia ali. Sem dizer uma palavra, apanhou o cartão e colocou-o no dispositivo de entrada de sua prancheta de comunicação. Pellaeon aguardou, enquanto o superior tomava conhecimento do conteúdo.

Ao terminar, o Grande Almirante recostou-se em sua poltrona, o rosto azulado impassível.

— Pelos de wookie — murmurou ele.

— Sim, senhor. Por toda a nave. Thrawn permaneceu em silêncio por um instante.

— Sua interpretação desse fato, capitão?

— Só vejo uma explicação. Na verdade, esse Khabarakh não escapou de Kashyyyk — arriscou Pellaeon. — Eles o pegaram... depois o deixaram ir.

— Depois de um mês na prisão... e de um interrogatório.

— Com certeza, senhor. A pergunta é: o que ele contou?

— Só existe uma forma de saber — afirmou Thrawn, acionando seu comunicador. — Hangar, prepare meu transporte. Vou até a superfície. Quero um transporte com soldados e um esquadrão duplo de tropas de assalto para me acompanhar, mais dois bombardeiros Scimitar para providenciar cobertura aérea.

Depois de ouvir a confirmação de recebimento das ordens, Thrawn desligou.

— Pode ser, capitão que os noghri tenham esquecido a quem devem

lealdade. E hora de lembrá-los que o Império é quem manda aqui. Retorne à ponte e prepare uma demonstração apropriada.

— Sim, senhor. — Pellaeon hesitou. — Deseja apenas uma lição adequada ou destruição total?

Os olhos de Thrawn brilharam.

— Por enquanto, apenas uma lição — afirmou com voz fria. — E bom eles rezarem para que eu não mude de idéia.

12

A primeira coisa que Leia reparou ao deslizar do sono para a realidade foi o odor: um cheiro de madeira queimando, parecido com o do acampamento ewok em Endor, acre e aromático. Lembrava também seus acampamentos em Alderaan, quando era criança.

Então recordou-se de onde estava. A consciência veio de uma vez, fazendo-a abrir os olhos...

Encontrou-se deitada num catre rústico, num dos cantos da padaria comum dos noghri. Exatamente onde estivera ao adormecer na noite anterior.

Sentou-se, sentindo-se aliviada e um pouco envergonhada. Com a visita inesperada do Grande Almirante na noite anterior, imaginara que poderia despertar na cela de um destróier estelar. Naturalmente subestimara a fidelidade dos noghri às promessas que faziam.

Seu estômago roncou, recordando-a que um longo tempo se passara desde que comera pela última vez. Um dos gêmeos moveu-se no interior da barriga, como que para reforçar a lembrança.

— Muito bem, já entendi. E hora do café — murmurou baixinho.

Apanhou uma barra de ração em uma das maletas que trouxera, e mordeu-a com prazer, olhando ao redor enquanto mastigava. Contra a parede da porta, o catre duplo, ocupado por Chewbacca, estava vazio. Por um instante a idéia de traição bailou em sua mente; um pouco de concentração usando a Força terminou com os pensamentos negativos. O wookie estava por perto, sem nenhuma sensação de perigo. Acalme-se, ordenou a si mesma com rigor, vestindo um macacão retirado da valise. Fossem o que fossem os noghri, ficava claro que não se tratava em absoluto de um povo selvagem. Lidava com um povo honrado, que possuía os próprios costumes e que não a entregariam nas mãos do Império. Pelo menos não até ouvir o que tinha a dizer.

Terminou de comer, vestiu-se e assegurou-se de que o cinto não a apertava em demasia. Apanhando o sabre-laser sob a cama, prendeu-o ao cinto. Khabarakh deu mostras de reconhecer melhor sua identidade com a arma exclusiva dos Jedi e, com certeza, os outros reagiriam da mesma forma.

Realizou seus exercícios relaxantes e saiu da padaria para o exterior.

Três pequenas crianças noghri brincavam com uma bola inflável no gramado, as gotículas de transpiração brilhando na pele acinzentada, exposta ao sol matinal. Uma luz que não duraria, pois uma camada grossa de nuvens estendia-se para o oeste e movia-se na direção do sol. Assim seria melhor; pelo

menos bloquearia a possibilidade de observação telescópica direta do destróier em órbita, do mesmo modo como dificultaria a recepção dos sinais biológicos diferentes dos noghri.

As crianças pararam de brincar e perfilaram-se diante da porta.

— Oi — cumprimentou ela, com um sorriso.

A criança no meio adiantou-se e ajoelhou, fazendo uma imitação razoável dos gestos de respeito realizado pelos adultos.

— *Mal'ary'ush, miskh'ha'ra isf chrak'mis'sokh. Mir'es kha* — articulou o pequeno noghri, em sua voz felina.

— Certo... — disse, desejando ter Threepio a seu lado. Estava imaginando se deveria assumir o risco de chamá-lo pelo comunicador, quando a criança falou novamente:

— Cumprriment’a você, *Mal'ary'ush.* Maitrakh espe'rra n'a *duk-ha.*

A criança utilizara o básico, com forte sotaque, porém de forma compreensível.

— Obrigada — respondeu formal. — Por favor, me leve até ela.

Na noite anterior tivera dois vigias à porta e de manhã era recepcionada pelas crianças, que pareciam aprender cedo seus deveres e responsabilidades.

O pequeno curvou-se outra vez e levantou-se. Dirigiu-se para a grande estrutura circular, vizinha ao local onde Khabarakh aterrissara à noite. A nave não se encontrava mais ali. Leia seguiu o guia-mirim, enquanto as outras duas crianças assumiam posição de escolta a seu lado. Enquanto caminhavam, olhou de soslaio para elas, reparando na cor clara da tez. A pele de Khabarakh tinha o tom acinzentado do aço; a da maitrakh era bem mais escura. Será que os noghri se constituíam em várias raças diferentes ou o escurecimento seria progressivo, de acordo com a idade? Tomou nota do assunto, para perguntar quando tivesse uma chance.

A *dukha*, à luz do dia, era mais elaborada do que ela imaginara na noite anterior. Os pilares, espaçados de alguns metros, pareciam compostos de troncos inteiros, sem casca, e polidos até obter um acabamento semelhante ao mármore negro. A madeira que compunha o restante da estrutura era esculpida até a metade da altura com um trabalho delicado de entalhes. Ao se aproximarem, pode ver que a faixa metálica que rodeava todo o perímetro, abaixo do beirai, também estava decorada... Os noghri acreditavam em arte e funcionalidade. Toda a estrutura teria vinte metros de diâmetro e quatro de altura, mais três metros do telhado cônico. Imaginou quantos pilares haveria no interior para suportar todo aquele peso.

Entre dois dos toros polidos ficavam as portas duplas, flanqueadas por guardas perfilados, que abriram as folhas para que passasse. Agradecendo com

um gesto de cabeça, Leia entrou na *dukha*.

O interior era tão impressionante como o exterior. Num único aposento, havia um trono a cerca de dois terços do comprimento, ao fundo, uma pequena cabine de madeira com o teto inclinado e treliças na janela; e começando na parede esquerda, um mural em baixo relevo. Leia não encontrou pilares internos de suporte; ao invés disso, uma série de correntes grossas partiam do alto de cada tronco até um disco suspenso no centro do telhado. Do interior desse disco partiam luzes, que refletidas no teto, produziam um efeito difuso e agradável.

Alguns metros à frente do mural havia um círculo de crianças sentadas ao redor de Threepio, que contava uma história na língua deles, repleta de efeitos sonoros e imitação de vozes. Leia recordou-se da versão condensada sobre a luta contra o Império que ele contara aos ewok, e esperou que o dróide lembrasse de não apresentar Darth Vader como personagem maligno. Acreditava que sim, pois o alertara sobre o assunto durante a viagem e diplomacia era o forte de Threepio.

Um pequeno movimento à esquerda captou sua atenção: Chewbacca e Khabarakh sentavam-se de frente um para o outro, entretidos em algum tipo de atividade que envolvia punhos e pulsos. O wookie parará de mover-se e olhava com curiosidade em sua direção. Leia fez um gesto de cabeça para tranqüilizá-lo, tentando entender o que estavam fazendo. Pelo menos o objetivo não parecia ser arrancar o braço de ninguém; já era alguma coisa.

— Lady Vader — cumprimentou a voz da maitrakh, fazendo com que ela se voltasse na direção do som. — Eu a saúdo. Dormiu bem?

— Muito bem — garantiu Leia. — Sua hospitalidade tem sido excelente.

Olhou para o dróide, imaginando se deveria requisitar os serviços de tradução. A velha fêmea noghri interpretou de forma errônea aquele interesse.

— E a hora das histórias para as crianças. Sua máquina se ofereceu para contar a última história de nosso lorde, Darth Vader.

— Certo — aquiesceu Leia, recordando-se do sacrifício final, com a vida de Luke pendendo entre os dois poderosos. — Demorou, mas ele finalmente conseguiu libertar-se da influência maléfica do Imperador.

Por um instante, a maitrakh permaneceu em silêncio, depois moveu-se.

— Venha comigo, Lady Vader.

Deslocaram-se, aproximando-se das paredes. Pela primeira vez, Leia reparou nas esculturas em baixo relevo que cobriam as paredes internas. Seria um histórico familiar?

— Meu terceiro filho agora respeita seu wookie — afirmou a anfitriã, gesticulando em direção aos dois. — Nosso lorde, o Grande Almirante, veio na noite passada procurando provas que meu terceiro filho o enganara sobre o defeito na nave. Por causa do seu wookie, ele não encontrou nada.

— E verdade, Chewbacca me contou ontem à noite que deu um jeito no equipamento de comunicação da nave. Não tenho conhecimento de mecânica, mas sei que não *é* fácil dar a impressão de defeito natural como fez. Foi uma sorte para todos que tivesse a visão e a iniciativa para isso.

— O wookie não pertence à sua família, ou ao seu clã, e mesmo assim você confia nele, como amigo...

— Nunca cheguei a conhecer meu pai verdadeiro, o Lorde Vader, enquanto era criança — relatou Leia. — Fui levada para Alderaan e criada pelo vice-rei como se fosse a própria filha. Em Alderaan, como parece ser o caso aqui, o relacionamento familiar era a base da cultura e da sociedade. Cresci tendo que decorar listas de tios, tias e primos, aprendendo a colocá- los segundo a ordem de parentesco mais próximo. Chewie era apenas um bom amigo, mas agora faz parte da família. Assim como meu marido e meu irmão.

A maitrakh considerou as palavras enquanto as duas percorriam a extensão da *dukha*.

— Por que veio até aqui? — indagou ela.

— Khabarakh me disse que seu povo precisava de ajuda — respondeu Leia, com simplicidade. — Achei que talvez pudesse fazer alguma coisa.

— Alguns dizem que veio para promover a discórdia entre nós.

— A senhora mesmo disse isso ontem — lembrou Leia. — Entretanto posso lhe dar minha palavra que minha intenção não é promover discórdia.

A matriarca produziu um som sibilante, que terminou com um bater duplo dos dentes pontiagudos.

— Nem sempre o fim e os meios são o mesmos, Lady Vader.

Agora servimos apenas um superclã. Você iria pedir que seguíssemos outro. Essa é a semente da discórdia e da morte.

— Será que servir o Império satisfaz vocês? Traz honra ou torna melhor a vida do povo?

— Servimos o Império como um clã. Se exigisse nossos serviços, traria de volta velhos conflitos — declarou a maitrakh, aproximando-se da parede.

— Está vendo nossa história, Lady Vader?

Leia virou a cabeça para observar. Inscrições cobriam os dois terços inferiores das paredes, com cada palavra ligada a várias outras, numa confusão de linhas horizontais, verticais e diagonais, cada entalhe apresentando largura e profundidade diferentes. Então percebeu: aquilo era uma representação genealógica, referente ao clã Kihm'bar, ou à uma família em particular.

— Estou vendo.

— Então pode ver a terrível destruição da vida, criada pelos conflitos antigos — explicou a anfitriã, mostrando pontos nas inscrições, que para Leia

pareciam tão indecifráveis quanto o restante. — Não quero que esses acontecimentos se repitam. Nem mesmo pela filha do nosso Lorde Darth Vader.

— Entendo — murmurou Leia, estremecendo à lembrança dos fantasmas de Yavin, Hoth, Endor e muitos outros. — Já vi mais guerra e mortes em minha vida do que jamais pensei que fosse possível. Não tenho desejo de acrescentar mais a essa lista.

— Então deve partir — declarou a maitrakh, com firmeza. — Deve partir e não voltar enquanto existir o Império.

Começaram a andar.

— Não há outra alternativa? E se puder persuadir todo o povo a deixar o serviço ao Império? Então não haveria conflito entre vocês — argumentou Leia.

— O Imperador nos ajudou quando ninguém mais queria — retrucou a matriarca.

— Isso foi porque não sabíamos das suas necessidades. Agora, oferecemos ajuda.

Leia sentiu uma pontada na consciência por dizer uma meia-verdade. A Aliança realmente ignorava a situação ali, e Mon Mothma e os outros líderes gostariam de ter ajudado se soubessem. A questão seria se dispunham de recursos palpáveis para tanto.

— Estão nos oferecendo ajuda pelo nosso próprio bem? Ou meramente para adquirir nossos serviços? Não desejamos nos sentir como um osso entre dois *stava* famintos.

— O Imperador usou vocês — afirmou Leia. — Assim como o Grande Almirante. Será que a ajuda oferecida vale pelos filhos que retiraram de vocês para morrer?

Caminharam cerca de vinte passos antes que a maitrakh respondesse.

— Nossos filhos partiram. Mas com o serviço prestado compraram a nossa vida. Você veio num veículo que voa, Lady Vader. Viu o que foi feito ao nosso mundo.

— Vi. E não esperava que a destruição fosse tanta.

— A vida em Honoghr sempre foi uma luta — afirmou a anfitriã. — Foi preciso muito trabalho para domar essa terra. Você viu na história a época em que a luta foi perdida. Mas depois da batalha no céu...

A maitrakh estremeceu, de uma forma que lhe sacudiu o corpo todo. Com esforço, continuou:

— Foi como uma guerra entre os deuses. Agora sabemos que eram apenas as grandes naves combatendo acima das nuvens. Mas na época não sabíamos nada disso. Os raios iluminaram os céus, durante uma noite e um dia, clareando as montanhas distantes. Ainda assim, não havia trovões, como se os deuses

estivessem zangados demais para gritar enquanto lutavam. Apenas uma vez escutamos um ruído distante, que parecia um trovão. Lembro de ter ficado mais assustada com o silêncio do que com as luzes. Só muito mais tarde ficamos sabendo que uma das montanhas mais altas perdera o seu pico. Depois os raios pararam e ousamos esperar que os deuses fizessem suas guerras longe de nós... Até vir o terremoto.

Leia escutava o relato, condoída. As lembranças provocaram novos arrepios na velha noghri.

— Os raios foram a zanga dos deuses. O terremoto foi a clava de guerra se abatendo sobre nós. Cidades inteiras desapareceram quando o chão se abriu. Montanhas-de-fogo, aplacadas desde tempos remotos, voltaram à vida e cuspiram fogo e fumaça para o céu. As florestas e os campos queimaram, assim como as cidades e as vilas que haviam resistido ao próprio terremoto. Dos que morreram veio a doença e muitos mais faleceram. Foi como se a fúria do céu se abatesse sobre a terra. Leia deixou escorrer uma lágrima.

— E quando ousamos esperar que tudo tivesse terminado, começou a cair a chuva mal-cheirosa — concluiu a maitrakh.

Leia assentiu, a seqüência de imagens formava-se na cabeça:

Uma das grandes naves caíra na superfície, provocando terremotos e liberando substâncias tóxicas, que haviam sido carregadas pelo vento e pela chuva para todo o planeta. Existiam muitos elementos com essas características usadas pelas naves de combate modernas, porém nada tão virulento como nas espaçonaves antigas.

Velhas naves era tudo o que a antiga Aliança tinha para lutar, no início...

Uma nova sensação de culpa queimou no estômago de Leia. Nós fizemos isto, pensou, foi nossa culpa.

— A chuva matou as plantas? — indagou ela.

— O pessoal do Império tinha um nome para o que estava na chuva. Mas não sei o que era — afirmou a maitrakh.

— E logo depois da tempestade eles vieram? O Lorde Vader e os outros?

— Foi. Nós tínhamos nos reunido aqui, todos os que estavam vivos e podiam viajar. Esse lugar sempre foi um local de trégua entre os clãs. Tínhamos vindo para encontrar um modo de sobreviver. Foi ali na praça que nosso Lorde Vader nos encontrou.

Caminharam em silêncio mais algum tempo, a velha noghri perdida em recordações e Leia incapaz de pronunciar mais palavras.

— Alguns acharam que era uma espécie de deus. Todos o temeram, com sua bela máquina voadora prateada, e os soldados que o acompanhavam. Mas mesmo com todo o medo, havia raiva pelo que fizeram com a gente e vinte dos

nossos melhores guerreiros resolveram atacar.

— E foram massacrados — completou Leia, com tristeza na voz.

A idéia de guerreiros primitivos atacando as tropas do Império era revoltante.

— Não pereceram muitos — redargüiu a maitrakh, com orgulho na voz.

— Apenas três morreram em combate. Em troca, mataram vários companheiros de Lorde Vader, a despeito das armaduras e das armas de luz. Só quando o próprio Lorde Vader entrou na briga, nossos guerreiros foram derrotados. Mas ao invés de nos destruir, como aconselharam alguns dos que o acompanhavam, ofereceu paz. Paz, a bênção e a ajuda do Imperador.

Leia assentiu, com um gesto de cabeça. Sempre imaginara por que o Imperador se teria dado ao trabalho de preservar um pequeno grupo de não-humanos primitivos. Porém, não-humanos primitivos com a capacidade de luta dos noghri eram outro assunto.

— Que tipo de ajuda trouxe?

— Tudo o que precisávamos. Comida, remédios e ferramentas chegaram de uma só vez. Mais tarde, quando começou a estranha chuva, mandaram os homens de metal para tirar o veneno da terra — respondeu a maitrakh.

Leia piscou, consciente da vulnerabilidade dos gêmeos. Porém o analisador não encontrara sinais de nenhuma substância tóxica no ar testado ao redor da vila. Além disso, Chewbacca e Khabarakh realizaram análises do solo. Qualquer que fosse a substância trazida pela chuva, os dróides de descontaminação haviam feito um bom trabalho.

— E nada cresce fora da terra limpa? — indagou ela.

— Só a grama *kholm* — esclareceu a maitrakh. — E uma planta pobre, que não serve para comer. Só ela cresce agora, e mesmo assim não tem o mesmo cheiro.

Isso explicava a cor marrom uniforme que ela e Chewbacca avistaram do espaço. De alguma forma, essa planta adaptara-se ao solo tóxico.

— Algum animal sobreviveu?

— Alguns. Os que comiam a grama *kholm* e os que se alimentavam desses animais. Mas são poucos — disse a velha noghri, levantando os olhos para as colinas distantes. — Esse lugar nunca teve muita vida, Lady Vader. Talvez seja por isso que os clãs o escolheram para um lugar de trégua. Porém, mesmo nesse lugar desolado ainda existiam animais e plantas. Agora não mais.

A maitrakh endireitou o corpo, suspirou e procurou esquecer as lembranças desagradáveis.

— Nosso Lorde Vader nos ajudou de muitas formas. Mandou professores para ensinar aos pequenos os costumes do Império, impôs novas leis para

permitir que todos os clãs partilhassem as Terras Limpas e ensinou aos clãs a forma de viver juntos, como nunca tinha acontecido antes. Depois mandou naves para a terra desolada, para procurar e nos trazer as *dukha* — declarou a matriarca, levantando os olhos para Leia. — Temos aqui uma paz honrosa, Lady Vader. Qualquer que seja o custo, pagamos contentes.

Do outro lado do aposento, as crianças aparentemente haviam terminado a lição e estavam se levantando. Um deles falava com Threepio, fazendo uma espécie de versão truncada da reverência habitual. O dróide respondeu e o grupo todo voltou-se e encaminhou-se para a porta, onde dois adultos aguardavam.

— Intervalo? — perguntou Leia.

— As lições do clã terminaram por hoje — explicou a maitrakh. — As crianças agora precisam contribuir com sua parte para o trabalho da vila. Mais tarde, à noite, terão as lições para que possam servir ao Império.

Leia balançou a cabeça.

— Não está certo. Ninguém deveria enviar suas crianças em troca da vida.

A matriarca suspirou.

— É o débito que temos. De que outro jeito poderíamos pagar? Leia controlou-se. De que outro jeito? Naturalmente o Império estava satisfeito com seu lado da barganha; tendo visto os comandos noghri em ação, podia compreender o fato. Eles não se interessariam em deixar os noghri pagar a dívida de outra forma. E se os próprios noghri consideravam esse serviço um débito de honra com seus salvadores...

— Não sei — admitiu ela.

Um movimento ao lado chamou sua atenção: Khabarakh, ainda sentado, caíra de lado, com o pulso preso pela mão de Chewbacca. Parecia uma luta...

— O que estão fazendo ali? — indagou ela.

— Seu wookie pediu a meu terceiro filho que o instruísse em nossos métodos de luta — explicou a maitrakh, orgulhosa. — Um wookie tem muita força, mas falta um pouco de sutileza nas técnicas de combate.

Não era uma afirmação com a qual um wookie concordasse, mas Leia reparara que Chewbacca se valia mais da força bruta e da pontaria com a besta.

— Fico surpresa por permitir que Khabarakh o ensine — comentou ela.

— Nunca chegou a confiar nele.

— Talvez seja essa desconfiança que provoca o interesse...

— Talvez... — concordou Leia, com um sorriso.

Por um minuto, observaram em silêncio o noghri ensinando a Chewbacca mais duas chaves-de-braço. Pareciam variantes das que Leia aprendera na juventude em Alderaan e estremeceu ao imaginar aqueles movimentos impulsionados por músculos do wookie.

— Agora compreende nosso círculo de vida, Lady Vader. Precisa entender que ainda nos seguramos em teias de aranha. De vez em quando não temos terra boa suficiente para plantar comida que dê para todos. Precisamos continuar comprando do Império.

— Cujo pagamento exige mais serviços de seus filhos — afirmou Leia, balançando a cabeça em sinal de compreensão. — Em débito permanente... a forma mais antiga de escravidão na Galáxia.

— E também encoraja a perda de nossos filhos — lamentou a maitrakh, com amargura. — Mesmo que o Império permitisse, não poderíamos trazê- los todos. Não teríamos comida suficiente para alimentá-los.

Leia assentiu. Era uma bela armadilha, um círculo vicioso difícil de quebrar. Não esperava menos, partindo de Vader e do Imperador.

— Nunca conseguirão pagar. Sabe disso, não sabe? Enquanto forem úteis a eles, o Grande Almirante vai se certificar que isso não aconteça.

— Demorou muito, mas agora sei disso. Se todos os noghri pensassem assim, talvez algumas mudanças pudessem surgir.

— O resto dos noghri ainda acredita que o Imperador é amigo de vocês?

— espantou-se Leia.

— Nem todos. O número suficiente — declarou de forma evasiva a maitrakh. Depois fez um gesto em direção ao céu. — Está vendo as luzes das estrelas?

Leia levantou o olhar na direção do prato côncavo pendurado a quatro metros do chão, na intersecção das correntes. A parte central, com um diâmetro aproximado de um metro e meio, era composta por algum metal negro, ou enegrecido, que apresentava centenas de orifícios minúsculos. Com a luz interior, brilhavam exatamente como estrelas, sendo o efeito geral uma versão estilizada do céu noturno.

— Estou vendo.

— Os noghri sempre amaram as estrelas — contou a maitrakh, com voz distante. — Há muitos e muitos anos chegamos a adorá-las e mesmo depois de saber o que eram na verdade, permaneceram nossas amigas. Existem muitos entre nós que iriam com o Lorde Vader, mesmo sem nosso débito, só pela alegria de viajar entre elas.

— Compreendo — murmurou Leia. — Muitos povos na Galáxia se sentem da mesma forma. E o que nos une a todos. O legado comum.

— Legado que agora perdemos.

— Não perderam, só colocaram sua lealdade no lugar errado — corrigiu Leia, baixando os olhos para observar Chewbacca e Khabarakh juntos. — Talvez eu pudesse conversar com os líderes de todos os clãs de uma só vez.

— O que diria a eles?

Leia mordeu os lábios. O quê diria? Que o Império os usava? Não adiantaria, pois os noghri encaravam o assunto como dívida de honra. Que o Império retardava o trabalho de descontaminação porque queria mantê-los dependentes, sempre perto de alcançar a auto-suficiência, sem nunca atingi- la? Ao ritmo que corria essa desintoxicação do planeta, precisava provar alguma coisa ainda que fosse para ela mesma. Investigaria. Entrementes, diria que a Nova República traria de volta o legado dos noghri? Não tinham motivos para acreditar em sua palavra.

— Como vê, Lady Vader, talvez as coisas possam mudar algum dia. Até lá, porém, sua presença aqui é um perigo para nós, e para você. Pretendo honrar a palavra de meu terceiro filho e não revelar sua presença ao Grande Almirante. Mas é preciso que vá embora.

Leia suspirou.

— Certo — assentiu resignada.

A palavra deu a impressão de doer na garganta. Tivera fé em suas habilidades Jedi e diplomáticas, aliadas ao acidente de sua descendência, para capacitá-la a retirar os noghri de sob o jugo do Império e trazê-los para a Nova República.

Agora a missão terminara, quase antes de haver começado. Em que lugar da Galáxia estava minha cabeça quando resolvi vir para cá? pensou ela.

— Vou partir porque não quero trazer problemas para sua família, maitrakh. Mas vai chegar o dia em que seu próprio povo vai abrir os olhos em relação ao que o Império está fazendo. Quando isto acontecer, lembre que estarei sempre pronta a ajudá-los.

A maitrakh curvou-se.

— Talvez esse dia venha logo, Lady Vader. Eu espero, assim como outros.

Leia forçou um sorriso.

— Então precisamos combinar os det...

Interrompeu-se quando as portas se abriram com força, impulsionadas por uma das crianças, que se precipitou para o interior.

— *Maitrakh! Mira'kh saar khee hrach’mani vher ahk!*

Khabarakh colocou-se em pé no mesmo instante; com o canto dos olhos, Leia percebeu que Threepio tornara-se rígido.

— O que foi?

— E a máquina de voar do nosso lorde, o Grande Almirante — respondeu a maitrakh, com voz alheia e cansada. — Está vindo para cá.

13

Por um instante terrível, Leia olhou para a maitrakh, os músculos paralisados pelo choque, a mente tendo a impressão de caminhar sobre gelo fino. Não... não podia ser. Simplesmente *não podia.* O Grande Almirante já estivera ali a noite passada... não deveria voltar. Pelo menos, não tão cedo.

A distância, escutou o zunido de repulsorlifts, e a paralisia desapareceu.

— Precisamos sair daqui. Chewie?

— Não há tempo — avisou Khabarakh, correndo na direção dela, com o wookie nos calcanhares. — O transporte já deve estar à vista abaixo das nuvens.

Leia olhou cuidadosamente ao redor, maldizendo seu momento de indecisão. Não havia janelas, ou outra porta além da principal; nenhum lugar para se esconder, a não ser a cabine em frente ao mural genealógico do outro lado da *dukha.*

Nenhuma saída.

— Tem certeza que ele vem para cá? Aqui para a *dukha?* — indagou ela ao noghri, sabendo que desperdiçava o fôlego.

— Onde mais iria? — respondeu Khabarakh, taciturno. A seguir olhou para a maitrakh. — Talvez não tenha sido enganado, como imaginamos.

Leia olhou de novo ao redor. Se o transporte aterrissasse ao lado de fora das portas duplas, antes que os soldados do Império entrassem, haveria um espaço de poucos segundos em que a parte traseira ficaria fora das vistas deles. Se usasse aquele tempo para cortar um orifício de saída com o sabre- laser... Chewbacca rosnou a mesma sugestão.

— Certo, mas o problema não é cortar o buraco e sim fechá-lo depois — argumentou ela.

O wookie apontou a cabine de meditação.

— Bem, se ficar atrás da cabine, estará escondido — concordou Leia, ainda indecisa. — Acho que é bem melhor do que nada.

Olhou para a matriarca, imaginando que cortar parte da tradicional *dukha* poderia ser uma espécie de sacrilégio.

— Maitrakh...

— Se tem de ser feito, que assim seja — interrompeu a velha noghri. — Você não deve ser encontrada aqui.

Leia vira a mesma expressão de desaponto no rosto de Khabarakh, durante a viagem de Endor. Era um olhar que aprendera a interpretar como arrependimento pela decisão de trazê-la consigo.

— Vamos fazer tudo da melhor maneira possível — garantiu, retirando o sabre-laser do cinto. — E assim que o Grande Almirante partir, Khabarakh nos leva embora em sua nave...

Interrompeu-se quando o wookie pediu silêncio. A distância, escutavam o transporte aproximando-se; porém, outro zunido familiar passou por eles.

— Bombardeiros Scimitar! — exclamou Leia, sentindo o único plano desmoronar-se.

Com bombardeiros do Império sobrevoando o local, não tinham nenhuma chance de se afastarem da *dukha* sem serem descobertos. O que deixava apenas uma opção.

— Vamos ter de nos esconder na cabine — disse ela a Chewbacca, fazendo uma rápida estimativa de tamanho ao aproximar-se do compartimento usado para meditação.

Se o pequeno telhado não fosse apenas decorativo, mal haveria espaço para ela e o wookie no interior.

— Quer que eu entre aí também, Vossa Alteza?

Leia parou e virou-se para Threepio, chocada e surpresa... esquecera-se dele.

— Não há espaço para os três — sibilou a maitrakh. — Sua presença aqui nos traiu a todos, Lady Vader...

— Quieta! — comandou Leia, olhando desesperadamente ao redor da *dukha*.

Contudo, não havia espaço para esconder-se. A menos que... Olhou para o disco pendurado no teto.

— Precisamos colocá-lo ali! — disse ela a Chewbacca. — Será que consegue?

Não houve necessidade de dizer mais nada. O wookie agarrou Threepio e dirigiu-se com rapidez para um dos pilares, colocando o dróide no ombro enquanto corria. Com um salto prodigioso, cravou as unhas na madeira e elevou-se até a corrente. Ignorando os protestos de sua carga, e mantendo o equilíbrio precário, usou as mãos para avançar ao longo dos elos de metal.

— Quieto, Threepio, pelo amor da Galáxia — ordenou Leia, da porta da cabine.

Olhando para o interior da mesma, verificou que o teto acompanhava o formato do aposento, havendo mais espaço na traseira do que na frente do compartimento de meditação. Havia também um assento baixo de madeira apoiado na parte posterior. Iria ficar apertada, mas o espaço seria suficiente para os dois. Olhou outra vez para cima.

— Melhor ainda, Chewie, desligue ele. Podem trazer sensores. Chewbacca

atingira o disco metálico e sem a menor cerimônia, jogou ali o dróide, que começou a protestar, interrompendo-se quando a manopla do wookie desligou-o.

O ruído do transporte aproximara-se de forma perigosa. Os soldados do Império entrariam a qualquer momento.

Chewbacca saltou para o chão e atravessou o aposento em poucas passadas. Aproximou-se do esconderijo ao mesmo tempo em que os motores do transporte silenciavam.

— Rápido — sibilou Leia, segurando a porta aberta para ele. O wookie atirou-se para o interior, saltando sobre o banco, e virando-se de frente. A cabeça ficou espremida contra o teto, e as pernas abertas sobre o banco. Leia esgueirou-se, e sentou-se no espaço estreito entre os membros peludos.

Assim que a cabine foi fechada, as portas duplas da *dukha* abriram-se.

Leia pressionou o corpo entre a parede traseira e as pernas de Chewbacca, forçando-se a respirar lentamente. Utilizou as técnicas Jedi de aumento de sensibilidade que Luke ensinara. Acima dela, a respiração forte do wookie ressoava em seus ouvidos e o corpo peludo aquecia sua cabeça e os ombros. Tornou-se consciente do peso e volume do ventre e dos pequenos movimentos no interior; sentiu os odores variados do wookie, da madeira alienígena que a envolvia, e do próprio suor. Atrás, do lado de fora da *dukha*, distinguiu os ruídos metálicos e os passos ritmados dos soldados das tropas de assalto, e deu graças por terem abandonado o plano original que certamente os teria levado à captura. No interior, escutaram vozes. Leia concentrou sua atenção na conversa.

— Bom dia, maitrakh — disse uma voz calma e controlada. — Estou vendo que seu terceiro filho, Khabarakh, se encontra aqui com você. Isto é muito conveniente.

Leia estremeceu em seu esconderijo, o roçar do tecido da túnica soando alto nos ouvidos. Aquela voz inequivocamente estava acostumada a comandar, pois continha o peso da calma e da autoridade inquestionável. Uma autoridade que ultrapassava mesmo a do governador Tarkin, na Estrela da Morte.

Só poderia ser o Grande Almirante.

— Eu o saúdo, meu lorde — dizia a maitrakh, também controlando o tom de voz. — Estamos honrados com sua visita.

— Obrigado. E você, Khabarakh, do clã Kihm’bar... também está honrado com minha presença? — indagou o responsável pelo Império, com a frieza e rigidez do aço.

Lentamente, com todo o cuidado, Leia moveu a cabeça para a direita, na esperança de enxergar o visitante através da fresta. Não adiantou, pois estavam ainda próximos à porta e não ousava colocar o rosto muito próximo à treliça. Em pouco tempo, porém, escutou o som de passos... um instante mais tarde, o

Grande Almirante entrou em seu campo de visão.

Um arrepio percorreu-lhe o corpo ao observá-lo. Ouvira a descrição de Han do homem que vira em Myrkr: a pele azulada, os olhos rubros e brilhantes e o uniforme imperial branco. Escutara também Fey'lya, dizendo que o homem seria um impostor, ou na melhor das hipóteses, um moff autopromovido. Na época, chegara a considerar a possibilidade de que o marido estivesse enganado.

Agora sabia que não.

— Claro que sim, meu lorde — respondia Khabarakh. — Por que não estaria?

— Como ousa falar nesse tom ao nosso lorde, o Grande Almirante? — indagou outra voz noghri, não familiar.

— Peço desculpas, não quis faltar com o respeito.

Mesmo com sua falta de experiência na linguagem noghri, Leia também julgara as palavras rápidas e defensivas. E o Grande Almirante os conhecia bem melhor...

— Então o que quis dizer? — indagou o Grande Almirante, voltando-se para dividir os olhares entre Khabarakh e a maitrakh.

— Eu... acho que fiquei impressionado com vossa visita inesperada a nossa pequena vila.

— Uma desculpa óbvia. Talvez até verdadeira... com a exceção do fato de que não ficou impressionado com minha visita ontem à noite. Ou será que não esperava me ver tão cedo?

— Meu lorde...

— Qual é a penalidade noghri para mentir ao chefe do super-clã? — interrompeu o Grande Almirante. — Ainda é a pena de morte, como nos velhos tempos? Ou os noghri não valorizam mais conceitos ultrapassados como a honra?

— Meu lorde não tem o direito de trazer tais acusações contra um membro do clã Kihm'bar — afirmou a maitrakh.

— Seria bom que mantivesse suas opiniões para si mesma, maitrakh. Esse membro do clã Kihm'bar mentiu para mim e não costumo tratar com leviandade tais assuntos. Conte-me Khabarakh, do clã Kihm'bar, como foi seu período de prisão em Kashyyyk?

Leia apertou o cabo do sabre-laser. Fora durante o breve período de prisão em Kashyyyk que ela o persuadira a levá-la até Honoghr. Se o noghri revelasse tudo...

— Não estou entendendo — disse Khabarakh.

— E mesmo? Então permita que eu refresque sua memória. Você não escapou de Kashyyyk como afirma em seu relatório, repetido verbalmente ontem

à noite, em minha presença e de todo o clã, inclusive seu chefe. Na verdade, foi capturado pelos wookie depois do fracasso de sua missão. E não passou um mês meditando, mas foi interrogado na prisão. Isso ajuda a lembrar?

Leia respirou fundo, não desejando acreditar no que ouvia. Como quer que o Grande Almirante tivesse ficado sabendo da captura de Khabarakh, ele caminhara na direção errada com suas deduções. Se o noghri conseguisse manter a calma, podia adiar o desfecho natural.

Talvez a maitrakh também não confiasse no controle dele.

— Meu terceiro filho não mentiria sobre tais assuntos, meu lorde — disse ela. — Sempre cumpriu seus deveres e compromissos de honra.

— Será mesmo? Um noghri capturado pelo inimigo para interrogatório... e ainda vivo? E esse o dever de honra?

— Não fui capturado, meu lorde. Minha fuga de Kashyyyk aconteceu como relatei — afirmou Khabarakh.

Pelo espaço de várias batidas do coração, o Grande Almirante encarou-o, com os olhos vermelhos e penetrantes.

— E eu digo que está mentindo, Khabarakh, do clã Kihm'bar. Mas não importa. Com ou sem a sua colaboração, vou descobrir a verdade sobre este mês que está faltando... qualquer que seja o preço que tenha resolvido pagar. Rukh?

— Meu lorde... — disse a voz noghri desconhecida.

— Khabarakh, do clã Kihm'bar fica colocado, desde já, sob custódia do Império. Você e o Esquadrão Dois vão colocá-lo a bordo do transporte militar, e levá-lo até o *Quimera* para ser interrogado.

— Meu lorde, essa é uma violação clara do...

— Silêncio, maitrakh, ou será levada com ele — cortou o Grande Almirante.

— Não ficarei em silêncio — rosnou a velha noghri, sem se deixar intimidar. — Um noghri acusado de trair o superclã deve ser entregue aos chefes pelas leis antigas para descoberta e julgamento. E a lei.

— Não estou preso às leis dos noghri — lembrou com frieza o Grande Almirante. — Khabarakh traiu o Império. Pelas leis do Império, deve ser julgado e condenado.

— Os chefes dos clãs vão exigir...

— Os chefes dos clãs não estão em posição de exigir coisa alguma — disse Thrawn, tocando o comunicador em sua túnica. — Será que precisa de um lembrete sobre o que significa desafiar o Império?

Leia escutou o suspiro da matriarca.

— Não, meu lorde. O Grande Almirante estudou-a por um instante.

— Vão ter um lembrete de qualquer forma. Ele tocou outra vez o

comunicador...

E repentinamente o interior da *dukha* iluminou-se com um relâmpago esverdeado.

Leia escondeu a cabeça no pelo de Chewbacca, apertando os olhos como se assim pudesse fugir da intensa claridade. Por um instante terrível, ela pensou que a *dukha* tivesse sido atingida diretamente por um disparo de turbolaser capaz de incendiar tudo e ceifar sua vida. Mas a imagem perdurou em sua retina, mostrando o Grande Almirante em pé, imperturbável e orgulhoso. Então compreendeu.

Tentava reverter sua sensibilidade aumentada, quando o troar do trovão chegou até eles, como se fosse o tapa de um wookie zangado na cabeça.

Mais tarde iria recordar-se de vários disparos, percebidos através da névoa que lhe toldava a mente, à medida que o destróier estelar fustigava sem parar as colinas que circundavam a aldeia. Quando recobrou de todo a consciência, o "lembrete" do Grande Almirante terminava, o último estrondo ecoando à distância.

Com cuidado, abriu outra vez os olhos doloridos e viu o homem que dirigia o Império em pé no mesmo lugar.

— Eu sou a lei em Honoghr agora, maitrakh. Se eu escolher seguir as leis antigas, serão seguidas. Se escolher ignorá-las, serão ignoradas. Está claro?

— Sim, meu lorde. A voz da maitrakh parecia mais alienígena do que nunca. Se o propósito do Grande Almirante fora aterrorizá-la, com certeza havia conseguido.

— Ótimo. Contudo, pelos serviços leais que têm prestado ao Império, estou preparado para assumir compromissos. Khabarakh será interrogado a bordo do *Quimera*, mas antes disso vou permitir o primeiro estágio das leis antigas de descoberta e humilhação pública — afirmou ele, a cabeça voltando-se levemente para trás. — Rukh, você levará Khabarakh, do clã Kihm'bar, para o centro de Nystao, e o entregará aos chefes dos clãs. Talvez três dias de humilhação pública sirvam para lembrar aos noghri que ainda estamos em guerra.

— Sim, meu lorde.

Leia escutou passos, depois as portas duplas se abrindo e fechando. Encolhido contra o teto, Chewbacca rosnou algo para si mesmo. Ela apertou os dentes, com força suficiente para provocar dor. Execração pública... e algo chamado descoberta.

A Aliança Rebelde destruíra Honoghr inadvertidamente. Agora, ela iria fazer o mesmo a Khabarakh.

O Grande Almirante continuava em pé, no centro da *dukha*.

— Está muito quieta, maitrakh.

— Meu lorde ordenou que ficasse em silêncio.

— Claro. A lealdade à família e ao clã é uma boa coisa. Mas estender essa lealdade a um traidor seria tolice. Para não dizer um desastre potencial.

— Ainda não escutei as provas de que meu terceiro filho seja traidor — argumentou por fim.

— Mas irá escutar — prometeu ele, com voz sibilante. Caminhou até as portas duplas, saindo do campo de visão de Leia, que escutou o som das pesadas folhas de madeira abrindo-se. Um instante de silêncio seguiu-se e depois os passos leves da velha noghri juntaram-se aos dele. As portas cerraram-se outra vez. Leia e Chewbacca ficaram sozinhos.

Sós, em território inimigo. Sem nave. E com o único aliado a ponto de ser interrogado pelo Império.

— Chewbacca, acho que estamos numa encrenca — murmurou ela.

14

Uma das primeiras realidades sobre vôos interestelares que o viajante atento aprende, é que um planeta visto do espaço quase nunca corresponde à carta oficial sobre ele. Refração das camadas de nuvens, sombras de cordilheiras, efeitos de grandes porções de vegetação sobre o relevo e ilusões de ótica em geral, tudo isso se combina para disfarçar e distorcer as belas linhas desenhadas pelos cartógrafos, visíveis nas telas dos computadores.

Portanto, foi quase uma surpresa para Luke descobrir que naquele dia em particular, do ângulo onde estava, o maior continente de Jomark parecia exatamente com um mapa detalhado. Para dizer a verdade, não era um continente grande.

Contudo, em algum lugar daquele continente quase fotográfico, habitava um Mestre Jedi.

Luke tamborilou os dedos na borda do console, observando a massa de terra marrom-esverdeada através do aço transparente da cabine de comando do asa-X. Podia sentir a presença do outro Jedi, porém, desde que saíra do hiperespaço, não fora capaz de estabelecer contato direto. *Mestre C'baoth?* chamara ele silenciosamente, por mais de uma vez. *Aqui é Luke Skywalker. Pode me ouvir?*

Não houve resposta. Ou ele não estava fazendo aquilo direito ou C'baoth não podia responder... ou tratava-se de um teste para as habilidades de Luke.

— Vamos focalizar os sensores no continente principal, Artoo — disse ele, observando os monitores e tentando sintonizar a mente de um Mestre Jedi que ficara fora de circulação por muito tempo.

A maior parte da área terrestre concentrava-se num pequeno continente, embora houvesse milhares de ilhas pequenas formando arquipélagos pelo oceano. Se fossem reunidas, provavelmente se obteria cerca de trezentos quilômetros quadrados de terra seca, o que proporcionava um bocado de possibilidades para se errar uma estimativa.

— Procure tecnologia e veja se consegue definir os maiores centros populacionais.

Artoo assobiou enquanto realizava uma varredura com os sensores do asa-X, que operavam os algoritmos localizadores de formas de vida. Emitiu uma série de sinais e um padrão apareceu nos monitores.

— Obrigado — disse Luke, examinando as imagens.

Conforme o esperado, a maior parte da população vivia próxima à costa.

Porém, também havia agrupamentos no interior, incluindo o que parecia ser um grupo de vilarejos próximos à margem sul de um lago em forma de anel.

O Jedi franziu a testa e digitou os comandos para obter um contorno mais detalhado. Percebeu que não se tratava de um lago comum, e sim formado no interior de uma montanha em forma de cone cortado, com o pico surgindo como ilha, ao centro. A origem era vulcânica, a exemplo de outras formações que puderam observar nos arredores.

Uma região selvagem, cheia de montanhas, onde um Mestre Jedi teria vivido por longo tempo em privacidade. E ficava perto de um agrupamento de vilas, onde poderia quebrar o isolamento quando desejasse.

Tratava-se de um lugar tão bom quanto qualquer outro para começar a procura.

— Muito bem, Artoo, ali está a área de pouso — disse ele ao dróide, marcando um ponto no monitor. — Vou aterrissar. Você opera os sensores e me avisa se encontrar algo interessante.

Artoo externou sua pergunta.

— Claro, ou qualquer coisa que pareça suspeita — concordou Luke.

Artoo nunca chegou a acreditar que o ataque imperial da última vez que tentaram chegar ali tivesse sido coincidência.

Penetraram na atmosfera e passou para vôo flutuado, com os repulsorlifts na metade da potência, e nivelou imediatamente acima dos picos mais altos. Visto de perto, o território era acidentado, porém não tão desolado quanto Luke imaginara a princípio. Uma vegetação luxuriante brotava no fundo dos vales entre as montanhas, embora fosse esparsa nos picos e nas encostas rochosas. A maior parte dos desfiladeiros parecia ter pelo menos algumas casas, e ocasionalmente até mesmo uma vila, de tamanho suficiente para que os sensores limitados do asa-X a captassem.

Aproximavam-se do lago pelo sudoeste, quando Artoo avistou a mansão no topo.

— Nunca vi uma arquitetura assim antes — comentou Luke. — Está conseguindo alguma leitura de formas de vida?

Artoo emitiu sua análise: inconclusa.

— Bem, não custa nada tentar. Se estivermos errados, pelo menos é descida para todos os lugares em volta — disse ele, iniciando o ciclo de aterrissagem.

A mansão localizava-se num pequeno platô, ostentando uma cerca que mais parecia decorativa do que utilizada na defesa. Diminuindo a velocidade horizontal do asa-X, Luke manobrou num curso paralelo à mureta de pedra, descendo a alguns metros de distância do único portão. Estava no processo de

desligar os sistemas, quando Artoo emitiu um sinal de aviso.

Ao lado de fora do portão, observando-os, estava a figura de um homem.

Luke olhou para ele, com o coração disparado. O homem obviamente era velho, pois apresentava o cabelo grisalho bastante embranquecido, da mesma cor da barba, que os ventos fortes da montanha atiravam sobre o rosto. Os olhos pareciam alerta, a postura demonstrava força e orgulho, sem se deixar afetar pelas rajadas, que lhe abriam a túnica, deixando entrever a musculatura rija.

— Desligue todos os sistemas, Artoo — recomendou Luke. Retirou o capacete e abriu a cúpula da cabine. Levantando-se do assento, o Jedi saltou para o chão.

O velho não se movera. Luke inspirou e caminhou até ele.

— Mestre C'baoth, sou Luke Skywalker — anunciou curvando a cabeça.

— Bem-vindo a Jomark — declarou o velho, com uma sugestão de sorriso.

— Obrigado.

Finalmente. Fora uma jornada longa e cheia de dificuldades, com paradas não programadas em Myrkr e Sluis Van. Mas pelo menos chegara.

C'baoth poderia estar lendo sua mente.

— Eu o esperava antes — afirmou o velho, em tom de reprovação.

— É verdade. Sinto muito. As circunstâncias que me retardaram fugiam ao meu controle.

— Por quê?

A pergunta apanhou Luke de surpresa.

— Não entendo.

— Como assim, não entende? — indagou o homem mais velho, estreitando os olhos. — Você é ou não é um Jedi?

— Sou...

— Então deveria estar no controle. No controle de si mesmo; e no das pessoas e eventos ao seu redor. Sempre.

— Sim, Mestre — articulou Luke, com cuidado.

O único outro Mestre Jedi que conhecera fora Yoda... porém Yoda nunca falara daquela forma.

Por um instante, C'baoth deu a impressão de estudá-lo. Subitamente, a seriedade desvaneceu-se, dando lugar a um sorriso.

— O importante é que você veio. Eles não conseguiram impedi-lo.

— Não. Mas bem que tentaram. Acho que enfrentei quatro ataques do Império desde que comecei a tentar chegar aqui.

— Foram dirigidos especificamente a você? — indagou o Mestre Jedi, depois de um instante de silêncio.

— Um deles foi. Quanto aos outros, aconteceu que eu estivesse no lugar

errado e na hora errada. Ou no lugar certo, na hora certa — corrigiu Luke.

O olhar de C’baoth tornou-se distante.

— É... o lugar errado, na hora errada. Esse foi o epitáfio de muitos Jedi. O Império destruiu a todos, como você sabe.

— Foram caçados pelo Imperador e por Darth Vader.

— E mais alguns Jedi do Mal — completou C’baoth, com olhar vago. — Parecidos com Darth Vader. Lutei contra o último deles...

—interrompeu-se, balançando devagar a cabeça. — Há tanto tempo...

Luke assentiu, pouco à vontade, como se estivesse pisando em ovos. Os assuntos insólitos e as mudanças de humor eram difíceis de acompanhar. Talvez fosse um resultado do isolamento de C’baoth. Ou se tratava de um novo teste, desta vez de paciência?

— Há muito tempo — concordou Luke. — Mas os Jedi podem viver outra vez. Temos uma chance de reconstruir tudo.

A atenção de C’baoth voltou a concentrar-se nele.

— Sua irmã. Sim... ela vai dar a luz a dois gêmeos Jedi.

— Com potencial Jedi, pelo menos — lembrou Luke, surpreso com o conhecimento dele. — Na verdade, foi por causa deles que vim até aqui.

Os veículos de mídia da Nova República haviam dado destaque à notícia, mas não esperava que tivessem alcançado Jomark, tão perto das fronteiras do Império.

— Não. O motivo de você ter vindo foi porque chamei.

— Bem... certo. Mas...

— Nem mas, nem meio mas, Jedi Skywalker — interrompeu C’baoth.

— Ser um Jedi é servir à Força. Chamei você através da Força; e quando a Força chama, é preciso obedecer.

Novas dúvidas assaltaram Luke. Será que o velho Jedi falava de forma figurativa? Ou seria outra parte do treinamento que ministrava? Tinha familiaridade com os aspectos gerais de controle da Força; eram o que o mantinha vivo cada vez que usava o sabre-laser contra os disparos inimigos. Porém, um "chamado" literal era outra coisa.

— Compreendo — afirmou ele, desejando que fosse verdade. — Quando diz que a Força o chama, Mestre C’baoth, quer dizer...

— Existem dois motivos principais para o meu chamado — interrompeu outra vez C’baoth. — Em primeiro lugar, para completar seu treinamento. Em segundo, porque preciso de sua ajuda.

— Minha ajuda? — surpreendeu-se Luke.

O velho Jedi sorriu, os olhos parecendo cansados.

— Estou me aproximando do final da vida, Jedi Skywalker. Em pouco

tempo estarei fazendo a longa jornada para o que existe além da vida.

— Sinto muito.

— E a lei da vida. Para o Jedi, assim como para as seres inferiores.

A mente de Luke relembrou Yoda, deitado no leito de morte, em Dagobah e o próprio sentimento de impotência, sem poder outra coisa além de observar. Não era uma experiência que quisesse repetir.

— Como posso ajudar?

— Aprendendo o que tenho para ensinar. Abra-se para mim; absorva minha sabedoria, minha experiência e meu poder. Dessa forma, poderá continuar minha vida e meu trabalho.

— Compreendo — respondeu Luke, imaginando a qual trabalho ele se referia. — Tenho certeza que entende também que preciso fazer o meu próprio trabalho.

— Está preparado para fazê-lo? — indagou C'baoth, arqueando as sobrancelhas. — *Completamente* preparado? Ou veio até aqui sem nada a pedir?

— Na verdade, queria uma coisa. Vim por parte da Nova República, para solicitar sua ajuda na luta contra o Império.

— Com que finalidade?

Luke franziu a testa. Imaginara que os motivos seriam evidentes por si mesmos.

— Pela eliminação da tirania do Império. Para levar liberdade e a justiça a todos os seres da Galáxia.

— Justiça... não procure seres inferiores para obter justiça, Jedi Skywalker — repetiu C'baoth, repuxando os lábios num esgar. Depois bateu no peito com dois dedos. — Nos somos a verdadeira justiça desta Galáxia. Nós dois e o legado Jedi que iremos forjar juntos. Deixe as pequenas batalhas para os outros, e prepare-se para o futuro.

— Eu...

— Do que os gêmeos de sua irmã precisam?

— Bem, necessitam de um professor — explicou Luke, sentindo que as palavras vinham relutantes. As primeiras impressões enganavam, mas sentia que ele não era o tipo de homem que gostaria de ver ensinando o sobrinho e a sobrinha. C'baoth parecia volúvel, beirando a instabilidade. — De certa forma, presumi que preciso ensinar o que sei a eles, quando tiverem idade suficiente, como estou ensinando Leia. O problema *é* que ser um Jedi não implica em ser um bom professor. Obi-wan Kenobi culpava a si mesmo por Vader haver se voltado para o lado negro. Não quero que isto aconteça com os filhos de Leia. Pensei que pudesse me ensinar métodos de instrução Jedi...

— Uma perda de tempo — cortou C'baoth, encolhendo os ombros. —

Traga-os aqui. Eu mesmo os ensinarei.

— Sim, Mestre — respondeu Luke, escolhendo as palavras. — Aprecio seu oferecimento. Mas como disse, tem o seu próprio trabalho a realizar. Tudo o que preciso são algumas referências...

— E quanto a você, Jedi Skywalker? Não carece de nenhuma instrução? Talvez em questões de julgamentos...

Luke apertou o maxilar. Aquela conversa o estava deixando mais transparente do que desejara.

— E verdade. Seria útil aprender algo nesse aspecto. Mas acredito que o Mestre Jedi que me instruiu esperava que eu mesmo aprendesse com o tempo.

— Trata-se simplesmente de aprender a ouvir a Força — disse C'baoth, com os olhos desfocalizados. — Venha comigo. Iremos até as vilas lá embaixo e mostrarei a você como fazer.

— Agora?

— Por que não? Já chamei um carro para nós; deve nos encontrar na estrada. — O olhar do velho Jedi fixou-se além do ombro de Luke. — Não. Fique aí!

Luke voltou-se. Artoo havia levantado de seu encaixe no asa-X e progredia sobre a fuselagem.

— E só meu dróide.

— Pois deixe ele aí. Dróides são uma abominação. Criaturas que raciocinam, mas não fazem parte da Força.

Luke ficou intrigado. De fato, dróides eram singulares sob esse ponto de vista, porém dificilmente poderiam ser chamados de abominações. Todavia, aquele não era o momento apropriado para discutir o assunto.

— Vou ajudá-lo a voltar — disse ele, utilizando a Força para saltar sobre a fuselagem. — Desculpe, Artoo, mas você precisa ficar aqui. Vamos voltar ao encaixe.

Artoo emitiu um ruído indignado.

— Eu sei e sinto muito. Mas o Mestre C'baoth não quer que você venha junto. Se quiser pode descer ou esperar... pelo menos aqui você pode conversar com os computadores do asa-X.

Outra vez o dróide emitiu seu protesto eletrônico.

— Não, não acho que exista nenhum perigo — assegurou Luke. — Se está preocupado, pode me observar pelos sensores. E já que estamos falando nisso, quero que faça uma varredura completa da área. Veja se consegue encontrar vegetação deformada, como as árvores que cresciam perto da caverna do Mal em Dagobah. Certo?

Artoo emitiu uma concordância relutante.

— Ótimo. Vejo você depois — despediu-se Luke, saltando para o solo e voltando-se para o velho Jedi. — Estou pronto.

— Por aqui — indicou C'baoth, descendo ao longo da trilha. Luke apressou-se para alcançá-lo. Sabia que dera um tiro no escuro: ainda que o local estivesse dentro do raio de alcance dos sensores de Artoo, não havia garantias de que o dróide pudesse distinguir uma planta alienígena saudável de uma doente. Mas valia a pena tentar. Suspeitava que Yoda conseguira manter-se oculto do Imperador e de Vader em virtude da caverna do Mal próxima à sua casa, que teria ocultado a própria influência na Força. C'baoth permanecera oculto e talvez Jomark possuísse um foco similar do lado negro da Força em algum lugar.

A menos, claro, que ele *não tivesse* permanecido oculto. Talvez o Imperador soubesse tudo sobre ele, mas tenha preferido deixá-lo em paz.

Quais as implicações desse fato? Luke não sabia. Porém era algo que valia a pena descobrir.

Ainda não haviam caminhado duzentos metros quando o veículo chamado por C'baoth chegou: um homem alto e robusto, pedalando uma bicicleta SoroSuub de recreação, atrelada a uma carruagem decorada.

— Temo que não passe de um carro agrícola adaptado — desculpou-se C'baoth, fazendo sinal para que Luke tomasse um dos lugares. — O povo de Chynoo construiu para mim quando cheguei.

A maior parte do veículo era feita de madeira, mas os assentos eram estofados. O condutor realizou a manobra na trilha estreita e começaram a descer.

— Quanto tempo esteve sozinho antes de vir para cá? — indagou Luke.

— Não sei... o tempo não era uma coisa com a qual eu estivesse preocupado. Vivi, pensei e meditei. Apenas isso.

— Lembra-se de quando chegou? Depois da Missão Intergaláctica? — insistiu Luke.

Devagar, o Mestre Jedi voltou-se para ele, com um olhar penetrante.

— Seus pensamentos o traem, Jedi Skywalker. Procura saber se não fui um servo do Imperador.

Luke forçou-se a sustentar o olhar.

— O Mestre que me ensinou disse que eu era o último Jedi. Sem contar Vader e o Imperador.

— E você teme que eu seja um Jedi do Mal, como eles?

— É?

Para a surpresa de Luke, C'baoth sorriu, e chegou a rir. Uma visão estranha, para aquele rosto.

— Que é isso, Jedi Skywalker? Acredita mesmo que Joruus C'baoth...

joruus C’baoth... se voltaria para o lado negro da Força? — O sorriso desapareceu. — O Imperador não me destruiu durante o reinado dele, simplesmente porque eu estava fora de alcance. E depois que voltei... — Ele deixou a frase em suspenso. A seguir mudou de assunto. — Existe outro, sabia? Não *é* um Jedi; pelo menos, ainda não. Mas senti alterações na Força. Vêm e depois desaparecem.

— Sei de quem está falando. Já a encontrei. C’baoth voltou-se para ele.

— Você *a* encontrou?

— Bem, acho que sim. Acredito que seja possível existir outra pessoa que...

— Qual o nome dela?

Luke hesitou, tentando sem sucesso ler a mente do outro. Havia algo ali que não estava gostando.

— Chama a si mesma de Mara Jade.

— Mara Jade — repetiu C’baoth, os olhos fitos no vazio.

— Fale-me sobre a Missão Intergaláctica — pediu Luke. — Partiram de Yaga Minor, procurando vida fora da Galáxia, certo? O que aconteceu à nave e aos outros Mestres Jedi que o acompanhavam?

— Morreram, claro — respondeu o velho, com olhar distante.

— Todos morreram. Só eu sobrevivi e retornei. Isso me deixou mudado, sabe?

— Compreendo. Me conte — pediu Luke, imaginando que esse era o motivo pelo qual o Mestre parecia estranho.

Algo acontecera durante a missão.

C’baoth permaneceu em silêncio por um longo tempo. Luke aguardou, sentindo os solavancos da carruagem pela trilha acidentada.

— Não. Agora não. Talvez mais tarde — disse ele, por fim.

— Agora estamos chegando.

Luke olhou para a frente. Enxergou meia dúzia de casas pequenas, com mais casas tornando-se visíveis à medida que saíam de trás das árvores esparsas. Talvez cerca de cinqüenta habitações: pequenas cabanas que pareciam combinar elementos naturais com representantes da moderna tecnologia. Aproximadamente vinte aldeões realizavam tarefas do cotidiano; a maioria parava quando o carro se aproximava. Pouco adiante, o condutor parou o veículo no que seria o centro da vila, em frente a um trono lavrado em madeira polida, e protegido por um pavilhão com o teto em forma de domo.

— Mandei trazer do castelo — explicou C’baoth, apontando o trono. — Acredito que era um símbolo de autoridade para os seres que o esculpiram.

— Para que é utilizada agora?

De alguma forma o delicado trabalho artístico parecia deslocado naquela aldeia rústica.

— E dali que distribuo justiça para o povo. Mas não seremos tão formais hoje. Venha.

Apearam da carruagem. O povo permanecia imóvel, observando-os. Luke utilizou a Força para captar o sentimento geral. Havia expectativa, uma certa surpresa e respeito. Não percebeu medo; tampouco havia afeição.

— Há quanto tempo vem aqui?

— Há menos de um ano. Demoraram a aceitar minha sabedoria, mas eu os persuadi — respondeu C'baoth, caminhando pela rua.

Os aldeões retornavam às tarefas habituais, porém olhos atentos seguiam os visitantes.

— Que quer dizer com persuadir? — quis saber Luke.

— Demonstrei a eles que era melhor me escutarem — explicou vagamente C'baoth, fazendo um gesto em direção ao chalé à frente. — Expanda seus sentidos, Jedi Skywalker. Diga o que descobre sobre quem está naquela casa.

Foi óbvio. Mesmo sem focalizar a atenção, Luke sentiu a raiva e a hostilidade que havia no interior. Percebeu inclusive uma pontada de fúria homicida.

— Acha que deveríamos...

— Claro. Venha comigo.

C'baoth abriu a porta. Mantendo a mão no sabre-laser, Luke seguiu-o para o interior.

Havia dois homens em pé, cada um deles com uma faca na mão. Ambos imobilizaram-se ao encarar os intrusos.

— Abaixe a faca, Tarm. Svan, você também.

Um deles colocou a arma no chão. O outro olhou para os recém- chegados, depois para o oponente desarmado.

— Mandei largar a faca! — sibilou C'baoth.

O sujeito recuou, abandonou a lâmina e retirou do bolso uma funda, que também depositou no solo.

— Assim está melhor. Agora vamos escutar as explicações. A história partiu de ambos ao mesmo tempo, numa narrativa confusa e repleta de acusações e réplicas, sobre algum negócio que não correra bem. C'baoth escutou em silêncio, aparentemente sem problemas para compreender a algaravia de fatos e recriminações. Luke aguardou, imaginando como o outro iria destrinchar o assunto. Tanto quanto conseguiu compreender, ambos os argumentos eram válidos.

Finalmente, ambos se calaram.

— Muito bem — começou o velho Jedi. — Minha sentença é que Svan pagará a Tarm os salários integrais que combinaram. A sentença será cumprida imediatamente.

Luke olhou surpreso para C'baoth.

— Só isso?

— Tem algo a dizer? — indagou o Mestre, com olhar frio. Luke olhou para os dois aldeões, consciente de que discutir uma decisão em frente a eles podia significar um questionamento de autoridade.

— Só pensei que estivesse em jogo mais do que um compromisso...

— Não há nada mais a dizer — afirmou o Mestre Jedi. — Svan está errado e deve pagar.

— Certo, mas...

Luke percebeu o que aconteceria meio segundo antes que Svan se abaixasse para pegar a funda. Com um único movimento, retirou o sabre- laser do cinto e liberou a lâmina. C'baoth, contudo, foi mais rápido. Ao mesmo tempo em que a luz esverdeada brotava, o velho Jedi levantou a mão; da ponta de seus dedos saiu uma profusão de faíscas azuladas, já conhecidas de Luke.

Svan apanhou a carga na cabeça e no peito, e caiu para trás gritando de agonia. Os gritos redobraram com a segunda descarga. A funda caiu de suas mãos, o apoio metálico cercado por faíscas esbranquiçadas.

C'baoth deixou os braços caírem, e por um longo intervalo de tempo o único som foram os lamentos do homem caído. Luke olhou para ele horrorizado, o cheiro de ozone pairando no ar e provocando um certo enjôo.

— C'baoth!

— Você se dirigirá a mim como Mestre.

Luke respirou fundo, forçando a mente e a voz a se acalmarem.

Recolhendo a lâmina luminosa, prendeu o sabre-laser ao cinto e ajoelhou-se ao lado do homem que gemia. Obviamente ainda sentia dores, porém, à exceção de queimaduras rubras no peito e nos braços, não parecia ferido com gravidade. Pousando a mão com delicadeza na pior das marcas, Luke fez o que pôde para aliviar a dor, usando a Força.

— Jedi Skywalker, vamos! Os danos não são permanentes.

— Ele sente dores.

— E exatamente o que deve sentir — respondeu C'baoth. — Precisava de uma lição e a dor é um professor que ninguém ignora. Agora vamos.

Por um instante, Luke considerou a possibilidade de não obedecer. O rosto de Svan ainda estava contorcido numa máscara de dor...

— Ou será que prefere assistir a morte de Tarm?

Luke olhou para a funda no chão, depois para o rosto de Tarm, que

apresentava uma coloração cinzenta. Levantou-se.

— Existiam outras maneiras de impedi-lo — protestou ele.

— E verdade. Mas essa forma irá lembrar durante mais tempo — declarou C’baoth, encarando o Jedi mais novo. — Lembre-se disso, Jedi Skywalker; lembre bem. Pois se você permitir que sua justiça seja esquecida, será forçado a repetir as mesmas lições várias vezes.

Os olhos de C’baoth continuavam presos aos de Luke; depois, voltou-se para a porta.

— Terminamos aqui. Venha.

As estrelas brilhavam quando Luke abriu o portão do Alto Castelo e saiu para o quintal. Artoo percebeu sua aproximação e enquanto fechava o portão, o dróide ligou as luzes do asa-X para iluminar o caminho.

— Oi, Artoo. Vim ver como vão você e a nave — disse Luke, ao acomodar-se na cabine.

Artoo garantiu que tudo ia bem.

— Ótimo. Algum resultado com a varredura que pedi? Iniciou o procedimento de verificação geral. A resposta do dróide não se fez esperar no monitor.

— Bem, isso acontece quando se sobe às montanhas. O dróide articulou uma pergunta.

— Não sei — disse Luke. — Pelo menos mais alguns dias. Talvez mais, se ele quiser que eu fique... não sei, Artoo. Quero dizer, nunca é como se espera. Fui a Dagobah esperando encontrar um grande guerreiro e encontrei Mestre Yoda. Vim aqui esperando encontrar alguém como Mestre Yoda... e ao invés disso encontrei Mestre C’baoth.

Artoo emitiu sua opinião, que provocou a risada de Luke.

— Bem, não se esqueça que Yoda também não foi simpático na primeira noite.

Relembrando os acontecimentos, recordou que Yoda também não facilitara o primeiro contato. Fora um teste de paciência e de relacionamento com alienígenas.

E Luke falhara. Tristemente.

Artoo destacou a diferença.

— Você tem razão — admitiu Luke. — Mesmo enquanto nos testava, Yoda nunca foi implacável, como C’baoth.

Recostou a cabeça no assento, olhando os cumes das montanhas e as estrelas distantes mais além. Sentia-se cansado. Mais cansado do que se recordava, talvez desde o combate com o Imperador. Caminhar até ali fora o máximo que se permitira fazer.

— Não sei, Artoo. Ele machucou alguém hoje. Machucou bastante. Intrometeu-se numa discussão sem ser chamado, depois impôs um julgamento arbitrário às pessoas envolvidas. Simplesmente não consigo imaginar Ben, ou Mestre Yoda agindo assim. Mas é um Mestre Jedi, assim como eles... que exemplo devo seguir?

O dróide demorou algum tempo, considerando o assunto, depois emitiu uma espécie de trinado.

— Já me fiz essa pergunta, mas por que um Jedi do Mal, com os poderes de C'baoth se daria ao trabalho de fazer esses pequenos jogos? Por que não me mataria para terminar logo o assunto?

Artoo produziu um som parecido com um grunhido eletrônico, e uma série de motivos possíveis apareceu no monitor. Uma longa lista. Obviamente, o dróide passara algum tempo analisando as possibilidades.

— Aprecio sua preocupação, Artoo, mas não acho que seja um Jedi do Mal. Ele é cheio de mudanças de humor, mas não tem a mesma aura maléfica que senti em Vader e no Imperador —justificou Luke. Em seguida fez uma pausa, tomando coragem para dizer o que realmente pensava: — Acho que é mais provável que Mestre C'baoth seja louco.

Foi, talvez, a primeira vez que Luke viu seu dróide ficar sem palavras. Durante um minuto inteiro, escutou apenas o ruído do vento agitando as árvores em volta do castelo. Observando as estrelas, esperou Artoo dizer alguma coisa.

Quando o dróide produziu novos ruídos, foi outra indagação.

— Não. Não tenho certeza sobre como uma coisa dessas possa ter acontecido — admitiu Luke. — Mas tenho uma idéia.

Esticou os braços e colocou as mãos atrás da nuca, aliviando a pressão que sentia no peito. A fadiga mental parecia acompanhada por um enorme cansaço físico, do tipo que se instala depois dos trabalhos pesados. Imaginou se haveria algo no ar que os biosensores do asa-X não tivessem captado.

— Nunca mencionei, mas logo depois de Ben ter sido cortado em dois na primeira Estrela da Morte, descobri que conseguia escutar a voz dele em minha cabeça. Quando a Aliança foi expulsa de Hoth, também pude vê-lo.

Artoo fez uma pergunta eletrônica.

— Isso. Era com ele que eu conversava, às vezes, em Dagobah. E logo depois da batalha de Endor, consegui enxergar Ben, Yoda e meu pai. Os outros dois não falaram comigo e nunca mais os vi. Talvez exista alguma forma de um Jedi moribundo... não sei... prender-se a outro Jedi, que esteja por perto.

O dróide apontou uma falha de raciocínio.

— Não disse que era uma teoria perfeita, Artoo. Talvez não esteja muito bem e isso não seja verdade. Mas se estiver certo, é possível que os outros cinco

Mestres Jedi do projeto tivessem de algum jeito sobrevivido na mente de C’baoth.

Artoo manifestou-se.

— Pode ser. Eu não me incomodo de ter Ben por perto... até gostaria que falasse comigo mais vezes. Mas Mestre C’baoth é muito mais poderoso do que eu. Talvez com ele seja diferente. Novas palavras surgiram no monitor.

— Não posso deixá-lo sozinho, Artoo — afirmou Luke, balançando com esforço a cabeça cansada. — Pelo menos enquanto achar que tenho chance de ajudá-lo.

Percebeu naquelas palavras um eco doloroso do passado. Darth Vader também necessitara de ajuda e Luke tomara a si o trabalho de salvá-lo do lado negro. E quase morrera no processo. O que estou fazendo? Perguntou a si mesmo. Não tenho o dom de curar. Por que tento curar os outros?

Luke?

Com esforço, Luke voltou seus pensamentos para o presente.

— Preciso ir. Mestre C’baoth está me chamando — anunciou ele, levantando-se.

Desligou os sistemas, enquanto Artoo externava sua preocupação.

— Calma, Artoo. Vou ficar bem. Sou um Jedi, lembra? — afagou o dróide. — Basta manter os olhos abertos por aqui. Certo?

Desceu, escutando os lamentos do dróide. Passou da escada para o chão, parou e olhou para a mansão escura, iluminada apenas pelas luzes de aterrissagem do asa-X. Perguntou-se se Artoo não teria razão quanto a sair dali.

O dróide estava certo num ponto. Os talentos de Luke não se inclinavam para o aspecto de cura da Força... disso tinha certeza. Ajudar C’baoth seria um processo longo e poderia demorar muito tempo, sem garantias de sucesso. Com um Grande Almirante no comando do Império, lutas políticas internas na Nova República e toda a Galáxia instável, seria aquela a melhor maneira de gastar o tempo?

Levantou os olhos da mansão para as sombras escuras das montanhas que circundavam o lago. A camada de neves no alto dos picos mais elevados, quase invisíveis à luz das três pequenas luas de Jomark, pareciam de alguma forma relacionadas com as Montanhas Manarai, ao sul da cidade imperial, em Coruscant. Com essa lembrança, sobreveio outra: ele, parado no telhado do Palácio Imperial, olhando para as montanhas e explicando a Threepio que um Jedi não podia se envolver em assuntos galácticos a ponto de não se preocupar mais com indivíduos.

Tais palavras haviam soado nobres e altivas quando as proferira. Agora tinha a chance de provar que não eram apenas palavras.

Respirou profundamente e caminhou para o portão.

15

— Tangrene foi a nosso maior feito — disse o senador Bel Iblis, emborcando o final da bebida e levantando o copo vazio acima da cabeça. Do outro lado da imensa cantina vazia, o garçom ocupou-se em preparar nova bebida. — Estamos atacando o Império como franco-atiradores por quase três anos. Atingindo pequenas bases, carregamentos de suprimentos e procurando dificultar as coisas tanto quanto podemos. Mas até Tangrene, não prestavam muita atenção a nós.

— O que aconteceu em Tangrene? — indagou Han.

— Transformamos um centro Ubiqtorate em poeira espacial — declarou Bel Iblis, orgulhoso. — Depois dançamos um pouco bem embaixo do nariz dos três destróieres estelares que guardavam o lugar. Acho que foi então que perceberam que éramos mais do que uma simples amolação. Que precisavam nos levar a sério.

— Aposto que sim — concordou Han, balançando a cabeça, em sinal de admiração. — Quanto custou a vocês?

Só o fato de conseguir avistar uma das bases Ubiqtorate de Inteligência Imperial já era façanha suficiente.

— Conseguimos sair de lá com as cinco naves. Houve unia boa quantidade de avarias, naturalmente, e uma delas ficou fora de ação por sete meses. Mas valeu a pena.

— Pensei que tinha falado em seis cruzadores Dreadnaught — disse Lando.

— Agora temos seis. Na época, tínhamos cinco — esclareceu 0 senador.

— Ah... — assentiu Lando, permanecendo em silêncio.

— Então foi depois disso que começaram a mudar a base de lugar? — quis saber Han.

Bel Iblis olhou para Lando por um instante antes de voltar-se para o compatriota.

— Foi quando a mobilidade se tornou uma prioridade — corrigiu ele. — Isso não significa que antes fôssemos alvos parados. Esse lugar é... nossa décima terceira base em sete anos. E isso, Sina?

— Décima quarta — corrigiu Sina. — Se contar Womrik e a base dos asteróides Mattri.

— Que seja, décima quarta. Vocês repararam que todas as construções aqui são de plástico dobrável de dois estágios? Torna tudo fácil, pois basta dobrar

tudo e colocar nas espaçonaves — afirmou Bel Iblis, depois riu. — Tem também os seus inconvenientes. Uma vez, em Lelmra, fomos atingidos por uma forte tempestade elétrica e os raios chegaram tão perto que a corrente disparou as dobras em dois alojamentos e num centro de comando. Quase cinqüenta pessoas ficaram embrulhados como presentes de aniversário.

— Foi engraçado — comentou Sina, sem grandes demonstrações de humor. — Ninguém morreu, mas levou quase uma noite inteira para conseguir tirar o pessoal dali. Com a tempestade caindo.

— As coisas só se acalmaram de manhã. Em compensação, saímos de lá na noite seguinte — completou o anfitrião.

O garçom chegou com nova rodada de bebidas. O senador chamava a mistura de carrossel: uma dose de uísque corellian com alguma fruta não identificada, porém extremamente ácida. Não era o tipo de bebida que se esperaria encontrar num acampamento militar, mas também não era ruim. O senador apanhou dois copos e passou-os a Han e Sina; em seguida apanhou os outros dois.

— Obrigado, meu copo ainda está cheio — declarou Lando, antes que o anfitrião tivesse oportunidade de servi-lo.

Han franziu a testa. Lando estava rígido no assento, o rosto impassível e o copo ainda cheio. O *primeiro copo*, servido uma hora e meia antes, assim que Bel Iblis os trouxera para lá. Encarou o amigo, que lhe sustentou o olhar por alguns instantes, depois baixou os olhos e deu um pequeno gole em seu carrossel.

— Foi quase um mês depois de Tangrene que encontrei o conselheiro Borsk Fey'lya — continuou o senador.

Han voltou-se para ele, sentindo-se culpado. Ficara tão entretido com as histórias de Bel Iblis, que esquecera do motivo principal de sua visita. Talvez por isto Lando o estivesse olhando como se o recriminasse.

— Certo... o conselheiro Fey'lya. Que negócios mantém com ele?

— Não é uma combinação como gostaria que fosse, isso eu garanto — respondeu o senador. — Fey'lya nos prestou alguns favores durante os anos de guerra e parece acreditar que devíamos demonstrar maior gratidão.

— Que tipo de favores? — perguntou Lando.

— Pequenos favores. Ajudou a estabelecer uma linha de suprimentos ao redor de New Cov, e uma vez chegou a chamar alguns cruzadores estelares quando o Império começou a investigar o sistema numa oportunidade imprópria. Ele e outros bothan também desviaram fundos para nós, o que nos permitiu comprar equipamentos militares mais cedo do que o previsto. Esse tipo de coisas...

— E qual o tamanho da sua gratidão? — insistiu Lando.

— Ou, em outras palavras, o que Fey'lya quer de mim? — sorriu Bel Iblis.

— Acho que é um bom começo...

— Lando! — exclamou Han.

— Deixe, está tudo bem. Mas antes de responder, gostaria de saber mais a respeito da hierarquia atual da Nova República. A posição de Mon Mothma no novo governo, o relacionamento de Fey'lya com ela... esse tipo de coisa.

Han deu de ombros.

— Isso tudo se pode obter nos arquivos públicos.

— Essa é a versão oficial — ponderou o senador. — Quero saber como as coisas *realmente* são.

— Não estou entendendo — afirmou Han, trocando olhares com Lando.

Bel Iblis deu um gole generoso em seu carrossel. i— Então vamos falar de forma mais direta. O que Mon Mothma pretende?

— Foi isso o que Breil’lya disse? Que pretende alguma coisa? — indagou Han, zangado.

— Isto não tem nada a ver com nenhum bothan. E estritamente sobre Mon Mothma.

Han encarou-o, tentando ordenar os pensamentos. Havia aspectos sobre Mon Mothma que não apreciava como, por exemplo, o fato de não deixar Leia descansar das funções diplomáticas, impedindo-a de dedicar-se ao treinamento Jedi. Além de outras atitudes, que o deixavam irritado. Mas quando pensava no assunto...

— Tanto quanto eu sei, a única coisa que ela está tentando fazer é montar um novo governo.

— Com ela no comando?

— Não deveria ser assim?

Uma sombra atravessou a expressão do velho senador.

— Acho que era inevitável — declarou permanecendo em silêncio algum tempo. Depois voltou a insistir. — Você está me dizendo que estão se tornando uma república de verdade, não apenas no nome.

— Acredito que sim — concordou Han. — Mas o que isto tem a ver com Fey’lya?

Bel Iblis deu de ombros.

— Fey'lya acredita que Mon Mothma está reunindo poder em demasia. Suponho que você discorde?

— Não tenho certeza. Mas ela não está dirigindo tudo, como fazia na época da guerra.

— Ainda estamos em guerra — lembrou o senador.

— Certo...

— O que Fey'lya acredita que deva ser feito a respeito? — quis saber Lando.

— Fey'lya tem idéias bastante pessoais e previsíveis sobre a divisão do poder. Essa reação é tipicamente bothan. Deixe que eles sintam o cheiro da sopa e todos começam a subir uns em cima dos outros para ficarem encarregados da panela.

— Especialmente quando têm amigos do lado vencedor. Ao contrário de outras pessoas... — comentou Lando.

Sina remexeu-se na cadeira, pouco à vontade, porém antes que dissesse alguma coisa, Ben Iblis acenou.

— Vocês estão imaginando por que eu não me juntei à Aliança Rebelde e resolvi fazer minha guerra particular contra o Império, certo?

— Confesso que essa dúvida me passou pela cabeça — admitiu Lando.

— Eu poderia fornecer várias razões pelas quais achei que era melhor permanecer independente. Segurança, por exemplo. Naquela época existia um bocado de comunicações entre os povos da Aliança, o que aumentava muito o potencial para interceptação por parte do Império. Houve um momento em que uma base em cada cinco era perdida para o inimigo por causa de falhas na segurança.

— De fato, tivemos problemas. Mas já estão resolvidos — explicou Han.

— E mesmo? E que tal o vazamento de informações do próprio palácio?

— argumentou o senador.

— Sim, sabemos que existe — admitiu Han, sentindo-se como um colegial levando uma reprimenda por não fazer os deveres de casa. — Temos homens estudando o assunto.

— Pois é melhor fazerem algo além de estudar — alertou Bel Iblis. — Se nossas análises das comunicações imperiais estão corretas, esse vazamento possui nome próprio: a Fonte Delta. Além disso, respondem diretamente ao Grande Almirante.

— Muito bem. Segurança. Vamos ouvir outros motivos...

— Calma, Lando, isto não é um julgamento ou coisa parecida — disse Han, olhando para o amigo.

— Muito obrigado, Solo, mas sou perfeitamente capaz de justificar minhas ações. E terei muito prazer em fazer isto... quando julgar que o momento seja apropriado — declarou o senador, consultando o relógio. — No momento, entretanto, tenho outras obrigações. Está ficando tarde, e sei que ainda não tiveram tempo de descansar desde que chegaram. Irenez levou a bagagem de vocês para um alojamento de oficiais na direção da pista do espaçoporto. Não *é*

muito grande, mas acredito que poderão ficar confortáveis. Talvez possamos continuar essa conversa durante o jantar.

Bel Iblis levantou-se, e Han olhou para Lando, cuja expressão parecia dizer: *que bela retirada estratégica.*

— Tudo bem — assentiu Han.

— Ótimo. Vou precisar de Sina comigo, mas indicaremos a localização do alojamento quando sairmos. A menos que precisem de alguém para guiá- los.

— Podemos nos virar sozinhos — garantiu Han.

— Certo. Vou mandar buscá-los para o jantar. Até mais tarde.

Caminharam em silêncio durante metade da distância até o alojamento.

— Vamos acabar logo com isso? — disse Lando.

— Acabar logo com o quê? — resmungou Han.

— E melhor você dizer logo o que tem na cabeça. Pode dar sua bronca por eu não ter abaixado a cabeça na frente de seu amigo senador. Depois precisamos conversar sério.

Han continuou olhando para a frente.

— Não é o fato de você não ter abaixado a cabeça. Já vi Chewie de mau humor se portar com mais educação do que você.

— Tem toda a razão. Quer ficar bravo mais um pouco, ou está pronto para escutar meus motivos?

— Aposto que devem ser interessantes — declarou Han, com sarcasmo.

— Então tem bons motivos para ser mal educado com ex-senador?

— Ele não está dizendo a verdade, Han. Pelo menos não toda a verdade.

— E daí? Quem disse que tem de contar toda a verdade a dois estranhos?

— Ele nos trouxe até aqui. Por que fazer isso e depois mentir? — argumentou Lando.

Han olhou para o lado, e pela primeira vez reparou na gravidade da expressão do companheiro. Fosse o que fosse, parecia de fato preocupado.

— Muito bem: sobre o que ele mentiu?

— Para começar, sobre esse acampamento — declarou Lando apontando uma construção à vista. — O senador disse que vivem mudando a base... quatorze lugares nos últimos sete anos, lembra? Só que este lugar está aqui há muito mais do que seis meses.

Han olhou para a construção pela qual passavam. Reparou nos locais onde o plástico deveria dobrar-se e nos sinais de desgaste das fundações...

— Existem outras coisas, ainda — continuou Lando. — Aquele quartel-general onde estivemos, por exemplo. Notou na decoração que havia ali? Provavelmente uma dúzia de esculturas espalhadas nas prateleiras, entre as cabines, mais um bocado de postes de iluminação. E sem mencionar todo o

material pendurado nas paredes. Na cantina, havia um painel de antiguidades, além de...

— Ei, eu estava lá, lembra? — cortou Han. — O que está querendo dizer?

— Estou querendo dizer que este lugar não está pronto para ser desmontado e muito menos para abandonar o planeta com rapidez. Há muito tempo. E não se fica desleixado assim quando se está atacando bases do Império...

— Talvez tenham decidido sossegar por algum tempo — justificou Han, sentindo-se pouco à vontade no papel de defender o senador.

— Pode ser. Mas neste caso, a pergunta seria outra: por quê? Com que finalidade poderia estar poupando homens e naves?

Han ficou apreensivo. Percebeu onde Lando queria chegar.

— Suspeita que ele tenha um acordo com Fey'lya.

— Esta seria a conclusão óbvia. Você mesmo ouviu o jeito que se referiu a Mon Mothma, como se ela estivesse a ponto de se tornar Imperatriz... seria mesmo influência de Fey'lya?

Han considerou o assunto. Parecia loucura, mas não tanta como teria parecido à primeira vista. Se Fey'lya tivesse a possibilidade de colocar as mãos em meia dúzia de cruzadores Dreadnaught, poderia de fato estar preparando alguma surpresa. Por outro lado...

— Espere um pouco, Lando, isso é loucura — protestou ele. L- Se estão tramando contra Mon Mothma, por que teriam nos trazido?

— Bem, isto nos leva à pior hipótese, meu velho. O que seu amigo senador tem por aqui é totalmente falso, e uma gigantesca jogada do Império.

— Agora *você é* que está maluco.

— Pense um pouco — pediu Lando, baixando a voz por causa de um grupo de soldados. — Garm Bel Iblis, supostamente falecido, de repente volta do reino dos mortos? E não apenas vivo, mas com um exército pessoal! Um exército do qual nenhum de nós dois ouviu falar?

— Tudo bem, mas acontece que Bel Iblis nunca foi o que se pode chamar de uma pessoa reclusa. Enquanto crescia, vi um bocado de imagens holográficas dele na mídia. Seria preciso um bocado de esforço para parecer com ele, e principalmente para falar como ele.

— Se você tivesse todo esse material para comparar, seria. Mas tudo o que tem são lembranças. Não seria preciso tanto esforço para produzir uma cópia aceitável sem a existência do padrão. Sabemos que a base está aqui por mais de um ano, talvez abandonada por outra pessoa, e não seria preciso muito trabalho para juntar um exército falso. Não para o Império, pelo menos.

Han sacudiu a cabeça, numa negativa.

— Está exagerando, Lando. O Império não iria fazer tanto esforço por nós.

— Talvez não. Mas não tem de ser necessariamente por nós. Pode ter sido por Fey'lya, e nesse caso, entramos por acaso.

— Para beneficiar *Fey'lya?*

— Claro. Vamos começar com o Império forjando o depósito na conta de Ackbar. Isso o colocou sob suspeita e deixa o lugar vago para outro. Se Fey'lya assumir, convencido de estar apoiado pelo legendário Bel Iblis com um exército particular, a hierarquia da Nova República ficaria confusa. Uma boa oportunidade para o Império tomar um setor ou dois. E rápido e simples.

— É isso o que você chama de simples?

— Estamos lidando com um Grande Almirante, Han. Qualquer coisa é possível.

— Certo, mas possível não significa provável. Se estão fingindo, por que nos trouxeram até aqui?

— Por que não? Nossa presença não afeta o plano. Pode até ajudar um pouco. Nos mostram as instalações, nos mandam de volta, damos o alarme contra Fey'lya e Mon Mothma traz muitas naves para proteger Coruscant contra um golpe de estado que nunca acontecerá. Mais caos e ainda mais setores desprotegidos para o Império atacar.

— Acho que é um tiro no escuro.

— Pode ser. Mas você talvez esteja confiando demais no fantasma de um senador corellian.

Os dois chegaram aos aposentos designados, numa fileira dupla de pequenas construções de campanha com cerca de cinco metros de fachada. Han digitou no teclado da fechadura a combinação fornecida por Sina e entraram.

O apartamento era espartano em simplicidade, apenas metade operacional. Consistia num único aposento, apresentando uma cozinha compacta num dos cantos e uma porta que devia conduzir ao banheiro. Uma mesa/console dobrável e duas cadeiras de modelo antigo, forradas em cinza militar ocupavam boa parte do espaço. Na parede, em posição vertical, havia dois leitos de campanha.

— Bonitinha — comentou Lando.

— Provavelmente pode ser desmontado em três minutos, também — completou Han.

— Concordo. E exatamente a impressão que o saguão deveria dar.

— Talvez tivessem resolvido fazer pelo menos uma construção que não parecesse ter vindo das Guerras Clônicas.

— Talvez — concordou Lando, abaixando-se ao lado de uma das cadeiras e espiando sob o assento. — Provavelmente foram retiradas de um Dreadnaught. Nem se deram ao trabalho de colocar mais enchimento antes de...

Ele interrompeu-se e seu rosto ficou pálido.

— O que foi? — quis saber Han.

— Essa cadeira. Não é cinza embaixo. E azul e dourada!

— E daí? — indagou Han, franzindo a testa.

— Você não está entendendo. A Frota só pinta o interior das naves em cinza. Nunca pintaram de azul e dourado. Nem o Império, nem a Nova ou tampouco a Velha República. Só fizeram isso uma vez.

— Que foi...

— Na Frota *Katana.*

Han encarou o amigo, uma sensação desagradável na boca do estômago.

— Não pode ser, Lando. Você deve estar errado...

— Não há chance de erro, Han — afirmou Lando, balançando a cabeça e enfiando os dedos sob a borda da forração. Levantou o suficiente para expor o tecido. — Está vendo? Eu passei dois meses inteiros pesquisando a Frota *Katana.*

Han olhou para o tecido azul e dourado, sentindo uma sensação de irrealidade. A Frota *Katana.* A Força Negra. Perdida por meio século... e de repente encontrada.

— Precisamos de uma prova melhor. Essa cor em si não prova nada — afirmou ele.

Lando assentiu, ainda chocado.

— Isso explicaria porque nos mantiveram a bordo do *Lucky Lady* durante a viagem. Nunca seriam capazes de esconder o fato de que o cruzador Dreadnaught estava sendo operado com dois mil homens, ao invés da tripulação normal de dezesseis mil. Uma nave que pertenceu à Frota *Katana.*

— Precisamos dar uma olhada no interior das naves — insistiu Han. — O código de reconhecimento que Irenez enviou... você por acaso não gravou?

Lando respirou fundo e pareceu sair do estupor em que se encontrava.

— Posso reconstituir. Porém se usarem um pouco de bom senso, o código de entrada não deve ser o mesmo do código de saída. Mas não acho que precisemos entrar a bordo da nave Tudo o que preciso fazer é dar uma boa olhada no painel de repetição que vimos na cantina do quartel-general.

— Ótimo. Vamos até lá.

16

Levaram apenas alguns minutos para retornar à cantina, Han manteve um olho na circulação de pedestres e de veículos enquanto caminhavam, esperando que ainda fosse cedo demais para que o lugar estivesse vazio. Dar uma boa olhada no monitor já seria suficientemente difícil sem pessoas ociosas sentadas às mesas, conversando e olhando ao redor.

— O que estamos procurando? — perguntou ele, logo que dobraram uma esquina e avistaram o quartel-general.

— Devem existir alguns encaixes especiais na traseira, para a ligação dos monitores ao sistema de acoplamento das naves. E também os números de série — respondeu Lando.

Han assentiu. Iriam precisar tirar a peça da parede. Mais essa ainda.

— Como você sabe tanto sobre a Força Negra?

— Fiz um bocado de pesquisa sobre o assunto. Se quer saber mesmo, acabei recebendo um mapa falso, como parte de um negócio que fiz quando vendia naves usadas. Achei que podia aprender o suficiente para parecer um especialista e vender o mapa para algum outro otário.

— Conseguiu?

— Quer mesmo saber?

— E melhor não saber. Apronte-se. Chegou a hora de trabalhar — avisou Han, abrindo a porta para o amigo passar.

Estavam com sorte. Além do *barman* e de um par de dróides-garçons desativados atrás do balcão, o lugar estava deserto.

— Bem-vindos de volta, cavalheiros — saudou o *barman.* —_ O que desejam?

— Alguma coisa que possamos levar para o quarto — esclareceu Han, examinando as prateleiras.

Tinham um bom sortimento de bebidas ali; talvez uma centena de garrafas em vários tamanhos e formatos. Contudo existia uma porta ao lado que conduziria a uma espécie de depósito, ou adega. Seria a melhor opção.

— Você por acaso tem vinho de Vistulo? — indagou ele, com ar inocente.

— Acho que temos — disse o *barman,* virando-se para a prateleira. — Aqui está.

— Qual é a safra?

— Um momento. Deixe dar uma olhada... 49. Han fez uma careta.

— Não teria 46, teria? Talvez enfiada por aí ou na adega?

— Penso que não, mas posso verificar — declarou o homem, cheio de boa vontade.

Dirigiu-se para o depósito. Han passou por baixo da entrada do balcão.

— Vou com você. Se não tiver o 46, quem sabe encontro outra coisa.

Por um instante, o *barman* deu a impressão de que iria discordar.

Contudo, vira os dois bebendo com o próprio Ben Iblis numa conversa amigável. De qualquer forma, Han já percorrera metade do caminho.

— Tudo bem.

— Ótimo — concordou Han, seguindo atrás dele.

Não sabia quanto tempo Lando levaria para retirar o equipamento da parede, examiná-lo e colocá-lo de volta. Baseado na idéia de que seria melhor ter uma certa margem de segurança, Han conseguiu arrastar a busca pela safra solicitada por cinco minutos inteiros. Como não encontraram, decidiu-se por um Kibsahe 48. O barman saiu na frente; cruzando os dedos atrás das costas, Han veio logo em seguida.

Lando estava no mesmo local onde ficara, as mãos no balcão e o rosto tenso. Havia um bom motivo. Alguns passos atrás dele estava Irenez, com o desintegrador na mão.

— Oi, Irenez — saudou Han, com seu olhar mais inocente. —Engraçado encontrar você.

Toda a sua ingenuidade não passou de um desperdício.

— Não acho nada engraçado. Sina me pediu para ficar de olho em vocês. Conseguiram o que queriam?

Han olhou para Lando e reparou no gesto quase imperceptível.

— Sim.

— Que bom. Vamos até lá fora.

Han entregou a garrafa de volta ao *barman*, que não estava entendendo nada.

— Guarde a garrafa. Parece que a festa foi cancelada.

Havia um velho veículo terrestre aguardando ao lado de fora quando saíram da construção.

— Para dentro — disse Irenez, fazendo um gesto com a arma na direção da porta traseira.

Han e Lando obedeceram. Ali, sentada de forma rígida num dos bancos do passageiro, Sina Leikvold Midanyl aguardava.

— Cavalheiros, entrem por favor — convidou ela. Han escolheu o assento que ficava de frente.

— Já é hora do jantar? — arriscou ele.

— Irenez, assuma os controles. Dirija pelo acampamento — pediu a

mulher mais velha. — Qualquer lugar serve.

Em silêncio, Irenez acomodou-se no assento do motorista, e partiram, com um solavanco.

— Vocês não ficaram muito tempo no quarto — observou Sina.

— Não me lembro do senador dizer alguma coisa sobre estarmos confinados ao alojamento — disse Han.

— Ele não disse. Mas por outro lado, convidados bem educados não deviam ficar perambulando desacompanhados por áreas delicadas.

— Peço desculpas. Não sabia que seu estoque de bebidas era material estratégico — ironizou Han. — Se está tentando nos devolver ao alojamento, estamos indo na direção errada.

Sina estudou-lhe o rosto por um instante.

— Vim para pedir um favor.

Aquela era a última coisa que Han esperava, e levou alguns segundos para responder.

— Que tipo de favor?

— Quero que fale com Mon Mothma para mim. Quero que peça a ela e ao Conselho para convidar o senador Bel Iblis a fazer parte da Nova República.

Han deu de ombros. Acabara de descobrir o motivo pelo qual foram levados até lá.

— Vocês não precisam de um convite especial. Tudo o que precisam é entrar em contato com alguém do Conselho e oferecer seus serviços.

— Acredito que no caso do senador a coisa não seja assim tão fácil — declarou ela. — Não seria um caso de unir-se à Nova República e sim de reunir-se.

Han olhou para Lando. A seguir ambos fixaram a atenção em Sina, aguardando.

Ela suspirou e olhou para o exterior.

— Aconteceu muito tempo atrás. Antes que todos os grupos que lutavam contra o Império se juntassem formalmente para constituir a Aliança Rebelde. Sabem de alguma coisa sobre esse período da história?

— Só o que está nos registros oficiais — respondeu Han. — Mon Mothma e Bail Organa, de Alderaan, reuniram três dos grupos maiores e convenceu-os a formar uma Aliança. Depois disso, tudo virou uma bola-de- neve.

— Lembra do nome do primeiro tratado?

— Claro. Foi chamado o Tratado Corellian... Tratado *Corellian?*

— Isso mesmo. E foi o senador Iblis e não Mon Mothma, quem convenceu aqueles três grupos de resistência a se reunirem. E mais ainda, garantiu proteção a eles.

Por um bom tempo, o único som escutado foi o zunido dos repulsorlifts.

— O que aconteceu depois? — quis saber Lando.

— Para resumir a história, Mon Mothma começou a assumir. O senador era bem melhor em estratégia e tática do que ela, e talvez melhor do que muitos generais e almirantes da época. No entanto, ela tinha o dom da inspiração, e a diplomacia necessária para juntar vários grupos e espécies diferentes. Gradualmente, Mon Mothma tornou-se o símbolo mais visível da Nova República/ com Organa e o senador cada vez mais relegados a segundo plano.

— Deve ter sido uma coisa difícil para alguém como Bel Iblis aceitar — murmurou Lando.

— Foi mesmo — concordou Sina. — Mas você precisa entender que não foi apenas orgulho que o levou a retirar o apoio. Bail Organa possuía uma forte influência moderadora sobre Mon Mothma... ele era um dos poucos que ela respeitava e confiava a ponto de escutar. Depois que foi assassinado no ataque da Estrela da Morte em Alderaan, não apareceu mais ninguém com estatura moral suficiente para tomar o lugar dele. Ela começou a assumir mais poder e o senador começou a suspeitar que pretendia derrubar o Imperador apenas para tomar o lugar.

— Então saiu da Aliança e começou sua própria guerra contra o Império — disse Lando. — Sabia de alguma coisa sobre isso, Han?

— Nunca ouvi ninguém comentar nada a respeito.

— Não me surpreende — declarou Sina. — *Você* teria divulgado a retirada de um personagem importante como o senador? No meio de uma guerra?

— Provavelmente, não — concedeu Han. — Acho que a única surpresa é que mais grupos não tenham abandonado a Aliança. Mon Mothma pode ser bastante convincente quando quer.

— Não existe nenhuma dúvida sobre quem estava no comando durante a guerra — comentou Lando. — Uma vez a vi fazer o almirante Ackbar e o general Madine desistirem de um projeto militar porque não estava gostando.

Han olhou para Sina, e um pensamento cruzou-lhe a mente.

— Foi por isso que vocês pararam os ataques contra o Império? Para ficarem prontos a agir contra Mon Mothma caso tornasse a Nova República numa ditadura?

— Exatamente. Viemos para o Ninho do Peregrino cerca de três anos atrás e suspendemos todas as operações, exceto os ataques para capturar equipamentos, e começamos a elaborar planos táticos para essa contingência. E ficamos esperando a volta triunfal do senador — concluiu Sina.

Han voltou-se pela janela, olhando o acampamento, sentindo uma sensação de perda. O legendário senador Bel Iblis... desejando uma volta ao

poder que nunca ocorreria.

— Isto não vai acontecer, sabia?

— Sabemos disso. E bem lá no fundo, o senador também sabe.

— E não pode engolir o orgulho a ponto de pedir a Mon Mothma para voltar — deduziu Han. — Portanto, falou com você para pedir a nós que...

— O senador não tem nada a ver com isto — interrompeu Sina. — Nem sabe que estou falando com você. A responsabilidade é toda minha.

— Calma...

— Desculpe.

— Tudo bem.

Han percebeu que sentia compaixão por ela. Sina podia ter todas as boas intenções do mundo, e toda a lógica da Galáxia a seu lado, mas para ela o pedido tinha o gosto de traição. Repentinamente uma lembrança veio-lhe à mente: a expressão de Luke, um pouco antes da batalha de Yavin contra a primeira Estrela da Morte. Quando imaginara que Han iria fugir e abandoná- los...

— Han — chamou Lando em voz baixa.

Solo sacudiu a cabeça para espantar as lembranças. Olhou para o amigo, cujas sobrancelhas estavam levantadas.

— Vamos fazer um acordo, Sina — disse ele, por fim. — Vamos conversar com Mon Mothma sobre o senador. E você nos conta sobre a Frota *Katana*.

A expressão de Sina tornou-se rígida.

— A Frota *Katana?*

— De onde vieram os seis cruzadores Dreadnaught que vocês usam — afirmou Lando. — Não se dê ao trabalho de negar. Eu dei uma boa olhada no monitor que vocês têm no bar do quartel-general.

— Não. Não posso falar sobre isso.

— Por quê não? Não estamos a ponto de nos tornar aliados? — disse Lando.

— A menos que tenham prometido a Frota para Fey'lya — lembrou Han, com uma sensação desagradável.

— Não prometemos nada a Fey'lya. Não que ele não tenha pedido...

— Então está tramando um golpe — afirmou Han.

— Não acho — opinou Sina, balançando a cabeça. — Fey'lya não saberia o que fazer com um golpe militar, nem que recebesse um embrulhado para presente numa bandeja. Você precisa entender que os bothan sempre raciocinam em termos de influência política e de persuasão. O objetivo bothan típico é passar pela vida conseguindo um número cada vez maior de pessoas para ouvir o que ele tem a dizer. Fey'lya imagina que se for o responsável por trazer o senador para a Nova República seria um grande passo nessa direção.

— Especialmente se Ackbar não estiver por perto para fazer oposição?

— E verdade. Infelizmente esse é outro aspecto típico dos bothan. Um líder bothan que tropeça é sempre pisoteado por todos que desejam sua posição. No passado distante os ataques eram reais... facas, venenos, e morte subseqüente. Agora isso se modificou para um assassinato verbal. Acho que é progresso — comentou Sina.

— Ackbar não é bothan — lembrou Han.

— A técnica é adaptável a outras raças. Principalmente quando estão acima deles.

— Que ótimo grupo para se ter como aliados. Apenas apunhalam ou também preparam o cadáver?

— Está se referindo à transferência bancária? — indagou Sina. — Não, duvido que isso tivesse sido obra de Fey'lya. Como regra geral, os bothan não costumam expor os pescoços a ponto de realizar esse tipo de trama. Acreditam que é arriscado. Preferem tirar partido da ação de outros.

— Mais como carniceiros do que caçadores — opinou Han, acreditando que aquilo explicava sua antipatia por Fey'lya e seus aliados. — O que faremos?

Ela deu de ombros.

— Tudo o que você precisa é libertar Ackbar. Logo que não seja mais vulnerável aos ataques, Fey'lya recua.

— Ótimo. O problema é que com um Grande Almirante encarregado do Império, talvez não tenhamos tempo para isto — concluiu Han.

— E se nós não tivermos, vocês também não vão ter — lembrou Lando.

— Deixando os sentimentos e a dignidade de lado, acho bom o senador começar a enfrentar a realidade. Vocês são um grupo pequeno e isolado com uma pista da Frota *Katana,* e o Império está ansioso para obter novas naves de guerra. No minuto em que o Grande Almirante souber o que vocês têm, colocará todas as naves do Império em seu encalço antes que consigam piscar. Tragam a Frota *Katana* para a Nova República e serão recebidos como heróis. Esperem demais, e vão perder tudo o que têm.

— Sei disso — declarou Sina, a voz quase inaudível. — Na verdade, não sabemos onde está a Frota. Nossos Dreadnaught vieram de um homem que conhece a localização. Diz que descobriu por acaso, quinze anos atrás. Ele é magro, baixo, e tem cara de fuinha. Usa o cabelo branco bem curto e o rosto é marcado demais. Acho que essa aparência se deve mais a algum tipo de doença do que à velhice.

— Qual o nome dele? — quis saber Han.

— Não sei. Nunca nos disse, porém, gosta de jogar. Todos os nossos encontros foram a bordo do *Coral Vanda,* geralmente em mesas de jogo. O

pessoal que trabalha lá parece conhecê-lo bem, embora isso possa não significar muito, pela maneira como desperdiça dinheiro. Um crupiê sempre conhece um perdedor.

— O *Coral Vanda?*

— E um cassino submarino de luxo, que opera nos mares de Fantolomin — explicou Lando. — Faz cruzeiros de três a sete dias pela rede de recifes ao largo do continente. Sempre quis ir até lá, mas nunca tive a chance.

— Pois parece que agora terá — disse Han. Depois olhou para Sina. — Acredito que nossa próxima questão seja como sair daqui.

— Isso não vai ser problema — declarou Sina, com certo arrependimento. — Posso levá-los a New Cov com o *Harrier.* Quando querem partir?

— Agora mesmo. Escute, você vai ter de se despedir do senador por nós. Estamos numa corrida contra o Império, e mesmo algumas horas podem fazer diferença — disse Han.

— Suponho que tenha razão — concordou ela, relutante. — Irenez, vamos até a nave deles. De lá faço os arranjos necessários.

Não precisaram fazer outros preparativos para o *Lucky Lady.* Esperando por eles, em pé na ponte de acesso da nave, estava o senador Bel Iblis.

— Como vão, Solo e Calrissian? — cumprimentou ele, sorrindo, assim que os convidados desceram do veículo terrestre. — Como não estavam no alojamento, imaginei que pudessem ter vindo até aqui. Estou vendo que acertei.

Os olhos passaram por Han, e deram com sua subordinada no interior do veículo.

— Sina! O que aconteceu?

— Eles sabem sobre a Frota *Katana*, comandante — explicou ela, postando-se ao lado de Han. — E... eu contei sobre nosso contato.

— Entendo — disse o senador, com voz fria. — Portanto, vão partir. Para ver se podem persuadi-lo a entregar a Força Negra para a Nova República.

— Exatamente, senhor. Precisamos das naves. Carecemos muito. Mas não tanto quanto necessitamos de bons combatentes e comandantes.

Por um bom tempo, Bel Iblis ficou olhando para ele.

— Não pretendo ir até Mon Mothma como um mendigo, pedindo para que ela me deixe entrar de novo no clube — afirmou o velho senador.

— O senhor saiu por bons motivos. Pode voltar da mesma maneira — insistiu Han.

— Não. Muitas pessoas sabem o que aconteceu entre nós. Eu iria parecer um velho tolo. Ou um pedinte. — O olhar de Bel Iblis procurou as construções do Ninho do Peregrino. — Não tenho nada para oferecer, Solo. Cheguei a sonhar

em ter uma frota que rivalizasse as melhores na Nova República. Uma frota, e uma coleção de vitórias importantes sobre o Império. Assim, talvez pudesse retornar com respeito e dignidade. Mas o que tenho aqui mal se qualifica como uma força de ataque.

— Pode ser, mas seis cruzadores Dreadnaught não são algo a se desprezar — argumentou Lando. — Nem sua folha de combatente. Esqueça Mon Mothma por um instante... todos os militares da Nova República adorariam ter o senhor de volta.

— Pode ser. Acredito que valha a pena pensar nisso — concedeu o senador, levantando a sobrancelha.

— Principalmente com um Grande Almirante encarregado do Império — lembrou Han. — Se ele o apanha aqui sozinho, será o fim de vocês.

— Esse pensamento já me ocorreu, Solo. Para dizer a verdade, várias vezes por dia. O *Harrier* vai partir em uma hora e meia para levar Breil'lya para New Cov. Vou instruí-los para levar também vocês e o *Lucky Lady.*

Han e Lando trocaram um olhar.

— Acredita que seria seguro voltar a New Cov, senhor? Deve haver soldados do Império por lá ainda.

— Não. Estudei as táticas do Império durante longo tempo. Além de não esperar que retornemos tão cedo, não podem se permitir ficarem muito tempo num lugar só. De qualquer jeito, precisamos ir até lá. Breil’lya tem de apanhar sua nave.

Han assentiu, imaginando que tipo de relatório o assessor faria a Fey'lya quando voltasse a Coruscant.

— Está bem. Vou preparar a nave.

O senador hesitou, depois estendeu a mão.

— Foi bom ver você, Solo. Espero que nos encontremos outra vez.

— Tenho certeza que sim, senhor — respondeu Han, cumprimentando o homem mais velho.

— Calrissian — saudou Bel Iblis, com um aceno de cabeça. Em seguida voltou-se e caminhou pela pista de pouso. Han observou-o, tentando descobrir se admirava o senador ou se tinha pena dele. Mas era um pensamento inútil.

— Nossa bagagem ainda está no alojamento.

—Vou mandar buscar enquanto preparam a nave — disse Sina, olhando para Han com fúria no olhar. — Mas quero lembrar uma coisa. Pode ir agora, com nossas bênçãos, mas se trair o senador, de qualquer forma... você morre. Pela minha mão, se necessário.

Han encarou-a de volta, pensando sobre o que dizer. Talvez lembrá-la que já fora atacado por caçadores de recompensa e criminosos interestelares, estivera

em vários tiroteios com as tropas de assalto do Império, e fora torturado pelo próprio Darth Vader. Depois de tudo isto, receber uma ameaça vinda de alguém como Sina era ridículo demais para ser levado a sério.

— Entendi bem. Mas não vou desapontá-la.

Da escotilha dorsal de acoplamento veio o assobio da pressurização. Através da cabine do *Lucky Lady,* as estrelas visíveis abaixo do Dreadnaught transformaram-se em linhas luminosas.

— Lá vamos nós de novo — disse Lando, com voz resignada. — Como é que continuo deixando me convencer a fazer essas coisas?

— E porque agora você é respeitável — respondeu Han, verificando os instrumentos do iate. E porque você sabe tão bem quanto eu que precisamos fazer isto. Mais cedo ou mais tarde o Império vai descobrir que a Frota *Katana* foi encontrada, e vão começar a procurá-la. E se eles chegarem até ela antes do que nós, estamos encrencados de verdade.

Ali estavam eles, presos por dois dias enquanto o *Harrier* os levava a New Cov. Não porque precisassem ir até lá, mas porque Bel Iblis não confiava neles o suficiente para dar a localização de sua base, o Ninho do Peregrino.

— Está preocupado com Leia, não está?

— Eu não devia ter deixado ir — resmungou Han. — Alguma coisa deu errado. Sei disso. Aquele alienígena traidor deve ter denunciado ela ao Império ou então o Grande Almirante foi mais esperto outra vez. Não sei o que foi, mas acho que *alguma coisa* aconteceu.

— Leia é capaz de tomar conta de si mesma, Han. E até mesmo Grandes Almirantes cometem erros.

— Ele cometeu um erro em Sluis Van, Lando. Não vai cometer outro. Aposto o *Falcon* como não vai.

Lando estalou uma palmada no ombro do companheiro.

— Vamos lá, amigão... ficar aí reclamando não resolve nada. Temos dois dias para matar tempo. Pegue o baralho sabacc, sim?

O Grande Almirante leu duas vezes o despacho antes de voltar os olhos rubros para Pellaeon.

— Esse relatório é confiável, capitão?

— Tanto quanto possa ser um relatório que não se origina de agentes do Império. Por outro lado, esse contrabandista em particular já nos enviou cinqüenta e dois relatórios nos últimos dez anos, dos quais quarenta e oito provaram ser precisos. Eu diria que vale a pena acreditar.

— Endor... — murmurou Thrawn, olhando o monitor. — Por que Endor?

— Não sei, senhor — respondeu Pellaeon. — Talvez estejam procurando

um lugar para esconder-se.

— Entre os ewok? Seria mesmo uma atitude desesperada. Mas isso não importa. Se o *Falcon* está lá, Leia Organa Solo também está. Alerte a Navegação e a Engenharia; partimos imediatamente para Endor.

— Sim, senhor — assentiu Pellaeon, digitando as ordens. — Quer que mande buscar Khabarakh em Nystao?

— Quero. Khabarakh... — repetiu pensativamente o Grande Almirante.

— Repare que coisa interessante, capitão. Khabarakh volta para Honoghr depois de um mês de ausência, ao mesmo tempo em que Solo e Organa Solo partem em missões secretas para New Cov e Endor. Seria coincidência?

Pellaeon franziu a testa.

— Não entendo, senhor.

— Estou dizendo, capitão, que talvez estejamos presenciando um novo grau de sutileza entre nossos inimigos. Sabiam que a volta do único sobrevivente que falhou na operação em Kashyyyk atrairia minha atenção. Arranjaram para que a libertação dele coincidisse com as próprias missões, na esperança que eu estivesse ocupado demais para reparar neles. Sem dúvida quando quebrarmos Khabarakh vamos ficar sabendo de coisas que nos custariam infindáveis homens-hora para confirmar. Mas é melhor deixá- lo onde está, por enquanto. Pode informar aos chefes que resolvi permitir o período completo de sete dias de humilhação pública, depois do quê podem efetuar o ritual da descoberta como quiserem. Mesmo que a informação obtida seja inútil, Khabarakh ainda pode servir ao Império morrendo com muita dor. Como lição objetiva para sua raça.

— Sim, senhor. Mas se me permite, é bom lembrar que uma fragmentação psicológica tão drástica, seguida de recondicionamento é algo que foge aos padrões normais da Rebelião.

— Concordo. Isso significa que seja o que for que Organa Solo está procurando em Endor, é consideravelmente mais importante para o esforço de guerra do que apenas um esconderijo.

Pellaeon franziu a testa, tentando imaginar o que poderia haver em Endor que alguém pudesse desejar tanto.

— Talvez uma parte do material deixado pela Estrela da Morte?

— arriscou ele.

— Bem mais valioso do que isso — negou o Grande Almirante, balançando a cabeça. — Talvez alguma informação que o Imperador tivesse quando morreu. Informações que acreditam poder recuperar.

— Talvez a localização do depósito do monte Tantiss. Thrawn assentiu.

— E a única coisa em que posso pensar que valeria algum esforço da parte deles. De qualquer forma, é um risco que não podemos nos permitir. Não nesse

momento.

— Concordo — disse Pellaeon, escutando um chamado no console, indicando a prontidão da Engenharia e da Navegação.

— Estamos preparados para deixar a órbita. Quando partimos?

— Quando quiser, capitão.

Depois de digitar as ordens, Pellaeon observou o planeta diminuindo de tamanho. No console, soou o sinal de mensagem prioritária. O capitão adiantou-se e tomou conhecimento do conteúdo. Levantou a cabeça.

— Almirante? Um relatório do *Inflexível*, no sistema Abregado. Eles capturaram uma das naves de Talon Karrde. A transcrição do interrogatório preliminar está chegando. E bem curto, senhor.

— Obrigado — disse Thrawn, passando a recepção do relatório para o próprio monitor.

Ainda estava lendo quando o *Quimera* fez o salto para o hiperespaço. Releu com todo o cuidado.

17

Mara nunca tinha estado no espaçoporto de Abregado antes, mas ao caminhar pelas ruas, resolveu que o local merecia mesmo a reputação que possuía.

Não era algo que se percebesse pelas aparências. Ao contrário, o lugar parecia limpo e bem-cuidado, embora apresentasse aquela qualidade antiséptica que demonstrava a imposição da limpeza de cima para baixo, por decreto do governo, ao invés de representar um desejo real da população. Dava a impressão de ser pacífico, como outros espaçoportos, com a presença maciça de homens uniformizados patrulhando as ruas entre as pistas e hangares.

Porém, abaixo do brilho da superfície percebia-se a podridão. Os habitantes apresentavam maneiras furtivas; os patrulheiros em seus uniformes demonstravam arrogância; alguns homens em roupas civis lançavam olhares demorados sobre os outros, típico dos agentes de Segurança. Todo o espaçoporto, e talvez o planeta inteiro, mantinha-se unido com barbante e dinamite.

Um insignificante regime totalitário e uma população desesperada para escapar dele. Exatamente o tipo de lugar onde qualquer um trairia o companheiro pelo preço de uma passagem para fora. Isso, em termos práticos, significava que se um dos habitantes topasse com uma nave de contrabandistas bem embaixo do nariz da Segurança, Mara não chegaria a dar dez passos antes de ser apanhada.

Caminhando na direção de uma porta com o letreiro desbotado: "Hangar 21", desejou não estar entrando numa armadilha. Não iria gostar de morrer num lugar como aquele.

A porta não estava trancada. Consciente da presença de duas duplas de patrulheiros uniformizados, Mara respirou fundo e entrou.

Era mesmo o *Etherway,* com a mesma aparência decrépita e relaxada que tinha quando Fynn Torve o abandonara no hangar sessenta e três do mesmo espaçoporto. Mara correu atentamente os olhos pelo local, verificando os recônditos que poderiam abrigar uma emboscada, e por fim fixou o olhar no jovem moreno acomodado numa cadeira ao lado da rampa abaixada da nave. Mesmo naquela posição descontraída, não conseguia disfarçar a aparência militar.

— Bom dia — cumprimentou ele, baixando a prancheta de leitura que estivera examinando. — Belo dia para voar. Está interessada em alugar uma

nave?

— Não — respondeu Mara, caminhando na direção dele e tentando olhar para todos os lados. — Estou mais a fim de comprar. Qual o modelo dessa banheira?

— É um Harker-Balix nove, zero, três — respondeu ele, parecendo ofendido. — E não *é* nenhuma banheira.

O sujeito obviamente não era um bom ator, mas estava se divertindo com a pantomima que lhe permitia bancar o espião. Mara maldisse Torve por inventar aquele código ridículo de identificação, e continuou com o procedimento.

— Pois para mim parece mais um nove, um, sete — provocou ela. — Ou até mesmo um nove, dois, dois.

— Não, senhora. Estou dizendo que é um nove, zero, três. Pode acreditar. Meu tio costumava fabricar trens de aterrissagem para eles. Vamos entrar e mostro a diferença.

— Seria ótimo — concordou Mara, seguindo-o rampa acima.

— Estou contente que tenha chegado — comentou ele por sobre o ombro ao atingir o alto da rampa. — Já começava a pensar que tinha sido apanhada.

— Isso ainda pode acontecer se você continuar falando alto desse jeito. Quer falar mais baixo?

— Está tudo bem — garantiu ele. — Coloquei todos os seus dróides MES trabalhando na limpeza do casco, para bloquear qualquer sensor de áudio.

Pelo menos teoricamente ele tinha razão. Mas se o hangar estivesse sendo alvo de vigilância... seria outra história.

— Teve trabalho para retirar a nave?

— Na verdade, não. O administrador do espaçoporto disse que tudo era altamente irregular, mas não me deu muitos aborrecimentos — informou ele.

— Talvez o tamanho da gorjeta tivesse algo a ver com isso. A propósito, meu nome é Wedge Antilles. Sou amigo do capitão Solo.

— Prazer em conhecê-lo. Solo não pôde vir?

— Ele teve de sair de Coruscant numa missão urgente, e pediu para trazer a nave. Fui designado para um par de sistemas adiante, portanto não representou nenhum problema.

Mara estudou-o por um instante. Pela constituição e jeito de falar...

— Você é piloto de asa-B? — arriscou ela.

— Asa-X — corrigiu Antilles. — Preciso voltar ao meu comboio antes que terminem de carregar. Quer escolta para sair daqui?

— Não, obrigada — respondeu Mara, resistindo à vontade de ser sarcástica. — Agradeça também a Solo.

A primeira regra de um contrabandista era permanecer tão despercebido

quanto possível, e sair do espaçoporto acompanhada por um brilhante caça asa-X da Nova República não era sua idéia de discrição.

— Certo. Mais uma coisa — lembrou Antilles. — Solo me pediu para perguntar se vocês não estariam interessados em vender informações sobre nosso amigo com os olhos.

— Nosso amigo com os olhos? — estranhou Mara.

— Foi o que ele disse — confirmou o piloto, dando de ombros. — Contou que entenderia.

— Entendi muito bem. Diga a ele que vou passar o recado adiante.

— Muito bem. Parecia muito importante...

— Eu disse que vou passar adiante.

— Certo. Só estava fazendo meu trabalho — desculpou-se Antilles, dando de ombros outra vez.

Com um aceno amistoso, ele desceu a rampa. Ainda esperando uma armadilha, Mara pressurizou a nave, e dirigiu-se para a cabine de comando.

Levou um quarto de hora para realizar a seqüência de pré-vôo, o que coincidiu com o tempo que os controladores na torre levaram para liberar sua partida. Os repulsorlifts foram acionados e a nave flutuou para fora do hangar e partiu para o espaço.

Estava a ponto de acionar a velocidade-cruzeiro quando sua nuca começou a formigar.

Examinou os monitores. Não havia nada de anormal; porém com a proximidade da massa planetária, isto não significava muita coisa. Qualquer objeto poderia esgueirar-se horizonte acima, desde uma esquadrilhas de caças TIE, até um destróier imperial.

Aumentou a velocidade, sentindo-se afundar no assento até os compensadores de aceleração estabilizarem. Um protesto indignado veio do controlador de vôo pelo alto-falante. Ignorando-o, ela acionou o computador, esperando que Torve tivesse seguido o procedimento padrão de Karrde ao pousar em Abregado.

De fato, isso acontecera. O cálculo para o salto no hiperespaço fora realizado e carregado, e só aguardava o comando adequado para iniciar. Mara acionou o computador para fazer os ajustes de derivação galáctica para o espaço de tempo de dois meses, e olhou para fora.

Emergindo do horizonte planetário, diretamente à frente, estava um destróier estelar classe *Victory.*

Vinha em sua direção.

Por um instante, Mara ficou parada, a mente examinando todas as possibilidades, sabendo o tempo todo que seria um exercício fútil. O comandante

do destróier planejara a intercepção com habilidade: dados os vetores de velocidade e a proximidade do planeta, não havia nenhuma forma de iludir as armas e os raios tratores da nave maior. Pelo menos, não o suficiente para passar ao hiperespaço. Brincou mentalmente com a possibilidade de que poderiam não estar atrás dela, ou quisessem apanhar Antilles, ainda no planeta abaixo. Porém a esperança não durou muito. Um único piloto de asa-X não seria importante a ponto de deslocar um destróier estelar classe *Victory.* E mesmo que fosse, eles não seriam tão pouco eficientes em acionar a armadilha antes da hora.

.— Cargueiro *Etherway* — disse uma voz antipática pelo alto-falante. — Aqui é o destróier estelar *Inflexível.* Ordenamos que desligue os motores e prepare-se para ser trazido à bordo.

Aquilo confirmava tudo. Estavam mesmo procurando por ela. Em poucos minutos seria prisioneira.

A menos que...

Esticando a mão, alinhou seu microfone.

— Destróier estelar *Inflexível,* aqui *é o Etherway.* Parabenizo vocês pela vigilância; eu estava com medo de ter de procurar nos próximos cinco sistemas estelares até achar uma nave do Império.

— Desligue todos os sistemas defletores...

Subitamente a voz interrompeu-se, pois acabara de atinar com o sentido das palavras dela, que não correspondia em absoluto à resposta habitual de alguém a ponto de ser feito prisioneiro.

— Quero falar com o capitão no instante em que eu subir a bordo — disse ela, em tom de conversa. — Preciso que ele providencie uma audiência com o Grande Almirante Thrawn, e arranje um transporte para o *Quimera*, onde quer que esteja no momento. E aprontem um raio trator. Não estou com vontade de pilotar essa banheira para pousar no hangar de vocês.

— Cargueiro *Etherway...* — foi tudo o que disse a voz, incapaz de acompanhar cada nova surpresa.

— Pensando bem, quero falar com seu capitão agora mesmo — continuou Mara, decidida a manter a vantagem da iniciativa.

— Não existe ninguém por perto que possa escutar nossa conversa.

Seguiu-se um instante de silêncio. Mara teve tempo de colocar em dúvida sua linha de ação, mas por pouco tempo. E a única maneira, disse a si mesma.

— Aqui é o capitão — anunciou uma voz diferente pelo alto-falante. — Quem é você?

— Alguém com informações importantes para o Grande Almirante Thrawn. Por enquanto, isso é tudo o que precisam saber.

Porém o capitão não se deixava intimidar com tanta facilidade.

— E mesmo? Segundo nossos registros, você faz parte da quadrilha de contrabandistas de Talon Karrde.

— E você não acredita que uma pessoa assim possa dizer ao Grande Almirante alguma coisa relevante? — indagou Mara, com voz fria.

— Pelo contrário, tenho certeza que pode. Simplesmente não vejo motivo algum para incomodá-lo com o que será apenas um interrogatório de rotina.

Mara cerrou o punho. Precisava evitar a todos os custos o interrogatório-padrão, capaz de alterar-lhe a mente.

— Eu não aconselharia uma coisa dessas — respondeu ela, procurando imprimir à voz toda a dignidade e poder dos tempos do Império. — O Grande Almirante não iria gostar nem um pouco. *Nem um pouco.*

Houve uma pausa. Obviamente o capitão começava a perceber que ali poderia existir mais do que ele imaginara a princípio. Da mesma forma, ainda não desejava recuar.

— Preciso de mais do que sugestões vagas. Tenho minhas ordens. Não posso abrir exceções sem um bom motivo.

Mara preparou-se. Chegara o momento. Depois de esconder-se vários anos do Império e de todos, chegara a hora de voltar.

— Então mande uma mensagem ao Grande Almirante. Diga a ele que o código de reconhecimento é Hapspir, Barrini, Corbolan, Triaxis.

Mais um instante de silêncio e Mara compreendeu que atingira seu objetivo.

— Qual seu nome? — perguntou o capitão, com novo traço de respeito na voz.

O *Etherway* oscilou um pouco quando foi envolvido pelo raio trator do *Inflexível.* Agora não havia retorno possível.

— Diga a Thrawn que ele me conheceu como a Mão do Imperador.

Levaram Mara e o *Etherway* para bordo e a acomodaram com certa deferência num dos alojamentos para oficiais. Em seguida, o destróier partiu de Abregado a toda velocidade.

Ela foi deixada em paz na cabine durante a maior parte do dia e da noite, sem ser procurada, nem falar com ninguém. A comida era entregue por um dróide SE4; em todos os outros momentos, a porta permaneceu trancada. Não pôde saber se o seu cativeiro fora ordenado pelo capitão ou provinha de ordens superiores, porém, utilizou o tempo para pensar e planejar o que podia.

Não havia maneira de saber para onde iam, mas pelo som dos motores, Mara percebeu que viajavam bem além da velocidade de cruzeiro de um

destróier estelar classe *Victory*, de ponto quarenta e cinco. Provavelmente atingiram ponto cinco, o que significava que cobriam vinte e sete anos luz por hora. Durante algum tempo tentou imaginar para que sistema se dirigiam, porém à medida que as horas passavam as possibilidades se multiplicaram tanto que ela abandonou o passatempo.

Vinte e duas horas depois de partir de Abregado, chegaram ao local do encontro. No último lugar que Mara teria esperado. O último lugar da Galáxia que ela teria ido. O local onde seu universo particular terminara em morte súbita e violenta.

Endor.

— O Grande Almirante a verá agora — anunciou o oficial-chefe das tropas de assalto, abrindo a porta e recuando para que passasse.

Mara olhou para o guarda-costas noghri em silêncio do outro lado e entrou no aposento.

— Entre — convidou uma voz baixa, da qual ela se recordava bem.

O Grande Almirante Thrawn estava sentado no centro de um anel de monitores, os olhos vermelhos brilhando em contraste com o branco imaculado do uniforme.

Mara permaneceu onde estava.

— Por que me trouxe para Endor?

— Como? — estranhou ele, estreitando os olhos.

— Você me ouviu muito bem — disse ela. — Endor. Onde morreu o Imperador. Por que escolheu esse lugar para o nosso encontro?

— Aproxime-se Mara Jade — pediu Thrawn, dando a impressão de refletir na pergunta.

A voz continha entonações de comando e ela reparou que caminhava na direção dele antes mesmo de se dar conta do que fazia.

— Se isso é uma piada, é de muito mau gosto — comentou Mara. — Se é um teste, vamos acabar logo com isso.

— Não é nenhum dos dois — afirmou Thrawn, enquanto ela parava em frente ao anel de monitores. — A escolha foi provocada por fatores alheios, não relacionados com você. Ou pelo menos não *completamente* relacionados. Isso ainda fica para ser confirmado. Me diga uma coisa: sente a presença do Imperador aqui?

Mara inspirou fundo, sentindo o ar penetrar nos pulmões com uma dor inexplicável. Será que Thrawn podia perceber até que ponto aquele lugar a afetava? O quanto permaneciam as memórias no sistema de Endor? Será que estaria mesmo preocupado com isso?

Ele sabia. Percebeu pela forma como a observava. Mas não se importava

com o que pensava.

— Posso sentir a evidência da morte dele. Não é agradável. Vamos terminar logo para que eu possa sair daqui — pediu ela.

Thrawn torceu os lábios, talvez à menção de que ela sairia do *Quimera*.

— Muito bem. Vamos começar com algumas provas de sua identidade.

— Forneci ao capitão do *Inflexível* um código de reconhecimento exclusivo — lembrou Mara.

— Esse foi o motivo de você estar aqui em vez de numa cela comum de detenção. O código em si não prova nada.

— Está certo. Não me custa nada. Nós nos encontramos uma vez, durante a apresentação da ala nova do palácio em Coruscant. Nessa cerimônia, o Imperador me apresentou a você como Lianna, uma de suas dançarinas favoritas. Mais tarde, durante a cerimônia particular, ele revelou minha verdadeira identidade.

— E no que consistiu essa cerimônia particular?

— Foi sua promoção ao cargo de Grande Almirante.

— Você usava um vestido branco nas duas cerimônias — afirmou ele, sem deixar de observá-la. — Sem contar o cinto, o vestido possuía apenas um adorno. Lembra que adorno era esse?

Mara precisou pensar.

— Era um pequeno enfeite de ombro. No ombro esquerdo. Se lembro bem, era uma jóia Xyquine.

— De fato — assentiu Thrawn, digitando um comando; abruptamente a sala encheu-se de hologramas apresentando vários pilares ornados, cada um ostentando uma jóia de ombro. — O que você usava está entre estes. Encontre-o.

Mara engoliu em seco, olhando ao redor. Ela possuía literalmente centenas de vestidos para uso em disfarces e nas diversas ocasiões de cerimônia, como membro da comitiva do Imperador. Lembrar-se de uma jóia em particular...

— E esta — disse ela, apontando uma peça em filigrana de ouro entremeada de pedras azuis.

A expressão de Thrawn não se alterou, mas ele deu a impressão de relaxar no assento.

— Seja bem-vinda, Mão do Imperador — disse ele, tocando o comando que fez desaparecer as imagens. — Demorou bastante tempo para voltar.

Os olhos cravaram-se nela e a pergunta não feita permaneceu no ar.

— O que havia para mim antes? — justificou ela. — Quem senão um Grande Almirante poderia me aceitar como legítima?

— Foi esse o único motivo?

Mara hesitou, reconhecendo a armadilha. Thrawn estava no comando do

Império há um ano e ela só se aproximara agora.

— Houve outros. Nenhum dos quais desejo discutir agora.

— Assim como presumo que não deseje discutir a fuga de Skywalker das instalações de Talon Karrde.

VOCÊ MATARÁ LUKE SKYWALKER.

Mara estremeceu, sem saber se a voz fora real ou apenas em sua mente. O zumbido estranho retornou e por um instante ela quase enxergou o rosto do Imperador, encarando-a fixamente. A imagem tornou-se mais nítida, e o resto do aposento começou a girar...

Mara respirou fundo, forçando a calma em seu organismo. Não iria perder o controle. Não em frente ao Grande Almirante.

— Não foi idéia minha deixar Skywalker escapar.

— E você foi incapaz de alterar essa decisão? — indagou Thrawn, levantando a sobrancelha. — Você, a Mão do Imperador?

— Estávamos em Myrkr. Sob a influência de um planeta repleto de ysalamiri — lembrou Mara, olhando para o animal agarrado ao nutriente, na moldura presa às costas do assento do Grande Almirante. — Duvido que tenha esquecido o efeito deles sobre a Força.

— Eu me lembro muito bem. Aliás, foi a presença deles que provou o fato de Skywalker ter recebido ajuda para escapar. Tudo o que preciso saber é se foi você ou o próprio Talon Karrde quem deu a ordem; ou ainda outros do seu grupo trabalhando por conta própria.

Para que soubesse em quem concentrar sua vingança. Mara encarou os olhos rubros, começando a lembrar-se porque o Imperador fizera dele um Grande Almirante.

— Não interessa quem foi o responsável — declarou ela. — Estou aqui para oferecer um acordo que quite o débito.

— Estou ouvindo.

— Quero que pare de perseguir Karrde e sua organização. Que cancele o prêmio a ser pago por nossa captura e retire a ordem de perseguição das forças do Império em todos os planetas que controlam. E quero ainda um crédito de três milhões depositado na conta de Karrde pela aquisição de bens e serviços para o Império.

Os lábios de Thrawn repuxaram-se num sorriso divertido.

— Temo que Skywalker não valha tanto para mim. Ou propõe me entregar Coruscant, também?

— Não estou oferecendo Skywalker, nem Coruscant — esclareceu Mara.

— Estou oferecendo a Frota *Katana.*

O sorriso desapareceu.

— A Frota *Katana?*

— Exatamente. A Força Negra, se prefere o nome mais teatral. Presumo que já tenha ouvido falar nela?

— De fato, já ouvi. Onde está?

Novamente ele empregara o tom de comando; porém desta feita Mara estava preparada. Não que tivesse adiantado.

— Não sei. Mas Karrde sabe.

Por alguns instantes Thrawn cravou os olhos nos dela. — Como?

— Ele estava numa operação de contrabando que deu errado — explicou ela. — Escaparam de uma patrulha do Império, mas não tiveram tempo de fazer um cálculo decente para o hiperespaço. Saíram no meio da frota, pensaram que fosse uma armadilha, e saltaram de novo, sem nenhum cálculo, e quase destruíram a nave no processo. Karrde era o navegador; mais tarde, entendeu o que tinha acontecido.

— Interessante... quando exatamente isso aconteceu?

— Isto é tudo o que vou dizer até que tenhamos um acordo — afirmou ela, percebendo um brilho nos olhos vermelhos. — E não pense em me fazer passar por um daqueles seus interrogatórios na Inteligência, porque eu não sei *mesmo* a localização da frota.

— E mesmo que soubesse, teria instalado bloqueios para proteger a informação — completou Thrawn. — Muito bem. Me diga então onde está Karrde.

— Para que a Inteligência o interrogue em vez de mim? — indagou Mara, sacudindo a cabeça numa negativa. — Não. Deixe que eu volte até ele e consigo a localização para você. Então faremos negócio. Presumindo que o acordo esteja a seu gosto.

Uma sombra passou pelo rosto de Thrawn.

— Não tente ditar condições para mim, Mara Jade. Nem mesmo em particular.

Um arrepio correu pelas costas de Mara. Agora ela recordava muito bem porque ele fora feito Grande Almirante.

— Eu fui a Mão do Imperador — afirmou ela, tentando imprimir a mesma frieza à voz. Mesmo aos próprios ouvidos não chegou a imitá-lo. — Falei por ele... e até mesmo Grandes Almirantes eram obrigados a me ouvir.

— E verdade... mas sua memória não parece muito boa, Mão do Imperador. Afinal de contas, você era pouco mais do que um mensageiro especializado.

— Talvez seja a *sua* memória que precisa ser refrescada, Grande Almirante Thrawn. Eu viajava por todo o Império no nome dele, tomando

decisões políticas que mudavam as vidas mesmos dos que ocupavam altos postos no governo...

— Você levava a cabo as decisões dele — interrompeu Thrawn.

— Nada mais do que isto. Se você escutava melhor as ordens do que o resto das Mãos ou não, é um ponto irrelevante. As decisões eram do Imperador.

— Como assim, do que o resto das Mãos? — indagou Mara.

— Eu era a única... — Interrompeu-se. O olhar de Thrawn... de repente veio a raiva. — Não! Não, você está errado!

Ele deu de ombros.

— Acredite no que quiser. Mas não tente impressionar os outros com idéias exageradas sobre a própria importância — declarou o Grande Almirante, tocando uma tecla em seu console de comunicações. — Capitão? Temos notícias da equipe de terra?

A resposta não foi audível. Contudo, Mara não estava interessada no que Thrawn estava fazendo no momento. Ele estava errado. Ele *tinha* de estar errado. O próprio Imperador não lhe dera o título de Mão do Imperador? Ele em pessoa não a trouxera do próprio planeta para Coruscant, e a treinara, ensinando-a a usar sua sensibilidade para a Força com a finalidade de servi- lo?

Ele não teria mentido para ela. Não teria feito isso.

— Não, não adianta — disse Thrawn ao comunicador. Depois levantou os olhos para Mara. — Você tem alguma idéia do que Leia Organa Solo estaria fazendo aqui em Endor?

Com esforço, Mara expulsou o passado da mente.

— Organa Solo está aqui?

— O *Millennium Falcon* está. Foi deixado em órbita, o que não nos deu pista alguma sobre o paradeiro dela. Se é que ela está aqui — disse ele. Depois voltou-se para o comunicador: — Muito bem, capitão. Traga a nave a bordo. Talvez um exame mais preciso nos dê alguma pista.

Mara ouviu o subordinado acusar recebimento da ordem, e logo depois os olhos rubros pousaram sobre ela.

— Muito bem, Mão do Imperador. Temos um acordo. A Força Negra pela suspensão da pena de morte contra Karrde. Quanto tempo você leva para voltar à base atual de Karrde?

Mara hesitou; porém a informação não traria grandes vantagens ao Grande Almirante.

—No *Etherway,* mais ou menos três dias. Dois e meio se eu forçar a velocidade.

—Nesse caso, sugiro que faça isso — disse Thrawn. — Vou dar oito dias para que obtenha a localização e a traga para mim.

Mara olhou para ele, espantada.

— Oito dias? Mas...

— Oito dias — interrompeu ele. — Ou eu o encontro, e consigo a localização à minha maneira.

Uma dúzia de respostas possíveis passaram pela cabeça de Mara. Contudo, mais uma vez os olhos vermelhos silenciaram todas elas.

— Farei o que puder — ponderou ela, voltando-se para sair da sala.

— Tenho certeza que fará. E depois nós dois vamos sentar e ter uma longa conversa. Sobre o tempo que você passou longe do Império... e porque demorou tanto para voltar...

Pellaeon olhou surpreso para seu comandante, o coração acelerado no peito.

— A Frota *Katana?* — indagou ele, cuidadosamente.

— Assim me disse nossa jovem Mão do Imperador — confirmou Thrawn. — Naturalmente, ela pode estar mentindo.

O capitão concordou, as possibilidades passando veloz pela cabeça.

— A Força Negra... — murmurou ele, saboreando o nome cheio de aventuras. — Sabe, durante certa época, eu mesmo tive esperanças de encontrá-la.

— Quase todos com sua idade tiveram os mesmos sonhos — respondeu Thrawn. — O dispositivo de rastreamento ficou bem instalado a bordo da nave dela?

— Sim senhor.

Pellaeon correu os olhos pelas esculturas que povoavam os aposentos do Grande Almirante, sem demonstrar interesse por elas. A Força Negra. Perdida durante quase quarenta e cinco anos. Agora ao alcance deles...

Repentinamente, descobriu que algumas das obras de arte lhe pareciam familiares.

— São algumas peças que alegraram os oficiais do Rendili StarDrive e do departamento que planejou a Frota, na época em que estavam trabalhando no projeto básico do *Katana* — disse Thrawn, como se pudesse ler a mente do capitão.

— Estou vendo — respondeu Pellaeon, retornando dos devaneios. Respirou fundo e procurou voltar à realidade. — Compreende, senhor, que essa afirmação de Jade é altamente improvável?

— Claro que é improvável — concordou o superior, pressionando um controle e fazendo desaparecer as esculturas. — Mas também é verdadeira.

Observe.

Pellaeon voltou-se para olhar a imagem em três dimensões. Tratava-se da

mesma cena que vira alguns dias antes: os três cruzadores Dreadnaught renegados, fornecendo fogo de cobertura ao largo de New Cov, de forma que o *Lady Luck* e a outra nave pudessem escapar...

— Essas naves?

— Exatamente — confirmou Thrawn, com satisfação evidente na voz.

— As diferenças entre os Dreadnaught comuns e os sincronizados são sutis, mas visíveis para quem sabe procurar.

Pellaeon fixou a atenção nas imagens holográficas, tentando juntar as informações.

— Com sua permissão, senhor, não acredito que Karrde tenha entregue ao corellian essas naves.

— Nem eu. Com certeza alguém mais daquela nave contrabandista percebeu o que esteve no caminho deles. Vamos descobrir quem foi.

— Temos alguma pista?

— Algumas. Segundo Jade, escaparam de uma força-patrulha do Império, numa operação de contrabando que falhou. Tais incidentes devem estar registrados em algum lugar. Podemos relacionar esses dados com o passado de Karrde, para saber quando exerceu a função de navegador, e ver o que conseguimos. Jade também informou que a nave se acidentou no segundo salto. Se eles procuraram um estaleiro espacial para realizar reparos grandes, isto também deve estar nos arquivos.

— Vou acionar a Inteligência agora mesmo — afirmou Pellaeon.

— Ótimo. E também quero que entre em contato com Niles Ferrier.

O capitão teve de puxar pela memória.

— Aquele ladrão de naves que o senhor mandou em busca da base do corellian?

— Esse mesmo. Diga a ele para esquecer o corellian e concentrar-se em Solo e Calrissian — instruiu Thrawn, levantando uma sobrancelha azulada.

— Afinal de contas, se o corellian está planejando juntar-se à Rebelião, que dote melhor ele pode oferecer do que a Frota *Katana?*

O comunicador soou.

— Sim?

— Senhor, a nave acaba de realizar o salto para a velocidade da luz — informou uma voz pelo alto-falante. — Estamos recebendo um sinal bem forte. Começamos a fazer os cálculos para determinar a rota.

— Muito bem, tenente — cumprimentou o Grande Almirante. — Mas não se preocupe em fazer cálculos agora. Ela vai mudar de rota pelo menos mais uma vez antes de estabelecer o rumo definitivo.

— Sim, senhor.

Thrawn desligou o comunicador.

— Mesmo assim, não queremos que ela fique muito a nossa frente, capitão. E melhor voltar à ponte de comando e começar a mover o *Quimera* na direção dela.

— Sim, senhor. — Pellaeon hesitou. — Pensei que íamos dar tempo a ela para que conseguisse a localização da Força Negra para nós.

— Ela não é mais parte do Império, capitão — declarou o Grande Almirante, com expressão severa. — Mara Jade quer que nós acreditemos que voltou para nós... e ela pode até acreditar nisso. Mas não é o que acontece. Isso não importa, de qualquer forma. Ela vai nos levar até Karrde, e isso é o que importa. Entre ele e nosso renegado corellian, temos duas pistas para a Frota *Katana*. De uma forma ou de outra, vamos encontrar a Força Negra.

Pellaeon assentiu, sentindo a excitação da aventura dos tempos em que era jovem. A Frota *Katana*. Duzentos cruzadores Dreadnaught sincronizados, aguardando que o Império tomasse posse deles...

— Tenho a impressão, senhor, que nossa ofensiva final contra a Rebelião pode ficar pronta antes do prazo previsto.

Thrawn sorriu.

— Pois eu tenho a impressão, capitão... que você está absolutamente certo.

18

Permaneceram sentados ao redor da mesa na casa da maitrakh desde cedo, estudando mapas, plantas e diagramas, tentando estabelecer um plano de ação que fosse mais do que uma forma complicada de render-se. Finalmente, pouco antes do meio-dia, Leia pediu para descansar.

— Não consigo mais olhar para nada disso. Vamos lá para fora um pouco — disse ela a Chewbacca.

Cerrou os olhos e esfregou os dedos nas têmporas doloridas. O wookie grunhiu uma objeção.

— Sim, claro que existem riscos — concordou exausta. — Mas toda a vila sabe que estamos aqui e ninguém ainda alertou as autoridades. Calma, tudo vai dar certo.

Caminhando até a porta, saiu. Chewbacca resmungou, porém foi atrás dela.

O sol brilhava forte, atenuado apenas por uma esparsa camada de nuvens altas, que dispersava o calor. Leia olhou para o céu claro, estremecendo ante a súbita sensação de nudez que a invadiu. Um céu limpo até o espaço... que não trazia perigo. Pouco antes da meia-noite a maitrakh trouxera as novidades sobre a partida do destróier estelar, uma partida que ela e Chewbacca tiveram oportunidade de observar com os macrobinóculos do equipamento do wookie. Fora a primeira pausa desde a prisão de Khabarakh: justamente quando pensaram que iriam ficar presos ali até que fosse tarde demais, o Grande Almirante partira.

Fora um presente inesperado... uma dádiva que Leia enxergava com desconfiança. Pela forma como o Grande Almirante falara no interior da *dukha*, esperara que fosse ficar até que o período de humilhação de Khabarakh tivesse terminado, e então levá-lo para ser interrogado na nave. Talvez o comandante do Império tivesse mudado de idéia e levado Khabarakh mais cedo, desprezando a tradição noghri. Porém a maitrakh dissera que Khabarakh ainda sofria sua humilhação pública no centro de Nystao.

Talvez estivesse mentindo sobre o assunto, ou alguém tenha mentido a ela. Mas se o Grande Almirante tivesse suspeitas suficientes para mentir à matriarca, por que os soldados do Império ainda não haviam caído sobre eles?

Porém tratava-se de um Grande Almirante, com toda a sagacidade, sutileza e gênio tático que o título implicava. Todo aquele assunto poderia ser uma armadilha complexa, cuidadosamente orquestrada. E se fosse, as chances de que

ela não percebesse nada até que fosse tarde demais eram grandes.

Pare com isso, ordenou a si mesma. Deixar-se levar pelo mito da infalibilidade construído ao redor dos Grandes Almirantes só provocaria paralisia mental. Mesmo eles cometiam erros, e além disso, existiam vários motivos que o poderiam levar a partir de Honoghr. Talvez parte da campanha contra a Nova República tivesse dado errado, tornando necessária sua presença em outro lugar. Ou talvez tivesse partido por pouco tempo, pretendendo voltar em um dia ou dois.

De qualquer forma, isto significava que o momento para atacar era já. Se ao menos pudessem encontrar algo para atacar.

A seu lado, Chewbacca rosnou uma sugestão.

— Não podemos fazer isto, Chewie. Não seria melhor do que um ataque em larga escala ao espaçoporto. Precisamos manter os danos a Nystao e aos habitantes reduzidos a um mínimo.

O wookie demonstrou sua impaciência.

— Não *sei* o que vamos fazer — respondeu Leia. — Tudo o que sei é que morte e destruição em massa não vão resolver nada, além de nos deixar na situação em que estávamos antes de chegarmos aqui. Não vai ajudar a convencer os noghri que devem deixar o Império e passar para o nosso lado.

Ela olhou além do vilarejo para os campos onde a brisa agitava a grama marrom. Brilhando ao sol, a forma robusta de uma dúzia de dróides de descontaminação trabalhavam duro. Apanhavam cerca de um quarto de metro cúbico de solo de cada vez, passando o material por alguma reação misteriosa no interior dos corpos metálicos, e espalhavam a terra limpa por trás. Lentamente traziam o povo de Honoghr de volta da destruição quase total que haviam enfrentado... além de ser uma lembrança visível da benevolência do Império para com eles.

— Lady Vader — miou uma voz conhecida. Leia assustou-se.

— Bom dia, maitrakh — respondeu ela, voltando-se para a noghri com um aceno solene. — Espero que esteja passando bem.

— Não sinto nenhuma doença.

— Bom — disse ela, pouco à vontade.

A maitrakh não fora mal educada a ponto de externar sua opinião, mas ficava claro que se considerava numa situação sem possibilidade de vitória, cheia de desonra, e talvez a morte espreitasse sua família, assim que o Grande Almirante descobrisse o que Khabarakh fizera. Leia sabia que era apenas uma questão de tempo até que chegasse à conclusão que a atitude menos desastrosa seria entregar os visitantes ao Império.

— Como vão seus planos? — indagou a maitrakh. Leia olhou para

Chewbacca, antes de responder.

— Estamos progredindo, mas ainda temos muito o que fazer. Aquilo era verdade de uma certa forma, pois a eliminação das várias abordagens *podia ser* encarada como progresso.

— Certo. — A matriarca olhou para os campos. — Seu dróide tem passado bastante tempo com as outras máquinas.

— Não existe muita coisa para ele fazer, por aqui — disse Leia. — A senhora e muitos dos seus falam básico bem melhor do que imaginei.

— O Grande Almirante nos ensinou.

— Assim como meu pai, Lorde Darth Vader.

— E verdade — admitiu a maitrakh, depois de um instante de silêncio.

Leia sentiu um arrepio nas costas. O primeiro passo numa traição seria colocar alguma distância entre os noghri e seu antigo senhor.

— Aquela área vai ser descontaminada em pouco tempo. Se terminarem nos próximos dias, poderemos semear ainda nesta estação.

— Esse aumento de terra cultivável será o bastante para torná-los auto-suficientes? — quis saber Leia.

— Vai ajudar. Mas não será o bastante.

Leia assentiu com um gesto de cabeça, sentindo-se frustrada. Para ela, o plano do Império era tão óbvio quanto cínico. Com um controle adequado do processo de descontaminação, podiam manter os noghri indefinidamente na dependência de abastecimento, sem que ao menos eles se dessem conta. Ela sabia disso e a maitrakh suspeitava. Quanto a provar, era outra história.

— Chewie, você conhece bem dróides de descontaminação? — indagou ela, numa inspiração súbita. O pensamento lhe ocorrera antes, mas não o desenvolvera. — O suficiente para saber quanto tempo o número de dróides existente levaria para descontaminar Honoghr?

O wookie rosnou uma afirmativa, lançando-se a uma série complicada de números... obviamente a pergunta já ocorrera a ele.

— Não preciso de uma análise completa no momento — interrompeu Leia, interrompendo a torrente de números, extrapolações e estimativas. — Chegou a alguma conclusão?

Foi o que ele fez. Oito anos.

— Certo — assentiu Leia, a breve esperança esvaindo-se. — Isso corresponderia ao tempo exato da duração da guerra?

— Ainda acredita que o Grande Almirante está nos enganando? — perguntou a maitrakh.

— Eu *sei* que está enganando vocês. Só não posso provar. A maitrakh permaneceu em silêncio por um minuto.

— O que pretendem fazer? Leia respirou fundo.

— Precisamos sair de Honoghr. Isto significa ir até o espaço-porto em Nystao e roubar uma nave.

— Não deve haver dificuldade nesta empreitada para a filha do Lorde Vader.

Leia ficou séria, pensando em como fora fácil para a velha noghri aproximar-se deles, um minuto atrás. Esse povo devia ter sido uma raça de caçadores fantásticos antes que o Imperador os transformasse em máquinas de matar.

— Roubar a nave não deve ser difícil. A dificuldade maior está em levar Khabarakh conosco.

— Como disse?

— É a única forma de agir. Se Khabarakh for deixado para ser interrogado pelo Império, eles vão fazer com que ele conte tudo o que ocorreu aqui. E quando isto acontecer, vocês irão morrer. Talvez a família inteira. Não podemos permitir que isto aconteça.

— Nesse caso, vocês mesmos enfrentarão a morte — disse a matriarca.

— Os guardas não vão permitir que Khabarakh seja libertado.

— Sei disso — afirmou Leia, consciente das duas vidas que carregava em seu interior. — Precisamos assumir os riscos.

— Mas não existe honra alguma em tal sacrifício — observou a maitrakh. — O clã Kihm'bar não será lembrado pela história. Nem o povo de Honoghr vai se recordar.

— Não pretendo fazer isto pelo povo de Honoghr — afirmou Leia, consciente de estar esbarrando em mal entendidos alienígenas, como fizera sua vida inteira. — Estou fazendo porque cansei de ver pessoas morrerem por causa dos meus erros. Pedi a Khabarakh que me trouxesse até aqui... o que acontecer é minha responsabilidade. Não posso simplesmente ir embora e deixá-los aqui esperando a vingança do Grande Almirante.

— Nosso lorde, o Grande Almirante, não será tão duro conosco. Leia voltou-se para encarar a matriarca.

— O Império certa vez destruiu um planeta inteiro por minha causa. Não quero que isso aconteça nunca mais.

Manteve o olhar fixo na maitrakh por um instante, depois desviou-o, a cabeça agitada num conflito de pensamentos e emoções. Estaria escolhendo a linha de ação correta? Arriscara a vida vezes incontáveis, mas sempre por seus camaradas da Rebelião, e por uma causa na qual acreditava. Fazer o mesmo por uma raça que servia ao Império, ainda que tivessem levados a fazê-lo, era outra coisa. Chewbacca não estava gostando nem um pouco;

Leia percebeu quando projetou a Força e pela atitude rígida do wookie a seu lado. Mas a acompanharia, movido pelo próprio sentido de honra e pelo débito de vida que tinha para com Han.

Se ela não retornasse, era certo que culparia a si mesmo.

— O período de humilhação foi prolongado por mais quatro dias — murmurou a maitrakh. — Em dois dias as luas brilharão com a menor luz. Seria melhor esperar até lá.

Leia fitou a matriarca, que sustentou-lhe o olhar, com o rosto alienígena impassível.

— Está me oferecendo ajuda?

— Existe honra em você, Lady Vader — afirmou a maitrakh, em voz baixa. — Pela vida e pela honra de meu terceiro filho, irei com você. Talvez possamos morrer juntas.

Mas isso não aconteceria a ela. Talvez a maitrakh, Khabarakh, e até mesmo Chewbacca pudessem perder a vida. Todavia ela não. A Lady Vader seria aprisionada e levada como um presente para o Grande Almirante.

Ela olhou para o campo, desejando que Han estivesse ali. E imaginou se saberia o que acontecera com ela.

— Venha — disse a maitrakh. — Vamos voltar para a casa. Existem muitas coisas sobre Nystao que precisa saber.

— Estou contente que tenha entrado em contato — disse a voz de Winter, um pouco distorcida pelo alto-falante do *Lucky Lady.* — Eu estava começando a ficar preocupada.

— Estamos bem, mas tivemos de manter silêncio por algum tempo — afirmou Han. — Problemas por aí?

— Não mais do que quando partiu — informou ela. — O Império continua atacando nossos comboios e ninguém sabe o que fazer a respeito. Fey'lya está tentando persuadir o Conselho que ele pode comandar nossa defesa melhor do que o pessoal de Ackbar, mas até agora Mon Mothma não aceitou a oferta dele. Estou sentindo que alguns dos membros do Conselho começam a pensar duas vezes sobre as motivações.

— Ótimo — grunhiu Han. — Talvez façam com que se cale e deixe Ackbar no comando.

— Fey'lya tem muito apoio para se ignorar completamente. Em especial entre os militares.

— E verdade. Suponho que não tenha notícias de Leia?

— Ainda não — respondeu Winter, uma certa tensão transparecendo na voz. — Mas tenho notícias de Luke. Na verdade, foi por isso que entrei em contato com você.

— Ele está em dificuldades?

— Não sei... a mensagem não dizia. Quer que você se encontre com ele em New Cov.

— New Cov? — estranhou Han, franzindo a testa. — Por quê?

— A mensagem foi muito curta. Dizia apenas que pretendia encontrá-lo no, abre aspas, centro de troca de dinheiro, fecha aspas.

— O que... — começou Han, voltando-se para Lando, no assento do co-piloto. — O que quis dizer com isto?

— Está falando sobre o Mishra, em Ilic, onde ele e eu nos encontramos enquanto você seguia Breil'lya — esclareceu Lando. — Uma piada particular... depois eu conto.

— Portanto isso significa que não há dúvida sobre Luke ter enviado a mensagem? — indagou Winter.

— Espere um pouco — pediu Han. — Você não falou com ele pessoalmente?

— Não. A mensagem veio impressa. Não veio em código.

— Não tem um codificador no asa-X, tem? — indagou Lando.

— Não, mas poderia pedir para codificar a mensagem em qualquer posto diplomático da Nova República — disse Han. — Essa tal piada é uma coisa que só vocês dois sabem?

— Nós dois, além de uma centena de freqüentadores — admitiu Lando.

— Acha que é uma armadilha?

— Poderia ser. Muito bem, Winter, obrigado. Vamos nos falar com mais freqüência de agora em diante.

— Positivo. Tenha cuidado.

— Pode deixar.

Desligou e olhou para Lando.

— E sua nave, companheiro. Quer descer e dar uma olhada ou vamos direto até esse cassino que você tanto quer conhecer?

— Não acho que tenhamos muita alternativa. Se a mensagem *foi mesmo* de Luke é importante.

— E se não foi?

— Ei, nós já entramos em muitas armadilhas do Império antes. Vamos até lá.

Depois da forma como haviam fugido de Ilic alguns dias antes, era duvidoso que as autoridades locais ficassem contentes em ver o retorno do *Lucky Lady* à cidade. Felizmente, Lando utilizara bem os dois dias de lazer, e quando entraram pelo domo, o computador do espaçoporto registrara a chegada do iate

Tamar's Folly.

— E ótimo estar de volta — comentou Han enquanto ambos desciam a rampa. — Provavelmente deveríamos dar uma olhada por aí antes de ir até o Mishra.

A seu lado, Lando empertigou-se.

— Acho que não vamos precisar ir até o Mishra...

Han deu uma boa olhada ao amigo, enquanto a mão baixava casual para o desintegrador. Seguiu a direção que atraíra a atenção de Lando. A cerca de cinco metros de distância da rampa do *Lucky Lady,* encontrava-se um sujeito corpulento, com um charuto na boca e um sorriso inocente.

— É algum amigo seu? — perguntou ao amigo.

— Não chegaria ao ponto de afirmar uma coisa dessas — murmurou Lando. — O nome é Niles Ferrier. Ladrão de naves e contrabandista.

— Ele estava no Mishra. Acertei?

— Foi um dos protagonistas, na verdade.

Han assentiu, deixando os olhos correrem pelo espaçoporto. Entre as dezenas de pessoas movendo-se apressadamente, avistou três ou quatro que pareciam caminhar, mas permaneciam por perto.

— Ladrão de naves?

— E, mas ele jamais se incomodaria com algo tão pequeno quanto o *Lucky Lady* — garantiu Lando.

— E bom ficar de olho, de qualquer jeito.

— Com certeza...

Atingiram o final da rampa de desembarque, e por consentimento mútuo, pararam e esperaram. O sorriso de Ferrier alargou-se e avançou na direção deles.

— Oi, Calrissian — cumprimentou. — A gente sempre se encontra por aí, já reparou?

— Oi, *Luke* — respondeu Han, antes que o amigo tivesse tempo para responder. — Você mudou um bocado, sabia?

O sorriso de Ferrier amansou.

.— Desculpe por isso... achei que não viriam se eu colocasse meu nome na mensagem.

— Onde está Luke? — quis saber Han.

— Pode me revistar, se quiser — disse Ferrier, dando de ombros. — A última vez que soube dele, saiu daqui às pressas, junto com vocês.

Han procurou sinais de mentira no rosto rechonchudo, sem encontrar nada suspeito.

— O que quer?

— Quero fazer negócio com a Nova República — respondeu o gigante barbado, baixando a voz. — Um negócio que envolve naves de guerra. Está interessado?

Han imediatamente ficou alerta.

— Talvez... de que tipo de naves estamos falando? Ferrier fez um gesto na direção da rampa.

— Que tal conversarmos na nave?

— Que tal conversarmos aqui? — redargüiu Lando.

— Calma, Calrissian — disse Ferrier, em tom apaziguador. — O que acha que vou fazer? Enfiar sua nave no bolso e sumir?

— Que tipo de naves? — insistiu Han.

Ferrier encarou-o por um instante, depois olhou ao redor de forma um tanto teatral.

— Cruzadores classe Dreadnaught — sussurrou ele. — A Frota *Katana.*

Com esforço, Han manteve o rosto impassível.

— A Frota *Katana...*

— Não estou brincando, a Frota *Katana* foi encontrada... e conheço o sujeito que encontrou.

— E mesmo?

Han percebeu uma certa ansiedade no rosto do outro, e chegou a virar-se, esperando ver alguém tentando esgueirar-se pela rampa. Porém além da mistura de sombras e luzes do espaçoporto, não havia ninguém por perto.

— Aconteceu alguma coisa? — quis saber Lando.

— Não — respondeu Han, voltando-se outra vez para falso Luke. — O que faz você pensar que esse tal sujeito sabe de alguma coisa?

Se de fato Ferrier tivesse uma pista sobre o homem que vendera as naves para Bel Iblis, poderiam economizar um bocado de tempo. Mas se fossem apenas rumores... talvez estivesse à cata de informações mais sólidas.

— Está querendo informação de graça, Solo? Pare com isso... você sabe que não funciona assim.

— Muito bem. O que quer de nós, e o que está oferecendo em troca? — indagou Lando, querendo terminar logo com aquilo.

— Eu sei o nome do vendedor — afirmou o contrabandista, apagando o sorriso do rosto. — Mas não sei onde ele está. Achei que podíamos juntar nossas informações, para chegar lá antes do Império.

— O que faz você pensar que o Império está envolvido nesse assunto?

— perguntou Han, desconfiado.

— Com o Grande Almirante Thrawn no comando? Ele está envolvido em todos os assuntos.

— Thrawn... muito obrigado, Ferrier — disse Han, sorrindo. Agora tinha um nome para o Grande Almirante.

O rosto barbado tornou-se sério ao perceber o deslize cometido.

— Não vou cobrar por isso.

— Ainda não sabemos o que vamos lucrar com essa operação — lembrou Lando. — O que está oferecendo?

— Sabe onde está?

— Temos uma pista. O que nos oferece? Ferrier olhou para os dois.

— Ofereço metade dos navios que conseguirmos. Mais uma opção para a Nova República comprar os outros por um preço razoável.

— O que você chama de um preço razoável? — quis saber Han.

— Isso depende do estado das naves. Tenho certeza que podemos chegar a um consenso sobre isso.

— O que acha? — perguntou Han ao amigo.

— Esqueça — respondeu Lando, encarando Ferrier. — Se quiser dizer o nome, ótimo. Vamos verificar e nos certificar que receba seu dinheiro. Se não for assim, não interessa.

— Vocês não querem fazer negócio... — disse Ferrier, fazendo cara de ofendido. — Se acham que podem fazer tudo sozinhos, é problema de vocês. Mas se nós chegarmos primeiro, sua preciosa Nova República vai pagar muito mais caro para conseguir essas naves. *Muito mais.*

Depois de falar, ele soltou uma baforada sobre os dois, e voltou-se para ir embora.

— Vamos sair daqui, Han — chamou Lando, os olhos fitos na nuca do ladrão de naves.

— Certo — concordou Han, procurando os homens nos quais reparara antes.

Estavam também se afastando. Não parecia haver indício de encrenca; de qualquer forma, ele manteve a mão no desintegrador até que ambos fecharam a porta de acesso do *Lucky Lady.*

— Vou preparar os sistemas para partirmos — anunciou Lando, no caminho para a cabine de comando. — Fale com o controlador e consiga permissão para decolar.

— Certo. Sabe, acho que com um pouco mais de pressão...

— Não confio nele — interrompeu Lando. — Estava sorrindo demais. E desistiu com muita facilidade.

Era um argumento difícil de contestar. E como Han observara antes, a nave pertencia a Lando. Dando de ombros, acionou o controle do comunicador para falar com o controle de vôo.

Em dez minutos estavam a caminho do espaço.

— Espero que esta seja a última vez que temos de vir até esse planeta — comentou Han, na cabine de comando. — Tenho o pressentimento de que não seremos mais bem-vindos. O controle de vôo não entendeu porque ficamos tão pouco tempo na cidade. Acho que nem tinha completado a ficha de entrada...

— E desde quando você liga para o que as outras pessoas acham de você? — provocou Lando.

— Desde que casei com uma princesa e comecei a carregar uma identidade do governo — resmungou Han. — De qualquer forma, pensei que você também tivesse virado uma pessoa respeitável.

— É uma sensação que vai e vem — afirmou Lando, com urri sorriso sem graça. — A propósito, parece que enquanto a gente conversava com Ferrier alguém se esgueirou e colocou alguma coisa no casco. Dez contra um como é um dispositivo de rastreamento.

— Que surpresa! — disse Han, acionando o controle de localização. O objeto encontrava-se na parte inferior traseira, perto da rampa, onde ficaria livre de turbulências. — Um "grampo". O que vamos fazer com ele?

— O sistema Terrijo é mais ou menos no caminho para Pantolomin — disse Lando, consultando seu monitor. — Vamos desviar um pouco até lá e largá-lo.

— Tudo bem. E uma pena que não possamos colocá-lo em outra nave por aqui. Assim eles não saberiam ao menos a direção em que estamos indo.

Lando sacudiu a cabeça, numa negativa.

— Ele iria saber que descobrimos o emissor de sinais se a gente se livrasse dele em New Cov. A não ser que você esteja disposto a subir no casco e atirá-lo em alguma nave que esteja passando — brincou ele, olhando para Han. Percebeu que o outro considerava a possibilidade — Tire essa expressão dos olhos, Han, não vamos tentar nada parecido.

— Está bem. Mas você tem que admitir que seria uma boa forma de tirar o sujeito das nossas costas — declarou Han.

— Você poderia facilmente morrer tentando. E eu teria de explicar tudo para Leia. Pode esquecer.

— Leia... — suspirou Han, com nova preocupação no olhar.

— Calma, companheiro. Sossegue. Ferrier não tem esperança de chegar a nossa frente. Pode confiar em mim. Desta vez ganhamos.

Han assentiu. Na verdade não estava pensando em Ferrier. Nem mesmo na Frota *Katana.*

O *Lady Luck* desapareceu por um dos dutos do enorme domo que envolvia a cidade e Ferrier trocou o charuto de lado na boca.

— Tem certeza que não vão achar o segundo grampo? — perguntou ele.

A seu lado, a estranha sombra moveu-se entre as caixas de mercadorias prontas para embarque.

— Não vão — respondeu uma voz, que lembrava água corrente.

— E melhor que esteja certo — ameaçou Ferrier. — Não fiquei ali agüentando desaforos por nada. Aliás, você quase se entregou. Solo chegou a olhar diretamente para você.

— Não houve perigo — afirmou a ira. — Os humanos precisam de movimento para enxergar. Sombras imóveis não são percebidas.

— Bem, desta vez funcionou. Mas você teve sorte por ter sido Solo e não Calrissian quem olhou. Ele já viu você uma vez. Da próxima vez, mantenha esses pés grandes parados!

A ira não respondeu.

— Vamos lá. Entre na nave. Diga a Abric para se aprontar. Vamos partir. Temos uma grande fortuna esperando por nós — disse Ferrier, sorrindo. — E talvez um jogador linguarudo para apanhar.

19

O *Etherway* estava claramente visível agora, caindo do céu como uma pedra, na direção do ponto de aterrissagem. Em pé à boca do túnel de acesso ao hangar, Karrde observava a aproximação imerso nas sombras, a acariciar a empunhadura do desintegrador com as pontas dos dedos, tentando ignorar a sensação desagradável que perdurava em algum ponto da mente. Mara estava três dias atrasada para trazer a nave de Abregado. Isso não significaria muito em condições normais, contudo, dificilmente se poderia chamar a situação de normal. Não havia outra nave por perto quando o *Etherway* entrara em órbita, e ela transmitira todos os códigos corretos ao aproximar-se dentro do padrão, de acordo com o combinado. Além da incompetência dos controladores, que demoraram a decidir qual o hangar a ser utilizado, o pouso progredia de forma rotineira.

Karrde sorriu ao observar a nave pousando. Nos últimos três dias, por várias vezes pensara no ódio que Mara nutria por Luke Skywalker e conjecturara se ela decidira sair de sua vida de forma tão misteriosa quanto surgira. Por enquanto tudo indicava que sua impressão inicial fora correta. Mara Jade não era o tipo de pessoa que cedia com facilidade sua lealdade, porém uma vez tomada a decisão, permanecia inalterada. Se chegasse a fugir dele, não faria isso numa nave roubada, de qualquer maneira.

O *Etherway* estava na fase final de aproximação, girando no ar, sustentado pelos repulsorlifts, a fim de orientar a escotilha de saída na direção da boca do túnel. A impressão de Karrde sobre Han Solo também parecera correta, pois se não fora ingênuo a ponto de enviar um cruzador estelar para Myrkr, pelo menos mantivera a promessa de liberar o *Etherway.* Aparentemente toda a preocupação de Karrde nos últimos três dias fora inútil.

Contudo, a sensação desagradável persistia.

Emitindo um silvo agudo, a nave acomodou-se no pavimento gasto do hangar. Karrde manteve os olhos na escotilha fechada, puxou o comunicador do cinto e chamou o homem que deixara vigiando a retaguarda.

— Dankin? Alguma coisa suspeita?

— Nada. Tudo parece calmo por aqui.

— Muito bem. Fique fora da vista, e mantenha-se alerta — recomendou Karrde.

Recolocou o comunicador no cinto. A rampa de desembarque do *Etherway* começou a descer, e a mão de Karrde abriu o coldre. Se fosse uma armadilha,

aquele era o momento em que seria acionada.

A porta abriu-se, e Mara apareceu. Olhou ao redor antes de continuar, avistando-o imediatamente à sombra.

— Karrde?

— Bem vinda ao lar, Mara — respondeu ele, saindo para a zona iluminada. — Está um pouco atrasada...

— Acabei fazendo um pequeno desvio — disse ela, caminhando na direção dele.

— Isso às vezes acontece — comentou ele, a atenção ainda distribuída pelo hangar, algumas linhas de tensão marcando o rosto. — Problemas?

— Não sei — murmurou ela. — Eu sinto que...

Não chegou a terminar a frase. O comunicador no cinto de Karrde emitiu um sinal de chamada, depois silenciou em meio ao toque, desligado por algum dispositivo de interferência eletrônica.

— Que diabo... — resmungou Karrde, sacando a arma e voltando-se para a saída.

Ao final do túnel, enxergou algumas formas movendo-se; atirou naquela direção...

O violento troar de um estouro subsônico estremeceu o ar ao redor dele, e a onda de concussão atingiu-lhe a cabeça como um objeto sólido, quase atirando-o contra o solo. Karrde olhou para cima, os ouvidos zumbindo, a tempo de ver dois caças TIE passando sobre sua cabeça, e despejando rajadas laser à boca do túnel de saída. O pavimento transformou-se em blocos de cerâmica parcialmente derretida voando pelo ar, impedindo qualquer chance de fuga naquela direção. Karrde atirou de modo reflexo contra os caças; estava começando a voltar-se para disparar outra vez contra as figuras ao fim do túnel, quando uma dúzia de soldados das tropas de assalto entraram no campo de visão na parte superior do hangar, lançando cordas pelas quais começaram a descer para o solo.

— Abaixe! — gritou ele para Mara, sem escutar a própria voz.

Mergulhou para o chão, procurando proteção e batendo dolorosamente o ombro esquerdo. Apontou o desintegrador para o soldado mais próximo e errou por meio metro... percebeu então, que os inimigos curiosamente não estavam disparando contra ele. De repente, o desintegrador foi arrancado de suas mãos.

Rolou, olhando para Mara sem acreditar no que via.

— O que...

Ela estava em pé sobre ele, o rosto tão distorcido por emoções conflitantes que ele mal a reconheceu. Os lábios delas moviam-se, mas Karrde não escutou nada.

Porém não precisava de explicações. Estranhamente, não estava bravo com Mara; pelo menos não por ter escondido seu passado a serviço do Império, ou por ter retornado às suas origens. Sentiu-se desapontado por ter- se deixado enganar com tanta facilidade, e tão completamente... além da tristeza por ter perdido uma colaboradora tão habilidosa.

Os inimigos colocaram-no em pé e arrastaram-no para um transporte que pousava ao lado do *Etherway.* Ocorreu-lhe então um pensamento:

Fora traído, capturado e provavelmente enfrentaria a morte, mas pelo menos obtivera uma resposta parcial para o mistério de Mara, o motivo pelo qual desejava matar Luke Skywalker.

Mara olhou para o Grande Almirante, com os punhos cerrados e o corpo tremendo de raiva.

— Oito dias, Thrawn! Você disse oito dias. *Prometeu* oito dias! _— gritou ela, a voz ecoando de modo estranho pelo enorme hangar do *Quimera.*

Thrawn olhou para ela com a calma irritante de quem domina a situação.

— Mudei de idéia — declarou com frieza. — Me ocorreu que Karrde poderia recusar-se a fornecer a localização da Frota *Katana, e* até mesmo chegar a abandoná-la aqui por sugerir que fizesse negócio conosco.

— Uma ova que você mudou de idéia. Planejou me usar desde o começo — reclamou ela.

— Consegui o que precisávamos. Isso é tudo o que importa.

No interior de Mara, foi como se algo tivesse estalado. Ignorando os soldados armados em pé a seu lado, ela atirou-se contra o rosto de Thrawn, os dedos em garra como uma ave de rapina que desejasse dilacerar-lhe a garganta.

Parou subitamente, quando o guarda-costas noghri saltou dois metros e passou os braços pelo seu pescoço, virando-a para o outro lado.

Mara tentou conter os músculos de aço que pressionavam sua garganta, ao mesmo tempo em que atirava o cotovelo contra o corpo do atacante. Porém o golpe encontrou o ar; quando tentou pressionar o braço forte do noghri, enxergou pequenos pontos brancos no campo de visão. O antebraço pressionava sua artéria carótida, ameaçando fazer com que ela perdesse a consciência.

Não havia vantagem em desmaiar. Ela relaxou o aperto, sentindo a pressão diminuir. Thrawn continuava no mesmo local, observando-a com um sorriso divertido.

— Isso não foi nada profissional, Mão do Imperador.

Mara olhou para ele e atacou novamente, desta vez usando a Força.

Thrawn franziu a testa e levou a mão ao pescoço, como se tentasse retirar dali alguma teia de aranha. Mara forçou sua pressão mental e ele levou outra vez

a mão ao pescoço, antes de compreender o que se passava.

— Muito bem, já chega — disse ele com voz alterada, começando a ficar irritado. — Se não parar, Rukh vai ser obrigado a machucá-la.

Mara ignorou a ordem, fazendo tanta força quanto podia. Thrawn permaneceu olhando para ela, os músculos do pescoço movendo-se enquanto resistiam ao aperto. Ela cerrou os dentes, aguardando a ordem ou movimento que seria a permissão para que o noghri a sufocasse, ou para que os soldados a abatessem.

Porém Thrawn permaneceu imóvel e em silêncio... um minuto mais tarde, sem fôlego, Mara admitiu a derrota.

— Acredito que tenha aprendido as limitações de seus parcos poderes — afirmou Thrawn, esfregando a garganta. — Foi um pequeno truque que o Imperador ensinou?

Feio menos ele não tinha mais aquele tom de escárnio na voz.

— Ele me ensinou muitas coisas. Como lidar com traidores foi uma delas — afirmou Mara, ignorando o latejar nas têmporas.

Os olhos rubros brilharam.

— Tenha cuidado, Jade. Agora *eu* dirijo o Império. Não mais um Imperador morto há muito tempo; nem você. A única traição é desafiar minhas ordens. Estou propenso a deixar que você assuma seu lugar junto ao Império... talvez como oficial comandante de um dos Dreadnaught da Frota *Katana*. Mas se esses impulsos acontecerem outra vez, essa oferta será retirada imediatamente.

— E então irá me matar, eu suponho.

— Meu Império não tem o hábito de desperdiçar recursos úteis e valiosos. Ao invés disso, você será levada ao Mestre C’baoth, como um presente extra. E acredito que em pouco tempo irá desejar ter sido executada.

Mara encarou-o, um arrepio involuntário correndo pela espinha.

— Quem é C’baoth?

— Joruus C’baoth é um Mestre Jedi louco. Ele consentiu em nos ajudar na guerra, em troca de alguns Jedi para moldar como desejar. Seu amigo Skywalker já entrou na teia dele; a irmã, Organa Solo, esperamos levar logo até lá — declarou Thrawn. — Eu honestamente iria detestar ter de entregar você também.

— Já entendi — disse ela, forçando as palavras a saírem. — Provou seu ponto de vista. Não vai acontecer outra vez.

Ele a encarou por um instante, depois concordou com um gesto.

— Desculpas aceitas. Pode soltá-la, Rukh. Agora. Devo presumir que está de volta ao serviço do Império.

O noghri largou-a e afastou-se um passo... com certa relutância, pensou

Mara.

— E quanto ao resto do pessoal de Karrde? — indagou ela.

— Conforme combinamos, eles podem partir e fazer o que desejarem. Já cancelei a ordem de busca e detenção em relação a eles, e o capitão Pellaeon está nesse instante emitindo a contra-ordem para os caçadores de recompensas.

— E Karrde?

— Ele vai permanecer a bordo até me dizer onde está a Frota *Katana.* Se fizer isto com um mínimo de tempo e esforço de nossa parte, vai receber os três milhões que combinamos em Endor. Se não... talvez não sobre muito dele para receber.

Mara torceu os lábios. Sabia que o Grande Almirante não estava blefando, já vira os efeitos de um interrogatório completo do Império.

— Posso falar com ele? — indagou ela.

— Por quê?

— Talvez eu o consiga convencer a cooperar. Thrawn sorriu levemente.

— Ou pelo menos poderia convencê-lo de que não o traiu, na verdade?

— Mesmo assim ele vai continuar trancado na cela — argumentou Mara, tentando manter a voz calma. — Não há motivo para que não conheça a verdade.

— Pelo contrário. O sentimento de abandono é uma das armas psicológicas mais eficientes para nós. Alguns dias com pensamentos desse tipo podem chegar a convencê-lo a cooperar conosco sem a necessidade de um tratamento mais duro.

— Thrawn... — começou Mara, acabando por estrangular o acesso de raiva.

O Grande Almirante manteve os olhos presos aos dela.

— Assim é melhor. Especialmente se considerarmos que a outra alternativa seria entregá-lo aos cuidados de um dróide inquisidor. E isso o que deseja?

— Não, almirante. É que... Karrde me ajudou quando eu não tinha nenhum lugar para ir.

— Compreendo seus sentimentos. Mas eles não cabem aqui. Misturar lealdades é um luxo ao qual nenhum oficial do Império pode se entregar. Certamente não, se deseja algum dia ter um comando próprio.

— Sim, senhor. Não vai acontecer de novo.

— Tenho certeza que não — concordou Thrawn, relanceando o olhar por sobre o ombro dela.

O soldado que a escoltava começou a retirar-se. Com um gesto, o Grande Almirante indicou a enorme bolha de aço transparente entre os caças TIE, a três quartos da distância até a parede traseira do hangar.

— Ali fica o oficial responsável pelo hangar, logo depois da torre de controle de vôo. Ele vai designá-la a um transporte com piloto para que vá até a superfície.

Tratava-se claramente de uma dispensa.

— Sim, almirante.

Mara pôs-se a caminho, dirigindo-se para a porta indicada. Por um instante sentiu os olhos rubros postos em sua nuca, depois escutou os passos leves e controlados, caminhando na direção do turboelevador, além das portas pressurizadas de emergência.

Sim, o Grande Almirante a convencera. Mas não fora exatamente o que pretendia. Com seu ato final de traição, ele conseguira destruir a última esperança de que o novo Império pudesse algum dia se equiparar ao que Luke Skywalker destruíra.

O Império do qual ela se orgulhara fora-se. Para sempre.

Era uma revelação dolorosa, e havia custado caro. Podia apagar de uma só vez tudo pelo que ela trabalhara tanto durante o último ano.

Poderia também custar a vida de Karrde. E se isso acontecesse, ele morreria acreditando que o entregara para o Império.

O pensamento cravou-se em suas entranhas como uma faca incandescente, misturando a raiva contra a mentira de Thrawn e a própria ingenuidade ao confiar nele. Não importa de que ângulo encarasse, toda aquela confusão era culpa sua.

Cabia a ela endireitar as coisas.

Ao lado da porta do escritório indicado, estava o grande arco que levava do hangar até as instalações de serviço e manutenção, mais além. Mara olhou por sobre o ombro enquanto caminhava e avistou Thrawn entrando num dos elevadores, ao lado de seu noghri domesticado. O soldado que a escoltara também desaparecera, provavelmente retornando aos alojamentos da guarnição para prestar contas sobre a missão terminada. Havia cerca de vinte ou trinta pessoas no hangar, mas nenhuma delas parecia estar prestando atenção especial a ela.

Aquela seria, talvez, a única chance que jamais teria. Apurando os ouvidos para perceber qualquer grito de alarme, ou um disparo que significaria ter sido descoberta, passou pela porta do escritório onde deveria apresentar-se, e prosseguiu pelo arco, até a zona de manutenção.

Havia um terminal de computador logo após a entrada, preso à parede, onde ficava acessível tanto ao pessoal da parte traseira do hangar quanto aos homens da manutenção. A localização o tornava um alvo ideal para pessoal não autorizado, e como conseqüência disso deveria ser protegido por um complexo

código de acesso. Provavelmente seria mudado de hora em hora, se ela conhecia bem Thrawn; mas talvez até mesmo um Grande Almirante desconhecesse o fato de que o Imperador tinha uma espécie de porta traseira personalizada de acesso ao computador principal de cada destróier estelar. Foi sua garantia, primeiro durante a consolidação de poder, depois durante a guerra contra a Rebelião, para que nenhum dos comandantes jamais lhe vedasse o acesso às próprias naves. Nem a ele, nem a seus agentes principais.

Mara digitou o código secreto, permitindo-se sorrir. Thrawn podia considerá-la uma mensageira sofisticada, se quisesse. Mas ela sabia das coisas.

O código confirmou o acesso e ela penetrou.

Mara chamou um diretório, tentando suprimir a sensação consciente que poderia atrair os soldados. O código utilizado era embutido na memória física, impossível de eliminar, mas se Thrawn soubesse de sua existência, poderia instalar um alarme que disparasse quando fosse acionado. Se isso tivesse acontecido, ela teria de apresentar mais um espetáculo humilhante de lealdade para manter-se longe de encrencas.

Contudo, nada aconteceu quando o diretório apareceu no monitor. Mara acionou o comando para verificar a situação da ala de detenção e correu os olhos pela lista de itens, desejando ardentemente possuir um dróide R2 como o de Skywalker para ajudá-la. Mesmo que Thrawn não soubesse sobre o código do Imperador, certamente teria alertado o oficial ao qual deveria apresentar-se. Se alguém na torre de controle tivesse notado a demora, poderia procurar por ela...

Lá estava: uma lista de prisioneiros atualizada. Mara acessou um diagrama de todo o bloco de detenção, depois uma escala de serviço, onde foi possível localizar os horários de troca de turnos. Voltou depois para a escala de tarefas diárias, verificando o curso e destino do *Quimera* nos próximos seis dias. Thrawn deixara implícito que pretendia aguardar alguns dias antes de iniciar um interrogatório formal, deixando que a própria imaginação de Karrde colaborasse para quebrar a resistência. Mara só podia esperar que estivesse de volta antes que esse período terminasse.

Uma gota de suor escorreu-lhe pela espinha enquanto ela limpava o monitor. Agora viria a parte dolorosa. Examinara a lógica do procedimento muitas vezes enquanto caminhava pelo hangar, e chegara sempre à mesma conclusão revoltante. Karrde teria, com toda a certeza, um observador para vigiar a aproximação do *Etherway,* que assistira a armadilha da tropa de assalto. Se ela retornasse sã e salva do *Quimera,* jamais seria capaz de convencer os homens de Karrde que não o traíra para o Império. Na verdade, teria muita sorte se não fosse abatida assim que chegasse.

Não conseguiria salvar Karrde sozinha, e não podia contar com a ajuda da

organização dele. Esses fatos só deixavam uma pessoa em toda a Galáxia a quem poderia recorrer. Apenas uma pessoa que devia um favor a Karrde.

Cerrando os dentes, ela digitou os comandos para localizar um Mestre Jedi chamado Joruus C'baoth.

O computador foi lento para procurar a informação, e a pele da nuca arrepiou-se quando a tela desejada iluminou o monitor. Mara guardou o nome do planeta, Jomark, e desligou, fazendo o possível para ocultar o fato de que seu acesso ao computador tinha acontecido. Já utilizara o tempo disponível além do que considerava seguro, e se a encontrassem num terminal de computador ao qual não tinha acesso, podia terminar numa cela ao lado da de Karrde.

Quase não houve tempo. Desligou a máquina e começou a retornar para o hangar, quando um oficial jovem e três soldados vieram em sentido contrário, as armas em posição de prontidão. Um dos soldados avistou-a e disse algo ao oficial...

— Com licença — disse Mara, chamando a atenção dos quatro homens.

— Pode me dizer onde encontro o escritório do oficial encarregado do hangar?

— Eu sou o oficial encarregado do hangar — respondeu o líder. — Você é Mara Jade?

— Sou — confirmou ela, com sua expressão mais inocente. — Me disseram que sua sala era por aqui em algum lugar, mas não consegui encontrá-la.

O transporte flutuou, manobrou e ganhou o céu. Ao lado da rampa do *Etherway,* o cheiro do pavimento queimado ainda pairava no ar; Mara observou a nave do Império desaparecendo no topo do hangar.

— Aves? — gritou ela. — Vamos, Aves, apareça. Sei que você está por aqui.

— Vire-se e coloque as mãos para cima — disse uma voz, oriunda das sombras no interior da nave. — Venha para cá, andando devagar. E não esqueça que eu conheço muito bem seu truque do desintegrador na manga.

— Minha arma está com os soldados do Império, agora — afirmou Mara, virando-se de costas e levantando as mãos. — Não vim para brigar. Vim para pedir ajuda.

— Se você quer ajuda, corra para seus novos amigos lá em cima. Ou será que sempre foram seus amigos?

Ele a estava provocando, ansioso por descontar sua raiva e frustração numa briga ou tiroteio.

— Eu não traí Karrde, Aves. Fui apanhada pelo Império, e tentei enganá-los com uma história para ganhar tempo. Não funcionou.

— Não acredito em você — afirmou ele.

Mara escutou o ruído das botas pisando no metal enquanto ele descia a rampa.

— Não é verdade. Você acredita. Não teria vindo aqui se não acreditasse.

Ela sentiu o deslocamento de ar quando Aves aproximou-se por trás.

— Não se mexa — avisou ele, puxando-lhe a manga para examinar o coldre vazio. Revistou-a rapidamente. — Muito bem, vire-se.

Ela fez o que foi ordenado. Aves permaneceu a um metro de distância, o rosto tenso, e o desintegrador apontado para o meio do corpo dela.

— Faça a pergunta ao contrário, Aves. Se tivesse traído Karrde, por que estaria aqui agora? E sozinha, ainda por cima?

— Talvez precisasse pegar alguma coisa no *Etherway.* Ou talvez seja só um truque para levar o resto de nós.

— Se você acredita mesmo nisso, é melhor atirar logo. Não posso tirar Karrde de lá sem a sua ajuda.

Por um bom tempo, Aves permaneceu em silêncio, fitando-a intensamente. Mara observou-lhe o rosto, ignorando a mão com os nós dos dedos esbranquiçados, que apertava a arma com força.

— Os outros não vão ajudar você. Metade acha que andou manipulando Karrde desde o primeiro minuto em que entrou. O resto pensa que troca de lealdade pelo menos duas vezes por ano.

— Isto era verdade há muito tempo — admitiu ela. — Mas não agora.

— Tem alguma forma de provar o que diz?

— Tenho. Libertando Karrde — afirmou ela. — Escute, não tenho tempo para conversar. Vai me ajudar ou atirar?

Ele hesitou por um instante, depois quase com relutância, baixou o desintegrador até que o cano apontasse para o solo.

— Provavelmente estou assinando minha própria sentença de morte — resmungou Aves. — Do que precisa?

— Para começar, de uma nave — disse Mara, soltando o ar preso nos pulmões. — Algo menor e mais rápido do que o *Etherway.* Um dos três Skipray "envenenados" que trouxemos de Vagran está ótimo. Vou precisar também daqueles ysalamiri que tínhamos no *Wild Karrde.* De preferência a moldura do tipo portátil, com o nutriente.

— O que você quer com um ysalamiri? — estranhou Aves.

— Vou falar com um Jedi, e preciso de uma garantia que ele escute o que tenho a dizer.

Ele deu de ombros.

— Acho que não quero saber os detalhes. O que mais precisa?

— Só isso.

Os olhos de Aves se estreitaram.

— Só?

— Só. Quando pode me arrumar tudo?

— Mais ou menos uma hora — calculou ele, depois de pensar um pouco.

— Conhece o pântano que fica a uns cinqüenta quilômetros ao norte da cidade?

Mara assentiu.

— Onde existe uma espécie de ilha na margem leste.

— Esse mesmo. Você leva o *Etherway* até lá e podemos fazer a troca — disse ele, olhando para cima e examinando o céu. — Acho que já é seguro decolar.

— Por enquanto, sim. Thrawn me disse que tinha levantado a ordem de prisão contra o grupo, mas o melhor é vocês desaparecerem logo depois da minha partida. Ele vai mandar toda a Frota atrás de vocês quando eu fugir com Karrde. Acho bom também passar um pente fino no *Etherway* antes de levá-lo a qualquer lugar. Deve ter um emissor de sinais a bordo, porque o Império chegou aqui antes de mim... conhecendo bem Thrawn, acho que é capaz de haver alguém me seguindo agora, também. Vou precisar me livrar dele antes de sair do planeta.

— Acho que nesse ponto eu posso ajudar — ofereceu Aves. — Estamos indo embora também, certo?

— Certo — concordou Mara, examinando a mente para ver se tinha mais algo de que precisasse. — Acho que é só isso. Vamos indo.

— Certo... ainda não sei de que lado está, Mara. Mas se estiver do nosso, boa sorte.

Ela assentiu, sentindo um nó na garganta.

— Obrigada.

Duas horas mais tarde, Mara estava acomodada na cabine do Skipray, subindo para o espaço com um sentido desagradável de *déjà vu* queimando no cérebro. Partira numa nave como aquela para a floresta de Myrkr algumas semanas atrás, perseguindo um prisioneiro que escapara. Agora, como numa repetição distorcida da história, mais uma vez partia atrás de Luke Skywalker.

Só que desta vez, não iria tentar matá-lo ou capturá-lo. Ia pedir-lhe ajuda.

20

O último par de aldeões destacou-se do grupo que permanecia em pé na parede traseira e avançou até o trono. C’baoth observou-os enquanto se aproximavam e faziam uma reverência; em seguida, como Luke sabia que aconteceria, o Mestre Jedi levantou-se e fez um gesto em sua direção.

— Jedi Skywalker. O último caso da noite é seu.

— Sim, Mestre C’baoth.

Luke preparou-se, avançando e ocupando o lugar no trono. Para ele, a cadeira não era confortável: muito quente, muito grande e decorada demais. Tinha um forte cheiro alienígena, ainda maior do que os do castelo de C’baoth; além disso apresentava uma aura perturbadora, que Luke só podia interpretar como um efeito das longas horas que o Mestre Jedi passara ali, julgando seu povo.

Agora seria a vez de Luke.

Inspirando forte para amenizar a fadiga que se tornara parte permanente dele, fez um sinal de cabeça para os dois aldeões.

— Estou pronto. Comecem, por favor.

Tratava-se de um caso simples, como geralmente eram. Os animais do primeiro romperam a cerca do segundo e comeram os frutos de uma dúzia de arbustos antes de serem descobertos e expulsos. O dono dos animais desejava pagar uma compensação pelos frutos consumidos, porém o segundo acreditava que ele deveria também reconstruir a cerca. O primeiro argumentava que uma cerca bem construída não teria cedido, e além disso seus animais haviam sofrido ferimentos ao passar pelos mourões arrebentados. Luke ficou em silêncio, deixando que os dois terminassem de expor todos os fatos.

— Muito bem — disse ele. — Quanto aos arbustos produtores, meu julgamento é o seguinte: você pagará por aqueles que foram destruídos, mais um adicional por todas as frutas comidas pelos animais da sua criação. Essa quantidade será determinada pelo conselho da aldeia.

A seu lado, C’baoth agitou-se, e Luke sentiu-lhe a reprovação. Por um instante, considerou se devia voltar atrás e tentar uma solução diferente. Porém, mudar de idéia de repente não parecia uma boa coisa, iria gerar insegurança. De qualquer forma, não lhe ocorriam outras soluções.

O que fazia ali, afinal?

Olhou ao redor da sala, reprimindo a sensação de nervosismo. Todos o encaravam: C’baoth, os dois litigantes, e o resto dos aldeões que assistiam aos

julgamentos daquela noite. Todos aguardavam que tomasse a decisão certa.

— Quanto a cerca, eu a examinarei amanhã de manhã. Quero ver a extensão dos danos antes de tomar minha decisão.

Os dois homens curvaram-se e recuaram.

— Declaro essa sessão terminada — afirmou C'baoth, a voz ressoando, apesar do tamanho reduzido do aposento.

Um efeito interessante e Luke ficou imaginando se a origem seria a acústica da sala, ou alguma técnica vocal que Mestre Yoda não lhe ensinara. Embora não pudesse imaginar para que lhe seria útil tal habilidade.

O último dos aldeões deixou o aposento. C'baoth limpou a garganta e Luke preparou-se.

— Às vezes fico me perguntando, Jedi Skywalker, se tem prestado atenção ao que eu venho dizendo nos últimos dias.

— Sinto muito, Mestre C'baoth — desculpou-se Luke, um nó já familiar obstruindo-lhe a garganta.

Não interessava o quanto tentasse, parecia nunca conseguir corresponder à expectativa de C'baoth.

— Sente muito? — indagou o velho Jedi, arqueando as sobrancelhas. — Sente muito? Jedi Skywalker, você tinha tudo nas mãos. Deveria ter interrompido os relatos bem antes do que aconteceu— seu tempo é valioso demais para ficar escutando essas baboseiras. Você mesmo deveria ter solucionado a quantia de compensação, mas ao invés disso veio com essa história absurda de conselho da aldeia. E em relação à cerca... — ele sacudiu a cabeça, em sinal de desaprovação. — Não havia motivo algum para adiar o julgamento sobre essa questão. Tudo o que precisava saber sobre os danos estava na mente deles. Não deveria ser um problema, mesmo para você, ter extraído deles essas informações.

— Certo, Mestre C'baoth. Mas é que ler a mente dos outros dessa forma parece errado...

— Mesmo quando pretende usar as informações para ajudá-los? Como pode ser errado?

Luke abriu as mãos, num gesto de impotência.

— Estou tentando entender, Mestre C'baoth, mas isso tudo é novo para mim...

— E mesmo, Jedi Skywalker? Será? Está querendo me dizer que nunca violou nenhuma preferência pessoal de alguém para ajudar essa pessoa? E que nunca ignorou uma lei burocrática qualquer que o impedisse de fazer o que precisava ser feito?

Luke sentiu o rosto corar, pensando no uso que Lando fez do cartão ilegal

para apressar o conserto do asa-X, em Sluis Van.

— Sim, já fiz esse tipo de coisa. Mas de alguma forma, isso é diferente. Parece... que estou tomando mais responsabilidade do que deveria sobre a vida destas pessoas. Como se estivesse interferindo demais.

— Compreendo seus receios — afirmou C'baoth, com menos severidade na voz. — Mas este é o ponto crucial. E justamente essa aceitação que torna o Jedi diferente dos outros seres da Galáxia. Luke, é preciso não esquecer que em última análise, essas pessoas são primitivas. Apenas com a nossa assistência poderão adquirir a verdadeira maturidade.

— Eu não os chamaria de primitivos, Mestre C'baoth. Possuem tecnologia moderna, um sistema eficiente de governo...

— São trapos sem substância de civilização. Tecnologia e entidades sociais não definem a maturidade de uma civilização, Jedi Skywalker. A maturidade é definida apenas pelo uso da Força — declarou o velho Jedi. Seus olhos anuviaram-se, como se enxergassem o passado. — Existiu um dia uma sociedade assim, Luke. Um exemplo altivo e grandioso dos objetivos sublimes aos quais podemos aspirar. Por um milhar de gerações nos destacamos dentre os outros seres da Galáxia como guardiões da justiça e da ordem. Criadores da verdadeira civilização. O Senado podia debater e promulgar as leis, mas eram os Jedi que transformavam essas leis em realidade... e como retribuição, a Galáxia nos destruiu.

Luke franziu a testa.

— Sempre pensei que os Jedi tinham sido exterminados pelo Imperador, mais alguns Jedi do Mal.

C'baoth sorriu com amargura.

— Acredita que mesmo o Imperador poderia ter sido bem sucedido em sua tarefa sem o consentimento de todos os povos da Galáxia? — indagou ele, balançando a cabeça numa negativa.

— Não, Luke. Todos os seres inferiores... nos odiavam. Odiavam nosso poder, nossa sabedoria e nosso conhecimento. Odiavam nossa maturidade. E esse ódio ainda existe, esperando apenas que os Jedi apareçam para explodir outra vez.

Luke balançou a cabeça. Aquilo não parecia se encaixar com o que sabia sobre o desaparecimento dos Jedi. Por outro lado, porém, não vivera aqueles tempos, como C'baoth.

— E difícil de acreditar.

— Pois pode acreditar, Jedi Skywalker — reforçou C'baoth.

— E por isso que precisamos ficar juntos, você e eu. Por esse motivo não podemos baixar a guarda perante um universo que nos destruiria. Entende?

— Acho que sim — declarou Luke, cocando o canto do olho. Sua mente sentia-se tão cansada quanto o corpo. Ainda assim, enquanto tentava pensar sobre as palavras do Mestre Jedi, várias imagens lhe vieram à mente. Imagens de Mestre Yoda, rabugento, mas sem medo algum no coração, sem o menor traço de amargura ou raiva pela morte de seus companheiros Jedi. Imagens de Ben Kenobi na cantina em Mos Eyslei, tratado com respeito, depois de ter sido forçado a abater os dois desordeiros. Ainda assim, a reação era de respeito, não medo ou ódio.

Mais nítidas ainda em sua lembrança eram as imagens do café em New Cov. O barabel, pedindo a intervenção de um estranho, e aceitando sem questionar a conclusão, ainda que fosse contra ele. Lembrou os rostos na multidão, repletos de esperança e expectativa, porque ali estava um Jedi para resolver o assunto, e não deixar que as coisas fugissem do controle.

— Nunca experimentei um ódio assim.

— Mas vai experimentar — garantiu C'baoth, em tom lúgubre. — Assim como sua irmã. E os filhos dela.

— Sou capaz de protegê-los — protestou Luke, o peito agoniado.

— Pode ensinar a eles, também? Possui sabedoria e habilidade suficientes para ensinar tudo o que precisam saber sobre os caminhos da Força?

— Acredito que sim.

— Se você acredita, não tem certeza e assim arrisca as vidas deles. Arrisca o futuro por uma impulso egoísta — argumentou C'baoth.

— Não se trata de um impulso. Juntos, eu e Leia podemos conseguir — respondeu Luke.

— Se tentar, vai arriscar-se a perdê-los para o Lado Negro da Força — cortou o Mestre Jedi, com um suspiro exasperado. — Não podemos correr esse risco, Luke. Existem muito poucos de nós. A guerra interminável pelo poder continua e a Galáxia está desorganizada. Nós, que sobrevivemos, temos o dever de permanecer juntos contra os que pretendem destruir tudo. Não podemos nos arriscar a ficar separados e sermos destruídos. Você precisa trazer sua irmã e os filhos dela até mim.

— Não posso fazer isso — afirmou Luke, observando a expressão de C'baoth alterar-se. Corrigiu-se em tempo: — Pelo menos, não por enquanto. Não seria seguro que Leia viajasse no momento. Os homens do Império estão atrás dela há meses e Jomark não é longe do território do Império.

— Está duvidando que eu seja capaz de proteger sua irmã aqui?

— Eu... não, não *duvido* que possa proteger Leia. E que...

Luke interrompeu-se ao perceber que Mestre C'baoth enrijecera, os olhos fitos no vazio.

— Mestre C’baoth! Está se sentindo bem?

Não houve resposta nem indicação de que o velho Jedi tivesse escutado. Utilizando a Força, Luke tentou descobrir o que acontecera, porém, como sempre, a mente do outro continuava fechada para ele.

— Vamos, Mestre! Vou levá-lo até seu quarto.

C’baoth piscou duas vezes e com demonstrações de esforço voltou o olhar para o rosto de Luke. Inspirou, estremeceu e retornou subitamente ao normal.

— Você está cansado, Luke — disse ele. — Saia e vá até seu quarto para dormir.

Luke tinha de admitir que *estava* cansado.

— O senhor está bem?

— Estou ótimo — assegurou C’baoth, com um tom estranho na voz.

— Se precisar de ajuda...

— Mandei sair! Sou um Mestre Jedi. Não preciso da ajuda de ninguém!

Luke encontrou-se a dois passos de C’baoth sem qualquer lembrança de haver se locomovido.

— Desculpe, Mestre C’baoth. Não quis faltar com o respeito. As feições do outro suavizaram-se um pouco.

— Sei que não queria — disse o homem mais velho, respirando profundamente antes de continuar. — Traga sua irmã para mim, Jedi Skywalker. Vou protegê-la do Império e vou ensiná-la a obter tanto poder que você não consegue imaginar.

Em algum recôndito da mente de Luke, um sino de alarme disparou. Havia alguma coisa naquelas palavras... ou na maneira que C’baoth as pronunciara...

— Agora vá para seu quarto — ordenou o Mestre Jedi. — Durma e conversaremos pela manhã.

O vulto permaneceu à frente dela, o rosto parcialmente escondido pelo capuz da túnica, os olhos amarelados brilhando ao contemplar a distância infinita que os separava. Os lábios moviam-se, contudo as palavras eram abafadas pelo despertar dos alarmes, enchendo Mara de uma pressa que se transformava em pânico. Entre ela e o Imperador apareceram duas figuras: a imagem escura e poderosa de Darth Vader, e a figura menor, vestida de negro, de Luke Skywalker. Estavam em pé perante o Imperador, de frente um para o outro, e acionaram os sabres-laser. As lâminas se cruzaram, o vermelho brilhante contra com o verde luminoso, sinais de preparação para a luta.

Então, sem nenhum tipo de aviso, as lâminas se separaram... e com zunidos que podiam ser escutados acima do ruído dos alarmes, ambas voltaram-se contra o Imperador.

Mara ouviu a própria voz gritar ao tentar partir em socorro de seu mestre.

Porém a distância era enorme e seu corpo parecia indolente demais. Soltou um grito de guerra, na esperança de atrair a atenção dos atacantes, porém nenhum dos dois olhou em sua direção. Avançavam para cercar o Imperador; à medida que levantavam as lâminas luminosas, reparou que seu mestre olhava para ela.

Mara observava tudo, desejando voltar-se para outro lado, porém incapaz de mover um músculo. Um milhão de pensamentos e emoções passaram naquele olhar, num caleidoscópio de dor e raiva que girava rápido demais para que absorvesse na totalidade. O Imperador levantou as mãos, enviando uma cascata de faíscas azuladas contra os inimigos. Os dois hesitaram perante a reação e Mara observou, cheia de esperança. Talvez daquela vez o final fosse diferente. Mas não. Vader e Skywalker mantiveram as posições e levantaram alto os sabres.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER!

E com um tremor que sacudiu seu corpo contra as correias, Mara acordou.

Por um instante, permaneceu onde estava, recuperando a respiração e lutando contra a visão apavorante das lâminas-laser atacando. A pequena cabine do Skipray deu a impressão de sufocá-la, disparando um arrepio de claustrofobia. A nuca e as costas do traje de vôo estavam molhadas de transpiração e aderiam à pele. Um sinal de alerta parecia soar em algum lugar muito distante.

Outra vez o sonho. O mesmo sonho que a perseguia através da Galáxia, há cinco anos. A mesma situação; o mesmo final aterrador; a mesma súplica desesperada.

Porém desta vez as coisas seriam diferentes. Desta vez ela tinha o poder de matar Luke Skywalker.

Olhou para o céu manchado de cores girando ao redor da cabine do Skipray e despertou por completo. Havia algo errado. Ela não pretendia matar Luke Skywalker. Ia...

Ia pedir ajuda a ele.

O gosto amargo da bile subiu-lhe à boca; com esforço, ela controlou o espasmo. Não havia o que argumentar, nem discutir consigo mesma. Se desejava salvar Karrde, precisava levar seu plano até o fim.

Skywalker devia um favor a Karrde. Mais tarde acertaria as contas pessoais com ele; haveria tempo suficiente para isso depois.

O alarme de proximidade mudou de tom, indicando trinta segundos para sair do hiperespaço. Mara observou os números baixarem até o zero e com suavidade puxou os controles do hiperdrive em sua direção. As manchas tornaram-se riscos luminosos, e deram lugar ao negrume habitual do espaço. E à esfera planetária bem diante dela.

Chegara à Jomark.

Fazendo mentalmente uma figa, acionou o comunicador, e digitou o código que programara durante a viagem. A sorte estava a seu lado: pelo menos ali, o pessoal de Thrawn ainda utilizava o código-padrão para faróis de orientação de pouso. Os monitores do Skipray brilharam com a localização do espaçoporto, uma ilha ao centro de um lago em forma de anel, logo após a linha do crepúsculo. Repetiu a operação apenas para certificar- se, depois iniciou a descida. Ainda tentava esquecer o olhar no rosto do Imperador...

O alarme terminou de acordá-la.

— O que... — resmungou Mara, os olhos percorrendo os instrumentos para localizar o problema.

Não foi difícil descobrir. O Skipray estava de lado, as aletas protestando enquanto o computador procurava evitar que entrasse em parafuso. Inexplicavelmente penetrara demais na atmosfera, bem além do ponto onde deveria ter passado da propulsão dos motores para a flutuação dos repulsorlifts.

Cerrando os dentes, Mara realizou a mudança, depois observou o monitor que marcava sua posição no mapa. Ela só desmaiara por um minuto ou dois, mas à velocidade que a nave vinha desenvolvendo, alguns segundos mais de distração teriam sido fatais. Cravou as unhas nas palmas das mãos para lutar contra a fadiga, depois limpou o suor da testa. Seu antigo instrutor a avisara que navegar com sono era a forma mais rápida de se perder a vida. Se tivesse caído, não poderia culpar ninguém a não ser ela mesma.

Ou poderia?

Nivelou a espaçonave, confirmou o fato de não haver grandes elevações em sua rota e acionou o piloto automático. O ysalamiri continuava preso a seu substrato, acomodado próximo à escotilha traseira, encaixado à tampa do motor. Retirando o cinto de segurança, Mara deslocou-se na direção dele.

Foi como se alguém tivesse desligado um botão em sua mente.

Num instante, ela sentia-se como quem estivesse travando uma batalha há quatro dias; no passo seguinte, a um metro de distância do pequeno animal, toda a fadiga desapareceu de repente.

Sorriu para si mesma. Suas suspeitas se confirmaram: o Mestre Jedi louco de Thrawn não desejava companhia.

— Bela tentativa — disse ela, em voz alta.

Retirou o arreio do ysalamiri da fuselagem e levou-o para a cabine, prendendo-o atrás do assento do piloto.

A borda irregular das montanhas ao redor do lago aparecia no monitor de varredura de pulso elétrico e o de infravermelho captara uma estrutura habitada na margem oposta. Ali provavelmente seria o local onde estavam Luke e o Jedi

louco, conjecturou ela. Poucos segundos mais tarde confirmou sua expectativa, pois os sensores captaram uma boa quantidade de massa metálica ao lado de fora da construção. O caça asa-X de Skywalker. Não havia defesas ou armas aparentes, tanto nos cumes das montanhas quanto na ilha abaixo. Talvez C'baoth não acreditasse em uma força tão primitiva quanto o turbolaser para protegê-lo.

Podia, até mesmo estar certo. Debruçando-se sobre os instrumentos, com todos os sentidos em alerta, Mara aproximou a nave.

Estava quase no centro da cratera quando o ataque se desencadeou, na forma de um impacto súbito na parte inferior da nave, que a desviou alguns centímetros para cima. O segundo choque veio a seguir, desta vez na aleta ventral, e atirou a espaçonave para estibordo. Um terceiro impacto ocorreu antes que Mara identificasse a arma que a atingia: não eram mísseis, ou feixes laser, e sim pequenas pedras comuns, não acusadas pelos sensores sofisticados do Skipray.

O quarto projétil acertou um dos repulsorlifts, fazendo com que a nave, desgovernada, iniciasse uma longa queda em direção ao solo.

21

Mara praguejou, alterou os controles do Skipray para vôo planado e acionou os sensores para obter uma varredura completa da superfície da escarpa abaixo da construção. Agora não podia mais aterrissar no platô; teria de pousar sem os repulsorlifts, pilotando a nave, mas isso não seria possível com um Mestre Jedi dificultando as coisas. Como alternativa, poderia ir para a ilha abaixo, o que deixaria mais espaço para manobrar, porém criava o problema de locomoção até a margem. A dificuldade seria a mesma se tentasse pousar além dos cumes.

Ou podia admitir a derrota, ligar o motor principal, retornar ao espaço e tentar salvar Karrde sozinha.

Olhou para o monitor, estudando o relevo irregular. A chuva de pedras limitara-se aos quatro certeiros projéteis. Sem dúvida o Mestre Jedi aguardava para saber se cairia sem necessidade de novas intervenções. Com um pouco de sorte, talvez pudesse convencê-lo que estava perdida sem ter de destruir a nave. Se conseguisse encontrar na encosta a formação apropriada...

Não demorou muito. Localizou, a um terço da altura do paredão rochoso, uma concavidade adequada. Ali a erosão retirara um bolsão de material menos duro, cujo solo era relativamente plano e o tamanho mais do que suficiente para conter o Skipray.

Tudo o que precisava fazer era chegar até lá sem se arrebentar. Decidida, Mara levantou o nariz da nave, e ligou a turbina.

O brilho dos gases em combustão iluminou a encosta da montanha, formando um mosaico de luzes e sombras. O Skipray balançou para a frente, estabilizou um pouco quando nivelou na outra direção, depois oscilou perigosamente até voltar à vertical. Balançar o motor para a frente e para trás, era por si só uma operação instável e Mara sentia o suor brotando da fronte enquanto lutava para manter o equilíbrio delicado. Se C’baoth suspeitasse o que preparava, não precisaria despender muito esforço para abatê-la.

Dividindo a atenção entre o monitor de aproximação, o indicador de velocidade do vento e o acelerador, aproximou-se da encosta, sempre oscilando da horizontal para a vertical, como se a nave estivesse desgovernada.

Quase não conseguiu. O Skipray estava a menos de dez metros da encosta quando os gases em combustão atingiram em cheio a rocha abaixo, com calor suficiente para incendiá-la. Um instante mais tarde, a nave foi camuflada por labaredas brilhantes. Mara manteve o curso, ignorando as sirenes de alarme,

tentando enxergar através das chamas a concavidade na encosta. Não havia tempo a perder: se hesitasse uma fração de segundo que fosse, o escapamento poderia queimar em demasia o local onde pretendia pousar. Estava a cinco metros da encosta e a temperatura na cabine começava a aumentar. Três metros, um metro...

Escutou-se um horrível ruído metálico quando a aleta ventral chocou-se contra a borda. Mara cortou o motor e segurou-se para suportar o impacto. A nave caiu um metro, de cauda para baixo. Por um instante deu a impressão de que iria ficar na vertical, balançando na borda do abismo. Em seguida, o peso arrastou o Skipray para dentro da concavidade, onde caiu com estrondo sobre os trens de aterrissagem.

Passando as costas da mão na testa para limpar o suor, Mara examinou os monitores. A arriscada manobra lhe fora ensinada como último recurso para evitar um desastre. Agora sabia porque.

Tivera sorte. Os trens de aterrissagem e a aleta ventral estavam amassados e retorcidos, mas o motor, o hiperdrive, os sistemas de suporte de vida e o casco encontravam-se em bom estado. Deixando os sistemas em prontidão, pendurou o ysalamiri nos ombros e dirigiu-se para a parte traseira da nave.

A escotilha principal estava inutilizada, pois abria-se para o vazio abaixo. Havia, porém, uma segunda escotilha de saída, próxima à torre do canhão laser traseiro. Chegar até lá com um dispositivo desengonçado sobre os ombros não foi muito fácil, mas depois de tentar duas vezes, conseguiu enfiar-se no tubo de saída. O metal do casco estava quente demais e os ventos frios que vinham do lago abaixo proporcionaram alívio assim que ela abriu a escotilha.

Teve uma enorme decepção ao olhar para cima. Ao invés de estar quinze metros abaixo do topo, como estimara, encontrava-se a cerca de cinqüenta metros da borda superior. A vasta escala da cratera, combinada à velocidade alucinante da descida haviam iludido sua percepção.

— Não há nada como um bom exercício depois de uma longa viagem — resmungou, em voz alta.

Retirou o bastão luminoso da mochila e estendeu-o para que iluminasse o trajeto que teria de fazer na encosta. A escalada não seria fácil, especialmente com o suporte do ysalamiri preso às costas, mas era uma tarefa possível. Prendendo o bastão luminoso ao ombro do macacão de piloto, escolheu os primeiros pontos de apoio e iniciou a subida.

Progredira talvez dois metros, quando a rocha em frente a ela deu a impressão de explodir num clarão.

O susto fez com que Mara escorregasse, caindo felizmente sobre a fuselagem do Skipray. Ao tocar o metal com os pés, o desintegrador já se

encontrava pronto a disparar, na mão direita. Estreitando os olhos contra o feixe luminoso, percebeu que havia duas fontes idênticas e apagou uma delas com um disparo. O outro holofote foi desligado, e enquanto ela tentava ordenar as manchas púrpura que permaneciam na escuridão total, escutou um som fraco, mas de origem inconfundível.

Tratava-se da voz eletrônica de um dróide R2.

— Ei! Dróide! Você é a unidade astromecânica de Skywalker? Se for, sabe quem eu sou. Já nos encontramos em Myrkr... está lembrado?

O dróide lembrava muito bem. E pelo tom indignado da resposta, não parecia ser uma recordação agradável.

— Tudo bem, vamos esquecer isso — disse ela. — O que importa é que seu amo está em dificuldades. Vim para preveni-lo.

Mais uma série de ruídos, desta vez cheios de sarcasmo.

— É verdade — insistiu Mara.

Seus olhos começavam a distinguir as formas na escuridão, e ela percebeu o contorno esguio do caça asa-X flutuando a cerca de cinco metros de distância, com os dois canhões de estibordo apontados diretamente para seu rosto.

— Preciso falar com ele já, antes que esse Mestre Jedi perceba que ainda estou viva e venha terminar o que começou.

Apesar do que dissera, Mara esperava mais sarcasmo por parte do dróide, que no entanto, não se manifestou. Talvez tivesse presenciado a curta batalha entre o Skipray e as pedras controladas por C’baoth.

— Ele estava tentando me matar. Sem fazer alarde, para que seu amo não soubesse de nada, e não fizesse perguntas embaraçosas.

Desta vez ela ouviu uma interrogação em resposta.

— Vim porque preciso da ajuda de Skywalker — afirmou Mara, adivinhando o que queria saber. — Karrde foi capturado pelo Império, e não posso libertá-lo sozinha. Caso tenha esquecido, Karrde foi quem ajudou seus amigos a evitar uma armadilha das tropas de assalto em Myrkr, de onde vocês dois fugiram a tempo. Você deve um favor a ele.

O dróide resmungou algo curto.

— Muito bem, então. Se não quer fazer por Karrde, nem por mim, faça por seu amo. Ele precisa saber que seu novo professor, C’baoth, trabalha para o Império, antes que seja tarde demais.

O dróide permaneceu imóvel por alguns instantes, depois o asa-X apontou os canhões para outro lado, e flutuou na direção do Skipray avariado. Mara colocou o desintegrador no coldre e preparou-se, imaginando como iria acomodar-se na pequena cabine do caça com o ysalamiri nos ombros.

Gastou energia à toa. Ao invés de ficar em posição que desse acesso à

cabine, o dróide aproximou um dos trens de aterrissagem.

— Você está brincando — protestou Mara, olhando para o deslizador à altura da cintura, depois medindo a longa queda até o lago.

Demorou algum tempo para perceber que o dróide falava sério; depois suspirou e subiu, com relutância.

— Muito bem, podemos partir — anunciou ela, assim que segurou firme no suporte do trem. — E cuidado com as pedras.

O asa-X afastou-se e começou a subir. Mara procurou segurar-se bem, esperando que C'baoth continuasse o ataque. Todavia, chegaram ao topo sem nenhum incidente; enquanto o dróide manobrava a nave para tocar o solo, ela divisou uma figura embuçada ao lado do portão de entrada.

— Você deve ser C'baoth — disse ela, saltando com a mão sobre o desintegrador. — Sempre cumprimenta seus visitantes dessa forma?

Por um instante, a figura não disse nada. Mara deu um passo na direção dele, com uma sensação de *déjà vu* ao tentar distinguir as feições ocultas pelo capuz. O Imperador tinha uma aparência similar quando aparecera em sua casa para recrutá-la...

— Não tenho visitas, a não ser os lacaios do Grande Almirante Thrawn — disse ele, por fim. — Todos os outros, por definição, são intrusos.

— O que faz você pensar que não pertenço ao Império? — respondeu Mara. — Caso não tenha reparado, vinha seguindo o farol imperial na ilha, quando você me derrubou.

Sob a luz suave das estrelas, ela teve a impressão que C'baoth sorriu no interior do capuz.

— E o que isto prova? Simplesmente que sabe usar os brinquedinhos do Grande Almirante.

— Acha que os outros podem apanhar os ysalamiri do Grande Almirante, também? Chega de jogos. O Grande Almirante...

— E seu inimigo — completou C'baoth. — Não me insulte com negativas infantis, Mara Jade. Vi tudo em sua mente enquanto você se aproximava. Acredita mesmo que pode levar meu Jedi?

Mara engoliu em seco, estremecendo com o frio noturno, e o sentimento gelado que lhe ia na alma. Percebeu o tom de insanidade na voz de C'baoth, e recordou a voz de Thrawn, afirmando que ele era louco. Só que, pessoalmente, o Mestre Jedi era mais do que imaginara. O tom de comando era inequívoco, impiedoso e calculista, atributos típicos de quem possui o sentimento de poder e confiança supremos.

Foi como escutar o Imperador falando.

— Preciso da ajuda de Skywalker — afirmou ela, controlando a própria

voz. — Só o que quero é levá-lo emprestado por uns dias.

— E depois você pretende devolver? — indagou ironicamente o Mestre Jedi.

— Vou obter a ajuda dele, C'baoth. Goste você, ou não. Desta vez não houve dúvida sobre o sorriso. Um sorriso espectral.

— Não vai, não, Mara Jade. Está enganada. Acredita mesmo que apenas por estar numa bolha da Força não posso fazer nada contra você?

— Tenho outro argumento convincente — declarou Mara, sacando o desintegrador do coldre e apontando-o para o peito de C'baoth.

O Mestre Jedi não se moveu; de súbito, Mara sentiu uma espécie de tensão no ar ao seu redor.

— Ninguém aponta uma arma para mim com impunidade — disse ele, com voz ameaçadora. — Você vai pagar caro pelo que fez hoje.

— Vou arriscar — respondeu Mara, recuando um passo para proteger as costas contra a fuselagem do asa-X. Acima e à sua esquerda, escutou o dróide murmurando para si mesmo. — Vai sair da frente e me deixar passar? Ou prefere da forma mais difícil?

C'baoth deu a impressão de estudá-la por um instante. Quando falou, foi em tom de quem conversasse:

— Eu poderia destruir você, sabia? Bem aí onde está, antes que percebesse de onde veio o ataque. Mas não vou fazer isto. Ainda não. Venho sentindo sua presença através dos anos, Mara Jade. Senti as oscilações em seu poder depois que o Imperador morreu e tirou a maior parte da sua energia. Ultimamente tenho visto você em minhas meditações. Algum dia você virá até mim, por sua livre vontade.

.— Aceito esse risco, também — respondeu Mara.

— Você não está acreditando em mim, jovem. Mas isso virá com o tempo. O futuro está preparado, minha pseudojedi, assim como seu destino. Algum dia vai se ajoelhar à minha frente. Previ isso.

— Eu não confiaria nessas premonições Jedi, se fosse você. O Imperador fazia isso muito bem e no fim não fez diferença nenhuma...

Relanceou os olhos além de C'baoth, imaginando o que faria se gritasse o nome de Skywalker.

— Talvez seja mais esperto que o Imperador — respondeu o Mestre Jedi. Depois, virou o rosto e alterou o tom de voz. — Eu falei para ir dormir!

— Disse mesmo — confirmou uma voz conhecida.

A figura de Luke emergiu das sombras do castelo para o quintal.

— Então o que está fazendo aqui?

— Senti um perturbação na Força — declarou o jovem Jedi, caminhando

com os olhos fitos em Mara. — Como se houvesse uma batalha por perto. Oi, Mara.

— Skywalker — cumprimentou ela, só então se dando conta da enormidade de sua tarefa.

Ela, que havia prometido matá-lo, agora precisava convencê-lo que era mais digna de confiança do que um Mestre Jedi.

— Você não está apontando a arma para a pessoa errada? Pensei que era atrás de mim que viria — disse Luke.

— Não vim aqui para matar você — respondeu lembrando-se de que estava com a arma apontada para C'baoth. — Karrde foi preso pelo Império. Preciso de sua ajuda para libertá-lo.

— Certo. O que aconteceu aqui, Mestre C'baoth?

— O que importa? A despeito do que acabou de dizer, veio para destruir você. Preferia que não a tivesse impedido?

— Skywalker... — começou Mara, interrompendo-se a um gesto do jovem Jedi, ainda com os olhos fitos em C'baoth.

— Ela o atacou? Ou o ameaçou de alguma forma?

Mara observou C'baoth e sentiu um arrepio descer pela espinha. A confiança anterior desaparecera do rosto do velho Mestre Jedi. Em seu lugar havia algo frio e letal. Não dirigido contra ela, mas contra Skywalker.

De repente, compreendeu. Skywalker não precisaria ser convencido da traição de C'baoth. De alguma forma, ele já sabia.

— O que importa quais foram as ações dela? O que interessa é que é um exemplo vivo do perigo contra o qual eu o aviso desde sua chegada. O perigo que todos os Jedi enfrentam, numa Galáxia que os odeia e teme.

— Não, Mestre C'baoth — afirmou Luke, com suavidade. — Certamente deve entender que os meios são tão importantes quanto os fins. Um Jedi usa a Força para aprender e defender-se, nunca para atacar.

— Isso não passa de uma parábola para simplórios. Ou para aqueles sem condições de tomarem as próprias decisões — retrucou C'baoth. — Estou além dessas coisas, Jedi Skywalker. Como você estará algum dia. *Se* resolver ficar.

Skywalker balançou a cabeça.

— Desculpe, mas não posso... — declarou ele, voltando-se na direção de Mara.

— Então você vira as costas para a Galáxia. Apenas com nossa força e liderança eles podem adquirir maturidade verdadeira. Sabe disso tão bem quanto eu.

— Mas você acabou de dizer que nos odeiam — argumentou Luke. — Como poderiam aceitar nossa liderança?

— Podemos recuperar a Galáxia, Luke. Juntos, você e eu poderemos conseguir. Sem a nossa presença, não há esperança. Nenhuma.

— Talvez consiga fazer isso sem você — intrometeu-se Mara, para tentar quebrar o encanto da voz de C'baoth.

Vira o mesmo tipo de coisa com o Imperador e confirmara o fato pelas pálpebras quase fechadas de Skywalker.

Pensando bem, estavam como seus olhos, ao aproximar-se de Jomark...

Afastando-se do asa-X, ela caminhou na direção de Skywalker. C'baoth fez um pequeno movimento, como se pretendesse impedi-la. Mara levantou o desintegrador e ele pareceu mudar de idéia.

Mesmo sem olhar, ela percebeu quando a zona de ausência da Força ao redor do ysalamiri atingiu Skywalker. Ele inalou forte, os ombros se endireitaram e assentiu para si mesmo, como se tivesse encontrado uma peça de quebra-cabeças.

— E assim que pretende salvar a Galáxia, Mestre C'baoth? Controlando os outros?

Repentinamente C'baoth atirou a cabeça para trás e gargalhou. Era a última reação que Mara esperava dele e a surpresa paralisou-lhe os músculos.

Naquela fração de segundo, o Mestre Jedi atacou.

Não passou de uma pequena pedra, porém veio do escuro, e atingiu com força a mão que empunhava a arma. O desintegrador saltou para algum lugar nas sombras e a dor deixou os dedos dormentes.

— Cuidado — avisou Mara, agachando-se e rastejando na direção da arma.

Uma segunda pedra zuniu próxima à sua orelha. Atrás dela escutou um silvo e de repente o solo ficou banhado por uma luz verde esbranquiçada.

— Fique atrás da nave — disse Skywalker, o sabre-laser de prontidão.

— Eu dou cobertura.

A lembrança de Myrkr passou pela mente de Mara; porém enquanto abria a boca para lembrar a ele quão inútil seria a defesa dele sem a Força, Luke avançou para além da influência do ysalamiri. A lâmina moveu-se com rapidez, e ela escutou um ruído duplo enquanto ele interceptava um par de pedras.

Ainda rindo, C'baoth levantou a mão e enviou uma série de faíscas azuladas na direção deles.

Skywalker moveu a arma e por um instante o verde da lâmina foi envolvido pela descarga azulada. Uma segunda carga passou por ele e desapareceu nos limites da zona de ação do ysalamiri. Uma terceira enrolou- se no cabo do sabre-laser.

A mão de Mara tocou uma superfície metálica: o desintegrador.

Empunhando-o, girou para apontar na direção de C’baoth.

E todo o cenário deu a impressão de explodir com um disparo de canhão laser.

Esquecera-se do dróide no asa-X. Aparentemente o Mestre Jedi também se esquecera.

— Skywalker? — chamou ela, piscando para ver se enxergava alguma coisa. — Onde está você?

— Aqui, ao lado de C’baoth. Ele ainda está vivo.

— Podemos resolver esse problema — respondeu Mara, franzindo o nariz ao sentir o cheiro de ozone pairando no ar.

C’baoth estava deitado de costas, inconsciente, mas com a respiração regular.

— Ele não ficou ao menos chamuscado — espantou-se ela. — Que coisa impressionante.

— Artoo não atirou para matar. Provavelmente foi o choque sônico que o fez desmaiar — explicou Luke.

— Ou então a onda de concussão — sugeriu ela, apontando a arma. — Afaste-se um pouco e resolvo o assunto.

Skywalker olhou para cima, na direção dela.

— Nós não vamos matá-lo. Pelo menos, não desse jeito.

— Prefere esperar que acorde e reaja?

— Não há necessidade de matá-lo — insistiu Skywalker. — Podemos estar longe de Jomark quando acordar.

— Não se deixa um inimigo vivo para trás. Não se você deseja sobreviver.

— Ele não é necessariamente um inimigo, Mara. Está doente. Talvez possa ser curado.

— Diz isso porque não escutou o jeito dele falar antes de você aparecer — argumentou ela. — Ele está louco, mas não se trata apenas disso. Agora ele está muito mais forte, e mais perigoso... falava do mesmo jeito que o Imperador e Darth Vader.

— Vader também penetrou muito no lado escuro da Força, mas foi capaz de voltar. Talvez C’baoth possa fazer o mesmo.

— Eu não apostaria nisso, se fosse você. Mas lembre que se estiver errado, recebe uma facada pelas costas — lembrou Mara.

Não tinha vontade de discutir, pois precisava da ajuda de Skywalker. O melhor seria fazer-lhe a vontade.

— Sei disso — respondeu ele, olhando mais uma vez para o Mestre Jedi caído, depois para Mara. — Você disse que Karrde precisa de ajuda?

Ela ficou feliz com a mudança de assunto, pois a menção de Vader e do

Imperador trouxera de volta a lembrança do sonho.

— É isso mesmo. O Grande Almirante armou uma cilada e o prendeu no *Quimera*. Preciso de sua ajuda para tirá-lo de lá.

Mara preparou-se para as negociações, barganhas e discussões que com certeza surgiriam, porém ele simplesmente levantou-se e olhou para ela.

— Muito bem. Vamos indo.

Depois de fazer um último protesto eletrônico, Artoo partiu; e com a oscilação de costume, o asa-X entrou no hiperespaço.

— Ele não gostou nem um pouco desse arranjo — comentou Luke, desligando o comunicador do Skipray. — Mas acho que eu o convenci a ir direto para casa.

— E melhor que tenha mesmo se convencido — lembrou Mara, do assento do piloto, com os olhos nos monitores. — Entrar num centro de abastecimento do Império já vai ser difícil o suficiente sem a escolta de um caça asa-X da Nova República.

Luke olhou para o lado, perguntando a si mesmo se entrar no Skipray com ela fora uma atitude inteligente. Mara colocara o ysalamiri na traseira da nave e ele conseguia sentir o ódio que lhe dedicava logo abaixo da consciência, como um fogo enterrado. Evocava lembranças desagradáveis do Imperador, o homem que fora o mestre de Mara; aquilo poderia ser um truque elaborado para atraí-lo a uma morte certa.

No entanto, o ódio parecia sob controle, e não havia nenhuma intenção maldosa que ele pudesse detectar.

Por outro lado, também não percebera nenhuma maldade em C’baoth, até que fosse tarde demais.

Voltou-se no assento, sentindo que corava ao lembrar como fora uma presa fácil para C’baoth. Mas nem tudo fora preparado pelo Mestre Jedi. As instabilidades emocionais eram genuínas... disso estava convencido. E mesmo que essas instabilidades não tivessem a intensidade da loucura à qual Mara se referira, certamente o qualificavam como doente.

E se o que ela dissera sobre C’baoth trabalhar para o Império fosse verdade...

Luke estremeceu. *Vou ensiná-la a obter tanto poder que você não consegue imaginar,* dissera C’baoth sobre Leia. As palavras haviam sido diferentes daquelas pronunciados por Vader em Endor, mas a essência maléfica era a mesma. O que quer que C’baoth tivesse sido, não havia dúvida na mente de Luke que ele agora movia-se pelo lado escuro da Força.

Ainda assim, Luke fora capaz de ajudar Vader a retornar pelo mesmo caminho. Seria razoável imaginar que poderia realizar o mesmo com C’baoth?

Procurou esquecer o assunto, pois, fosse como fosse, se o destino de C'baoth estivesse ligado ao dele, esse novo encontro permanecia no futuro. No momento, precisava concentrar-se na tarefa que estavam a ponto de realizar, deixando o futuro para a Força.

— Como o Grande Almirante encontrou Karrde? — perguntou ele a Mara.

Os lábios dela se apertaram, num movimento de auto-reprovação.

— Eles colocaram um emissor de sinais em minha nave. Sem saber, fui eu quem os levei até o esconderijo.

Luke assentiu, lembrando de quando salvaram Leia e escaparam da Estrela da Morte no *Millenium Falcon.*

— Já caí no mesmo truque. Foi assim que encontraram a base de Yavin.

— Considerando o que custou a eles, não acredito que tenha muitas queixas — comentou Mara, com sarcasmo.

— Acho que o Imperador não gostou nem um pouco.

— Não mesmo. Vader quase morreu por causa disso — disse ela, lidando com as próprias lembranças desagradáveis. Fixou as mãos de Luke.

— Foi por isso que perdeu a mão direita.

Luke flexionou os dedos artificiais da própria mão direita, sentindo o fantasma da dor que a lâmina do sabre-laser de Vader provocara ao cortar músculos, nervos e ossos. Chegou a lembrar um trecho de um ditado em Tatooine, sobre a passagem do mal de uma geração para outra...

—Qual é seu plano? — indagou, para mudar de assunto.

Mara suspirou, antes de responder.

—Karrde está detido no *Quimera*, o destróier do Grande Almirante. De acordo com o plano de vôo, devem apanhar suprimentos no sistema Wistril, daqui a quatro dias. Se corrermos, devemos chegar lá algumas horas antes deles. Vamos abandonar o Skipray, capturar uma das naves de carga, e subir para o destróier como se fôssemos um deles.

Luke pensou um pouco. Parecia difícil, mas não chegava a ser impossível.

— O que acontece depois que subirmos a bordo?

— O procedimento padrão do Império é manter todas as tripulações das naves de carga a bordo enquanto os homens do *Quimera* descarregam — explicou Mara. — Pelo menos funcionava assim há cinco anos. Isso significa que precisamos arrumar uma forma de deixar a nave sem sermos percebidos.

— Parece arriscado — comentou Luke, balançando a cabeça. — Vai ser difícil fazer isto sem atrair atenção.

— Tem alguma idéia melhor?

— Ainda não. Mas temos quatro dias para pensar no assunto. Vamos descobrir uma forma de melhorar o plano.

22

Mara desligou os repulsorlifts. Com um baque metálico, a nave de carga tocou o convés do hangar de carga do *Quimera.*

— Transporte trinta e sete acoplado — anunciou Luke, ao comunicador.

— Aguardando ordens.

— Confirmado, Transporte trinta e sete. Desligue todos os sistemas e prepare-se para a operação de descarga — avisou a voz do controlador.

— Certo.

Luke ia fechar o canal de comunicação, mas Mara impediu-o com um gesto.

— Controle, essa é minha primeira viagem de carga — disse ela, com o tom adequado de curiosidade na voz. — Quanto tempo vamos demorar para ir embora?

— Sugiro que fiquem confortáveis — respondeu o controlador. — Vamos descarregar tudo antes que possam partir. Umas duas horas, mais ou menos.

— Puxa! — exclamou Mara, surpresa. — Obrigada. Acho que vou tirar uma soneca.

Ela desligou o canal de comunicação, abriu o cinto e levantou-se.

— Ótimo. Isso nos dá tempo suficiente para ir até o centro de detenção e voltar.

— Vamos esperar que não tenham transferido Karrde para algum planeta — comentou Luke, seguindo-a até a traseira da cabine de comando, depois pela escada em espiral que levava até o porão de carga.

— Não. O único perigo é que já tenha sofrido o tratamento completo — lembrou Mara.

Luke franziu a testa.

— Tratamento completo?

— Um interrogatório completo, com dróides — esclareceu ela, atingindo o centro do porão e olhando ao redor. — Acho que aqui está bom., fora da vista de algum curioso e não deve passar nada vital por baixo.

— Certo — aquiesceu Luke, acionando seu sabre-laser. Com cuidado, começou a cortar um orifício no assoalho. Já havia quase terminado quando uma faísca brilhante surgiu, e as luzes do porão de carga se apagaram. Mara praguejou.

— Tudo bem — garantiu ele. — A lâmina do sabre fornece luz suficiente.

— Estou mais preocupada com o que possam ter visto lá de fora, no

hangar — disse ela. — Não temos desculpa nenhuma.

Luke fez uma pausa e utilizou a Força para estudar os arredores.

— Ninguém por perto percebeu nada de anormal.

— Vamos esperar que sim. Termine logo.

Foi o que ele fez. Um minuto mais tarde, com a ajuda de um guindaste magnético, ambos haviam retirado a parte cortada. Alguns centímetros abaixo estava o convés do destróier, iluminado pelo luz verde e fantasmagórica da lâmina do sabre. Mara baixou a ponta do guindaste até lá, prendendo-o ao convés do destróier; Luke deitou-se de bruços, esticando os braços para baixo. Antes de começar a cortar, estendeu novamente seus sentidos Jedi para examinar o corredor abaixo deles.

— Não esqueça de cortar em ângulo — recomendou Mara, enquanto a luz esverdeada mergulhava no metal abaixo. — Um buraco no teto seria óbvio demais para qualquer um.

Luke assentiu e terminou o corte. Mara estava pronta, e enquanto ele recolhia a lâmina do sabre-laser, ela suspendeu o grosso pedaço de metal até o porão da nave cargueira, onde estavam. Quando atingiu a altura de um metro, desligou o motor.

— Aqui está bom — declarou Mara, empunhando o desintegrados Baixou o corpo pelo orifício e saltou para o convés inferior. — Tudo bem por aqui. Ninguém à vista.

Luke sentou-se na borda ainda quente e fitou o controle do guindaste. Saltou, acionando o mecanismo com a Força.

O assoalho estava mais distante do que imaginara a princípio, porém seu treino Jedi absorveu o impacto sem problemas. Recuperando o equilíbrio, ele olhou para cima a tempo de ver a secção do teto encaixar-se perfeitamente no orifício.

— Ficou ótimo — comentou Mara. — Acho que ninguém vai perceber.

— A menos que olhem direto para cima. Para que lado fica o centro de detenção?

— Para lá — disse Mara, apontando para a esquerda. — Mas não vamos conseguir até chegar lá com essas roupas. Venha.

Ela tomou a dianteira até o final do corredor, depois virou para outro, mais largo. Luke manteve os sentidos alerta, mas só ocasionalmente detectou tripulantes.

— É bem sossegado por aqui — comentou ele.

— Não vai durar muito. Essa é a área de suprimentos, e a maior parte dos que trabalham aqui estão ajudando a descarregar no andar de cima — explicou Mara. — Mas precisamos de uniformes ou macacões para poder avançar mais.

Luke lembrou da primeira vez em que se fantasiara como soldado do Império.

— Certo, mas vamos evitar as armaduras dos soldados das tropas de assalto. E difícil enxergar com aqueles capacetes.

— Não sabia que os Jedi precisavam usar os olhos — comentou Mara, com um sorriso. — Cuidado. Estamos aqui. Para a frente são alojamentos de tripulantes.

Luke já sentira o aumento do número de presenças humanas.

— Não acho que possamos passar por tanta gente assim.

— Não era o que eu pretendia — declarou ela, virando à direita para um corredor menor. — Deve haver algumas salas de prontidão para pilotos de TIE nessa ala. Vamos ver se encontramos alguma vazia, para entrar e pegar dois macacões de vôo.

Porém, se o Império era descuidado a ponto de não deixar ninguém de guarda na secção de suprimentos, o mesmo não acontecia em relação às salas de pilotos. Havia seis deles reunidos ao redor do turboelevador ao final do corredor; e pelos rumores no interior das salas, percebia-se que todas estavam ocupadas.

— E agora? — indagou Luke.

— O que acha? E só me dizer qual sala tem menos pilotos, que eu faço o resto.

— Espere um pouco — pediu ele, tentando pensar.

Não desejava matar os homens à sangue frio; da mesma forma, não pretendia colocar a si mesmo na situação de perigo que enfrentara durante a operação em Nkllon, na empresa mineradora de Lando. Lá, utilizara a Força para confundir os caças atacantes, mas ao custo de aproximar-se perigosamente do lado escuro da Força. Não se tratava de uma experiência que desejasse repetir.

Porém se pudesse tocar de leve as mentes dos homens do Império, ao invés de entrar e comandá-las...

— Vamos tentar esta aqui — disse ele, apontando uma sala cujo interior só abrigava três homens. — Mas não vamos entrar atacando. Acho que consigo suprimir a curiosidade deles o suficiente para poder entrar, apanhar os macacões, e sair.

— E se não conseguir? A gente perde toda a surpresa.

— Vai funcionar — assegurou Luke. — Pode ter certeza.

O olhar de Mara fuzilava, mas ela fez um gesto em direção à porta. Alinhando a mente com a Força, moveu-se para atravessar. O painel deslizou à sua aproximação, e Luke entrou na sala.

De fato, havia três homens no interior, agrupados à mesa de monitores, no meio do aposento. Dois deles trajavam uniforme marrom de tripulante e o

terceiro usava um uniforme negro e o capacete brilhante de soldado da Frota. Os três olharam na direção do painel e Luke captou-lhes o interesse demonstrado pelo recém-chegado. Projetando a Força, o Jedi tocou-lhes a mente com suavidade, afastando a curiosidade. Os dois tripulantes deram a impressão de medi-lo com o olhar, depois perderam o interesse, ignorando- o; o soldado continuou a vigiar. Tentando parecer tão casual quanto possível, Luke avançou até o armário de macacões e apanhou três deles, reparando que as conversas continuavam. Colocou os três sobre o braço e caminhou para fora da sala. o painel deslizou por trás dele.

— Bem?

— Pode ir vestindo — disse Luke, estendendo um dos trajes. — Quero ver se anulo a curiosidade deles por mais alguns minutos. Até esquecerem que estive aí dentro.

Mara concordou com um gesto de cabeça e começou a vestir o macacão por sobre a roupa.

— Um truque muito útil.

— Funcionou bem desta vez, pelo menos — concordou Luke. Com cuidado, retirou a influência mental dos homens na sala de prontidão, aguardando alguma emoção que o desmascarasse. Porém não houve nenhuma reação, a não ser o prosseguimento da conversa.

O truque funcionara mesmo.

Mara aguardava, vestida, ao lado do turboelevador quando ele se voltou.

— Venha cá, venha cá... — chamava ela, impaciente. — Você pode se trocar aqui.

— Espero que não entre ninguém enquanto eu estiver me vestindo. Seria meio difícil de explicar.

— Ninguém vai entrar — assegurou ela. — Eu regulei para o carro não parar. Ainda quer continuar com o plano?

— Não acho que a gente tenha muita escolha — respondeu ele, começando a enfiar o macacão. — Han e eu tentamos uma aproximação frontal, na Estrela da Morte. Não foi exatamente um sucesso.

— E verdade, mas você não teve acesso ao computador. Se eu puder alterar os registros e ordens de transferência, devemos conseguir tirá-lo antes que percebam qualquer coisa.

— Mas ainda assim a gente iria deixar testemunhas para trás que saberiam que saiu. Se qualquer um deles resolver verificar a ordem verbalmente, tudo pode ir por água abaixo. E não acho que o truque que usei funcionaria no centro de detenção... os soldados por lá estão sempre em alerta.

— Certo. Não parece muito divertido, mas se é o que quer, vamos lá.

O centro de detenção ficava na traseira do destróier, alguns conveses abaixo dos controles de comando e sistemas, diretamente abaixo da Engenharia e dos enormes motores da belonave. *O* turboelevador mudou de direção várias vezes ao longo do caminho, alternando entre movimentos verticais e horizontais. A rota pareceu a Luke bastante complicada, e Luke chegou a pensar que Mara poderia estar armando uma cilada para ele. Depois raciocinou melhor e imaginou que teria deliberadamente complicado o caminho para dificultar o rastreamento pelos sensores internos do *Quimera*.

Finalmente o turboelevador parou e a porta abriu-se. Saíram para um grande corredor, com um punhado de tripulantes em uniforme de manutenção, cuidando de seus afazeres.

— A porta de acesso fica para aquele lado — murmurou Mara, gesticulando. — Vou dar três minutos a você.

Luke assentiu e prosseguiu, procurando caminhar como se trabalhasse ali. Suas pegadas ecoaram no convés metálico, trazendo-lhe lembranças da quase desastrosa visita à primeira Estrela da Morte.

Porém naquela época ele não passava de um garoto, ofuscado por visões de glória e heroísmo e ingênuo demais para compreender os perigos mortais que sempre acompanhavam essas empreitadas. Agora, mais velho e experiente, sabia exatamente o que estava fazendo.

Não obstante, repetia tudo da mesma forma. Perguntou-se se isto o tornava menos atirado do que na época ou mais imprudente ainda.

Atingiu a porta e parou um instante, fingindo estudar uma prancheta de leitura que encontrara num dos bolsos do macacão, até que o corredor ficasse deserto. Então, respirando profundamente, abriu a porta e entrou.

Mesmo segurando o fôlego, o mau cheiro atingiu-o como uma bofetada. Sejam quais possam ter sido os melhoramentos introduzidos pelo Imperador nos últimos anos, o lixo da nave continuava cheirando tão mal quanto antes.

Deixou que a porta se fechasse atrás dele, ouvindo a seguir o fecho interno trancando o mecanismo. Fizera as coisas da forma arriscada; Mara acionara o mecanismo de compressão. Respirando pela boca, esperou... no momento seguinte, com ruídos que indicavam hidráulica pesada, as paredes começaram a mover-se lentamente na direção uma da outra.

Luke engoliu em seco, empunhando firmemente o sabre-laser enquanto tentava manter-se no topo da pilha de lixo e equipamento estragado que agora se remexia a seus pés. Entrar no centro de detenção daquela forma fora sua idéia, e tivera que conversar um bocado com Mara para convencê-la. Porém, agora que o momento chegara, não parecia mais uma boa idéia. Se ela não conseguisse controlar o movimento... ou se fosse interrompida naquele instante...

Ou se deixasse por alguns segundos de controlar seu ódio...

As paredes aproximaram-se, trazendo tudo o que estava entre elas. Luke esforçava-se para manter-se em pé, consciente de que se ela pretendesse traí- lo, ele só saberia quando já fosse muito tarde para salvar-se. As paredes do compressor eram grossas demais para serem cortadas pela lâmina do sabre- laser, e a massa de lixo já o afastara em demasia da porta para escapar por ali. Escutando o estalar dos metais e plásticos arrebentando, Luke observou o espaço entre as paredes diminuir até dois metros... depois um e meio... depois um.

Pararam a menos de um metro uma da outra.

Luke respirou, sem reparar no mau cheiro. Mara não o traíra, e fizera com perfeição sua parte. Agora era sua vez. Movendo-se pelo alto da pilha até o outro lado da câmara, juntou os pés e saltou.

O apoio era instável, as paredes da prensa de lixo altas demais e mesmo utilizando sentidos Jedi, ele só atingiu metade da altura necessária. Ao atingir a altura máxima, Luke estendeu os braços e as pernas, instalando-se no apoio proporcionado pelas duas paredes da prensa. Recuperou-se por um instante, depois prosseguiu para cima.

Não foi tão difícil quanto imaginara. Quando rapaz, em Tatooine, fizera suas escaladas em chaminés rochosas pelo menos uma dúzia de vezes, embora jamais tivesse demonstrado entusiasmo excessivo pelo esporte. A parede metálica oferecia menor número de pontos de apoio, mas em compensação a ausência de saliências e superfícies ásperas não lhe machucava as costas. Em dois minutos, Luke atingiu o topo das paredes do compactador e penetrou no túnel de manutenção que o levaria, de acordo com os cálculos que fizeram, até o centro de detenção. Se Mara calculara bem o horário, ele ainda tinha cerca de cinco minutos antes que o turno da guarda fosse trocado. Cerrando os dentes, ele penetrou ainda mais pelo tubo, já respirando ar fresco.

Conseguiu o que pretendia bem a tempo de descobrir que a estimativa de Mara estava correta. Através da grade que protegia a saída do tubo, pôde escutar o som de conversas dos guardas e certa movimentação para os lados da sala de controle, mais o silvo característico dos painéis deslizando. O turno de guarda estava sendo trocado; isso significava que nos próximos dois minutos ambos os turnos permaneceriam na sala de controle. Tempo suficiente, se ele fosse rápido, para fugir com o prisioneiro bem embaixo dos narizes dos guardas.

Segurando a grade com uma das mãos, liberou com a outra a lâmina luminosa do sabre-laser. Tentando fazer com que a ponta não aparecesse do outro lado, cortou a porção central da grade. Utilizou um gancho encontrado em seu traje de vôo para prender a parte cortada à moldura, e passou para o corredor.

Ambos os lados estavam desertos. Luke olhou para a cela mais próxima a

fim de orientar-se, e partiu em busca do número fornecido por Mara. A conversa na sala de controle parecia estar diminuindo, o que significava que em poucos instantes o novo turno estaria chegando para assumir seus postos nos corredores. Com os sentidos alerta, Luke parou em frente à cela indicada, e acionou o fecho, esperando ter tido a informação certa.

Talon Karrde levantou os olhos da enxerga onde se encontrava, com um sorriso sardônico no rosto. Seus olhos fixaram-se no rosto acima da túnica, e de repente o sorriso desapareceu.

— Não acredito!

— Nem eu — respondeu Luke, olhando ao redor. — Está em condições de sair?

— Estou pronto, e em condições — afirmou Karrde, levantando-se e caminhando na direção da porta. — Por sorte, ainda estão tentando me amolecer. Falta de sono, comida... acho que você conhece a rotina.

— Já ouvi falar — respondeu Luke, olhando para os dois lados do corredor. — A saída é por aqui. Venha.

Caminharam sem incidentes até a grade. Quando Karrde viu Luke enfiar-se no buraco, com os pés primeiro, assustou-se.

— Você está brincando, claro.

— O outro caminho está cheio de guardas — lembrou Luke.

— Certo — concordou o contrabandista, olhando para baixo.

— Acredito que pedir uma corda seria demais.

— Desculpe. Mas o único lugar para prender uma corda seria a grade, e eles iriam descobrir logo. Você não tem medo de altura, tem?

— De altura, não; só de cair.

Karrde entrava no tubo, agarrando a grade arrebentada.

— Vamos até a prensa de lixo, lá embaixo — disse Luke. — Já entrou numa chaminé antes?

— Não, mas aprendo rápido — respondeu Karrde, imitando a posição de Luke. — Presumo que você queira essa grade de volta ao lugar. Se bem que eu acho que não vai enganar ninguém que olhe de perto.

— Com um pouco de sorte, estaremos de volta ao hangar antes que isso aconteça. Vamos indo. Devagar e sempre.

Conseguiram descer pelo tubo sem nenhum acidente grave.

— Esse é o lado do Império que os turistas nunca vêem — comentou o contrabandista ao chegar no meio do lixo. — Como saímos daqui?

— A porta fica mais ou menos por aqui, embaixo do lixo — apontou Luke. — Mara deve abrir as paredes da prensa daqui a dois minutos para que a gente saia.

— Ah... Mara está aqui?

— Ela me contou durante a viagem que você foi capturado — disse Luke, tentando perceber os sentimentos do outro. — Contou também que ela não sabia da armadilha.

— Tenho certeza que não. Mesmo que eu não tivesse outro motivo, meus interrogadores não pararam de dizer que fui traído por ela. Óbvio demais para ser verdade. O que ela prometeu a você para me ajudar?

— Nada. Ela só me lembrou que eu devia um favor a você por não ter me entregado aos homens do Império, em Myrkr.

Karrde sorriu.

— E verdade. Ela também não disse por que o Grande Almirante queria falar comigo?

Luke olhou para o companheiro, que o observava atentamente, percebeu que o contrabandista escondia alguma coisa dele.

— Presumi que tenha sido uma vingança por ter me deixado escapar. E mais do que isso?

Karrde desviou os olhos.

— Vamos dizer que se conseguirmos sair daqui, a Nova República tem muito a ganhar...

Sua última palavra foi cortada por um ruído metálico. As paredes do compressor de lixo começavam a afastar-se. Luke ajudou Karrde a equilibrar-se enquanto esperavam que a porta ficasse desobstruída. Projetou seus sentidos para o corredor lá fora, identificando alguns transeuntes, mas nenhum com sentido de suspeita ou desconfiança.

— Mara está fazendo tudo isso? — indagou Karrde. Luke concordou com um gesto de cabeça.

— Ela tem o código de acesso do computador principal.

— Que interessante. Presumo que ela tenha tido boas relações com o Império. Devia ocupar um lugar mais importante do que eu suspeitava.

— E verdade — respondeu Luke, com discrição, lembrando das revelações dela na selva de Myrkr.

As paredes atingiram suas posições originais e pararam. Um segundo depois, escutaram a tranca abrindo-se. Luke aguardou até que o corredor estivesse vazio, e abriu o painel. Um par de técnicos em manutenção, na outra extremidade, olharam sem curiosidade para os recém-chegados; Luke puxou a prancheta do bolso e fingiu digitar algo. Karrde agiu de acordo, ficando a seu lado e falando um bocado de jargão técnico, como se o outro preenchesse um relatório imaginário. Deixando a porta fechada, o Jedi enfiou a prancheta de leitura no bolso e seguiu pelo corredor.

Mara aguardava à porta do turboelevador, com o terceiro macacão dobrado sobre o braço.

— Vamos logo — pediu ela, cruzando o olhar com o de Karrde.

— Ele sabe que você não o traiu — adiantou Luke.

— Não perguntei nada — resmungou ela, atirando o traje para Karrde.

— Vista sua fantasia.

— Obrigado. Para onde vamos agora?

— Viemos até aqui numa nave de carga. Skywalker cortou uma saída por baixo do casco, e do convés de carga. Teremos o tempo exato para pressurizar outra vez o casco antes de decolarmos.

O turboelevador parou quando Karrde estava ajustando as correias de seu macacão. A porta abriu-se e viram dois técnicos em frente a um painel, sobre uma mesa flutuadora, que ocupava a maior parte do aposento.

— Para onde vão? — indagou ele, no tom de quem tem coisas mais importantes a fazer.

— Sala de prontidão para pilotos, trinta e três, barra, cento e vinte e nove, T — respondeu Mara, no mesmo tom mal-humorado.

O técnico digitou o destino no painel, e a porta cerrou-se outra vez. Luke respirou fundo, sossegado pela primeira vez desde que Mara pousara o Skipray em Wistril, cinco horas atrás. Mais dez ou quinze minutos e estariam a salvo no transporte.

Contra todas as possibilidades, haviam conseguido.

O relatório provisório do hangar de carga chegou e Pellaeon parou de controlar o teste do sistema defletor na ponte de comando para examiná-lo. Ficou contente: a descarga de suprimentos estava ocorrendo oito minutos antes do previsto. Nesse passo, o *Quimera* seria capaz de encontrar o *Tempestade* a tempo de emboscar o comboio rebelde que se reunia em Corfai. Assinou o relatório e arquivou-o; já voltara a atenção para sua tarefa anterior quando escutou um passo atrás de si.

— Boa noite, capitão — cumprimentou Thrawn, aproximando-se por trás de Pellaeon.

— Boa noite, Grande Almirante — respondeu o capitão, voltando-se para o superior. — Pensei que já tivesse se recolhido para dormir, senhor.

— Estava em minha sala de comando. Pensei que seria bom dar mais uma olhada nos sistemas da nave, antes de me recolher. Está verificando o defletor?

— Sim, senhor. Até agora nenhum problema. A descarga de suprimentos no hangar de carga está oito minutos adiantada.

— Ótimo. Alguma novidade da patrulha em Endor?

— Só um adendo ao relatório enviado, senhor. Confirmaram a identidade

da nave apanhada entrando no sistema. Tratava-se mesmo de um contrabandista tentando chegar às ruínas da base do Império em Endor. Continuam a investigar a tripulação.

— Lembre a eles para realizarem uma verificação completa antes de liberar a nave — recomendou Thrawn. — Organa Solo não pode ter simplesmente abandonado o *Millenium Falcon* em órbita. Mais cedo ou mais tarde ela vai voltar... e quando isso acontecer, quero apanhá-la.

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, certo de que o comandante da equipe não precisava de nenhum lembrete. — Falando sobre o *Millenium Falcon*, o senhor já decidiu se continuamos com a varredura que estamos fazendo?

Thrawn sacudiu a cabeça.

— Duvido que obtenhamos alguma coisa com essa varredura. A equipe será melhor empregada nos próprios sistemas do *Quimera.* Mande transferir o *Millenium Falcon* para o depósito de naves até que encontremos algum uso para ele.

— Sim senhor. Ah, sim! Chegou um relatório estranho há alguns minutos. Uma patrulha de rotina no perímetro da base encontrou uma cápsula salva-vidas, talvez de um Skipray, embora não haja notícia de nenhum desastre local.

— Foi uma aterrissagem forçada?

— Sim, senhor — confirmou Pellaeon. — A parte de baixo estava em péssimo estado e o casco bastante chamuscado.

A imagem apareceu no monitor do capitão e Thrawn inclinou-se para observar melhor.

— Algum corpo?

— Não, senhor. O estranho sobre o caso é que a única coisa a bordo da cápsula era um ysalamiri.

Pellaeon percebeu que Thrawn enrijecera.

— Deixe ver.

O capitão digitou o comando apropriado e a imagem apareceu na tela, mostrando um ysalamiri numa moldura portátil.

— O suporte não é um dos nossos. Não fomos capazes de identificá-lo — afirmou Pellaeon.

— Somos capazes de identificar, sim. Como não? Faça soar o alarme de clandestinos a bordo — disse Thrawn.

O capitão olhou para seu superior cheio de surpresa, os dedos hesitando para encontrar o comando do alarme.

— Visitantes? — indagou ele, escutando as sirenes ao longe.

— Exatamente — confirmou o Grande Almirante, os olhos vermelhos brilhando com uma espécie de fogo interno. — Ordene uma verificação imediata na cela de Karrde. Se ele ainda estiver lá, quero que seja removido imediatamente, e colocado sob responsabilidade das tropas de assalto. Quero mais um esquadrão ao redor das naves de carga agora mesmo, e uma verificação completa das identidades dos pilotos. Depois... quero que desligue o computador principal do *Quimera*.

Os dedos de Pellaeon pararam de agitar-se no teclado.

— Desligar o...

— Cumpra suas ordens, capitão — interrompeu Thrawn.

— Sim, senhor.

Em todos os seus anos de serviço ao Império, nunca ouvira falar em desligar o computador principal, a não ser numa doca espacial. Fazer aquilo implicava em cegar e aleijar sua nave. Com intrusos a bordo, talvez de forma fatal.

— Concordo que vai dificultar nossas tarefas — justificou o Grande Almirante. — Mas também vai fazer o mesmo com nossos inimigos. Entenda, a única maneira de terem descoberto nosso curso e nossa parada para abastecimento é Mara Jade ter entrado no computador quando trouxemos Karrde a bordo.

— Isso é impossível — insistiu Pellaeon, piscando em frente aos monitores. — Qualquer código de acesso que ela possa ter sabido foi trocado há muitos anos.

— A menos que tenha utilizado códigos permanentes do sistema. Estabelecidos pelo Imperador para seu uso e de seus agentes. Jade sem dúvida deve estar contando com esse acesso para sua tentativa de salvamento — explicou Thrawn. — Portanto, vamos privá-la de sua fonte de informações.

Um soldado das tropas de assalto entrou na cabine.

— Sim?

— Mensagem da detenção. O prisioneiro Talon Karrde não se encontra na cela.

— Muito bem. Alerte todas as unidades para iniciarem uma busca em todas as áreas próximas à detenção e ao hangar de carga. Karrde deve ser capturado com vida... não necessariamente incólume, mas vivo. Quanto aos pseudo-salvadores, se possível, também os quero com vida. Se não for possível... serei compreensivo.

23

O uivo da sirene veio pelo alto-falante e alguns segundos mais tarde o turboelevador parou.

— Diabo! — reclamou um dos dois artilheiros no carro, pescando no bolso seu cartão de identificação. — Será que nunca se cansam de fazer exercícios lá na ponte de comando?

— Se continuar falando assim, vai se ver frente a frente com um soldado da tropas de assalto — avisou o segundo, olhando para Luke e seus companheiros. Depois avançou e colocou sua própria identidade no orifício apropriado, digitando a confirmação do código. — Era muito pior antes do Grande Almirante assumir. Afinal, o que você está querendo, que anunciem os exercícios de surpresa?

— Tudo isso é inútil, se quiser saber minha opinião — respondeu o primeiro, marcando seu código de identificação. — Quem esperam que venha a bordo? Uma turma de piratas?

Luke olhou em dúvida para Karrde, imaginando o que fazer. Porém Mara já estava se movendo entre os dois homens do Império, com um pequeno cartão na mão. Aproximou-o do terminal...

E bateu com o lado da mão aberta no lado do pescoço do primeiro homem.

A cabeça dele virou de lado e o corpo caiu sem emitir nenhum som. O segundo teve tempo suficiente para gaguejar algo antes que Mara o fizesse acompanhar o amigo.

— Vamos sair daqui — disse ela, enfiando os dedos na fresta onde a porta se encaixava ao carro cilíndrico. — Está trancada. Venha, Skywalker, venha me ajudar. Luke acionou o sabre-laser.

— Quanto tempo ainda temos? — perguntou ele, abrindo um orifício no centro da porta.

— Não muito. Os turboelevadores possuem sensores para detectar o número de passageiros. Teremos mais um minuto ou dois antes que faça o relatório sobre as verificações de identidade para o computador central. Preciso chegar a um terminal antes que a estação envie o relatório e mandem as tropas de assalto para verificar.

Luke terminou o corte e recolheu a lâmina do sabre-laser enquanto Karrde e Mara retiravam a parte cortada. Além estava a parede do túnel, não alinhada com a porta.

— Ótimo! Estávamos começando a girar quando cortaram a energia —

disse Mara. — Assim vamos ter espaço suficiente para entrar no túnel.

Ela foi à frente e os outros a seguiram. O tubo do turboelevador era retangular nos cruzamentos, com trilhos reluzentes nas paredes, no teto e embaixo. Luke sentiu os campos elétricos ao passar próximo aos trilhos, e tomou nota mentalmente para não encostar neles.

— Onde vamos? — murmurou ele, atrás de Mara.

— Até aqui — veio a resposta, quando ela parou em frente a uma escotilha com uma faixa vermelha em volta do batente. — E um túnel de acesso. Deve levar até um depósito de dróides de manutenção, onde deve ter um terminal.

O sabre-laser cuidou rapidamente do sistema de fecho da escotilha. Mara passou pela abertura, desaparecendo na escuridão do túnel. Luke e Karrde avançaram através de duas fileiras de dróides desativados, cada qual com um conjunto insólito de membros-ferramentas à mostra. Um pouco além, o túnel se transformava em uma pequena sala, onde, de acordo com o previsto, havia um terminal de computador, entre tubos e cabos de reposição. Mara já se debruçava sobre o teclado; quando Luke se aproximou, ela assumiu uma atitude de surpresa total.

— Que foi?

— Eles desligaram o computador central — afirmou ela, espantada. — Não retiraram o acesso, nem o deixaram com os circuitos aquecidos. Simplesmente desligaram.

— O Grande Almirante deve ter percebido que você entrou no computador — sugeriu Karrde, atrás de Luke. — E melhor irmos andando. Tem alguma idéia de onde estamos?

— Em algum lugar acima do hangar de carga — respondeu Mara. — Aqueles técnicos subiram no elevador na região central da nave e não chegamos a descer muito.

— Em cima do hangar de carga — repetiu o contrabandista, com ar pensativo. — Perto do depósito de naves, em outras palavras?

Mara franziu a testa.

— Está sugerindo que apanhemos uma nave lá?

— Por quê não? Provavelmente estão esperando que a gente tente ir até um dos hangares de carga e descarga. Não devem ter soldados patrulhando o depósito de naves.

— Em compensação, se tiverem, ficamos encurralados como sardinhas na rede quando chegarem as tropas de assalto — argumentou Mara. —

Tentando sair à bala do depósito de naves...

— Espere um pouco — interrompeu Luke, com um súbito sentimento de alarme. — Alguém está se aproximando.

Mara praguejou e atirou-se atrás do terminal, com o desintegrador apontado para a porta. Karrde, ainda desarmado, recuou para a escuridão do túnel, enfiando-se entre os dróides de manutenção. Luke pressionou o corpo contra a parede, com o sabre-laser pronto para ser acionado. Deixou que a Força fluísse por ele, preparando-se para a ação, escutando o escuro. Sentiu os soldados ao lado de fora e reconheceu que não havia forma sutil de tocar a mente deles para fazê-los desistir. Segurando firme o sabre-laser, aguardou...

De repente a porta se abriu e dois soldados das tropas de assalto entraram, com os rifles preparados para atirar. Luke levantou a arma para posição de luta, o polegar no controle que disparava a lâmina.

Do túnel onde Karrde se escondera, uma luz piscou, acompanhada de um ruído metálico.

Os soldados deram mais um passo para o interior, voltando-se cada um para um lado da porta, as armas apontando por reflexo na direção da luz desconhecida. Dois fuzileiros navais, de uniformes pretos, entraram atrás dos companheiros. Os primeiros soldados avistaram Mara abaixada atrás do terminal, e os rifles mudaram de direção.

Mara foi mais rápida. Seu desintegrador disparou quatro vezes, duas descargas para cada soldado. Os dois caíram ao chão, uma das armas disparando sem cessar, por um movimento reflexo do corpo já sem vida. Os dois fuzileiros procuraram proteção, disparando à esmo.

Um único golpe de sabre-laser cortou os dois ao meio.

Luke desligou a arma e enfiou a cabeça pela porta.

— Tudo limpo, agora — anunciou ele.

— Por enquanto, pelo menos — comentou Mara, colocando sua arma no coldre e apanhando dois dos rifles-laser. — Vamos!

Karrde esperava no túnel.

— Parece que os turboelevadores ainda não foram ativados — anunciou ele. — Deve ser seguro avançar pelo túnel mais algum tempo. Algum problema com os soldados?

— Não. A propósito, foi uma distração eficiente — comentou Mara, entregando-lhe uma das armas.

— Obrigado. Dróides de manutenção são muito úteis para se ter por perto. Depósito de naves?

— Depósito de naves É melhor que você razão desta vez — disse ela.

— Se eu não tiver, peço desculpas adiantado.

Devagar, via comunicadores e intercomunicadores, os relatórios começaram a chegar. Não eram alvissareiros.

— Nem sinal deles perto do centro de detenção — afirmou um

comandante das tropas de assalto. — Uma das grades foi cortada no corredor das celas. Deve ter acontecido durante a troca de guarda...

— Não interessa como fugiram — cortou Pellaeon. — Depois podemos encontrar os culpados. O importante agora é encontrar os fugitivos.

— Os esquadrões de busca estão procurando perto do alerta do turboelevador — informou o comandante, com ares de importância. — Até o momento não houve nenhum contato.

Thrawn, que estivera conversando com dois oficiais encarregados da comunicação com o hangar de carga, voltou-se para o capitão.

— Como foi cortada a grade no centro de detenção? — indagou ele ao comandante.

— Não tenho nenhuma informação sobre isso, senhor.

— Então consiga — cortou Thrawn. — Informe também aos esquadrões de busca que dois técnicos viram um homem com uniforme de piloto de caça perto da prensa de lixo. Avise os guardas nos hangares da popa.

— Sim, senhor.

Pellaeon olhou para o Grande Almirante.

— Não vejo porque seja importante a forma como fugiram com Karrde, senhor. Nosso tempo não seria melhor empregado tentando descobrir os fugitivos? — indagou ao superior.

— Está sugerindo que enviemos todos os soldados e as tropas de choque para os hangares de carga? — perguntou de volta Thrawn. — Devemos portanto presumir que nossos convidados não pretendem causar danos em outros lugares antes de tentarem escapar?

— Não, senhor — respondeu o capitão, sentindo o rosto avermelhar-se.

— Sei que precisamos proteger toda a nave. Só me pareceu que era uma questão com prioridade baixa.

— Tenha paciência, capitão — pediu o Grande Almirante. — E só um palpite que eu tive, mas...

— Grande Almirante! — interrompeu um dos oficiais. — O time de busca duzentos e sete, no convés noventa e oito, manda seu relatório.

Pellaeon digitou os controles apropriados, enquanto o outro continuava:

— Encontraram o grupo cento e dois, todos mortos. Dois foram mortos por disparos de desintegrador, e os outros dois... parece haver uma certa confusão quanto aos outros dois, senhor.

— Não há confusão — interveio Thrawn. — Diga a eles para procurarem cortes quase microscópicos, com cauterização parcial.

Pellaeon olhou para o superior. Havia um brilho selvagem nos olhos rubros.

— Cauterização parcial? — repetiu ele, estranhando a ordem. Thrawn continuava:

— Depois informe aos grupos de busca, que um dos intrusos é o Jedi Luke Skywalker.

— *Skywalker!* — exclamou Pellaeon, deixando cair o queixo. — Isto é impossível. Ele está em Jomark, com C'baoth.

— *Estava,* capitão. Agora está aqui — corrigiu o Grande Almirante, parecendo controlar sua raiva. — Obviamente nosso instável Mestre Jedi não conseguiu mantê-lo por lá, como disse que seria capaz de fazer. E eu diria agora que a fuga dele de Myrkr não foi uma decisão momentânea.

— O senhor acha que Karrde e a Rebelião têm colaborado entre si? — quis saber Pellaeon.

— Vamos descobrir isto logo. Rukh?

A figura silenciosa moveu-se para o lado de Thrawn.

— Sim, meu lorde?

— Reúna um esquadrão de não-combatentes e vá com eles apanhar todos os ysalamiri disponíveis na Engenharia e Controle de Sistemas. Depois leve tudo até os hangares de carga, e espalhe por lá. Como não temos o número suficiente, use seus instintos de caçador para distribuir os ysalamiri — instruiu o Grande Almirante. — Quanto mais pudermos anular os truques Jedi de Skywalker, menos problemas vai causar.

O noghri assentiu e dirigiu-se para a porta.

— Podíamos usar os ysalamiri da ponte de comando — sugeriu Pellaeon.

— Fique quieto um instante, capitão. Preciso pensar — anunciou Thrawn, o olhar dirigindo-se para o espaço exterior, e permanecendo em silêncio por alguns instantes. — Sim, acho que vão tentar se locomover sem serem percebidos por enquanto. Vão usar os túneis dos turboelevadores. Ordene ao controle dos turboelevadores que coloquem o sistema em operação, menos no intervalo trezentos e vinte e seis, entre o convés noventa e oito e os hangares de carga. Todos os carros nessa área devem mover-se até um entroncamento e parar ali, até ordem em contrário.

Um dos oficiais assentiu e começou a repetir a ordem através do comunicador.

— Está tentando conduzi-los ao hangar de carga? — perguntou Pellaeon.

— Estou tentando levá-los a uma direção determinada — anuiu Thrawn, a testa franzida em esforço, os olhos sem fitarem nenhum ponto em particular. — A questão é saber o que eles farão quando perceberem.

Podemos presumir que tentarão sair; mas em qual direção?

— Duvido que sejam tolos o suficiente para tentar voltar ao transporte no

qual vieram — raciocinou o capitão. — Minha previsão é que passem pelos hangares de carga e tentem chegar a uma das naves de assalto, na proa.

— Pode ser... — concordou o Grande Almirante. — Se Skywalker estivesse dirigindo a fuga, seria o mais provável. Mas se Karrde estiver dando as ordens...

Thrawn deixou a frase no ar, imergindo em pensamentos.

— Mande colocar mais soldados junto às naves de assalto — ordenou Pellaeon ao comandante das tropas. — E melhor colocar alguns homens no interior das naves, para o caso dos invasores conseguirem chegar lá.

— Não. Eles não vão tentar as naves de assalto se Karrde estiver no comando — manifestou-se o Grande Almirante. — Devem tentar alguma coisa menos óbvia. Talvez caças TIE, ou talvez retornem aos transportes, sabendo que não esperamos por isto...

De repente, Thrawn levantou a cabeça.

— O *Millenium Falcon!* Onde está?

Pellaeon levou a mão ao console, antes de perceber que o gesto era inútil.

— Mandei que fosse para o depósito de naves, senhor. Não sei se chegaram a cumprir a ordem.

Thrawn apontou o dedo para o comandante.

— Você. Mande alguém para o computador do depósito e encontre o *Millenium Falcon.* Depois leve um esquadrão até lá.

O Grande Almirante olhou para Pellaeon, sorrindo pela primeira vez desde que o alarme soara.

— Nós os pegamos, capitão.

Karrde afastou a parte do chicote de cabos que Luke cortara, e olhou pela abertura, com cuidado.

— Parece que não tem ninguém por perto — declarou por sobre o ombro. — Acho que podemos sair antes que venham.

— Se é que vêm — comentou Luke.

— Ah, eles vêm, sim — disse Mara. — Pode apostar. Se havia uma coisa em que Thrawn era melhor do que os outros, era para prever a estratégia do inimigo.

— Posso ver meia dúzia de naves daqui — informou Karrde.

— Naves não identificadas, provavelmente da Inteligência. Qualquer uma serviria.

— Tem alguma idéia de onde estamos? — quis saber Luke, tentando olhar por sobre o ombro do companheiro.

Havia um bocado de espaço entre as espaçonaves, além de uma enorme abertura no assoalho, provavelmente servindo ao elevador de espaçonaves.

Porém ao contrário do que observara na Estrela da Morte, este ficava abaixo de uma grande abertura no teto, talvez para permitir que as naves subissem mais um andar no interior do destróier estelar.

— Acho que estamos perto do fundo do depósito de naves — afirmou Karrde. — Um convés ou dois acima dos hangares de carga. A única dúvida é se o próprio guindaste estiver abaixo de nós, bloqueando o acesso ao hangar e à saída da nave.

— Então vamos entrar lá e descobrir. Esperar aqui não vai adiantar nada — opinou Mara, agitando seu desintegrador.

— Certo. Parece que estou ouvindo o mecanismo do elevador funcionando — alertou o contrabandista. — Mas são vagarosos e as naves fornecem uma boa cobertura. Skywalker?

Luke ligou novamente o sabre-laser e cortou um orifício suficiente para que passassem. Karrde foi à frente, seguido por Mara.

— O terminal do computador do depósito fica ali — disse ela, apontando um console à direita deles. — Assim que o elevador passar, vou ver se consigo acesso.

— Muito bem, mas não demore muito — avisou Karrde. —. Uma ordem de transferência não vai aumentar nossa vantagem da surpresa. Não vale a pena demorar muito.

O alto de uma nave começou a aparecer, vinda do andar de baixo. Uma nave estranhamente familiar... Luke sentiu o queixo cair, com a surpresa.

— É o... não pode ser!

— E ele mesmo — afirmou Mara. — Esqueci de dizer. O Grande Almirante mencionou o assunto quando estive com ele, em Endor.

Luke sentiu um frio no estômago enquanto o *Millenium Falcon* subia pelo elevador. Leia e Chewbacca estavam a bordo daquela nave...

— Ele disse alguma coisa sobre prisioneiros?

— Para mim, não. Fiquei com a impressão de que encontrou a nave abandonada.

Isso significava que estivessem onde estivessem Leia e Chewbacca, não podiam mais voltar. Porém não era um assunto vital, no momento.

— Vamos levar a nave de volta — disse Luke aos companheiros. — Me dêem cobertura.

— Skywalker — murmurou Mara, percebendo que já fora, e corria em direção à nave.

A plataforma do elevador entrara no campo de visão, deixando entrever dois homens em pé: um fuzileiro naval e um técnico, segurando uma volumosa unidade de controle. Ambos viram Luke aproximando-se.

— Ei! Esperem um pouco — gritou o Jedi, acenando para os dois.

O técnico digitou algo e o conjunto parou. Luke sentiu a suspeita imediata no fuzileiro.

— Tenho novas ordens para essa aí. O Grande Almirante quer que volte para baixo. Acho que pretende usar como isca, ou algo parecido.

O técnico franziu a testa e consultou seu monitor. Luke percebeu que era jovem, talvez com menos de vinte anos.

— Não estou vendo nada sobre essas novas ordens, aqui — declarou, incerto.

— Também não ouvi falar de nenhuma ordem nova — afirmou o fuzileiro, sacando a arma e apontando-a para o recém-chegado, enquanto passava os olhos pelo depósito.

— Acabou de chegar — explicou Luke, acenando em direção ao terminal. — Por algum motivo, as coisas estão chegando devagar, hoje.

— Não deixa de ser uma boa desculpa — respondeu o fuzileiro, firmando o desintegrador na mão. — Que tal me mostrar sua identidade?

Luke deu de ombros. Usando a Força, arrancou a arma das mãos do outro.

O fuzileiro não chegou a ficar sem ação. Lançou-se contra o intruso, as mãos estendidas para o pescoço de Luke.

O desintegrador, que vinha na direção do Jedi, mudou de sentido no ar e atingiu o atacante em pleno estômago, tirando-lhe o fôlego, e deixando-o estendido no chão.

— Eu fico com isto — disse Luke, acenando para que Karrde e Mara viessem até ele.

O jovem, com o rosto pálido, estendeu o controle do elevador para o invasor.

— Bom trabalho — aplaudiu Karrde, chegando ao lado do Jedi. Olhou para o técnico — Calma, ninguém vai machucá-lo... se você se comportar. Leve seu amigo para aquele armário de ferramentas e se tranque com ele lá dentro, sim?

O técnico olhou para ele, depois para Luke, e fez um sinal afirmativo. Apanhou o fuzileiro por debaixo dos braços, e arrastou-o para longe.

— Veja que fiquem bem trancados e depois venha me encontrar na nave — disse o contrabandista à Luke. — Vou aquecer os sistemas. Existe algum código de segurança que eu deva saber?

— Acho que não — respondeu o Jedi, olhando ao redor e localizando Mara, já ocupada com o terminal. — O *Falcon* já é bem difícil de funcionar bem sem nenhum código.

— Certo. Diga a Mara para não perder muito tempo com aquele

computador.

Karrde desapareceu pela rampa de acesso da nave. Luke esperou até que o técnico tivesse se trancado com o fuzileiro, depois seguiu o companheiro.

— Ela tem uma seqüência muito rápida de aquecimento — comentou Karrde, quando o Jedi reuniu-se a ele na cabine de comando. — Em dois ou três minutos, estaremos prontos para voar. O controle ainda está com você?

— Está aqui. Vou buscar Mara — anunciou Luke, entregando o controle e olhando para fora, na direção do terminal.

Nesse instante uma das portas deslizou, para dar passagem a um esquadrão de soldados das tropas de assalto.

— Essa não... — murmurou Karrde ao divisar as oito armaduras brancas marchando em direção ao *Falcon.* — Sabem que estamos aqui?

— Acho que não — respondeu Luke, depois de projetar seus sentidos Jedi sobre os soldados. — Parecem estar mais com disposição de guardas do que de soldados.

— Aqui provavelmente é muito barulhento para eles perceberem o zunido de aquecimento dos motores — comentou Karrde, abaixando-se para não ser visto pelo lado de fora. — Mara tinha razão sobre o Grande Almirante; só que estamos um passo à frente dele.

Um pensamento urgente veio à mente de Luke, que olhou para o lado de fora da cabine. Mara estava abaixada ao lado do pequeno terminal, por enquanto escondida da vista dos soldados.

Porém, seria avistada assim que se espalhassem o suficiente. Ela sabia disso e não era do tipo que costumava esperar. Se houvesse alguma forma de avisá-la para que não atirasse por enquanto...

Talvez houvesse.

Mara, chamou Luke mentalmente. *Espere até dar a ordem de atirar.*

Não houve resposta; mas a viu olhar para o *Falcon,* e apertar-se contra a parede.

— Vou até a porta — disse Luke a Karrde. — Vou tentar apanhá-los em fogo cruzado com a Mara. Fique fora da vista.

— Certo.

Mantendo-se abaixado, Luke correu pelo corredor da cabine. Chegou bem à tempo; ao aproximar-se da rampa, escutou os ruídos metálicos das botas ferradas. Pressentiu que quatro deles subiam e os outros quatro espalhavam-se do lado de fora. Mais um segundo e o veriam... um segundo depois notariam Mara. *Mara, agora!*

Imediatamente escutou os disparos da posição que ela ocupava, tão

simultâneos com sua ordem que Luke acreditou que atacaria com ou sem sua permissão. Acionando a lâmina do sabre-laser, saltou para a rampa, apanhando os inimigos ainda se virando para o lado dos disparos. Seu primeiro golpe cortou o cano do rifle do soldado mais próximo; com a Força, empurrou o homem contra os companheiros e todos caíram embolados sobre a plataforma do elevador. Pulando para fora da rampa, defendeu-se do disparo de um soldado e no mesmo movimento passou a lâmina através do atacante. Aparou meia dúzia de disparos antes que a pontaria de Mara abatesse o inimigo; descobriu a seguir, que ela cuidara dos outros dois.

Um movimento na Força fez com que se voltasse, para descobrir que o grupo caído na plataforma do elevador já se desembaraçara. Com um grito aterrorizante, Luke atacou-os, girando o sabre-laser por sobre a cabeça, esperando estar criando uma distração suficiente para que Mara acabasse com eles. Porém não foi o que aconteceu; com os disparos chovendo à sua volta, não teve muitas alternativas. A lâmina vibrou quatro golpes e tudo terminou.

Respirando pesadamente, Luke recolheu a lâmina... e só então percebeu porque Mara não pudera atirar. O elevador, levando a nave e os soldados, descia em direção ao andar de baixo, e ela não tivera ângulo para atirar.

— Mara! — gritou ele, olhando para cima.

— O quê? — berrou ela, colocando a cabeça sobre a borda, cinco metros acima. — O que Karrde está fazendo?

— Estamos saindo. Pode pular! Eu pego você.

Uma expressão de aborrecimento marcou o rosto de Mara. Mas não houve hesitação. O *Falcon* descia com rapidez, e ela atirou-se no espaço. Luke apanhou-a com a Força, suavizando a queda até que ela pousasse na rampa da nave. Ela já corria antes de tocar o chão e em três passadas atingiu o interior.

Quando Luke entrou na cabine de comando, depois de selar a entrada da nave, Mara estava sentada ao lado de Karrde.

— E melhor sentar e prender o cinto — aconselhou ela. Luke acomodou-se no assento atrás dela, reprimindo a vontade de ocupar o lugar do co-piloto ao invés dela. Conhecia o *Falcon* bem melhor do que os outros dois, porém tinham mais experiência em pilotar naves daquele porte em manobras críticas.

Pelo jeito, teriam condições perigosas pela frente. Através do aço transparente da cabine, Luke percebeu que não estavam num dos hangares de baixo como haviam suposto, e sim numa espécie de corredor enorme, equipado com o que parecia ser um par de repulsorlifts no convés.

— O que aconteceu com o computador? — perguntou ele.

— Não consegui acessar — explicou Mara. — De qualquer jeito, agora isso não tem a menor importância. Aqueles soldados já tiveram tempo suficiente

para dar o alarme. A menos que tenham lembrado de inutilizar os comunicadores — concluiu, olhando para Karrde.

— Calma, Mara. Claro que lembrei de interferir com os comunicadores deles — disse Karrde. — Só que, como provavelmente tinham ordens de avisar quando estivessem em posição, não temos mesmo muito tempo de vantagem. Alguns minutos, no máximo.

— E por ali que temos de sair? — Perguntou Luke, apontando o corredor. — Pensei que a gente ia descer até o hangar de saída.

— Esse elevador não vai até lá embaixo. Deve ter outro por aqui. Com certeza é aquele buraco iluminado lá adiante, no meio do corredor.

— E agora? — quis saber Luke.

— Vamos ver se este controle consegue operar aquele elevador — respondeu o contrabandista, lidando com o controle que recebera do técnico. Mas duvido. Nem que seja por segurança, eles devem...

— Olhem! — cortou Mara, apontando para o corredor à frente. Bem adiante havia outro elevador, movendo-se para baixo, em direção à abertura que Karrde apontara. Se de fato aquela era a saída para os hangares, e se o elevador parasse ali... bloquearia o caminho deles.

Karrde raciocinara da mesma forma. Repentinamente, Luke foi atirado de encontro a seu assento enquanto o *Falcon* se lançava para a frente como um animal selvagem em desabalada carreira, por um instante oscilou, chegando perigosamente perto das paredes, enquanto os repulsorlifts da nave se alinhavam com os do solo. Cerrando os dentes, Luke viu o elevador à frente fechando a passagem, com o mesmo gosto de impotência na boca que sentiu no poço do Rancor, no palácio de Jabba. A Força estava com ele ali, como estivera lá, mas no momento não podia fazer nada, a não ser esperar. O *Falcon* aproximava-se do elevador que descia... e Luke preparou-se para o que parecia uma colisão inevitável.

Com um breve ranger de metal contra metal, passaram pelo espaço estreito. A nave girou ao penetrar no hangar abaixo, recobrando o equilíbrio logo a seguir.

Bem à frente, como Karrde dissera, estava a larga saída do hangar. Além dela, a escuridão do espaço profundo.

Vários disparos de desintegradores atingiram o *Falcon* enquanto passavam acima das outras naves estacionadas. Porém tratava-se de um reflexo tardio, sem muita direção, e não causaram dano. Um disparo passou pela cabine; em poucos segundos atravessaram a turbulenta barreira de atmosfera, e a seguir viram-se livres em espaço aberto.

Quando passaram, Luke teve um vislumbre de um grupo de caças TIE, que

se preparavam para sair em perseguição.

— Vamos, Mara — disse ele, levantando-se. — Sabe manejar uma bateria laser antiaérea?

— Não, eu preciso dela aqui — declarou Karrde, pilotando a nave sob o destróier estelar, e dirigindo-se para o outro lado. — Vá você, e fique na torre dorsal... acho que posso providenciar para que concentrem o ataque nessa direção.

Luke não fazia a menor idéia de como o contrabandista conseguiria aquilo, mas não tinha tempo para discutir. A nave já balançava com os disparos que a atingiam, e ele sabia que o escudo defletor não agüentaria muito. Saindo da cabine, correu para a escada que levava à torre de defesa, saltou com habilidade Jedi até a metade, e subiu o restante dos degraus. Afivelou o cinto, testou a arma, e ao olhar em volta descobriu o que Karrde tinha em mente. O *Falcon* dera a volta por baixo do *Quimera*, passara para o lado superior, e agora voava em direção ao espaço segundo um vetor diretamente sobre os enormes motores do destróier estelar. Mantinha-se próximo demais, na opinião de Luke, mas era certo que os caças não poderiam chegar até eles por baixo, pelo menos por algum tempo.

— Skywalker? Eles estão chegando — anunciou Karrde pelo intercomunicador. — Está pronto?

— Estou — declarou Luke, os dedos tocando os controles, e a mente focalizando a Força, deixando-a fluir através dele.

A batalha foi curta e encarniçada, lembrando a escapada do *Falcon* da Estrela da Morte, há tanto tempo. Naquela oportunidade, Leia reconhecera que haviam escapado com muita facilidade; enquanto os caças TIE enxameavam e explodiam ao seu redor, Luke imaginava se o Império não teria a mesma intenção.

Em seguida, observou as linhas formadas pelas estrelas, e penetraram no hiperespaço.

Luke respirou fundo e desligou as armas.

— Pilotou bem — comentou ao interfone.

— Obrigado. Acho que escapamos sem avarias, a não ser talvez no conversor de energia de estibordo. Mara foi verificar — informou Karrde.

— Podemos ficar sem ele. Han cruzou tanto os sistemas nessa nave, que ela pode voar com metade dos sistemas desligados. Para onde vamos?

— Coruscant. Tanto para deixá-lo lá, quanto para cumprir a promessa que fiz a você.

Luke precisou consultar a memória.

— Quer dizer aquela história sobre a Nova República sair lucrando se você

escapasse?

— Isso mesmo — confirmou Karrde. — Se lembro bem da visita de Solo, em Myrkr, vocês estão precisando de naves, certo?

.— Desesperadamente — confirmou Luke. — Você tem algumas em estoque?

— Não exatamente em estoque, mas não deve ser difícil colocar as mãos nelas. O que acha que a Nova República diria sobre duzentos cruzadores pesados classe Dreadnaught, originais, da época anterior às Guerras Clônicas?

Luke sentiu que seu queixo caía, com a surpresa. Crescera em Tatooine, desinformado, mas não tão alheio aos acontecimentos históricos.

— Você está falando... sobre a Força Negra?

— Desça até aqui e vamos discutir o assunto. Aliás, ainda não conversei sobre isso com Mara.

— Já estou indo.

Luke desligou o intercomunicador, retirou os fones, e desceu pela escada. Nem reparou na descontinuidade do campo gravitacional, que mudava de direção durante a descida.

O *Millenium Falcon* partiu do *Quimera*, manobrando e derrubando os caças TIE, até penetrar no hiperespaço. Pellaeon permaneceu sentado em seu lugar, as mãos cerradas e suadas, enquanto observava impotente e silencioso o desenrolar da batalha. Impotente porque o computador principal ainda se encontrava parcialmente operacional, e tanto os raios tratores quanto as armas mais sofisticadas eram inúteis contra uma nave tão pequena e tão distante. Silencioso porque o desastre ficava além de seu repertório normal de pragas e maldições.

A nave fugitiva cintilou e desapareceu... Pellaeon preparou-se para o pior.

Porém o pior não veio.

— Chame os caças TIE de volta para a base, capitão — disse Thrawn, a voz despida de raiva. — Pare o alarme contra intrusos e peça para que o Controle de Sistemas continue a conectar o computador principal. Ah, sim, e veja se acabaram de descarregar.

— Sim, senhor — concordou o capitão, olhando de soslaio para o superior.

Será que Thrawn não entendera o significado do que acabara de acontecer?

Os olhos vermelhos voltaram-se para ele.

— Perdemos uma batalha, capitão. Nada mais do que isso.

— A mim parece, senhor, que perdemos muito mais do que isso. Agora Karrde vai dar as coordenadas da Frota *Katana* para a Rebelião.

— Certo, mas não vai simplesmente *dar* as coordenadas — corrigiu Thrawn. — Karrde nunca entrega nada de graça. Vai tentar negociar e pedir

condições que a Rebelião vai julgar insatisfatórias. As negociações vão demorar, devido à atmosfera política que conseguimos criar em Coruscant. E nós só precisamos de um pouco de tempo.

Pellaeon sacudiu a cabeça.

— Está presumindo que aquele ladrão do Ferrier será capaz de encontrar o fornecedor de naves do corellian antes que Karrde e a Rebelião resolvam suas diferenças?

— Não existe nenhuma presunção aqui. Ferrier, no momento, está no encalço de Solo, e já definiu a rota dele. E graças ao trabalho da Inteligência sobre a história de Karrde, já sei o nome do homem que irão encontrar quando chegarem a seu destino — declarou Thrawn, olhando para os caças que retornavam. — Ordene à Navegação que prepare um curso para o sistema Pantolomin, capitão. Partimos assim que terminarmos de carregar.

— Sim, senhor.

Pellaeon digitou a ordem para o navegador, e realizou um cálculo mental. O tempo para que o *Falcon Millenium* chegasse a Coruscant, contra o tempo para que o *Quimera* chegasse a Pantolomin...

— Isso mesmo — comentou Thrawn, como se adivinhasse seus pensamentos. — Agora é uma corrida.

24

O sol escondera-se atrás das colinas marrons de Honoghr, deixando uma efêmera tonalidade vermelha e violeta nas nuvens sobre o horizonte. Leia observou as cores dissolvendo-se do interior da *dukha,* perto da porta, sentindo o medo nervoso que sempre a acometia quando estava prestes a enfrentar o perigo da batalha. Mais alguns minutos e ela, Chewbacca e Threepio partiriam para Nystao, a fim de libertar Khabarakh e fugir. Ou morrer tentando.

Ela suspirou e retornou ao interior, imaginando se estivera errada em algum ponto básico de toda aquela situação. Parecera razoável vir a Honoghr... *certo,* de alguma maneira, fazer esse gesto ousado de boa fé aos noghri. Mesmo antes de partir de Kashyyyk, acreditava que a oferta não fora apenas idéia sua, mas baseada na influência sutil da Força.

E talvez fosse verdade. Mas não necessariamente do lado da Força que escolhera.

Uma brisa fria passou pela porta e Leia estremeceu. *A Força é forte em minha família.* Luke dissera aquelas palavras na iminência da batalha de Endor. Ela não acreditara, a princípio, até iniciar o paciente treinamento ministrado por ele, que trouxera um vislumbre das habilidades latentes nela. Porém seu pai tivera o mesmo treinamento, e possuíra as mesmas habilidades... e mesmo assim voltara-se para o lado negro da Força.

Um dos gêmeos movimentou-se, em seu ventre. Ela fez uma pausa, projetando-se com suavidade para os dois pequenos seres que viviam dentro dela; ao fazer isto, fragmentos de memórias passaram por sua cabeça. O rosto da mãe, triste, levantando-a do baú escuro onde estivera escondida de olhos curiosos. Rostos não familiares debruçados sobre ela, enquanto a mãe falava num tom que a deixara assustada e a fazia chorar. Chorara outra vez quando a mãe morrera, abraçada ao homem que aprendera a chamar de pai.

Dor, tristeza e sofrimento... e tudo porque o verdadeiro pai, renunciara ao nome Anakin Skywalker para chamar a si mesmo Darth Vader.

Escutou um leve ruído da porta.

— O que foi, Threepio? — indagou ela.

— Alteza, Chewbacca me disse que vai embora daqui em pouco tempo — disse o dróide, com certa ansiedade na voz. — Devo presumir que vou acompanhá-la?

— Claro — disse Leia. — Aconteça o que acontecer em Nystao, não quero que fique aqui depois.

— Concordo plenamente — afirmou Threepio, nitidamente aliviado. — Mas vim aqui porque acho que deveria saber de uma coisa. Um dos robôs de descontaminação está muito esquisito.

— É mesmo? E por que acha que ele está esquisito?

— Parece interessado em tudo o que acontece. Pergunta muitas coisas, não apenas sobre Chewbacca e a senhora, mas sobre mim. Também peguei-o andando pela vila no horário em que deveria estar desligado para passar a noite.

— Talvez seja apenas uma reprogramação defeituosa, ou uma memória mal deletada — sugeriu Leia, sem vontade de discutir a personalidade dos dróides. — Acho que eu poderia lembrar de um ou dois dróides, cuja curiosidade é muito maior do que a programada.

— Alteza! — protestou Threepio. — Artoo é um caso muito diferente.

— Não estava me referindo apenas a Artoo. Mas entendo sua preocupação. Vamos fazer o seguinte: você fica de olho nesse dróide para mim, e me conta o que ele fizer. Está bem?

— Claro, Alteza — assentiu Threepio, curvando-se e afastando-se.

Leia suspirou e olhou ao redor. Sua caminhada no interior da *dukha* a trouxera para a parede com a árvore genealógica, e por vários minutos dedicou sua atenção a examiná-la. Havia uma espécie de sentido histórico na madeira esculpida, e um profundo orgulho familiar. Deixou que os olhos seguissem as linhas ligando os nomes, imaginando o que os noghri sentiriam ao fazer o mesmo? Será que enxergavam fracassos ou apenas os triunfos? Ambos, decidiu. Os noghri lhe pareciam um povo que não se permitia mascarar a realidade.

— Está vendo na madeira o final de nossa família, Lady Vader? Leia teve um sobressalto.

— Às vezes, gostaria que vocês não fossem tão sorrateiros.

— Desculpe. Não pretendia assustá-la — disse a maitrakh, apontando o mural. — Está vendo nosso final aqui, Lady Vader?

— Não tenho visões do futuro, maitrakh. Nem do seu, nem do meu. Estava pensando sobre as crianças. Tentando imaginar como seria criá-las, quanto do caráter uma família pode moldar e quanto já vem com elas... — Leia hesitou. — Pensava se podemos apagar o mal na história da família, ou se ele se transmite a cada geração.

A maitrakh inclinou de leve a cabeça, os grandes olhos estudando o rosto da outra.

— Você fala como se só agora enfrentasse o desafio da maternidade.

— E verdade. Não sei se Khabarakh contou, mas estou carregando meus dois primeiros filhos.

— E teme pelo futuro deles.

— E tenho motivos para isso — completou Leia, a expressão séria. — O Império pretende tirá-los de mim.

— Por quê? — indagou com suavidade a maitrakh.

— Não tenho certeza. Mas seja o que for, deve ser ruim.

— Sinto muito, Lady Vader. Gostaria de poder ajudá-la.

— Sei disso — disse Leia, colocando a mão no ombro da outra.

— Mandei meus quatro filhos para o perigo, Lady Vader — afirmou a maitrakh, voltando os olhos para o mural. — Para lutar pelo Imperador. Nunca é fácil vê-los partir para a guerra e para a morte.

Leia pensou em todos os amigos e companheiros que perdera naquela longa guerra.

— Já mandei amigos para a morte. Isso foi muito difícil. Não consigo imaginar como seja mandar os próprios filhos.

— Três deles morreram — continuou a velha noghri, como se falasse consigo mesma. — Longe de casa, sem nenhum companheiro para lamentá- los. O quarto ficou aleijado, e voltou para casa, para continuar a viver no silêncio da desonra antes que a morte o libertasse.

Leia ficou penalizada. Agora, por tê-la ajudado, Khabarakh enfrentava a desonra e a morte...

— Espere um pouco. Você disse que seus quatro filhos foram para a guerra? E que os quatro morreram?

— Está correto — anuiu a maitrakh.

— E quanto à Khabarakh? Ele não é seu filho?

— Ele é meu terceiro filho. O filho do filho de meu primeiro filho.

Leia olhou para a noghri, que tinha uma expressão estranha no rosto, e compreendeu tudo. Se Khabarakh não era filho dela, e sim bisneto; e se a maitrakh tinha testemunhado pessoalmente a grande batalha no espaço que destruíra Honoghr...

— Maitrakh, há quanto tempo seu mundo está assim? Quantos anos?

A noghri olhou para ela, pressentindo algo importante.

— Lady Vader, o que eu disse para...

— *Quantos anos?*

— Quarenta e oito anos noghri. Quarenta e quatro para o Império.

Leia apoiou as mãos no mural, os joelhos estremecendo de fraqueza com o choque. Quarenta e quatro anos. Não oito ou dez como ela presumira.

— Não aconteceu durante a Rebelião. Aconteceu durante as Guerras Clônicas — ouviu a própria voz murmurar. Depois sentiu uma onda de raiva.

— Eles mantiveram vocês assim por *quarenta e quatro anos!*

Ela virou-se para a porta.

— Chewie! Venha cá.

A mão da maitrakh apoiou-se em seu ombro, girando-a na direção de uma expressão impenetrável.

— Me diga o que está acontecendo, Lady Vader.

— Quarenta e quatro anos, isso é o que está acontecendo. Eles mantiveram vocês em escravidão por quase meio século. Mentindo sempre, enganando vocês, levando seus filhos... — disse Leia, indignada. Em seguida apontou um dedo para o solo. — Aqui não tem trabalho para quarenta e quatro anos de descontaminação. Se eles não estão só descontaminando...

Escutaram um ruído na porta, e em seguida o vulto corpulento de Chewbacca entrou, a besta pronta na mão. Viu Leia e a arma cobriu a maitrakh.

— Não estou em perigo, Chewie, só estou zangada. Preciso que você me consiga mais amostras cia área contaminada. Mas desta vez não quero terra; quero grama *kholm.*

Ela percebeu a surpresa no rosto do wookie, mas ele grunhiu seu assentimento e saiu.

— Por que quer amostra de grama *kholm?* — quis saber a maitrakh.

— Você mesma disse que cheirava diferente antes das chuvas — lembrou Leia. — Acho que deve haver alguma coisa nesse assunto que deixei passar.

— O que poderia ser?

— Não quero dizer mais nada por enquanto, maitrakh. Pelo menos até ter certeza.

— Ainda quer ir a Nystao?

— Mais do que nunca — confirmou Leia. — Mas se as análises de Chewie confirmarem o que estou imaginando, não será para apanhar Khabarakh e fugir. Vou falar diretamente com os chefes dos clãs.

— E se eles não quiserem escutar?

— Eles não podem recusar. Você já perdeu três gerações de filhos. Não podem permitir-se perder mais.

Por um minuto, a noghri olhou para ela.

— Você fala a verdade, Lady Vader. Voltarei em uma hora. Estará pronta para partir?

— Estarei. Onde vai?

A maitrakh parou sob a porta, os olhos escuros fitando os de Leia.

— Você disse a verdade, Lady Vader: precisam nos escutar. Voltarei em uma hora.

A matriarca retornou vinte minutos mais tarde, cinco antes de Chewbacca. O wookie recolhera um punhado de grama *kholm* de vários lugares diferentes e apanhara a unidade de análise do esconderijo no barracão dos dróides

desativados. Leia colocou dois pedaços da amostra no analisador e partiram para Nystao.

Mas não foram sozinhos. Para a surpresa de Leia, uma jovem fêmea noghri estava sentada à direção do caminhão aberto que a maitrakh obtivera; e enquanto passavam devagar pela vila, mais de uma dezena de outros noghri juntaram-se a eles, seguindo ao lado do transporte, como uma guarda de honra. A própria maitrakh caminhava, seu rosto inescrutável à luz suave do painel. No banco traseiro, junto ao analisador, Chewbacca mantinha sua besta de prontidão e rosnava desconfiado. Atrás dele, enfiado no compartimento de bagagem, Threepio mantinha-se num raro momento de silêncio.

Atravessaram a vila e penetraram nas plantações circundantes, com as luzes apagadas e o pequeno grupo de noghri praticamente invisível sem a luz das estrelas, encobertas por nuvens. O grupo chegou a outra vila, que mal se distinguia dos campos plantados, pois todas as luzes estavam apagadas. Passaram sem incidentes. Mais plantações, outra vila e novas plantações. Ocasionalmente Leia divisava o brilho das luzes de Nystao, adiante, e imaginava se a decisão de conversar com os chefes fora a mais acertada àquela altura. Eles detinham o poder com a ajuda, ou pelo menos com o consentimento tácito do Império, e acusá-los de colaborar com uma mentira não iria cair bem para um povo tão orgulhoso.

Nesse instante, através de uma fresta no teto de nuvens, surgiu a maior das três luas de Honoghr... com um choque, Leia percebeu que ela e os grupo que partira não estavam mais sós. Por toda a volta via-se um verdadeiro mar de figuras embuçadas, flutuando como uma maré escura ao ritmo do transporte.

Atrás dela, Chewbacca demonstrou seu espanto com um grunhido. Já tinha percebido, com seus instintos de caçador, que outros noghri haviam engrossado a comitiva, a cada vila que passavam. Porém, foi apanhado de surpresa pelo número de acompanhantes, e não sabia se gostava disso.

Leia sentiu suas apreensões se dissiparem e recostou-se contra o assento. Acontecesse o que acontecesse em Nystao, o tamanho da assembléia tornaria impossível a recusa dos chefes dos clãs em ouvi-la, e muito menos de mandar tirá-la de circulação.

A maitrakh lhe garantira uma chance de falar. O resto seria por conta dela.

Alcançaram os arredores de Nystao pouco antes do amanhecer... para descobrir que nova multidão de noghri os aguardava.

— As notícias chegaram antes — comentou a maitrakh. — Esses vieram para ver a filha do Lorde Vader e ouvir sua mensagem.

— E que mensagem você disse que iam escutar? — quis saber Leia, apreensiva.

— Que o débito de honra com o Império já foi completamente pago. E que você veio oferecer uma vida nova ao povo noghri.

Os olhos da matriarca estavam pousados nos de Leia, que olhou para Chewbacca por sobre o ombro e levantou as sobrancelhas. O wookie rugiu uma afirmativa, virando a unidade de análise para que ela pudesse consultar os mostradores.

Em algum ponto da jornada noturna o aparelho terminara seu trabalho. Ao ler os resultados, Leia sentiu novo acesso de raiva contra o Império e o que eles haviam feito com aquele nobre povo.

— De fato, posso provar que a dívida já foi paga. Aproximaram-se mais da multidão que os esperava, e Leia reparou que a maioria era constituída por fêmeas. Os poucos machos que acompanhavam o cortejo, eram de coloração cinza-claro, ou cinza, indicando crianças e jovens. Só ao lado do transporte, formando um cinturão de isolamento, a cor metálica indicava adultos.

— Esses formam nossa Segurança Oficial — explicou a maitrakh. — Vão nos acompanhar até a Grande *Dukha*, onde os chefes esperam por você.

Os homens da Segurança Oficial... Leia não sabia se pensava neles como guardas ou soldados... permaneciam em formação silenciosa, na forma de seta à frente do cortejo. O restante da multidão conversava baixo, constituindo-se na maioria de habitantes da cidade e dos vilarejos. Ela não sabia sobre o que conversavam, mas para onde quer que olhasse, o povo silenciava, parecendo fascinado por sua presença.

A cidade era menor do que imaginara, mesmo levando em conta a área urbana limitada que os noghri se impunham. Depois de alguns minutos, chegaram à Grande *Dukha*.

Pelo nome, tudo indicava que seria apenas uma versão maior do que a *dukha* na vila. De fato era maior; contudo, além de uma certa semelhança no desenho, havia um propósito diferente nesta versão. As paredes e o telhado eram feitos de metal azulado ao invés de madeira, sem nenhum tipo de entalhes ou gravações. Os pilares eram negros, de metal ou pedra polida, não se podia saber à distância. Um lance de largos degraus de mármore negro e vermelho, levava a um patamar de pedra logo após as portas duplas, fazendo o papel de átrio. O conjunto todo parecia frio e remoto, muito diferente da figura mental que construíra dos noghri. Leia perguntou-se se teria sido erguido pelos noghri ou pelo Império.

No alto dos degraus perfilavam-se treze machos noghri de meia-idade, cada um usando uma veste elaborada, que parecia um cruzamento de colete com chalé. Atrás deles, com os braços e pernas acorrentados a um par de postes no centro do terraço, estava Khabarakh.

Leia olhou através dos chefes para ele, um sentimento de compaixão percorrendo-lhe o corpo. A matriarca descrevera os rituais da humilhação pública noghri, mas foi apenas ao vê-lo que ela compreendeu a extensão da vergonha envolvida no ritual. O rosto de Khabarakh estava pálido e ele lutava contra a fadiga, usando a força de vontade para evitar pender das correntes. A cabeça, entretanto, estava erguida, e os olhos escuros pareciam alerta.

A multidão dividiu-se ao meio quando o transporte atingiu a entrada da Grande *Dukha*, formando uma ala por onde o veículo avançava. Os homens da Segurança Oficial subiram os degraus, formando uma fila entre a multidão e os chefes.

— Não esqueça que não viemos lutar — murmurou Leia para Chewbacca.

Reunindo toda a sua coragem e altivez, ela desceu do caminhão e subiu os degraus.

Antes que atingisse o topo, todas as conversas haviam cessado.

— Eu os cumprimento, chefes dos clãs do povo noghri — disse em voz alta. — Sou Leia Organa Solo, filha de seu Lorde Vader. Aquele que veio quando estavam sofrendo e lhes trouxe ajuda.

Leia estendeu a mão para o chefe ao centro.

Ele olhou-a por um instante, sem se mover. Então, relutante, deu um passo à frente, curvou-se cerimoniosamente e farejou a mão estendida. Repetiu o processo duas vezes antes de erguer-se.

— O Lorde Vader está morto — disse ele. — Nosso novo lorde, o Grande Almirante, ordenou que a levássemos até ele, Leia Organa Solo. Você virá conosco para aguardar a preparação do transporte.

Dos degraus de baixo, Chewbacca rosnou uma ameaça. Leia acalmou-o com um gesto e sacudiu a cabeça.

— Não vim até aqui para me render ao seu Grande Almirante — disse ela.

— Apesar disso, é o que vai fazer — afirmou o chefe, fazendo um gesto.

Dois guardas saíram da fila e avançaram. Ela permaneceu onde estava, fazendo sinal para que Chewbacca fizesse o mesmo.

— Vocês servem o Império ou o povo de Honoghr?

— Todos os noghri que têm honra servem a ambos.

— E mesmo? Servir a Honoghr significa mandar geração após geração de jovens para morrerem nas guerras do Império?

— Você é uma estranha. Não sabe nada sobre a honra dos noghri — declarou o chefe, com desagrado, fazendo novo sinal aos guardas, agora ao lado de Leia. — Levem-na para a *dukha*.

— Por que tem tanto medo das palavras de uma alienígena?

Ou será que teme que seu poder seja diminuído pela minha vinda?

— Você não vai trazer a discórdia, com suas palavras envenenadas — gritou o chefe.

Chewbacca rugiu outra vez e Leia pressentiu que ele estava a ponto de subir as escadas para ajudá-la.

— Minhas palavras não são de discórdia — afirmou ela, levantando a voz para que a multidão escutasse. — Minhas palavras são de traição.

Houve um certo movimento entre os espectadores.

— Você vai ficar em silêncio — insistiu o chefe. — Ou será silenciada.

— Eu escutaria o que ela tem a dizer — declarou a maitrakh, de baixo.

— Você fica em silêncio — comandou o chefe, enquanto a multidão murmurava sua aprovação ao pedido da matriarca. — Você não tem ordem para falar aqui, maitrakh do clã Kihm'bar. Eu não convoquei o povo noghri.

— Mesmo assim, o povo está aqui. A Lady Vader veio. Queremos ouvir o que tem a dizer.

— Pode escutá-la na prisão.

O chefe fez mais um gesto, e mais dois homens deixaram a linha da Segurança Oficial, dirigindo-se para os degraus.

Leia julgou ser o momento adequado. Olhando para o cinto, ela utilizou a Força, reunindo todo o poder e controle...

E o sabre-laser saiu do cinto, saltando para o espaço à sua frente. A mente e os olhos localizaram o controle, e com um silvo a lâmina de luz verde-esbranquiçada saltou para a frente, traçando uma linha vertical entre ela e os chefes.

Um sibilar de espanto percorreu a multidão. Os dois guardas que desciam as escadas em direção à maitrakh, pararam onde estavam. Quando o silêncio completo estabeleceu-se, Leia soube que tinha a atenção geral.

— Não sou apenas a filha de seu Lorde Vader — declarou, imprimindo um tom de raiva controlada à voz. — Sou a*Mal'ary'ush*, herdeira legítima da autoridade e poder de meu pai. Passei por muitos perigos para vir até aqui revelar a traição ao povo noghri.

Por um instante, concentrou-se em fazer com que o sabre-laser flutuasse ao longo da linha de chefes.

— Vocês vão me escutar? Ou preferem morrer?

Durante um minuto, ninguém quebrou o silêncio. Leia reparava nas batidas de seu coração, e escutava o leve zunido da lâmina luminosa, imaginando por quanto tempo seria capaz de mantê-la no ar sem perder o controle. Então, do meio da linha, à esquerda, um dos chefes de clã deu um passo à frente.

— Eu gostaria de escutar as palavras da *Mal'ary'ush.* — disse ele.

— Não traga mais discórdia, Ir'khaim. Você só está vendo aqui a chance de

salvar a honra do clã Kihm'bar — disse o chefe ao centro.

— Talvez eu esteja vendo a chance de salvar a honra de todo o povo noghri, Vor'corkh — respondeu Ir'khaim. — Gostaria de ouvir a *Mal'ary'ush.* Estou sozinho?

Silenciosamente, mais dois chefes deram um passo à frente. Depois outro, e mais outro, até que nove dos treze chefes de clã ficaram ao lado de Ir'khaim. Vor'corkh fuzilou os companheiros com os olhos, mas retomou seu lugar na fila.

— Os chefes dos clãs de Honoghr decidiram — anunciou ele. — Pode falar.

Os dois guardas largaram os braços de Leia, que contou mentalmente dois segundos antes de estender a mão para o sabre e recolher a lâmina.

— Vou contar a história duas vezes. Uma vez como o Império a contou para vocês e outra como aconteceu de verdade. Então podem decidir por vocês mesmos se o débito dos noghri foi ou não pago — começou ela, voltando-se para a multidão enquanto recolocava a arma no cinto. — Todos conhecem a história de como seu mundo foi devastado pela batalha no espaço, e como o povo noghri morreu pelo surgimento de vulcões, terremotos e maremotos. Como o Lorde Vader veio até vocês e ofereceu ajuda. Como depois das chuvas de cheiro estranho, todas as plantas morreram, menos a grama *kholm.* Como o Império veio e disse que o solo estava envenenado com produtos químicos da espaçonave destruída, e ofereceu as máquinas para limpar o solo. E vocês sabem muito bem o preço que pagam por esse favor.

— Mas o solo está mesmo envenenado — afirmou um dos chefes. — Eu, e muitos outros aqui tentamos plantar onde os robôs ainda não tinham ido. Mas desperdiçamos sementes, pois nada cresce lá.

— É verdade. Mas não é o solo que está envenenado. Ou pelo menos, não diretamente — explicou Leia, fazendo um sinal para Chewbacca.

Retornando ao caminhão, ele apanhou o analisador e um dos tufos de grama *kholm* que haviam trazido e subiu as escadas para entregar a Leia.

— Agora vou contar a história verdadeira. Depois que o Lorde Vader partiu em sua nave, vieram outras naves. Essas naves sobrevoaram todo o planeta de vocês. Para qualquer um que perguntasse, diriam que era um reconhecimento ou que estavam procurando por sobreviventes, ou outros locais para morar. Mas era mentira. A verdadeira missão deles era semear um novo tipo de planta pelo planeta inteiro. — Ela levantou o tufo de grama.

— Esta planta.

— A sua verdade não passa de um sonho — argumentou Vor'corkh. — A grama *kholm* cresce em Honoghr. Sempre cresceu.

— Mas eu não disse que isto era grama *kholm.* Parece muito com a que vocês sempre conheceram, e até o cheiro é parecido; mas não idêntico. Na verdade, é uma sutil criação do Império... espalhada por ordem do Imperador, para envenenar seu mundo.

O silêncio da multidão transformou-se em burburinho. Leia deixou que conversassem um pouco, correndo os olhos pelo povo. Devia haver ali cerca de um milhar de noghri ao redor da Grande *Dukha,* número que aumentava a cada instante. Os rumores sobre ela estavam se espalhando. Procurando à distância, tentou localizar a origem do fluxo.

Foi quando um brilho metálico chamou sua atenção. Entre duas construções, do outro lado da rua, ela reconheceu a forma cúbica de um dróide de descontaminação.

Leia fixou o olhar, com um arrepio de medo percorrendo-lhe a espinha. Um dróide cheio de curiosidade, mencionado por Threepio, a quem ela mal deu ouvidos; agora topava com um dróide de descontaminação em Nystao, a cinqüenta quilômetros da área de trabalho. Isso só podia significar uma coisa...

Abaixou-se por um instante, reprovando-se pela ingenuidade. Certamente o Grande Almirante não iria partir sem deixar alguém ou alguma coisa para manter um olho nas coisas. Aproximou-se do wookie.

— Chewie, olhe lá adiante, à sua direita, no meio dos prédios. Parece um dróide de descontaminação, mas é um dróide-espião.

Ele rosnou algo desagradável e partiu na direção do dróide, abrindo caminho entre a multidão. Enquanto ele avançava, Leia soube que não chegaria a tempo. Dróides-espiões não eram brilhantes, contudo eram espertos o bastante para não ficar depois de descoberta sua função. Bem antes que o wookie chegasse, ele sairia correndo. Se tivesse um transmissor... e alguma nave do Império ao alcance da emissão...

— Povo de Honoghr! — gritou ela, a plenos pulmões. — Vou provar que o que disse é verdade. Um dos dróides de descontaminação do Imperador está ali. — Leia apontou. — Tragam-no até aqui.

A multidão voltou-se para procurar, e ela sentiu alguma incerteza. Porém, antes que pudessem mover-se, o dróide desapareceu pela ruela entre os prédios, correndo à toda velocidade. Foi a pior decisão que poderia ter tomado.

Ele forneceu, também, o argumento que a multidão necessitava para entrar em ação. Fugir era uma ótima forma de admitir a culpa, especialmente para os que cresceram observando as reações previsíveis e imutáveis dos dróides. Um rugido de indignação elevou-se, e pelo menos cinqüenta adolescentes que estavam na retaguarda lançaram-se em perseguição ao fugitivo.

Enquanto faziam isto, um dos guardas no terraço adiantou-se, colocou as

mãos em concha sobre a boca e emitiu um uivo estridente.

Leia estremeceu, os ouvidos zunindo com a intensidade do som. Mais um grito, que desta vez obteve uma resposta longínqua. Outra série complicada de miados, uivos e chamados de pássaros; nova resposta, depois o silêncio.

— Ele está convocando os outros para a caçada — explicou a maitrakh.

Leia assentiu, cerrando os punhos. Observou os perseguidores correndo, esperando que conseguissem alcançá-lo logo. Se o dróide tivesse um transmissor, estaria passando os dados adiante.

Em pouco tempo os jovens noghri voltaram carregando o dróide fugitivo, acompanhados por alguns machos adultos. A caçada fora bem sucedida.

— Tragam até aqui — pediu Leia.

Seis adolescentes adiantaram-se, levando o dróide acima das cabeças, e subiram os degraus com a presa, depositando-a de costas no piso de pedra. Leia acionou o sabre-laser, procurando sinais de uma antena oculta. Não conseguiu achar nenhum indício exterior, o que não significava coisa alguma. Preparando-se para o pior, vibrou um golpe com a lâmina luminosa no metal frontal. Mais dois cortes atravessados, e o mecanismo externo ficou exposto, à vista de todos.

Chewbacca já se ajoelhava para examinar o conteúdo quando ela recolheu a lâmina. Os dedos grossos procuravam com delicadeza entre o emaranhado de fios, cabos e filtros. Próxima ao topo, estava uma pequena caixa cinza. O wookie lançou um olhar significativo e desligou a unidade.

Leia aproximou-se do dispositivo a seus pés. Ela o reconhecia, de outras experiências nada agradáveis: tratava-se de uma unidade motivadora- gravadora do Império, usada nos dróides-espiões. Porém a conexão da antena estava vazia. Por sorte, ou pela Força, o segredo fora mantido.

Chewbacca examinava a parte inferior da estrutura. Ela observou enquanto ele retirou vários cilindros, examinou as marcas gravadas e recolocou-os no lugar. A multidão começava a manifestar-se outra vez, produzindo um murmúrio satisfeito, quando o wookie retirou um cilindro grande, provido de uma agulha fina, próximo à abertura de entrada.

Com cuidado, Leia apanhou o cilindro. Não sabia se era perigoso, mas o melhor era não arriscar.

— Invoco os chefes dos clãs como testemunhas que esse cilindro foi retirado de dentro desta máquina — disse ela.

— É essa sua prova? — indagou Ir'khaim, olhando com desconfiança para a peça apresentada.

— E. Eu disse que essas plantas não são a mesma grama *kholm* que vocês conheciam antes do desastre. Mas não expliquei o que têm de diferente — continuou Leia, apanhando uma amostra cia planta e erguendo-a para que todos

vissem. — Os cientistas do imperador alteraram a grama que vocês conheciam. Criaram diferenças que se transmitiram de geração para geração. O cheiro diferente que vocês sentiram é causado por um produto químico secretado pelo caule, pelas raízes e pelas folhas. Esse produto só tem uma finalidade: não deixar que outras plantas cresçam. As máquinas que o Grande Almirante diz estarem limpando o solo não estão fazendo nada, a não ser destruir essa grama *kholm* modificada que o próprio Império plantou.

— Outra vez sua verdade não passa de um sonho — interrompeu o chefe ao centro. — Os dróides levam quase dois décimos de um dia para limpar um só *pirkha* de terra. Minhas filhas podem destruir a mesma quantidade de grama em um décimo de dia.

— Talvez as máquinas não demorem tanto tempo quanto aparenta. Vamos descobrir — disse Leia, segurando a grama diante dela.

Levantou o cilindro e deixou cair uma gota do líquido claro no caule da planta.

Ela não poderia ter planejado uma demonstração mais dramática. A gota caiu sobre a superfície da planta e por alguns segundos não aconteceu nada. Ouviram então um leve chiado, e sem aviso, a grama começou a enegrecer. A multidão manifestou-se, espantada, enquanto a destruição se espalhava ao longo do caule, passando para as folhas e raízes. Leia segurou sua amostra bem alta, para que pudesse ser observada, depois soltou-a no chão. Ali ficou a planta, continuando seu processo de deterioração, até que não restou mais nada a não ser um filamento irreconhecível de uma substância totalmente negra. Ela encostou a ponta da bota nos restos da amostra de grama, que se desfez num pó fino e escuro.

Leia esperava nova manifestação por parte do povo. O silêncio mortal que se estabeleceu, entretanto, foi um testemunho mais eloqüente. Os noghri haviam entendido as implicações da demonstração.

Ao reparar nas expressões que a fitavam, soube que vencera.

Colocou o cilindro ao lado das plantas destruídas e voltou-se para os chefes.

— Mostrei minhas provas. Agora vocês precisam resolver se o débito foi ou não pago.

Olhou para Vor'corkh; movida por um impulso que não soube explicar, retirou o sabre-laser do cinto e depositou-o nas mãos dele. Passando por ele, caminhou na direção de Khabarakh.

— Me desculpe. Não pensei que tivesse de passar por tudo isto por minha causa.

O noghri sorriu, mostrando os dentes pontiagudos.

— O Império nos ensinou que é fator de orgulho para o guerreiro enfrentar a dor pelo seu superclã. Será que eu deveria fazer menos pela *Mal'ary'ush* do Lorde Vader?

Leia sacudiu a cabeça, numa negação.

— Não represento nenhum superclã, Khabarakh, nem pretendo isto. Os noghri são um povo livre. Só vim devolver a liberdade para vocês.

— E para nos lançar contra o Império, do seu lado — argumentou Vor'corkh, atrás dela.

— Confesso que esse seria o meu desejo. Mas não estou pedindo que façam isto.

Vor'corkh observou-a um instante, depois, relutante, entregou o sabre-laser a Leia.

— Os chefes dos clãs de Honoghr não podem e não devem tomar uma decisão tão importante em apenas um dia — disse ele. — Existem muitos fatores a considerar e uma assembléia do povo noghri deve ser convocada.

— Pois convoque — disse Khabarakh. — A*Mal'ary'ush* está aqui.

— E será que a *Mal'ary'ush* pode evitar as represálias do Império, se escolhermos desafiá-lo? — indagou Vor'corkh.

— Mas...

— Não, Khabarakh, ele tem razão — interveio Leia. — O Império prefere matar as pessoas do que deixar que elas se tornem neutras ou inimigas.

— Será que os noghri se esqueceram de como lutar? — indagou Khabarakh.

— E Khabarakh, do clã Kihm'bar, esqueceu o que aconteceu em Honoghr há quarenta e oito anos? Se desafiarmos o Império agora, não teremos opção senão fugir de nosso planeta e nos esconder.

— E se fizerem isto, decretarão a morte instantânea dos grupos de comandos que servem ao Império — lembrou Leia. — Gostaria que morressem sem ao menos saber o motivo? Não há honra nisso.

— Fala com sabedoria, Lady Vader — admitiu Vor'corkh, com um brilho de respeito no olhar. — Guerreiros de verdade conhecem o valor da paciência. Pode nos deixar agora?

— Com certeza. Minha presença aqui ainda é um perigo para vocês. Só peço um favor: que permitam que Khabarakh me leve até minha nave.

— A família de Khabarakh conspirou para libertá-lo. Tiveram sucesso e ele escapou para o espaço, em sua nave. Três grupos de comandos que estavam aqui de licença partiram em perseguição. Todo o clã Kihm'bar estará em desgraça até que forneçam o nome dos responsáveis — disse Vor'corkh.

Leia assentiu. Era uma história tão boa quanto qualquer outra.

— Não esqueça de avisar os comandos que será preciso muita cautela ao entrar em contato uns com os outros. Se qualquer rumor chegar aos ouvidos do Império, eles destruirão o planeta.

— Não tenha a presunção de fazer o trabalho dos guerreiros, Lady Vader — respondeu Vor'corkh. — Será que pode conseguir um pouco mais disso para nós?

Ele apontava o cilindro.

— Posso. Preciso primeiro ir a Endor para apanhar minha nave. Khabarakh pode me acompanhar até Coruscant e consigo um suprimento para vocês.

— Não há nenhuma forma de conseguir a substância mais rápido?

Um fragmento de conversa veio à mente de Leia: a maitrakh, dizendo que a estação para a semeadura naquele ano estava terminando.

— Talvez. Khabarakh, quanto tempo podemos economizar se não passarmos por Endor e formos direto para Coruscant?

— Mais ou menos quatro dias, Lady Vader — respondeu o noghri, depois de fazer um rápido cálculo mental.

Leia assentiu. Han iria ficar louco da vida por ela deixar seu querido *Falcon* na órbita de Endor daquela maneira, mas não havia outro jeito.

— Certo, vamos fazer isso, então. Não esqueçam de tomar cuidado onde usam a substância... as naves do Império podem localizar as novas zonas de plantação.

— Não tenha a presunção de ensinar aos fazendeiros o trabalho deles — interrompeu Vor'corkh, desta vez com um sorriso. — Esperamos ansiosamente sua chegada.

— Então é melhor partir logo — sugeriu Leia; olhou para a maitrakh, atrás do chefe e acenou um agradecimento.

Finalmente as coisas começavam a funcionar. A despeito de suas dúvidas iniciais, a Força estava com ela.

Voltando-se para Khabarakh, ativou o sabre-laser e cortou as correntes.

— Vamos Khabarakh. Está na hora de partir.

25

O *Coral Vanda* se considerava o cassino mais impressionante da Galáxia. Ao correr os olhos pelo salão Tralla, Han entendeu porque nunca escutara ninguém contestar esse título.

A sala possuía pelo menos doze mesas de sabacc distribuídas por seus três níveis, mais uma série de opções em lugjack, cabines de tregald, mesas de holo-xadrez, e até mesmo alguns dos tradicionais warp-tops em forma de ferradura, que os mais fanáticos adoravam. Um bar dividindo o salão estava abastecido com praticamente qualquer bebida que um cliente pudesse pedir para comemorar os ganhos ou esquecer as perdas. Na parede dos fundos havia um balcão para os que não quisessem parar de jogar nem para comer.

E quando se ficava cansado de olhar para as cartas, ou para os copos, havia a magnífica vista, através da fuselagem completamente transparente. Água verde-azulada, centenas de peixes coloridos e pequenos mamíferos marinhos, tudo isso ao redor das intrincadas espirais e ramificações dos famosos recifes de coral de Pantolomin.

O salão Tralla era, em resumo, o recinto mais refinado que Han já vira... e o *Coral Vanda* tinha mais sete salões como aquele.

Acomodado no bar, a seu lado, Lando terminava a bebida e afastava o copo.

— E agora? — perguntou, com ar entediado.

— Ele está aqui, Lando. Em algum lugar... — declarou Han, correndo o olhar mais uma vez pelo salão.

— Acho que não veio nessa viagem. Provavelmente ficou sem dinheiro. Lembre o que Sina disse. O sujeito gasta dinheiro como se fosse água envenenada.

— *É*, mas se ele ficar sem dinheiro, vai tentar vender mais uma nave. E não existe um lugar melhor do que aqui para fazer negócio — argumentou Han, virando o que restava em seu copo.

— Vamos indo? Ainda falta uma sala.

— E depois recomeçamos tudo de novo. Uma vez, duas, três... é uma perda de tempo, estou dizendo.

— Você tem alguma idéia melhor?

— Na verdade, não — admitiu Lando, enquanto ambos davam a volta a um enorme herglic acomodado precariamente em dois assentos. — Mas em vez de ficar andando por aí como fizemos nas últimas duas horas, podíamos ficar

numa mesa de sabacc em algum lugar e começar a gastar um bocado de dinheiro. Vai se espalhar a notícia que somos dois patos, prontos para sermos depenados e se esse sujeito perde dinheiro tão rápido quanto Sina disse, ele é que virá nos procurar.

Han olhou surpreso para o amigo. Tivera a mesma idéia há algumas horas, mas não imaginara que Lando aceitaria.

— Acha que seu lado de jogador profissional aceitaria uma situação dessas?

Lando encarou-o.

— Se vai me tirar daqui, e de volta para a minha mineração lucrativa e pacífica, meu orgulho agüenta qualquer coisa.

Han lembrou-se de que praticamente arrastara o companheiro naquela missão.

— Certo. Desculpe por isso. Vamos dar mais uma olhada no salão Saffkin, e se ele não estiver lá, voltamos e...

Han interrompeu-se ao deparar com um charuto queimando no cinzeiro em frente a um lugar vago. O odor exótico lhe lembrava...

— Não acredito — exclamou ele, deixando a mão pender até o coldre.

— Pode acreditar parceiro — disse Lando, tocando o assento.

— Ainda está quente. Ele deve estar... lá está ele!

Era mesmo Niles Ferrier, em pé ao lado do arco brilhante de vidro, na saída do salão. já tinha outro charuto entre os dentes. Sorriu para eles, fez um arremedo de saudação, e saiu.

— Mas que ótimo — comentou Lando. — E agora?

— Quer que a gente o siga — disse Han, olhando ao redor. — Vamos ver o que está preparando.

Apesar de não ter percebido nenhum dos capangas do ladrão de naves, sabia que estariam por ali.

— Pode ser outra armadilha — avisou Lando.

— Ou pode estar querendo negociar. Mantenha sua arma pronta.

— Está brincando?

Estavam a meio caminho do arco de saída, quando o som chegou até ele. Um baque surdo e grave, como um trovão distante. Foi seguido de outro, mais alto, e de um terceiro. O burburinho no interior do cassino silenciou quando todos se puseram a ouvir; o *Coral Vanda* deu a impressão de estremecer.

Han olhou para Lando.

— Está pensando o que eu estou pensando?

— Disparos de turbolaser atingindo a água — murmurou Lando. — Ferrier está querendo negociar. Mas não conosco.

Han assentiu, uma sensação dolorida no estômago. Ferrier fizera negócio com o Império. E se os inimigos se apropriassem da Frota *Katana,* o equilíbrio em que se encontrava a guerra seria rompido a favor deles.

E sob o comando de um Grande Almirante...

— Precisamos achar o tal sujeito e depressa. Talvez a gente possa fugir com ele por uma saída de emergência, ou coisa parecida, antes que os soldados do Império subam a bordo — disse Han.

— De preferência antes que os passageiros entrem em pânico.

Quando atingiram o arco de saída, as coisas começaram a acontecer.

Escutaram um trovão profundo, desta vez logo acima, e por um instante o recife de coral ficou iluminado por uma luz esverdeada e mortiça. O *Coral Vanda* inclinou-se como um animal ferido e Han segurou-se ao arco para não cair...

Porém algo apanhou seu braço e puxou forte, afastando-o do apoio e tirando-lhe o equilíbrio. Ele tentou levar a mão ao coldre, mas antes que completasse o movimento, um par de braços peludos e fortes fechou-se sobre o peito e o rosto, prendendo-lhe o braço e bloqueando completamente a visão do corredor. Han tentou gritar, mas os braços lhe tapavam a boca e os olhos. Debatendo-se inutilmente e resmungando impropérios abafados, foi arrastado para trás, pelo corredor. Mais dois estrondos soaram, o segundo provocando uma oscilação que atirou a ele e seu captor no chão. Uma mudança lateral de direção fez com que o cotovelo se chocasse contra o batente de uma porta.

Usando o ponto de apoio, contorceu o corpo e libertou-se, arfando em busca de ar. Encontrava-se numa pequena adega, com fileiras de caixas de garrafas empilhadas em três das paredes, quase até o teto. Muitas estavam caídas no assoalho, pelo balanço do cassino. Um líquido vermelho vazava de uma delas.

Ao lado da porta fechada estava Ferrier.

— Como vai, Solo? Que bom ter resolvido vir.

— O convite foi amável demais para se recusar — comentou Han, olhando ao redor.

Seu desintegrador estava pendurado à frente de uma pilha, a dois metros de distância, no meio de uma sombra escura com aparência sólida.

— Lembra da minha ira, naturalmente — disse Ferrier, com um gesto em direção à sombra. — Foi ele quem entrou pela rampa do *Lucky Lady* para colocar o "grampo". *Dentro* da nave.

Então esse era o motivo da rapidez de Ferrier ao segui-los. Mais um estrondo envolveu o *Coral Vanda,* e outra caixa caiu no assoalho. Han deu um

salto para trás e observou com mais cuidado a sombra. Dessa vez conseguiu distinguir os olhos e as presas brancas. Sempre imaginara que as iras fossem uma lenda espacial. Parece que se enganara.

— Não é tarde demais para fazer negócio — ofereceu ele, sem muita esperança.

— Por que pensa que está aqui dentro em vez de no corredor, onde vai começar um tiroteio? — indagou Ferrier. — Vamos manter você aqui, em segurança, até as coisas esfriarem... já quanto a Calrissian, a coisa muda de figura.

— Como assim?

— Estou cansado de ver ele se metendo nos meus negócios, portanto, quando o *Coral Vanda* subir à superfície, vou me certificar que esteja bem à frente, tentando heroicamente proteger 0 pobre capitão Hoffner dos soldados maus das tropas de assalto. Com alguma sorte...

— Então o nome do sujeito é Hoffner — comentou Han, controlando sua raiva. — Vamos supor que ele não esteja a bordo? Os homens do Império não vão gostar nem um pouco...

— Não se preocupe, ele está a bordo, sim. Talvez bebendo um pouco. Está trancado em nosso quarto desde uma hora depois da partida.

— Tem certeza que pegaram o cara certo? Ferrier deu de ombros.

— Se não pegamos, o único culpado é o próprio Grande Almirante. Foi ele quem forneceu o nome.

Mais um estrondo sacudiu o *Coral Vanda*.

— Foi bom falar com você, Solo, mas tenho que ir, agora. Preciso fechar um negócio — declarou Ferrier, sorrindo ao estender a mão para a maçaneta.

— Vejo você por aí...

— Pagamos o dobro do que o Império ofereceu — insistiu Han.

O outro não se dignou a responder. Ainda sorrindo, fechou a porta atrás de si.

Han olhou para a sombra, que era uma ira.

— E você? Quer ser rico?

A única resposta que obteve foi um arreganhar de dentes. Mais um impacto abalou o cassino, que balançou. O *Coral Vanda* era uma nave muito bem construída, porém não podia agüentar um castigo como aquele durante muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, teriam de desistir e subir para a superfície... então entrariam as tropas de assalto.

Até lá, era preciso descobrir um jeito de sair dali.

As baterias do *Quimera* dispararam novamente, e os raios turbolaser

avermelharam a água do mar na holografia da ponte de comando, tocando a superfície próximos ao ponto negro que marcava a posição do *Coral Vanda.* Por um instante, a linha encarnada penetrou nas águas verdes e transparentes, e logo a seguir subiu numa coluna vertical de vapor, enquanto a onda de concussão espalhava-se em todas as direções, balançando visivelmente a nave-cassino.

— Tenho de admitir que são teimosos — comentou Pellaeon.

— Eles têm muitos clientes ricos a bordo — lembrou Thrawn.

— Muitos deles preferem afogar-se do que entregar seu dinheiro sob coação.

O capitão consultou os monitores.

— Não vai demorar muito. O sistema de propulsão principal foi avariado e estão desenvolvendo microrupturas nas juntas do casco. A projeção do computador afirma que se não subirem em dez minutos, não serão mais capazes de fazê-lo sem ajuda.

— Trata-se de uma nave de jogadores — observou o Grande Almirante.

— Vão apostar na resistência da nave enquanto procuram uma alternativa.

Pellaeon franziu a testa, olhando para a imagem holográfica.

— Que outra alternativa poderiam ter?

Thrawn tocou seu monitor, e um pequeno círculo branco surgiu no holograma, estendendo-se para trás.

— Preste atenção, capitão. Existe um abrigo natural nessa parte dos recifes onde ficarão temporariamente a salvo de nossos disparos. Acredito que vão tentar chegar lá.

— Não vão conseguir. Estão balançando demais lá embaixo — opinou Pellaeon. — Mas o melhor é garantir. Um só disparo na entrada deve obstruir a passagem.

— E verdade — concordou o superior, com voz pensa ti va. — Embora seja uma pena danificar esses recifes. São verdadeiros trabalhos de arte. Únicos, talvez, por terem sido criados por organismos vivos, ainda que desprovidos de consciência. Gostaria de tê-los estudado com calma... pode disparar, assim que estiver pronto, capitão.

As oscilações aumentavam de freqüência, à medida que a nave imperial continuava o ataque... e quando o *Coral Vanda* balançou mais forte, Han aproveitou.

Deixando que o movimento da nave o atirasse de lado, tropeçou através da pequena adega e bateu numa das pilhas de caixas, virando-se de costas no último instante. As mãos se moveram como que para recuperar o equilíbrio e agarraram o fundo da caixa mais alta, girando-a para retirá-la, depois firmando-se. Han arremessou a caixa na direção da ira, com toda a força que conseguiu reunir.

O alienígena foi apanhado no meio do corpo, e caiu de costas no chão.

Han saltou imediatamente sobre o inimigo, chutando seu desintegrador e correndo para apanhá-lo mais adiante. Conseguiu empunhar a arma, e voltou-se com ela em posição de tiro. A ira tentava levantar-se, lutando para não escorregar no uísque de Menkooro derramado das garrafas quebradas.

— Pare!

Foi como dirigir-se a uma parede de tijolos. O alienígena continuou tentando erguer-se.

Para evitar matar a ira com um disparo direto, Han atirou contra a bebida derramada. Com uma labareda instantânea, o centro da adega começou a arder.

O alienígena pulou para trás, gritando algo que Han ficou contente em não entender. Bateu contra uma pilha, quase derrubando-a. Sem perder tempo, Han disparou sobre as caixas de bebidas, produzindo uma cascata de líquido colorido sobre a criatura, que gritou e conseguiu finalmente equilibrar-se.

Mais um disparo ateou fogo à bebida.

O berro da ira lembrou uma sirene, tornando-se cada vez mais agudo e alto. Os ombros e a cabeça estavam envoltos em fogo. Havia mais raiva do que dor naquele som, pois a temperatura do álcool não era tão alta. Em poucos instantes a ira poderia abafar o fogo, saltar sobre Han, e quebrar-lhe o pescoço.

Contudo, não houve tempo para nada disso. Enquanto o grito ainda soava, o sistema automático contra incêndio disparou. Os sensores despejaram um jorro de espuma diretamente contra o rosto da ira.

Han não esperou para saber o final. Esgueirando-se ao lado do inimigo temporariamente cego, passou pela porta.

O corredor, que estivera cheio de pessoas em pânico quando ele entrara, agora parecia deserto. Os clientes estavam a caminho das cápsulas de ejeção, ou abrigados na segurança ilusória de seus camarotes. Disparando um tiro na fechadura da adega para obstruí-la, Han correu na direção da entrada principal da nave, esperando encontrar Lando a tempo.

Bem abaixo dele, quase perdido entre os gritos de passageiros assustados, Lando escutou o ruído suave das bombas funcionando. O *Coral Vanda* resolvera render-se mais cedo do que esperava.

Praguejou, olhando por sobre o ombro. Onde diabos estava Han, afinal? Provavelmente procurando Ferrier, para saber o que aquele miserável estava preparando.

Uma dúzia de tripulantes do cassino estavam ocupados, assumindo posições defensivas à entrada principal.

— Preciso falar com o capitão ou qualquer outro oficial imediatamente — anunciou ele.

— Volte para o seu quarto — disse um dos homens, sem olhar para ele.

— Estamos para sofrer uma abordagem.

— Sei disso. E sei o que o Império está querendo. O homem mediu-o com o olhar.

— E mesmo? O quê?

— Um dos passageiros — disse Lando. — Ele tem uma coisa que o Império...

— Qual o nome dele?

— Não sei. Mas tenho uma descrição do sujeito.

— Ótimo. Vou dizer o que pode fazer: vá até a proa e comece a bater de porta em porta. Quando encontrar o homem, me avise.

— Engraçadinho — comentou Lando, que estivera prestando atenção. — Estou falando sério.

— Também estou. Vamos, saia daqui de uma vez!

— Mas...

— Saia! — disse o tripulante, apontando a arma para Lando. — Se esse tal passageiro tiver um mínimo de bom senso provavelmente já se ejetou por alguma cápsula de fuga, eu aposto.

Lando retornou pelo corredor, pensando sobre a situação, que a cada momento escapava mais ao controle. Não acreditava que o negociante de naves estivesse fugindo numa cápsula ejetora, nem que estivesse no interior do camarote. Ferrier estava ali e conhecendo-o, sabia que não teria aparecido a eles, a menos que tivesse vencido a corrida.

O convés inclinou-se e ondulou sob seus pés; o *Coral Vanda* atingira a superfície. Voltando-se, Lando retornou para a popa. Havia um terminal de computador para os passageiros a dois corredores de distância. Se obtivesse ali a localização da cabine de Ferrier, tinha uma chance de chegar até ele antes da abordagem dos soldados do Império. Apertando o passo, ele virou para o corredor seguinte...

Os quatro vinham em sua direção, com os desintegradores prontos para atirar e escoltavam um homem magro, de cabelos brancos, quase escondido no meio eles. O líder avistou Lando, levantou a arma, e disparou.

Errou o primeiro tiro. O segundo acertou a parede, quando Lando recuou, abrigando-se atrás da quina que acabara de dobrar.

— Não preciso procurar o quarto de Ferrier — resmungou em voz baixa.

Mais uma salva de disparos acertou os arredores, espalhando estilhaços da parede. Depois, surpreendentemente, pararam de atirar. Com o desintegrador na mão, Lando arriscou-se a dar uma espiadela.

Não havia mais ninguém.

— Diabo — blasfemou ele, procurando examinar os detalhes do corredor.

Tinham fugido para uma das áreas privativas da tripulação, que ficava na parte central da nave. Perseguir alguém em terreno desconhecido nunca era uma boa idéia, mas não teve nenhuma opção melhor. Resmungando, ele dobrou o corredor...

E gritou quando um disparo zuniu perto de sua manga direita. Mergulhou para o assoalho do outro lado, reparando no corredor principal, onde três homens vinham em sua direção. Caiu de mau jeito sobre o carpete e ficou um pouco tonto; rolou de lado e encolheu as pernas, retirando-as da linha de fogo. Sabia que se algum homem do grupo inicial estivesse esperando por ele, estaria sem cobertura na retaguarda. Uma barragem de disparos atingiu a parede, provocando o tipo de destruição causada por fogo de cobertura, enquanto os atacantes provavelmente estariam avançando. Lando respirou fundo para recuperar o fôlego após a queda, levantou-se e recuou em direção ao arco de entrada do salão, na metade do corredor. Não seria uma proteção perfeita, mas era bem melhor do que nada.

Ao atingir o arco, percebeu que os disparos mudaram de direção e escutou um desintegrador de modelo diferente.

Depois, silêncio total.

Lando franziu a sobrancelha, imaginando que espécie de truque seria aquele. Escutou passados que corriam em sua direção, e espremendo o próprio corpo contra a porta fechada, levantou o desintegrador na direção do movimento.

As pegadas cessaram.

— Lando?

Lando abaixou a arma, com um suspiro de alívio.

— Estou aqui, Han. Venha logo. O pessoal de Ferrier está com nosso homem.

— Não é só isso, cara. Ferrier está querendo acertar você — informou Han, aproximando-se.

— Não faltou muito. Mas não importa. Devem ter ido para o centro da nave. Vamos tentar alcançá-los antes que cheguem à saída principal — sugeriu Lando, apressado.

— Podemos tentar — concordou Han. — Ali adiante eu vi uma porta exclusiva da tripulação.

Era mesmo. E estava trancada.

— O pessoal de Ferrier entrou aí — ponderou Lando, abaixando-se para examinar o painel. — Achei. Fizeram ligação direta. Deixe ver...

Enfiou a ponta do dedo mínimo no mecanismo, provocando um estalido forte. Em seguida o painel deslizou.

— Ótimo — comentou Lando, erguendo o corpo e passando pela abertura...

E imediatamente saltou para trás, abrigando-se de uma rajada de disparos.

— Muito bom. Eles foram mesmo por lá — comentou Han, apertando-se contra a parede oposta, com o desintegrador pronto, mas sem chance de atirar. — Quantas pessoas Ferrier trouxe a bordo, afinal?

— Muitas. Acho que precisamos fazer isto da forma mais difícil. Vamos voltar até a porta principal.

Han colocou a mão no ombro do amigo.

— Não dá tempo. Escute.

Lando apurou os ouvidos. Acima do ruído constante dos motores, percebeu os disparos dos rifles laser usados pelos soldados das tropas de choque.

— Eles estão a bordo.

— E atirando — comentou Han. O convés vibrou abaixo de seus pés, e repentinamente os disparos cessaram. — Granada subsônica. Chega. Vamos.

— Para onde? — quis saber Lando, já correndo atrás do amigo.

— Para as cápsulas ejetoras. Vamos embora daqui.

Lando espantou-se com a resposta. Contudo olhou para o amigo, e suas objeções dissolveram-se. Han tinha linhas fortes de tensão no rosto e os olhos demonstravam raiva e frustração. Afinal, ele sabia o que significava aquilo. Melhor do que Lando.

A cápsula de ejeção saltou sobre a superfície do mar, cercada por centenas de outras cápsulas e pedaços flutuantes do recife. Através da pequena escotilha, Han viu os últimos transportes de tropas do Império deixarem o convés do *Coral Vanda,* e retornarem ao espaço.

— Então conseguiram? — indagou Lando.

— Conseguiram. E creio que em pouco tempo vão começar a recolher as cápsulas.

— A gente fez o que pôde, Han. E podia ter sido pior. Eles poderiam ter explodido o *Coral Vanda* na superfície. Iria demorar muitos dias até que alguém viesse nos apanhar.

— Que maravilha. Isso quer dizer que agora estamos por cima. — declarou Han, com cara de poucos amigos.

— O que mais a gente podia ter feito? Colocado o cassino a pique para o maldito almirante não conseguir pegar o que a gente não conseguiu também? Ou preferia morrer enfrentando as centenas de soldados das tropas de assalto do Império? Pelo menos as pessoas em Coruscant vão ficar sabendo e se preparar, antes que as naves da Força Negra fiquem em condições de combate.

Lando estava tentando, ele era forçado a admitir. Mas Han ainda não

queria esquecer seu mau humor.

— Como se fica pronto para ser atacado por duzentos cruzadores Dreadnaught? Estamos fritos, isso sim.

— Calma, Han, raciocine. Mesmo que as naves estejam ótimas, e prontas para combater, precisam de dois mil tripulantes para cada uma. Vão se passar anos antes que os homens do Império possam conseguir tantos recrutas e treiná-los para operar esses cruzadores antigos.

— Não se esqueça que o Império já estava procurando conseguir mais naves — lembrou Han. — O que deve significar que têm um bocado de pessoal treinado.

— Duvido que tenham quatrocentos mil deles — respondeu Lando, já irritado. — Vamos lá... tente ver as coisas pelo melhor lado. Pelo menos uma vez.

— Não existe um lado melhor, nesse caso.

— Claro que existe. Graças à sua ação rápida, a Nova República tem mais chances.

— Como assim?

— Você salvou minha vida ou já se esqueceu? Quando aqueles três capangas do Ferrier estavam atrás de mim...

— Eu me lembro. O que isto tem a ver com as chances da Nova República?

— Han! — disse Lando, escandalizado. — Sabe muito bem que a Nova República iria desmoronar se eu não estivesse por perto.

Han tentou com vontade, mas não foi capaz de extrair um riso sincero dos lábios derrotados. Torceu a boca num sorriso amarelo.

— Tudo bem, eu desisto. Paro de reclamar, se você parar de fazer piadinhas.

— Feito — concordou Lando.

Han voltou-se para a escotilha, desmanchando o sorriso. Lando podia dizer o que quisesse; a perda da Frota *Katana* seria um desastre de primeira magnitude e sabiam disso. De alguma forma, precisava achar uma forma de impedir que o Império se apoderasse daqueles cruzadores.

De alguma forma...

26

Mon Mothma balançou a cabeça, numa manifestação de surpresa:

— A Frota *Katana*... depois de tantos anos. E um acontecimento incrível.

— Alguns podem usar palavras menos moderadas — comentou Fey'lya, o pelo arrepiado ao encarar Karrde. — Alguns podem, na verdade, chegar a duvidar da veracidade destas palavras.

Ele vinha interrompendo com esse tipo de observações desde o início da reunião. Leia reparara nos olhares hostis em direção a Karrde, a Luke, e a ela própria. Desta vez, deixara até mesmo Mon Mothma em paz.

Luke remexeu-se na cadeira ao lado de Karrde e o irmão percebeu os esforços para controlar sua irritação com o bothan. Karrde, porém, ergueu uma sobrancelha.

— Está insinuando que estou mentindo?

— O quê? Um contrabandista mentindo? Longe de mim — declarou Fey'lya, com ar teatral.

— Ele não está mentindo — afirmou Han, nervoso. — A Frota Negra foi encontrada. Vi algumas das naves.

— Pode ser que sim — respondeu o bothan, baixando os olhos para a superfície polida da mesa. — E pode ser que não. Existem mais cruzadores Dreadnaught na Galáxia do que os da Frota *Katana.*

Entre todos os presentes, Han fora o mais poupado pelos olhares de Fey'lya. Por algum motivo, o conselheiro parecia relutante em encará-lo.

— Não estou acreditando nisto — desabafou Luke, olhando de Mon Mothma para o conselheiro bothan. — A Frota *Katana* foi encontrada, o Império está se deslocando para lá e nós estamos sentados aqui, discutindo o assunto!

— Talvez o problema seja que *você* acredita em tudo, com muita facilidade — respondeu Fey'lya, brindando o Jedi com mais um de seus olhares. — Solo já nos disse que o Império colocou as mãos em alguém que pode levar a essas pretensas naves. E Karrde diz que é o único que possui a localização.

— É como eu já disse mais de uma vez hoje. O fato de que ninguém mais soubesse foi apenas uma conclusão que tirei. Só um presunção. O capitão Hoffner era um homem muito astuto da maneira dele e não acho difícil que ele tenha copiado as coordenadas, antes que eu as apagasse.

— Estou feliz que demonstre tanta fé num ex-companheiro — disse o bothan. — De minha parte, prefiro acreditar que o capitão Solo esteja errado. Ou tenha sido enganado deliberada-mente.

— Quer explicar isso, conselheiro? — pediu Han, a ponto de perder a paciência.

— Acho que o senhor foi enganado. Acredito que esse contato, a quem o senhor se recusa habilmente a identificar, contou-lhe uma história e apresentou provas falsas. A peça que você viu Calrissian examinar podia ter sido fabricada em qualquer lugar. E você mesmo admite que não esteve a bordo de nenhum dos cruzadores.

— E quanto ao ataque do Império sobre o cassino *Coral Vanda? Eles* acharam que valia a pena o esforço.

— Ou queriam nos fazer acreditar nisso — redargüiu Fey'lya, sorrindo como se o outro fosse ingênuo. — Poderiam fazer isso, principalmente se esse seu amigo desconhecido estiver trabalhando para eles.

Leia examinou o rosto do marido. Havia alguma coisa, abaixo dos sentimentos superficiais. Alguma emoção que não conseguia identificar. *Han*, chamou-a com a mente.

— Não, ele não trabalha para o Império — afirmou Han, encarando o bothan.

— Isso é o que você diz. Mas não oferece prova suficiente.

— Muito bem, então — interrompeu Karrde. — Vamos presumir por um instante que tudo não passa de uma gigantesca bolha de sabão. O que o Grande Almirante teria a ganhar como uma trama dessas?

Leia observou o gesto de irritação de Fey'lya. Ela e Karrde haviam conseguido refutar a teoria proposta pelo bothan, de que Thrawn não era, na verdade, um Grande Almirante do Império. E o conselheiro era péssimo perdedor.

— Pensei que fosse óbvio. Quantos sistemas você supõe que teríamos de deixar desguarnecidos para recrutar pessoal especializado, a fim de reativar e transportar duzentos cruzadores Dreadnaught? Não, o Império tem muito a ganhar se nos precipitarmos.

— Eles também têm muito a ganhar com nossa indecisão e com a ausência de ação — lembrou Karrde. — Trabalhei com Hoffner cerca de dois anos; posso afirmar que o Império não vai demorar muito para obter a localização da frota. Se não andarem logo, arriscam-se a perder tudo.

— Se é que existe alguma coisa para se perder — observou Fey’lya.

Leia colocou a mão sobre o braço de Han.

— Isso deve ser fácil de verificar — disse ela, antes que os outros pudessem responder. — Podemos mandar uma nave com uma equipe técnica para dar uma olhada. Se a frota estiver lá, funcionando, podemos começar o esforço para recuperá-la.

Pelo olhar no rosto de Karrde, percebeu que mesmo essa solução seria lenta demais. Mas ele concordou.

— Parece razoável.

Leia olhou para a líder do conselho.

— Mon Mothma?

— Concordo — disse ela. — Conselheiro Fey'lya, você vai falar com o almirante Drayson sobre destacar uma fragata de escolta e dois esquadrões de caças asa-X para esta missão. De preferência, uma nave que esteja aqui em Coruscant; não queremos que ninguém fora do sistema saiba o que estamos fazendo.

— Como desejar — disse Fey'lya. — Amanhã de manhã seria suficientemente cedo?

— Sim — declarou Mon Mothma, olhando para Karrde. — Precisamos das coordenadas.

— Sem dúvida. Amanhã de manhã eu as fornecerei.

— Deixe-me lembrá-lo, capitão Karrde...

— A menos, conselheiro, que prefira que eu saia de Coruscant esta noite e ofereça a localização pelo maior preço — declarou Karrde.

O pelo de Fey'lya arrepiou-se, mas não havia nada que pudesse fazer.

— Então pela manhã.

— Ótimo. Se isso é tudo, vou voltar ao meu quarto e descansar um pouco, antes do jantar — afirmou Karrde, olhando para Leia, que percebeu algo diferente no rosto dele. Levantou-se. — Mon Mothma; conselheiro Fey'lya. Foi uma conversa interessante.

— Nos veremos pela manhã — respondeu o bothan.

— Certamente.

— Nesse caso, declaro esta reunião encerrada — disse Mon Mothma, oficializando o final do encontro.

— Vamos indo — murmurou Leia para Han, enquanto os outros recolhiam seus cartões de dados.

— O que está acontecendo? — quis saber ele.

— Acho que Karrde quer conversar. Vamos logo, não quero ficar presa aqui numa conversa com Mon Mothma.

— Pode ir — respondeu ele.

— Mesmo?

— Claro — disse Han, distraído, olhando por sobre o ombro na direção do bothan, que saía do aposento. — Pode ir, eu alcanço você daqui a pouco.

— Está bem — concordou Leia, franzindo a testa, numa pergunta não formulada.

— Tudo bem, é que eu preciso falar com Fey'lya um pouco — explicou ele, pousando a mão sobre a da esposa.

— Sobre o quê?

— Assuntos pessoais — disse Han, com um sorriso torcido e inocente. Observou a reação dela. — Calma, Leia. Só vou conversar com ele. Confie em mim.

— Já escutei essa frase antes. Tente ser diplomático, sim? — suspirou Leia.

Reparou que Luke já saíra da sala e Karrde aproximava-se da porta. Mon Mothma tinha aquele olhar de quem ia pedir alguma coisa, e ela levantou-se, olhando para o marido.

— Pode deixar — afirmou Han, partindo na direção tomada pelo conselheiro bothan. — Confie em mim.

Fey'lya caminhava ao longo do Grande Corredor na direção da Assembléia quando Han o avistou. Andava da forma peculiar que se move alguém que está com pressa e não deseja que os outros percebam.

— Conselheiro Fey'lya!

A única resposta foi uma explosão de vermelho-claro na árvore ch'hala mais próxima. Han apressou o passo, até alcançar o outro.

— Gostaria de trocar algumas palavras com o senhor, conselheiro.

Fey’lya nem ao menos olhou para ele.

— Não temos nada para conversar.

— Acho que temos, sim — insistiu Han. — Como por exemplo, tentar encontrar uma solução para a enrascada em que se meteu.

— Pensei que sua esposa fosse a diplomata cia família — comentou o bothan, olhando brevemente na direção do outro.

— A gente trabalha em turnos. Veja bem, conselheiro, o que o deixou em dificuldades foi fazer política pelas regras bothan. Aquele depósito no banco acabou com a imagem de Ackbar, e como um típico bothan, você se aproveitou disso. O problema é que ninguém ficou ao seu lado, portanto você está sozinho, com o pescoço estendido e a reputação política em jogo. Não sabe como recuar sem perder prestígio, e acha que a única forma de fazer isto é derrubar Ackbar.

— E mesmo? Já lhe ocorreu, por acaso, que eu posso ter estendido o pescoço, para usar suas palavras, porque acredito que Ackbar seja culpado?

— Na verdade não me ocorreu. Mas muitas pessoas acreditam no que eu disse, e que sua reputação está em jogo. Não conseguem imaginar porque alguém faria tanto escândalo sem provas.

— O que faz você pensar que eu não tenho as provas?

— Para começar, o fato de não ter apresentado nenhuma ainda. Depois,

mandou Breil’lya para New Cov, a fim de tentar fechar um acordo com Bel Iblis. Era *isso* o que ele estava fazendo lá, não era?

— Não tenho a menor idéia sobre o que está falando — resmungou Fey'lya.

— Certo. Então vamos passar ao terceiro item: o fato de que, há cinco minutos você estava pronto para atirar Bel Iblis aos leões se isso fosse útil para conseguir mais tempo para trazer a Frota *Katana*.

Fey'lya parou de caminhar e voltou-se para Han:

— Deixe-me falar francamente com o senhor, capitão Solo. Quer entenda ou não meus motivos, eu com certeza entendo os seus. Pretende trazer pessoalmente a Frota *Katana* para Coruscant; com isso, espera conseguir minha queda e a volta de Ackbar.

— Não. É exatamente isso o que estou tentando dizer, conselheiro. Leia e os outros não fazem política pelas regras bothan. Tomam decisões baseados em evidências, não em prestígio. Se Ackbar for culpado, ele será punido; se for inocente, será libertado. É simples.

— Aceite meu conselho, capitão Solo, e continue com o contrabando, os combates e as outras coisas que compreende muito bem. As regras da política encontram-se além de sua capacidade de entendimento.

— Está cometendo um erro, conselheiro — insistiu Han, tentando ainda uma vez convencer o outro. — Você pode recuar agora sem perder coisa alguma... de verdade. Mas se continuar, vai arriscar a queda da Nova República com você.

— Não pretendo sofrer nenhuma queda, capitão Solo. Meus partidários entre os militares da Nova República evitarão esse fato. Ackbar vai ser deposto e ocuparei o lugar dele. Agora me dê licença, por favor. Preciso falar com o almirante Drayson.

O bothan voltou-se e partiu. Han observou-o a afastar-se, sentindo o gosto da derrota. Será que Fey'lya não percebia o que estava fazendo? Que arriscava tudo numa aposta única?

Talvez não percebesse. Talvez fosse necessária a mente de um jogador para perceber.

Ou a de um político que não estivesse tão obcecado pela ascensão da própria pessoa.

Fey'lya atingiu o final do Grande Corredor e dirigiu-se para a esquerda, em direção ao Centro do Almirantado. Primeiro o fracasso no *Coral Vanda,* agora aquilo. Han esperou que as derrotas não se tornassem rotina.

Mara permaneceu à janela do próprio quarto, observando as montanhas

Manarai ao longe, e sentindo o peso opressivo das lembranças em sua mente. O Palácio Imperial. Depois de cinco anos, estava de volta ao Palácio Imperial. O cenário de importantes reuniões governamentais, atividades sociais da corte, intrigas internas e segredos escusos. O lugar onde sua vida começara.

O lugar onde estava quando tudo terminou.

As unhas longas acompanharam os baixos relevos dos batentes, enquanto rostos do passado emergiam em sua imaginação: o Grande Almirante Thrawn, Lorde Vader, o Grande Moff Tarkin, conselheiros, políticos, e bajuladores de todos os tipos. Porém, acima deles vinha a imagem do Imperador. Podia enxergá-lo como se estivesse à sua frente na janela, com a testa franzida e o olhar amarelado cheio de reprovação.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

— Estou tentando — murmurou Mara, em resposta à ordem que ecoava em sua mente.

Sabia, no entanto, que não era verdade. Ajudara a salvar a vida dele em Myrkr; fora até Jomark pedir-lhe ajuda; agora vinha com ele até Coruscant.

Ela não estava em perigo. Nem Karrde. Não havia motivo algum para acreditar que Skywalker pudesse ser útil a eles ou ao pessoal de Karrde.

Em resumo, não havia mais nenhuma desculpa.

Do quarto ao lado veio o ruído de uma porta se abrindo e fechando. Seria Karrde, voltando da reunião. Contente, Mara saiu da janela e dirigiu-se para a porta de comunicação entre os dois quartos.

Ele chegou primeiro.

— Mara? Venha até aqui — pediu Karrde, abrindo a porta. Quando ela entrou no quarto, ele estava em frente ao terminal do computador. Bastou um olhar para perceber que as coisas não caminharam de acordo com o esperado.

— O que deu errado?

— Não tenho certeza. Aquele bothan no conselho está colocando um bocado de dificuldades. Ele praticamente forçou Mon Mothma a adiar qualquer tentativa de resgate até que a localização seja verificada. Está aprontando uma nave para partir pela manhã.

— Uma traição? — arriscou Mara.

— Pode ser, mas não vejo motivo nenhum. Thrawn já está com Hoffner. Não vai demorar para chegar até a Frota — declarou Karrde, pensativo. — Não, acho mais provável que seja uma briga política interna, talvez ligada às acusações que ele fez contra o almirante Ackbar. Mas é melhor não arriscar.

— Já ouvi falar do comportamento político dos bothan. O que quer que eu faça?

— Quero que parta esta noite para o sistema Trogan — pediu Karrde,

entregando um cartão de dados à Mara. — E minha melhor estimativa de onde Aves pode estar escondido. Faça contato e diga que preciso que reúna tudo o que possa voar no espaço e me encontre na Frota *Katana* o mais rápido possível.

Mara apanhou o cartão, os dedos tateando o plástico frio. Ali, em suas mãos, estava a localização da Frota *Katana.* Uma vida inteira de riqueza e poder...

— Talvez eu tenha alguma dificuldade para fazer com que Aves confie em mim.

— Acho que não. O Império deve ter recomeçado a perseguir todo o grupo, a essa altura, e só isso deve bastar para convencê-lo de que consegui fugir. No cartão existe um código de reconhecimento, que ele sabe que o Grande Almirante não iria conseguir de mim tão rápido.

— Vamos esperar que não tenha o interrogatório do Império em alta conta — comentou Mara, enfiando o cartão na túnica. — Mais alguma coisa?

— Não... tenho sim — lembrou Karrde. — Diga a Ghent que eu gostaria que ele viesse para Coruscant ao invés de seguir com os outros. Encontro com ele aqui, na volta.

— Ghent? Por quê?

— Quero saber o que um especialista em pirataria de computadores pode descobrir a respeito daquele depósito suspeito na conta de Ackbar. Skywalker mencionou a possibilidade de que a invasão do banco e o depósito tenham acontecido ao mesmo tempo, mas até agora ninguém provou nada. Aposto que Ghent pode conseguir alguma coisa.

— Pensei que esse envolvimento com a Nova República seria um negócio único.

— E é. Mas não quero deixar um bothan ambicioso atrás de mim, quando partirmos.

— Certo. Estou pronta. Tem uma nave que eu possa usar? Ouviram uma batida na porta.

— Terei, em um minuto — anunciou Karrde, caminhando até a porta.

Era a irmã de Skywalker.

— Queria me ver?

— Queria. Já conhece minha associada, Mara Jade?

— Nós nos encontramos rapidamente quando você chegou a Coruscant — respondeu Organa Solo, com um aceno de cabeça.

Os olhos das duas se encontraram e Mara imaginou o que Skywalker teria contado a ela.

— Preciso que Mara faça algumas coisas para mim. Para isto, vai precisar de uma nave rápida, de longo alcance.

— Posso conseguir uma. Um asa-Y de reconhecimento está bom, Mara?

— Está ótimo.

— Vou ligar para o espaçoporto e providenciar — declarou Leia, voltando-se para Karrde. — Mais alguma coisa?

— Sim. Quero saber se você é capaz de reunir um grupo para partir esta noite.

— O conselheiro Fey’lya já está providenciando.

— Sei disso. Mas seria bom chegar antes dele — afirmou Karrde.

Ela estudou-o por um instante, antes de responder.

— Qual o tamanho desse grupo?

— Nada muito elaborado. Um cargueiro ou transporte leve, talvez um esquadrão de pilotos que não se importem em incorrer na ira dos oficiais. O objetivo é não ter homens escolhidos por Fey'lya.

Mara chegou a abrir a boca, mas fechou-a sem dizer nada. Se Karrde quisesse contar a Organa Solo sobre o encontro com o próprio grupo, ele mesmo diria.

— Acho que é possível — considerou Leia. — Fey’lya possui um bocado de apoio entre os militares, mas existem muitos que gostariam de ver o almirante Ackbar de volta ao posto.

— Aqui estão as coordenadas — afirmou Karrde, estendendo um cartão de dados. — Quanto mais cedo conseguir a tripulação, melhor.

— Estará tudo pronto em duas horas — garantiu Leia.

— Ótimo. Só mais uma coisa. Quero que entenda que existem duas razões para que eu faça isto. Em primeiro, como gratidão a seu irmão, que arriscou a vida para ajudar Mara a me salvar; a segunda é para tirar o exército do Império das minhas costas, eliminando o motivo principal pelo qual sou procurado. Só. No que se refere à sua guerra e sua política interna, minha organização irá permanecer completamente neutra. Está claro?

— Perfeitamente claro.

— Muito bem. E melhor ir preparar as coisas. A Frota está longe, e queremos a maior vantagem possível sobre o grupo de Fey’lya.

— Certo — concordou Organa Solo; depois voltou-se para Mara. — Venha comigo; vamos arrumar uma nave para você.

O intercomunicador ao lado de um Wedge Antilles adormecido emitiu seu sinal irritante. Resmungando, ele tateou na escuridão na direção geral do ruído. Encontrou o interruptor.

— Vamos, me dê uma folga, sim? Ainda estou no tempo de Ando.

— É Luke, Wedge — disse uma voz familiar. — Desculpe tirar você da cama, mas preciso de um favor. Que tal conseguir alguma encrenca para o seu

pessoal?

— Quando a gente *não está* encrencado? — retrucou Wedge, despertando completamente. — Qual o problema?

— Reúna seus pilotos e me encontre no espaçoporto em uma hora. Hangar quinze. Temos um velho transporte; acho que é possível acomodar seus asa-X a bordo.

— Isto quer dizer que a viagem é longa?

— Alguns dias. Não posso dizer mais nada agora.

— Você manda. Estaremos lá em uma hora.

— Até lá, então. E obrigado.

Wedge desligou e saiu da cama, sentindo outra vez a excitação da aventura. Assistira a um bocado de ação na década em que servia a Nova República; participara de muitos combates. Porém, as missões que lembrava como mais interessantes sempre pareciam ser as que realizara ao lado de Luke Skywalker. Não sabia bem porquê, talvez os Jedi tivessem faro para encrenca.

Esperava que sim. Entre a política de Coruscant e a limpeza que tinham de fazer após os ataques do Império, as coisas pareciam cada vez mais paradas em Coruscant. Uma mudança seria bem vinda.

Acendendo a luz, o piloto apanhou uma túnica limpa e começou a vestir-se.

Não houve problemas para decolar de Coruscant com o cargueiro noturno; a autorização de Leia garantiu a partida. Porém um cargueiro transportando doze caças asa-X era incomum o bastante para despertar falatório e especulações, que inevitavelmente atingiriam os ouvidos dos partidários de Fey'lya.

Pela manhã, ele sabia de tudo.

— Isto vai muito além de política interna — resmungou o bothan para Leia, com o pelo arrepiado. — Foi um procedimento ilegal. Para não dizer traição.

— Tenho certeza que não iria *tão* longe — interveio Mon Mothma, perturbada. — Por que fez isto, Leia?

— Ela fez porque eu pedi — disse Karrde, impassível. — E desde que a Frota *Katana* não está tecnicamente sob a jurisdição da Nova República, não vejo porque a atividade possa ser chamada de ilegal.

— Mais tarde posso explicar a você como funcionam os procedimentos legais, contrabandista. No momento, temos uma falha na segurança, Mon Mothma. Peço a emissão de uma ordem de prisão contra Solo e Skywalker.

— Uma ordem de prisão, conselheiro?

— Eles sabem onde está a Frota *Katana.* Nenhum de nós foi autorizado a

receber tal informação. E preciso que os mantenhamos sob custódia até que todas as naves sejam trazidas para a Nova República.

— Não acredito que isto seja necessário — interveio Leia. — Os dois já estiveram de posse de informações altamente secretas no passado e...

— Não estamos falando do passado — lembrou o bothan, implacável. — Estamos discutindo o presente, e eles não receberam autorização. Nessas circunstâncias, acho que vou tomar pessoalmente o comando da missão.

Leia olhou para Karrde, enxergando o próprio pensamento refletido no rosto dele. Se Fey'lya conseguisse trazer a Frota *Katana*...

— O senhor é bem vindo a bordo, conselheiro — afirmou Karrde. — A conselheira Organa Solo e eu apreciaremos o prazer de sua companhia.

Passaram-se alguns segundos antes que o pensamento se registrasse.

— Do que está falando? Ninguém deu autorização a nenhum dos dois.

— Eu estou autorizando, conselheiro. A Frota *Katana* ainda é minha e vai permanecer assim, até que a Nova República se aposse dela. Até lá, *eu* faço as regras.

O pelo de Fey’lya ficou eriçado, e por um instante, Leia teve a impressão de que o bothan ia pular na garganta do outro.

— Não esquecerei isso, contrabandista — sibilou ele. — Sua hora vai chegar.

— Pode ser. — Karrde sorriu. — Vamos indo?

27

A sinal de chegada soou e Luke endireitou-se no assento. Depois de cinco dias de viagem, aproximava-se o instante de sair do hiperespaço.

— Aqui vamos nós — disse ele. — Estão prontos?

— Nasci pronto — respondeu Han, do assento do piloto. Luke olhou de soslaio para o amigo. Por tudo o que indicava seu comportamento, Han parecia perfeitamente normal. Porém, abaixo do ar despreocupado, Luke notara alguma coisa mais nos últimos dias; um sentido mórbido, deprimido, desde que saíram de Coruscant. Parecia presente no instante em que o Jedi lhe examinava o rosto, repleto de linhas tensas.

— Você está bem?

— Estou ótimo. Mas pelo menos por uma vez eu gostaria que encontrassem outra pessoa para fazer essas correrias pela Galáxia. Você sabe que Leia e eu não chegamos a ficar juntos nem um dia? Não nos víamos por quase um mês; e não conseguimos ficar juntos nem um dia.

Luke suspirou.

— Sei como é. Algumas vezes eu me sinto como se estivesse correndo à toda desde que saímos de Tatooine com os dróides, com Ben Kenobi bem ali atrás.

Han sacudiu a cabeça, sem demonstrar ter ouvido.

— Fiquei um mês longe de Leia — repetiu ele. — A barriga dela parecia duas vezes maior do que da última vez. Nem fiquei sabendo o que aconteceu com ela e Chewie lá naquele planeta... tudo o que conseguiu me contar foi que aqueles tais noghri estão do nosso lado agora. Seja o que for que isso signifique. Não consegui obter nada com Chewie, também. Ele diz que o assunto é dela e que só ela pode contar. Estou a ponto de estrangular aquele wookie.

Luke deu de ombros e afirmou:

— Vamos de enfrentar a verdade, Han. Somos bons demais naquilo que fazemos.

O amigo não conseguiu evitar o riso.

— Certo...

— O verdadeiro motivo é que ocupamos lugares altos na lista de pessoas em quem Leia pode confiar — afirmou Luke. — E até encontrarmos aquela fonte de informação transmitindo do Palácio Imperial, a lista vai continuar pequena.

— E. Alguém me disse que os homens do Império a chamam de Fonte

Delta. Tem alguma idéia sobre quem possa ser?

— Não. Mas tem de ser alguém muito ligado à Assembléia, e talvez também ao Conselho. Uma coisa é certa: quanto antes a descobrirmos, melhor.

— Tem razão — concordou Han, esticando a mão para os controles de hiperdrive. — Prepare-se.

Acionou os controles; no instante seguinte navegavam pela escuridão do espaço.

— Aqui estamos — anunciou Han.

Luke olhou ao redor, sentindo um arrepio involuntário ao longo da espinha.

— Certo. Bem no meio do nada.

— Deve ser um sentimento familiar para você — sugeriu Han, acionando os sensores.

— Muito obrigado, mas ficar entre dois sistemas como o hiperdrive quebrado não é uma lembrança que eu desejo recordar — respondeu Luke.

— Não estava me referindo a isso. Estava falando de Tatooine. Wedge?

— Estou aqui — respondeu a voz conhecida pelo alto-falante.

— Parece que temos um alvo a zero-quatro-sete ponto um-meia-meia. Está pronto para voar?

— Pronto e ansioso.

— Certo — confirmou Han, dando uma última olhada pela escotilha e abrindo a saída do compartimento de carga. — Boa sorte.

Luke esticou o pescoço na direção que o amigo indicara. A princípio só conseguiu distinguir as estrelas, contra a escuridão absoluta ao redor. Então avistou as luzes de navegação. Os olhos estudaram os espaços vazios entre elas, e o cérebro as ordenou num padrão; de repente a imagem surgiu.

— É um Dreadnaught, sem dúvida — afirmou por fim.

— Tem outro logo ali — mostrou Han. — E outros três a estibordo, um pouco abaixo.

Luke localizou os cruzadores indicados, um arrepio de emoção correndo pela espinha. A Frota *Katana.* Só naquele instante é que percebeu o quanto duvidara da existência da Força Negra.

— Qual deles vamos examinar?

— Podemos entrar no que está mais perto.

— Não — disse Luke, explorando com a Força o sentimento que passava por ele. — Vamos tentar... naquele ali.

Apontou um determinado conjunto de luzes, a alguns quilômetros de distância.

— Algum motivo em particular?

— Para dizer a verdade, não sei — admitiu Luke.

Sentia os olhos de Han postos nele. O amigo deu de ombros.

— Tudo bem. Vamos desembarcar nele. Está ouvindo, Wedge?

— Alto e claro. Vamos entrar em formação de escolta ao redor de vocês — anunciou a voz de Wedge. — Até agora tudo deserto por aqui.

— Ótimo — assentiu Han. — Mas fiquem em alerta, de qualquer forma. Lando? Onde está você?

— Dentro do compartimento de carga. Está tudo pronto por aqui.

— Muito bem. Lá vamos nós.

Aproximaram-se do Dreadnaught escolhido e Luke pode distinguir a silhueta esmaecida e escura do casco do cruzador contra a luz das estrelas. A forma era quase cilíndrica, com meia dúzia de torres de defesa ao redor da seção central e uma proa que fora descrita certa vez como uma ostra gigante no meio da mordida, a linha da fuselagem sugeria uma espaçonave arcaica. Porém, tratava-se de uma falsa impressão. O cruzador pesado classe Dreadnaught fora a base de sustentação da frota da Velha República; apesar de não parecer tão esguio quanto o destróier estelar do Império que o substituíra, suas baterias de canhões turbolaser continuavam a ter um belo poder de fogo.

— Como vamos entrar a bordo? — indagou Luke.

— Lá está o hangar principal — apontou Han, na direção de um retângulo luminoso. — Vamos levar a nave para lá.

— Se for grande o suficiente — comentou Luke, com um olhar desconfiado ao orifício na parte inferior da nave.

Seus temores eram infundados. A entrada do hangar era na verdade bem maior do que parecia e as pistas internas ainda mais amplas. Com habilidade, Han conduziu a nave ao interior, manobrou-a de forma que o nariz ficasse de frente para a abertura e aterrissou.

Deixou os sistemas em prontidão e abriu o cinto.

— Vamos acabar logo com isto.

Lando, Chewbacca e o grupo de quatro técnicos que viera com eles aguardavam Solo e Luke próximos à porta. Os técnicos ficaram impressionados com os coldres e os desintegradores. Pelo jeito, não estavam acostumados a atividades mais perigosas do que manipular ferramentas.

— Já verificou o ar, Anselmo? — perguntou Han.

— Parece ótimo — informou o chefe do grupo técnico, indicando uma prancheta de leitura. — Melhor do que deveria estar depois de todos esses anos. Aí dentro os dróides da manutenção devem estar em dia com o trabalho de casa.

Han confirmou os dados na prancheta e acenou para Chewbacca.

— Pode abrir a porta, Chewie. Tomrus, você dirige nosso trenó flutuante.

Cuidado com as zonas de gravidade alterada... não queremos que saia voando pelo teto.

O ar respirado no hangar tinha um odor estranhamente almiscarado; uma combinação de óleo e poeira, com um toque metálico, percebeu Luke. Apesar disso, parecia fresco e respirável.

— Impressionante — comentou ele, caminhando atrás do trenó. — Depois de tanto tempo, é impressionante.

— Esses sistemas de computadores sincronizados foram feitos para durar — comentou Lando, ao olhar ao redor. — Muito bem, qual é o plano, Han?

— Acho que é melhor a gente se dividir. Você e Chewie vão com Anselmo, Tomrus e o trenó, e verifiquem as condições operacionais na engenharia. Nós vamos até a ponte.

Aquela foi uma das caminhadas mais assustadoras da vida de Luke, exatamente pela ausência de acontecimentos. As luzes dos corredores largos funcionavam todas, assim como os discos gravitacionais e o restante do equipamento ambiental. As portas dos corredores abriam-se quando qualquer dos membros passava suficientemente perto, revelando oficinas e alojamentos impecáveis. O som esmaecido dos sistemas funcionando, as passadas do grupo e um dróide ocasional realizando sua função eram os únicos sons no antigo cruzador. Por todos os indícios encontrados, a grande espaçonave parecia ter sido abandonada no dia anterior.

Mas não fora. Aquelas espaçonaves estavam paradas no espaço há meio século... e as tripulações não as haviam abandonado, e sim morrido ali, na agonia da loucura. Examinando os corredores ao caminhar, Luke imaginou o que os dróides da manutenção teriam feito com os cadáveres.

A ponte de comando ficava longe do hangar de entrada e a caminhada foi longa e tétrica, mas acabaram por chegar ao destino.

— Parece que é aqui — anunciou Han no comunicador, enquanto as portas entre a ante-sala de monitores e a ponte abriam-se. — Não estamos vendo muitos danos aparentes. Como estão os motores?

— Por aqui as coisas não estão muito boas — informou Lando. — Tomrus disse que seis dos oito principais conversores de energia saíram fora do alinhamento. Ele ainda está verificando, mas tenho a impressão de que essa banheira não vai a lugar nenhum sem uma bela reforma.

— Pergunte se fiquei surpreso — respondeu Han, desanimado. — E o hiperdrive? Alguma chance de conseguirmos levar a nave para um estaleiro, onde possa ser consertada?

— Anselmo está verificando. Por mim não vejo muita esperança.

— É verdade. Estamos aqui para dar uma boa olhada e não para fazer o

cruzador funcionar. Vamos ver que tipo de sistemas de controle temos aqui e pronto.

Luke olhou para o espaço acima das portas. Reparou melhor na placa de metal ornada, acima da abertura.

— Estamos no *Katana*...

— O quê? — surpreendeu-se Han, olhando para o local que o amigo fitava, depois para Luke. — A nau-capitânia. Foi por isso que escolheu este, então?

— Acho que sim. Intuição através da Força.

— Han, Luke — chamou a voz de Wedge, pelo comunicador.

— Temos companhia.

Luke sentiu o coração dar um salto.

— Onde?

— Vetor zero, dois, dez, ponto vinte e um. Configuração... uma fragata de escolta.

— É melhor tentar se comunicar com eles — sugeriu Luke.

— Na verdade, eles é que estão nos chamando — respondeu Wedge. — Espere um pouco, vou passar para você.

— Capitão Solo, aqui fala o comandante Virgílio da fragata de escolta *Quenfis*. Está recebendo? — disse uma nova voz pelo comunicador.

— Solo falando. Estamos a bordo da nave *Katana*, da Velha República...

— Capitão Solo, lamento informá-lo que o senhor e seu grupo estão presos — interrompeu Virgílio. — O senhor deve retornar à própria nave e entregar-se a nós.

As palavras de Virgílio ecoavam na silenciosa sala de observação, acima e atrás da ponte de comando. Acomodado na poltrona central, Fey'lya lançou um olhar insolente na direção de Leia, depois para Karrde, e a seguir voltou a atenção para os distantes asa-X.

— Parece que não o estão levando a sério, capitão — disse ele pelo intercomunicador. — Talvez seja bom lançar seus caças para ajudar a convencê-los.

— Sim, conselheiro — respondeu Virgílio.

Leia apurou os ouvidos para perceber sinais de ressentimento naquela voz. A maior parte dos capitães que ela conhecia não iriam gostar nem um pouco de receber ordens de civis, em particular de um civil com tão pouca experiência no assunto. Por outro lado, Fey’lya não o teria escolhido para o *Quenfis* se Virgílio não fosse um de seus mais ferrenhos defensores. Tratava- se de outra desnecessária indicação para mostrar quem mandava ali.

— Esquadrilha de caça: preparar para lançamento!

— Capitão, aqui fala o comandante Wedge Antilles, da Esquadrilha Rogue. Posso saber quem expediu esta ordem de prisão?

— Permita-me, capitão — disse Fey'lya, inclinando-se para acionar seu canal de transmissão. — Aqui fala o conselheiro Borsk Fey'lya, comandante Antilles. Duvido que soubesse disso, mas o capitão Solo está operando de forma ilegal.

— Desculpe, conselheiro, mas não vejo como possa ser isso. Nossas ordens vieram da conselheira Organa Solo.

— E as novas ordens vieram diretamente de Mon Mothma — retrucou o bothan, começando a ficar irritado. — Portanto, isto torna a sua autorização...

— Pode provar isto? Fey'lya ficou sem ação.

— Tenho a ordem aqui à minha frente, comandante. Se desejar, pode subir a bordo para examiná-la.

— Comandante, por enquanto a origem da ordem é irrelevante — interveio Virgílio. — Como seu oficial superior, ordeno que se renda e traga sua esquadrilha para bordo da minha nave.

Houve um longo silêncio. Leia olhou para Karrde, sentado à distância, porém a atenção dele estava voltada para a bolha de aço transparente, o rosto impassível fitando o espaço. Talvez recordasse da última vez em que estivera ali.

— E se eu recusar? — indagou Wedge.

— Deixe para lá, Wedge — disse Han. — Não vale a pena arriscar uma corte marcial por isto. Pode ir, não precisamos mais de vocês. Foi bom falar com você, Fey'lya. Seguiu-se o som da linha sendo desligada.

— Solo! — gritou o bothan, aproximando-se do aparelho, como se assim o outro pudesse escutar melhor. Voltou-se para Leia. — Venha até aqui. Traga ele de volta ao comunicador.

Leia sacudiu a cabeça, numa negativa.

— Desculpe, conselheiro, mas quando Han fica assim, não escuta ninguém.

— Vou pedir apenas mais uma vez — avisou Fey'lya, o pelo arrepiado.

— Se recusar...

Ele não chegou a terminar sua ameaça. Algo apareceu na borda do campo de visão de Leia; enquanto ela localizava o objeto, os alarmes do *Quenfis* começaram a tocar.

— O que... — começou o bothan, olhando para todos os lados.

— E um destróier estelar do Império — informou Karrde, acima das sirenes. — E parece que vem vindo na nossa direção.

— Temos companhia, Rogue Líder — anunciou um dos pilotos de Wedge,

que escutava as sirenes do *Quenfis* pelo interfone. — Destróier do Império, a um, sete, oito, ponto oitenta e seis.

— Achei — anunciou Wedge, que avançava na direção dos asa-X decolando da fragata; realizou uma curva de cento e oitenta graus no rumo do inimigo. — Luke?

De fato, era um destróier estelar do Império, em tal posição que deixava o *Katana* entre o *Quenfis* e o inimigo.

— Estou vendo. Estamos caminhando para o hangar agora — informou Luke.

— Certo... espere um pouco — pediu Wedge, apurando os olhos e consultando o monitor. Naves menores saíam do destróier. — Eles estão lançando. Doze naves, provavelmente de transporte de tropas.

— Vamos nos apressar, obrigado — disse Han. — Agora voltem ao *Quenfis.*

O comunicador foi desligado.

— Pode ficar esperando — resmungou Wedge, fitando as naves inimigas. — Esquadrilha Rogue, vamos lá!

O capitão Virgílio tentava dizer alguma coisa pelo canal aberto. Mudando para a freqüência exclusiva da esquadrilha, Wedge aumentou a potência e partiu na direção do *Katana.*

À distância, perceberam o movimento dos caça asa-X, que se dirigiam diretamente para o destróier.

— Eles vão atacar! Devem ser malucos — bradou Fey’lya, sem acreditar no que via.

— Não estão atacando, só dando cobertura — explicou Leia, examinando o cenário espacial, e tentando traçar mentalmente os pontos de intercepção. Seria uma corrida contra o tempo. — Precisamos ir até lá e dar apoio a eles. Capitão Virgílio...

— Capitão Virgílio, chame de volta os caças — interrompeu Fey'lya. — Navegador, prepare os cálculos para entrarmos na velocidade da luz.

— Conselheiro? — indagou Virgílio, a voz surpresa. — Está sugerindo que abandonemos nossos homens?

— Nosso dever, capitão, é sair daqui vivos para dar o alarme. Se a Esquadrilha Rogue insiste em desobedecer as ordens, não há nada que possamos fazer por eles.

Leia colocou-se em pé.

— Capitão...

Fey'lya foi mais rápido, desligando o comunicador antes que ela pudesse

falar.

— Eu sou o encarregado aqui — disse ele. — autorizado pela própria Mon Mothma.

— Para o diabo a sua autoridade — gritou ela.

Por alguns segundos, Leia abrigou o desejo de tirar seu sabre-laser do cinto e cortar em dois o bothan.

Com esforço, controlou-se. O ódio violento era sintoma do lado escuro da Força.

— Mon Mothma não podia prever que nada disso iria acontecer — argumentou ela, procurando manter a voz calma. — Fey'lya, meu marido e meu irmão estão naquela nave. Se não formos ajudar, podem morrer.

— E se *formos* ajudar, eles provavelmente vão morrer do mesmo jeito — afirmou o bothan, com frieza. — E os filhos que você carrega morrerão também.

— Isso não é justo — murmurou ela, sentindo o coração esfriar.

— A realidade não precisa ser justa — respondeu Fey'lya. — E a realidade nesse caso é que não vou desperdiçar homens e naves numa causa perdida.

— Não é uma causa perdida — disse ela, olhando para espaço. Depois de tudo o que ela e Han haviam passado juntos, não iriam terminar assim. Leia deu mais um passo na direção do conselheiro bothan...

— O *Quenfis* vai se retirar, e não há nada que você ou qualquer outra pessoa possam fazer para impedir — disse Fey'lya, enfiando a mão na pelagem bege.

Em seguida, apontou um desintegrador para Leia.

— Relatório dos sensores, capitão — avisou o oficial na estação de rastreamento do *Justiceiro.* — Todos os outros Dreadnaught na região não apresentam nenhuma forma de vida.

— Isto significa que estão se concentrando em apenas um — concluiu o capitão Brandei. — E onde nós vamos atacar, então. Os rebeldes não terão pressa nenhuma em abrir fogo contra um nave com o próprio pessoal a bordo. Ainda só uma esquadrilha de caças para nos interceptar?

— Sim, senhor. A fragata de escolta e as outras duas esquadrilhas ainda não responderam. Devem ter sido apanhados de surpresa.

Brandei permitiu-se sorrir. Era sempre assim com os Rebeldes. Lutavam como animais enraivecidos quando não tinham nada a perder; mas quando se dava a eles um gosto de vitória e uma chance de apreciar os despojos de guerra, e de repente eles já não estavam mais ansiosos para arriscar a vida. Esse era um dos motivos pelos quais o Império sempre os derrotava.

— Pode ser. Ordene que os transportes assumam formação de defesa — disse ele ao oficial de comunicações. — Mande o comando lançar duas

esquadrilhas de caças TIE para interceptar esses asa-X. E mande uma mensagem ao *Quimera.* Informe ao Grande Almirante que encontramos o inimigo.

Por um bom tempo Han ficou olhando pela janela de observação para as naves do Império, fazendo uma rápida estimativa de tempos e distâncias e ignorando os técnicos que o aguardavam nervosos à porta.

— Não está na hora de ir? — perguntou Luke a seu lado.

— Não vamos sair — decidiu Han, por fim. — Estaríamos acabando de retirar nosso transporte, quando as naves e os caças do destróier chegarem. Lando?

— Estou escutando. O que está acontecendo por aí?

— O Império chegou — informou Han, movendo-se para o painel de controle de disparos, e gesticulando para que os técnicos se unissem a ele. — A Esquadrilha Rogue está em trajetória de interceptação, mas parece que o pessoal de Fey'lya vai correr.

Lando praguejou.

— Não podemos ficar parados aqui e deixar que Wedge enfrente sozinho o inimigo — disse ele.

— Não vamos fazer isso — assegurou Han. — Se ocupem por aí em verificar em que estado estão as baterias do turbolaser e quanta energia podemos juntar. A gente verifica daqui o controle de fogo. Mas sejam rápidos. Uma vez que desfaçam a formação não teremos a menor chance.

— Certo.

Han colocou o comunicador de volta ao cinto.

— Como estamos aí em baixo, Shen?

— Acho que está bom — disse a voz do técnico de dentro do painel. — Kline?

— Os contatos parecem estar bem por aqui — respondeu o colega, do interior de um painel do outro lado da sala de comando. — Se conseguirmos que o computador ative o sistema... pronto!

Han acomodou-se no painel de controle das armas, correndo os olhos pela posição não familiar dos interruptores, e imaginando se o esforço valeria mais a pena do que cuspir no vácuo. Mesmo esses Dreadnaught servo-controlados e automatizados precisavam de dois mil homens para operá-los.

Porém as naves do Império não estavam esperando que o navio adormecido disparasse. Era o que lhes dava a vantagem da surpresa.

— Lá vamos nós — murmurou Han, marcando localização visual do alvo.

Os transportes ainda voavam em formação compacta, utilizando os escudos defletores superpostos para protegê-los de qualquer disparo por parte de algum dos asa-X. Os caças TIE, mais rápidos, estavam no momento

emparelhados com eles, envolvendo o grupo por todos os lados, e começando a ultrapassá-lo.

— Você só tem um tiro — comentou Luke, ao lado do amigo.

— Obrigado. Era o que eu precisava ouvir no momento — respondeu Han, prendendo a respiração e mantendo a mira.

Com suavidade, os dedos pressionaram o controle de disparo.

O *Katana* oscilou quando os raios múltiplos de turbolaser foram emitidos e ele sentiu o barulho surdo e duplo de um banco capacitor se desintegrando. Luke acertara. O primeiro disparo fora também o último. Mas valera a pena. A pontaria fora perfeita, centrada no meio da formação; de repente a força do Império deu a impressão de se desintegrar em explosões múltiplas. Por alguns segundos, tudo ficou oculto na nuvem de destroços provocada pelas explosões secundárias. Do meio do material em suspensão saíram algumas naves. Mais algumas reuniram-se a elas, demonstrando pelo movimento irregular estarem danificadas.

— Parece que você acertou cinco transportes — informou Kline, observando através dos macrobinóculos. — E alguns caças, também.

— Começaram as manobras evasivas — anunciou Luke.

— Certo. Que tal esta, Lando? — perguntou ele próximo ao comunicador que retirara do cinto.

— Seja o que for que você tenha feito, a coisa está uma verdadeira bagunça por aqui. Drenou a energia de controle de fogo e estourou pelo menos um dos geradores — disse Lando. — E agora?

— Agora ficamos prontos para enfrentar uma abordagem. Me encontre no corredor principal de bombordo, logo depois da porta do hangar. Vamos ver que tipo de defesa podemos montar.

— Certo.

Han desligou o comunicador.

— Vamos embora.

— É melhor que essa defesa seja boa — comentou Luke, atrás do amigo ao sair da ponte de comando. — Especialmente se calcularmos a superioridade numérica em cerca de quarenta para um.

— Nunca se baseie em estatísticas — respondeu Han, consultando o cronômetro. — A gente nunca sabe quando os números podem mudar...

— Não podemos simplesmente abandoná-los — repetiu Leia, sem perceber que estava se dirigindo a Fey'lya como quem fala com uma criança.

— Meu marido e meu irmão estão lá, e pelo menos uma dúzia de nossos melhores pilotos de asa-X. Não podemos deixar todos para o Império.

— Não se deve colocar considerações e sentimentos pessoais acima do

dever de cada um com a Nova República, conselheira — argumentou Fey'lya. — Certamente deve entender isso.

O desintegrador na mão dele continuou firme.

— Que diabo, não são considerações pessoais. São...

— Um momento, por favor — interrompeu o bothan, acionando o canal de comunicação. — Capitão, quanto falta para podermos entrar no hiperespaço?

— Mais um minuto — respondeu Virgílio. — Talvez dois.

— O mais rápido possível, sim? — Fey'lya desligou o canal e voltou-se para Leia. — Conselheira, o que estava dizendo mesmo?

Ela controlou-se mais uma vez. Se a pontaria dele se desviasse um pouco, apenas alguns centímetros, poderia arriscar-se a pular sobre ele. Da forma como estava não podia fazer nada. Suas habilidades rudimentares com a Força não lhe permitiam desviar a arma, e ele permanecia mais de um metro além do alcance do sabre-laser.

— Han e Luke são vitais para a Nova República. Se morrerem, ou forem capturados...

— O *Katana* está disparando — anunciou calmamente Karrde, levantando-se como se para enxergar melhor.

Leia olhou para o espaço, onde as naves do Império explodiam silenciosamente.

— Eles sabem demais sobre a Nova República, Fey’lya. Quer que o Império obtenha essas informações?

— Acho que você não está entendendo o ponto-de-vista do conselheiro, Leia — disse Karrde, caminhando até onde estava. Passou ao lado dela e com um gesto displicente, largou uma prancheta de leitura no console próximo. — Está preocupada com sua família, claro, mas o conselheiro Fey’lya tem outro tipo de prioridades em mente.

— Tenho certeza que sim — ironizou Leia, sentindo a boca seca ao espiar a tela plana da prancheta.

Havia uma mensagem curta: *Ligue todos os comunicadores.*

O desintegrador continuava apontado para ela, porém o bothan agora encarava Karrde. Leia concentrou-se nos controles atrás dele e projetou a Força... sem nenhum ruído, o comunicador e o intercomunicador interno começaram a transmitir.

— Só não entendo que outras prioridades o conselheiro Fey’lya pode ter — provocou ela.

— E muito simples — explicou Karrde. — Nosso conselheiro é motivado apenas pela sua sobrevivência política. Quer fugir da luta porque colocou seus partidários mais confiáveis a bordo desta nave, e não pode se dar ao luxo de

perdê-los.

— Ele fez o quê? Eu pensei que...

— Que esta era a tripulação habitual do *Quenfis!* — completou Karrde.

— Não, senhora. Só permaneceram o capitão e os oficiais, que estão na maioria ao lado dele. Por isso Fey'lya queria algumas horas antes de partir de Coruscant: para poder alterar escalas de serviço e certificar-se de que todos a bordo fossem leais a ele. Não que soubessem disso, claro. Tiveram a impressão que era algum arranjo especial da segurança.

Leia compreendeu, com um calafrio, percebendo que não apenas o capitão, mas toda a tripulação estavam ao lado de Fey'lya. Isto significava que tudo terminara e ela perdera.

— Você pode imaginar como Fey'lya está relutante em arriscar-se a perder qualquer um deles por uma coisa tão fora de moda quanto lealdade aos companheiros. Especialmente depois de ter trabalhado duro para convencer a todos o quanto se preocupa com o militar que combate.

Leia atirou um olhar curioso a Karrde, sem saber onde pretendia chegar com aquilo.

— Isso é verdade, conselheiro? — indagou ela, cheia de descrença na voz. — Toda essa conversa sobre estar do lado dos militares não passou de uma trama para obter mais poder político?

— Não seja tola, conselheira. Para que mais servem os soldados na mão dos políticos? — indagou Fey'lya, arrebatado.

— É por isso que não se importa se os homens da Esquadrilha Rogue morrerem? Porque preferem ficar afastados da política? — provocou Karrde.

— Ninguém se importa com a morte de seus inimigos. E todos aqueles que não estão ao meu lado são meus inimigos — declarou o bothan. — Acredito, capitão Karrde, que não preciso dizer mais.

— Não, conselheiro, acho que já disse o suficiente — afirmou o contrabandista, olhando para o espaço.

Leia seguiu-lhe o olhar. Entre o *Quenfis* e o *Katana,* os dois esquadrões de asa-X haviam feito meia-volta e dirigiam-se ao encontro da esquadrilha de Wedge. Desertavam o político que acabara de definir sua consideração para com os militares.

— E verdade, Fey'lya. Acho que disse o suficiente.

O bothan franziu a testa, mas antes que começasse a falar, a porta abriu-se. O capitão Virgílio entrou, acompanhado de dois soldados.

— Conselheiro Fey'lya, respeitosamente eu peço que se recolha ao seu camarote. Esses homens vão acompanhá-lo.

— Não estou entendendo, capitão — comentou o bothan.

— Estamos fechando esta sala, senhor — disse Virgílio, em tom firme e educado. Em seguida aproximou-se do intercomunicador. — Aqui é o capitão. Todos aos postos de combate.

Leia percebeu o choque no olhar de Fey'lya quando ele finalmente compreendeu tudo.

— Capitão...

— Sabe, senhor, alguns de nós não consideram a lealdade uma coisa fora de moda — cortou Virgílio. — Conselheira Leia Organa Solo, gostaria que me encontrasse na ponte quando for conveniente. Chamamos um cruzador estelar para nos dar apoio, mas vai demorar para chegar.

— Vamos ter de segurá-los até ele chegar — disse Leia, olhando em seguida para Karrde: — Obrigada.

— Não foi por você ou por sua guerra — assegurou o contrabandista. — Mara e meu pessoal vão chegar a qualquer momento. Não seria nada bom terem de enfrentar sozinhos um destróier estelar.

— Não estarão sozinhos — garantiu Virgílio. — Conselheiro?

— E uma causa perdida — insistiu Fey'lya, entregando a arma para os soldados.

— Toda a Rebelião era considerada apenas uma causa perdida — lembrou o capitão. — Se me dá licença, conselheiro, tenho uma batalha a organizar.

O *Quimera* estava passeando pela região que Pellaeon apelidara de O Depósito, quando chegou o relatório do *Justiceiro.*

— Interessante... reagiram mais rápido do que eu esperava.

— comentou Thrawn.

Cinco transportes e três caças TIE destruídos; um dos Dreadnaught sob controle dos rebeldes, participando da batalha. Tudo levava a crer que uma batalha importante estava para acontecer.

— Karrde deve ter resolvido ser generoso — respondeu Pellaeon, absorvendo os dados. — Recomendo que mandemos outro destróier para ajudar, almirante. A Rebelião pode ter naves maiores a caminho.

— Vamos nós mesmos, capitão — disse Thrawn. — Navegação: calcule o curso de volta à Frota *Katana.*

O oficial de navegação não se moveu. Permaneceu sentado, de costas para os superiores, numa postura rígida.

— Navegação? — repetiu o Grande Almirante.

— Fragata classe-Lancer não identificada penetrou no sistema e está se aproximando. Insiste em falar com o senhor, pessoalmente.

Os olhos vermelhos estreitaram-se quando o comunicador foi acionado... e Pellaeon percebeu quem estaria a bordo da nave recém-chegada.

— Aqui Thrawn. Mestre C’baoth, eu presumo?

— Presumiu certo — respondeu a voz de C’baoth, ecoando pela cabine.

— Precisamos conversar, Grande Almirante. Agora.

— Estamos saindo para ajudar o *Justiceiro.* Como talvez, já tenha percebido — acrescentou Thrawn, olhando para o navegador apático. — Quando voltarmos...

— *Agora,* Grande Almirante.

Movendo-se em silêncio, Pellaeon realizou um cálculo para a aproximação da nave de C’baoth.

— Vai levar quinze minutos até ele subir a bordo — murmurou ele.

Thrawn sibilou, soltando o ar por entre os dentes. Pellaeon sabia o que pensava. Numa situação de batalha, quinze minutos podia significar a diferença entre a vitória e a derrota.

— Capitão, ordene que o *Implacável* vá ajudar o *justiceiro* — disse o superior, por fim. — Vamos permanecer aqui, para um reunião com nosso aliado.

— Obrigado, Grande Almirante — disse C’baoth. — Aprecio sua generosidade.

Ao lado, o oficial de navegação deu a impressão de desabar na cadeira. Thrawn estendeu a mão e num gesto irado cortou o canal de comunicação. Olhou para o homem, que começava a estremecer e gesticulou em direção aos guardas.

— Enfermaria.

— Onde acha que C’baoth arranjou aquele Lancer? — perguntou Pellaeon, enquanto os guardas removiam o navegador.

— Ele provavelmente seqüestrou a nave. C’baoth manda mensagens de uma distância de vários anos-luz, e certamente sabe controlar a mente das pessoas. Acho que aprendeu a combinar essas duas habilidades.

— Não estou gostando disso, senhor — comentou o capitão, olhando para o lugar vazio do navegador.

— Também não gosto disso, capitão. Talvez seja hora de reconsiderar nosso acordo com Mestre C’baoth — afirmou o Grande Almirante, os olhos fitando algum ponto no espaço exterior. — Reconsiderar com muito cuidado.

28

Os turbolasers do *Katana* dispararam, desintegrando o centro da formação de transportes do Império e um dos pilotos de Wedge deu um grito de guerra.

— Dê uma olhada nisso!

— Pare de conversar, Rogue Sete — avisou Wedge, tentando enxergar através da nuvem de destroços. O Império estava com o nariz sangrando, nada mais. — Eles têm mais caças de reserva.

— Wedge?

— Estou aqui, Luke — respondeu ele, depois de trocar o canal.

— Decidimos não sair daqui. Iríamos bem de encontro às naves do Império e não vale a pena, com o nosso velho transporte. Você pode levar sua esquadrilha e buscar ajuda.

Wedge reparou que os transportes inimigos reagrupavam-se em padrões evasivos e os caças moviam-se à frente, abrindo caminho.

— Você não vai conseguir segurá-los — disse Wedge. — Deve ter uns trezentos homens da tropa de assalto a bordo.

— Temos uma chance melhor do que vocês contra um destróier estelar — argumentou Luke. — Vamos, saia daí.

Wedge sabia que o amigo estava certo, mas não queria abandonar seus amigos...

— Rogue Líder, aqui Gold Líder — disse uma voz diferente ao comunicador. — Pedindo permissão para entrar na festa.

Franzindo a testa, Wedge olhou pelo aço transparente da cabine. As duas esquadrilhas de asa-X do *Quenfis* vinham na direção deles, à toda velocidade.

— Permissão concedida. Pensei que o conselheiro Fey’lya tivesse proibido vocês de entrar na brincadeira.

— Fey'lya não tem mais voz ativa — informou o colega. — Depois eu conto os detalhes. O capitão entregou o comando para a conselheira Organa Solo.

— São as primeiras notícias agradáveis que escutei hoje — comentou Wedge. — Muito bem, aqui está o plano. Você destaca quatro do seu grupo para tentar acertar aqueles transportes, enquanto o resto de nós se concentra nos caças. Com um pouco de sorte, poderemos fazer uma boa limpeza antes da próxima onda chegar. Acho que não temos reforço nenhum a caminho, temos?

— O capitão disse que um cruzador estelar está vindo para cá. Mas não sabe quanto tempo vai demorar.

Provavelmente não vai chegar a tempo, pensou Wedge.

— Muito bem. Vamos lá!

Novas esteiras próximas ao destróier indicavam que a segunda onda de caças TIE fora lançada. A situação iria piorar em pouco tempo. No momento, os asa-X estavam em vantagem numérica. Os pilotos do Império sabiam disso e separaram-se, para dividir os atacantes. Wedge avaliou a situação.

— Todos os caça asa-X; vamos combater um a um. Escolham seus alvos e boa sorte.

A frente vinham dois dos interceptores mais modernos, e Wedge abandonou a formação para dar combate a um deles.

Qualquer que tenha sido a decadência experimentada pelo Império, em termos de pessoal e material bélico, não se estendia ao programa de treinamento para pilotos de caça. O piloto do TIE escolhido por Wedge deslizou habilmente para fora do alcance do ataque inicial, fazendo uma manobra que não apenas o tirou da trajetória do asa-X, mas também girou a própria nave, de forma que as armas acompanharam o inimigo. Wedge realizou meia pirueta para baixo, percebendo que os disparos do inimigo passaram raspando os sensores de calor; depois virou para bombordo. Preparou-se para um segundo disparo, que não aconteceu. Estabilizando o curso do asa-X, Wedge voltou-se para o oponente.

— Cuidado com a retaguarda, Rogue Líder! — avisou Rogue Três pelo interfone.

Wedge realizou uma espiral descendente, evitando novo disparo do TIE, que passou ao lado da cabine. O piloto inimigo não fora enganado pela manobra e ainda o seguira, assumindo posição para disparar seus canhões laser.

— Obrigado.

— Ele ainda está aí — continuou Rogue Três. — Faça algumas manobras evasivas que eu já vou indo.

— Não precisa.

Wedge olhou para o espaço que dava a impressão de girar, e divisou outra nave do Império a estibordo. Forçou os controles, interrompeu a espiral e dirigiu-se diretamente para ela. O TIE chegou a balançar quando seu piloto percebeu a ameaça e tentou sair da trajetória.

Que era o instante que Wedge aguardava. Passando por baixo do ventre da nave inimiga, executou uma curva súbita para cima, completando a volta ao redor do caça do Império, e retornando ao local onde iniciara a manobra.

O TIE que o perseguia foi apanhado desprevenido, no meio de uma manobra lenta para evitar a colisão com seu companheiro, e ficou com o ventre voltado para o asa-X. Um único disparo de Wedge explodiu o interceptor.

— Bela manobra, Rogue Líder — comentou Gold Líder. — Agora é minha

vez.

Wedge compreendeu. Acelerando, afastou-se do TIE que ele usara como cobertura, escapando no instante em que os disparos de Gold Líder atingiram a nave do Império. Sua cabine avermelhou-se com os tons da explosão.

— Como vamos indo? — indagou.

— Acabamos com eles — informou Gold Líder.

— É mesmo? — Wedge realizou um círculo amplo com sua nave.

Os únicos caças visíveis eram asa-X, entre as nuvens de destroços. — E os transportes?

— Não sei. Gold Três, Gold Quatro, relatório.

— Pegamos seis, Gold Líder — informou uma voz diferente.

— Não sei o que aconteceu ao sétimo.

Wedge resmungou um palavrão, trocando de canais enquanto se voltava para o destróier. A nova esquadrilha de caças estava quase sobre eles. Não havia tempo para fazer coisa alguma pelos amigos, a não ser avisá-los.

— Luke? Você tem companhia a caminho.

— Já sabemos — respondeu a voz de Luke pelo alto-falante.

— Eles estão aqui.

Os homens da tropa de choque do Império haviam desembarcado do transporte disparando; usaram o fogo pesado de cobertura para avançar até as portas de comunicação do hangar com o interior. Luke não conseguia enxergá-los de onde estava, assim como não via o grupo de Han, que aguardava silenciosamente atrás das portas a bombordo. Mas escutava os disparos inimigos e sentia sua aproximação.

E havia algo nessa sensação que lhe provocou arrepios. Alguma coisa não estava certa com aqueles homens...

O comunicador interrompeu seus pensamentos.

— Luke? Eles vem vindo. Você está pronto? — indagou a voz de Lando.

Luke desligou seu sabre e verificou sua obra pela última vez. Uma grande parte do teto do corredor pendia perigosamente, suspensa por algumas vigas de metal, pronta para cair à menor vibração. Mais além, outras duas grandes secções tinham o mesmo tipo de armadilha.

— Tudo pronto — confirmou ele para Lando.

— Ótimo. Aqui vai...

O ruído de disparos provenientes de vários tipos de armamentos ecoou, quando os defensores abriram fogo contra as tropas de assalto. Por alguns instantes os grupos atacaram-se mutuamente. Depois, houve um estrondo metálico, e os sons cessaram.

Os quatro técnicos foram os primeiros a dobrar o corredor onde Luke aguardava, os rostos demonstrando uma mistura de medo, nervosismo e alívio, típica de homens que sobreviveram ao primeiro tiroteio. Lando apareceu depois, seguido de Han, com Chewbacca à retaguarda.

— Está pronto? — quis saber Han. — Eles vêm vindo logo aí.

— Está pronto — garantiu Luke, apontando o teto e as paredes. — Mas não acho que vá segurá-los por muito tempo.

— Não precisa. Se a gente conseguir diminuir a vantagem está ótimo. Vamos!

— Espere! — disse Luke, usando a Força. As mentes pareciam estranhamente perturbadas... — Eles estão se dividindo. Metade ainda está nas portas de bombordo; a outra metade está indo para o setor de Operações, a estibordo.

— Estão tentando nos flanquear — disse Han. — Lando, a área está bem isolada?

— Não muito bem — admitiu o companheiro. — As portas do próprio hangar devem agüentar por algum tempo, mas na área de Operações existe um verdadeiro labirinto de depósitos e oficinas de manutenção. Provavelmente devem existir vários caminhos diferentes por ali. Eram muitas portas para lacrar.

Dos lados da porta do depósito veio o estrondo oco de uma carga controlada.

— Então esse grupo nos mantêm ocupados, nós pensamos que estão todos aqui, enquanto os outros chegam pela retaguarda, e acabam conosco. Bem, não queríamos mesmo controlar todo o Grande Corredor. Chewie, você e Lando levem os outros na direção da ponte de comando. Liquidem quantos puderem pelo caminho. Luke e eu vamos até o outro lado, ver se conseguimos retardar um pouco esse grupo que quer nos cercar.

Chewbacca rosnou e foi atrás dos quatro técnicos.

— Boa sorte — desejou Lando, partindo em seguida. Han olhou para o cunhado.

— Ainda são só dois grupos?

— São — respondeu Luke, depois de projetar os sentidos Jedi. O sentimento de estranheza continuava ali.

— Vamos indo.

Partiram, com Han à frente, seguindo por um corredor estreito, que apresentava portas a distâncias idênticas, sugerindo uma área de alojamentos para a tripulação.

— Para onde estamos indo? — indagou Luke.

— Para a Torre Dois de Estibordo. Lá a gente pode encontrar algo que

sirva para encher o Grande Corredor com... fluido de turbolaser ou algo parecido.

— Pode funcionar, a não ser que tenham equipamento de sobrevivência — lembrou Luke.

— Eles não têm. Afinal, não estavam usando nada quando nos atacaram. Devem ter filtros padrão, mas se enchermos com fluido tóxico o corredor inteiro, não vai adiantar nada — argumentou Han. — Nunca se sabe... talvez esse fluido seja inflamável, também.

— Pena que a Frota *Katana* não seja feita de galeões estelares — lamentou Luke. — Bem que a gente podia aproveitar aquelas defesas antiabordagem que vinham em todos eles.

Estendeu os sentidos à frente; teve a impressão de que os inimigos estavam percorrendo os labirintos de corredores mencionados por Lando, tentando dar a volta para chegar ao Grande Corredor.

— Se essas naves fossem galeões estelares, o Império não estaria tão ansioso para colocar as mãos nelas. Explodiriam tudo e encerrariam o assunto — disse Han.

— Tem razão.

Atingiram o corredor principal de estibordo, e aproximadamente na metade do percurso, Han parou.

— Que diabo...

Luke voltou-se para olhar. Dez metros adiante, no corredor, imersa na penumbra formada abaixo de algumas lâmpadas queimadas, estava uma grande estrutura metálica em forma de caixa, repousando numa confusão de cabos e conexões. Canhões gêmeos projetavam-se logo acima de uma pequena escotilha; as paredes do corredor ao redor encontravam-se enegrecidas, apresentando vários buracos de tamanho respeitável.

— O que é isto?

— Parece uma versão em escala de um veículo bípede de combate — respondeu Han. — Vamos dar uma olhada.

— Fico pensando o que estaria fazendo aqui... — disse Luke. O soalho abaixo dos pés deles também estava danificado, atestando o poder de fogo utilizado naquela área.

— Provavelmente alguém foi apanhar no depósito durante a crise de loucura que atacou os tripulantes. Tentou proteger a ponte ou simplesmente começou a atirar nos outros.

Luke estremeceu, imaginando a cena.

— Deve ter sido bem difícil trazer essa coisa até aqui.

— Com certeza não vamos tentar tirá-la — comentou Han, olhando para

os destroços que um dia formaram a perna direita do veículo. Depois levantou a sobrancelha e olhou para o amigo. — A menos que...

Luke engoliu em seco. Mestre Yoda levantara um asa-X do pântano de Dagobah, certa vez... mas era um Mestre, e tinha um controle muito maior da Força.

— Vamos ver — disse ele, decidido a tentar.

Inspirou, clareou a mente, levantou a mão e projetou a Força.

O veículo nem ao menos estremeceu. Luke tentou outra vez, depois fez mais uma tentativa. Mas não foi possível. Ou a ferragem estava firmemente encalacrada entre as paredes, ou Luke não tinha força suficiente para movê- la.

— Tudo bem — disse Han, olhando para o corredor. — Teria sido útil se tivesse mobilidade, porque a gente podia colocá-lo na sala de monitores e acertar qualquer um que chegasse mais perto. Mas podemos usar aqui, também. Vamos ver se conseguimos entrar.

Colocando a arma no coldre, Han subiu pela perna remanescente.

— Eles estão se aproximando — avisou Luke, voltando os olhos para o corredor. — Mais dois minutos estarão à vista.

— E melhor ficar atrás de mim — avisou o amigo, abrindo a porta do veículo.

— O que foi? — indagou Luke, percebendo a mudança de humor em Han.

— E incrível! Esta coisa ainda tem energia. Deixe eu dar uma olhada...

— Acima, os canos duplos moveram-se um pouco. — Ainda pode mover-se. Ótimo.

Luke subira até o alto da perna metálica, tomando cuidado com as pontas retorcidas. Quem quer que tenha lutado contra o piloto enlouquecido reagira à altura. Sua mente avisou-o da urgência necessária.

— Eles estão chegando — murmurou ele a Han, passando pelo membro avariado e apoiando os pés no convés exterior.

Agachou-se e espiou pelo espaço entre a perna e a blindagem do veículo, esperando ficar escondido pela sombras.

Bem a tempo. Os soldados do Império progrediam com rapidez pelo corredor, espalhados numa formação militar apropriada. Os dois homens da vanguarda pararam ao deparar com o veículo quebrado. Provavelmente estavam resolvendo se arriscavam um avanço direto ou perdiam a vantagem da surpresa usando fogo de cobertura. Por fim, os batedores avançaram, enquanto os outros permaneciam deitados no chão ou colados às paredes.

Han permitiu que chegassem até a base do veículo. Então, movimentando os canos acima das cabeças deles, abriu fogo contra o grupo principal.

A resposta veio instantânea, mas não à altura. Han sistematicamente

espalhou os disparos pelas paredes e pelo chão, aniquilando os que estavam sem cobertura e fazendo recuar os que conseguiram abrigar-se numa porta recuada. Os dois homens da vanguarda reagiram com rapidez, um deles disparando na direção da escotilha e o outro subindo pela perna até a porta lateral.

Chegou ao alto para encontrar Luke esperando por ele. O companheiro conseguiu disparar três tiros, todos desviados, antes que o sabre-laser lhe trespassasse o corpo.

De repente, o canhão desintegrador parou de funcionar. Luke projetou a Força pelo corredor.

— Ainda sobraram três — avisou ele, enquanto Han abria a porta e saía da cabine.

— Deixe-os — aconselhou Han, consultando o cronômetro. — Precisamos voltar para junto de Lando e Chewie. Além do mais, o cristal atuador acabou de pifar. Vamos embora antes que descubram.

A primeira onda de caças TIE fora destruída, assim como todos os transportes, com exceção de um. A fragata de escolta e os asa-X dos rebeldes enfrentavam agora as esquadrilhas Um e Três e pareciam estar se saindo bem. O capitão Brandei não sorria mais.

— Lançando Esquadrilha Quatro agora — anunciou o Controle de Vôo.

— As Esquadrilhas Cinco e Seis aguardam suas ordens.

— Mande que fiquem de prontidão — disse Brandei. Não que tivesse muita escolha. Cinco e Seis eram esquadrilhas de reconhecimento e bombardeiros, úteis em suas áreas, mas não em combate direto com caças asa-X. — Alguma notícia do *Implacável?*

— Não, senhor. O último relatório do *Quimera...* antes de subirmos os escudos... dava o horário de chegada como quinze dezenove.

Faltavam sete minutos. Porém batalhas tinham sido perdidas em muito menos tempo; e pelo rumo que os acontecimentos tomavam, aquele poderia ser o caso.

O que deixava a Brandei apenas mais uma opção. Por mais que fosse contra a idéia de aproximar-se do raio de ação dos turbolasers do Dreadnaught, ele teria de utilizar o *Justiceiro* na batalha.

— A frente à toda velocidade — ordenou ele. — Escudos com força máxima; baterias turbolaser em prontidão. Informe ao comandante da abordagem que quero aquele Dreadnaught em nossas mãos *agora.*

— Sim, senhor.

Ouviu-se um rumor surdo pelo convés quando os motores convencionais começaram a funcionar. E de repente os alarmes soaram.

— Piratas deixando a velocidade da luz. Dezoito naves ao todo... classe cargueiro e menores. Estão atacando — avisou o oficial encarregado dos sensores.

Brandei praguejou enquanto consultava o monitor apropriado. Não eram naves rebeldes e perguntou-se quem seriam. Mas não importava. De qualquer forma, eram inimigos.

— Virem para dois, sete, um — ordenou ele. — Preparem os canhões de ré para lidar com os atacantes. E lancem a Esquadrilha Seis.

Quem quer que fossem, iriam aprender a não se meter nos negócios do Império. Quanto à identidade deles... bem, a Inteligência poderia examinar depois os destroços.

— Olhe só, Mara — avisou Aves pelo intercomunicador. — Estão tentando virar. E já providenciaram o lançamento de caças.

— Certo — aquiesceu ela, permitindo-se um sorriso. — Dankin, Torve... vamos interceptá-los.

O grosso das forças do destróier estelar já estavam envolvidas em combates contra as forças da Nova República, o que significava que o pessoal de Karrde iria ser recepcionado pelas naves de reconhecimento e bombardeiros. Nada que não pudessem enfrentar.

Os dois pilotos concordaram e ela voltou sua atenção para o local abaixo do motor central, castigado pelos lasers de seu Z-95. Naquele ponto, abaixo do escudo, ficava uma peça importante do módulo de sensores traseiros. Se pudesse atingi-la, tanto sua nave como a de seus companheiros teriam trânsito livre pela parte de baixo da enorme espaçonave.

Produzindo uma pequena nuvem de metal vaporizado e plástico, os lasers ultrapassaram a defesa.

— Acertei — anunciou ela. — A secção central inferior traseira está cega agora.

— Bom trabalho — aplaudiu Aves. — Todo mundo: vamos lá.

Mara afastou seu Z-95, contente por abandonar o calor e a radiação da zona dos grandes motores. Agora o caminho estava aberto para o *Wild*

Karrde e outros cargueiros; seu pequeno caça seria mais útil em combate contra os TIE, afastando-os dos companheiros.

— Jade chamando Karrde. Está ouvindo?

— Estou bem aqui, Mara. Tudo certo? — disse a voz familiar. Ela sentiu sua tensão dissipar-se. *Estou bem aqui,* no código que partilhavam, significava que tudo corria bem a bordo da nave da Nova República.

Ou tão bem quanto se poderia esperar, ao enfrentar um destróier estelar do Império.

— Qual é a situação? — indagou ela.

— Tivemos alguns danos, mas parece que estamos resistindo — esclareceu ele. — Há um pequeno grupo de técnicos a bordo do *Katana* e conseguiram utilizar os canhões, o que explica a relutância do destróier em aproximar-se. Mas vão acabar vencendo a timidez.

— Acabaram de perdê-la — relatou Mara. — Estavam com os motores ligados quando chegamos. E não vamos conseguir distraí-los por muito tempo.

— Mara, aqui fala Leia Organa Solo. Temos um cruzador estelar a caminho.

— O Império também tem reforços a caminho. Não vamos bancar os heróis a ponto de fazer nenhuma estupidez. Tire o seu pessoal do *Katana* e saia daqui.

— Não podemos. Os soldados do Império estão lá. Nossa turma não consegue chegar até a nave.

Mara olhou para o vulto escuro do Dreadnaught, iluminado apenas pelas próprias luzes e pelo clarão do combate.

— É melhor nem contar com eles, nesse caso — opinou Mara.

— Os reforços do Império não devem estar longe... vão chegar bem antes que as suas naves..

Como se esperasse a deixa, à esquerda brilhou uma oscilação de pseudomovimento; de repente, apareceram três cruzadores Dreadnaught em formação triangular.

— Mara! — disse Aves.

— Já vi — confirmou ela, observando novo triângulo chegando do hiperespaço. — E o suficiente, Karrde. Saia daqui.

— Atenção, forças da Nova República — declarou uma voz potente. — Aqui fala o senador Garm Bel Iblis, a bordo da belonave *Peregrino.* Posso oferecer ajuda?

Leia olhou para o alto-falante do comunicador, os sentimentos confusos numa combinação de medo, descrença e esperança. Voltou-se para Karrde, que deu de ombros e sacudiu a cabeça.

— Pensei que estivesse morto — murmurou intrigado.

Leia engoliu em seco. Ela precisava... mas *era mesmo* a voz de Bel Iblis. Ou uma imitação excelente.

— Garm, aqui é Leia Organa Solo — disse ela.

— Leia! Faz muito tempo, não? Não esperava que estivesse aqui pessoalmente. Mas acho que deveria saber. Tudo isso foi idéia sua?

— Não entendo o que você quer dizer com *tudo isso.* O que está fazendo

aqui, afinal?

— O capitão Solo mandou as coordenadas para minha assistente e nos pediu para ajudar — informou Bel Iblis, em tom cuidadoso. — Presumi que o pedido fora seu.

Leia sorriu. Devia ter adivinhado.

— A memória de Han não funciona muito bem, às vezes. Para ser honesta, não ficamos juntos tempo suficiente para conversar desde que voltamos de viagem.

— Compreendo. Quer dizer que não é um pedido oficial da Nova República? — Indagou o senador, escolhendo as palavras.

— Podia não ser, mas agora é. Como conselheira da Nova República, peço oficialmente sua ajuda — assegurou Leia. Depois voltou a cabeça para Virgílio. — Por favor, anote nos registros de bordo, capitão.

— Sim, conselheira. E falando por mim, senhor, senador Bel Iblis, gostei muito da idéia de combater a seu lado.

— Obrigado, capitão — disse Bel Iblis. — Vamos fazer um belo estrago? *Peregrino* desliga.

Com a imaginação, Leia pode enxergar o famoso sorriso do senador.

Os seis Dreadnaught formaram um círculo em volta do destróier, fustigando-o com seus canhões iônicos e ignorando os disparos ocasionais de turbolaser dos defensores.

— Mara tem razão — opinou Karrde, aproximando-se de Leia. — Assim que conseguirmos tirar o pessoal do cruzador, o melhor é partir.

Leia sacudiu a cabeça, numa negativa.

— Não podemos ceder a frota *Katana* de mão beijada para o Império.

— Acho que você não teve oportunidade de contar quantos Dreadnaught estão por aqui — lembrou Karrde.

— Não, mesmo. Por quê?

— Fiz uma varredura, enquanto você discutia com Fey’lya. Dos duzentos Dreadnaught originais... só restaram quinze.

— Quinze? — repetiu Leia, abalada.

— Acho que subestimei o Grande Almirante, conselheira — admitiu Karrde. — Sabia que começaria a levar os navios daqui assim que tivesse a localização da frota. Mas não esperava que conseguisse extrair tão rápido a informação de Hoffner.

Leia estremeceu. Passara pelo ritual do interrogatório do Império certa vez. Mesmo depois de vários anos, suas lembranças ainda eram vividas.

— Imagino se teria sobrado alguma coisa dele...

— Poupe sua compaixão — aconselhou Karrde. — Não acredito que

Thrawn tenha precisado utilizar coisas tão pouco civilizadas como métodos de interrogatório. O Grande Almirante deve ter aplicado apenas uma bela injeção de dinheiro nele.

O olhar de Leia procurou a batalha no espaço, enquanto seu coração mergulhava no desespero do fracasso. Haviam perdido. Depois de tantos esforços, haviam perdido.

Inspirou profundamente e iniciou a série de exercícios Jedi para acalmar-se. Haviam perdido, sim. Mas a batalha, não a guerra. O Império poderia ter conseguido a Força Negra, mas para recrutar e treinar pessoal para aquelas naves levaria alguns anos. Muita coisa poderia acontecer durante esse período.

— Você tem razão — admitiu ela para Karrde. — O melhor seria limitar as perdas. Capitão Virgílio, assim que esses TIE tiverem sido neutralizados, quero um grupo de abordagem para retirar nosso pessoal de lá.

Não houve resposta.

— Capitão?

Virgílio olhava para o espaço através do visor, seu rosto impassível.

— Tarde demais, conselheira — disse ele, por fim.

Leia voltou-se. Movendo-se ao lado da nave cercada pelos cruzadores, um segundo destróier estelar emergira do hiperespaço. Os reforços do Império haviam chegado.

— Retirar! — avisou Aves, pelo comunicador. — Todas as naves, rota de fuga! Outro destróier estelar no sistema.

A última palavra fora abafada pelo alarme de proximidade do Z-95, significando que algo chegara perto demais. Mara manobrou a pequena nave numa curva lateral, exatamente a tempo de sair da linha de fogo de um TIE.

— Retirar para onde? — indagou ela, entrando em giro controlado. Seu atacante, confiante com a chegada dos reforços, aproximou-se para disparar outra vez e Mara acertou-o em cheio. — Caso tenha esquecido, alguns de nós não têm energia suficiente para calcular um salto seguro para o hiperespaço.

— Eu forneço os números — declarou Aves. — Karrde?

— Concordo com você — disse Karrde, da fragata de escolta. — Saiam daqui.

Mara apertou os dentes, olhando para o segundo destróier espacial. Detestava fugir daquela forma, mas sabia que os outros tinham razão. Bel Iblis deslocara três cruzadores para lidar com o recém-chegado, mas ainda que estivessem equipados com canhões iônicos, três Dreadnaught não poderiam conter um destróier estelar por muito tempo. Se não saíssem logo, poderiam não ter outra chance.

Repentinamente, sentiu uma sensação de perigo. Outra vez realizou uma

manobra súbita, porém desta vez foi tarde demais. A nave balançou e da traseira veio o sibilar de metal superaquecido vaporizando para o vácuo.

— Fui atingida — bradou Mara, uma das mãos automaticamente desligando os sistemas, enquanto a outra buscava o capacete pressurizado e o ajustava com rapidez. Bem a tempo, pois logo depois a cabine perdeu sua atmosfera. — Sem energia e sem ar. Vou ejetar.

Esticou a mão para o controle do ejetor... e parou. Por sorte ou talvez pelos reflexos de última hora, sua nave avariada dirigia-se quase diretamente para o hangar do primeiro destróier. Se pudesse extrair um pouco mais de energia para manobrar...

Precisou fazer algumas correções na trajetória, mas quando acionou o ejetor, foi com satisfação que seu pequeno Z-95 iria vingar-se da nave inimiga. Os danos não seriam grandes, mas iriam incomodar.

Foi pressionada de encontro ao assento quando os explosivos lançaram- na para longe da nave. Conseguiu ver um lado do destróier e um interceptar passou, em alta velocidade.

Um estalar nos fones marcou um lamento final eletrônico, e todos os circuitos produziram ruídos estranhos. De súbito, Mara compreendeu que poderia ter cometido o último erro de sua vida. Entretida em apontar sua nave para o hangar inimigo, aproximara-se demais e fora ejetada diretamente na linha de fogo dos canhões iônicos dos Dreadnaught.

Aquele ruído eletrônico marcou o apagamento de todos os sistemas. A comunicação, as luzes, os jatos para manobras, os reguladores de manutenção de vida, e emissores de sinais para localização.

Tudo.

Por um segundo, seus pensamentos voltaram-se para Skywalker. Ele também estivera perdido no espaço, não fazia muito tempo. Mas tivera um motivo para encontrá-lo. Ninguém tinha um motivo similar para fazer o mesmo por ela.

Um caça TIE em chamas passou por ela e explodiu pouco adiante. Um estilhaço grande atingiu a blindagem de cerâmica que lhe protegia os ombros, atirando a cabeça de Mara contra o assento.

Ao penetrar na escuridão de um desmaio, viu o rosto do Imperador à sua frente. E soube que falhara outra vez.

Estavam quase chegando à ante-sala dos monitores, na ponte de comando do *Katana*, quando Luke estremeceu e parou.

— O que foi? — perguntou Han, olhando para o corredor por onde vieram.

— E Mara. Ela está em dificuldade — respondeu Luke, o rosto tenso.

— Foi atingida?

— Foi. Atingida e incomunicável... ela deve ter passado pelos raios iônicos.

O garoto dava a impressão de ter perdido seu melhor amigo, e não alguém que queria matá-lo. Han pensou em dizer isso a ele e chegou a abrir a boca, mas decidiu que tinham problemas mais urgentes a resolver. Provavelmente era uma daquelas coisas malucas de Jedi, que nunca faziam sentido para ele.

— Agora não podemos fazer nada por ela. Vamos!

Os dois corredores principais desembocavam na ante-sala, que por sua vez era o único acesso à ponte de comando. Quando Han e Luke chegaram, Lando e Chewbacca estavam em lados opostos do corredor de bombordo, desviando-se de disparos ocasionais do inimigo e retribuindo quando possível.

— Como está a coisa, Lando? — perguntou Han.

— Nada boa, parceiro. Sobraram pelo menos dez deste lado. Shen e Tomrus foram feridos... se não receberem atendimento de um dróide- médico, Shen pode morrer. Anselmo e Kline estão cuidando deles na ponte de comando — informou Lando.

— Nós fomos um pouco melhor, mas ainda temos dois ou três aí atrás — contou Han, verificando a fileira de monitores. — Acho que quatro homens não conseguiriam defender esse lugar. E melhor irmos para a ponte de comando.

A disposição da ante-sala providenciava bastante abrigo para os defensores, mas não permitia que se retirassem para a ponte sem ficar expostos ao fogo inimigo.

— De onde não temos mais nenhum lugar para ir — lembrou Lando. — Espero que tenha considerado esse detalhe.

— Muito bem — exclamou Luke, aprumando-se. — Vão para a ponte, todos. Eu cuido disso.

— Você *o quê?* — espantou-se Lando.

— Eu cuido disso — repetiu o Jedi, acionando a lâmina luminosa do sabre-laser. — Vão indo... sei o que estou fazendo.

— Vamos, então. Podemos dar cobertura de lá — reforçou Han, sem saber o que o garoto tinha em mente.

Um minuto mais tarde estavam prontos. Han e Lando abrigados pelos batentes das portas de entrada, Chewbacca mais atrás, protegido por um console de navegação e Luke parado no meio da abertura da porta, o sabre- laser emitindo sua luz esverdeada. Levou mais um minuto para os inimigos perceberem que dominavam os corredores; uma vez compreendido esse fato, o avanço foi rápido. O fogo de cobertura começou a ricochetear entre os monitores, enquanto os soldados do Império mergulhavam um por um no interior da ante-sala, protegendo-se atrás dos longos consoles e começando a

atirar.

Tentando não recuar, Han também disparou, sabendo que fazia pouco mais do que barulho. O sabre-laser de Luke brilhava como algo vivo e faminto, anulando o fogo inimigo quando necessário. Até então o garoto não fora atingido, mas Han sabia que essa situação não podia durar. Logo que os soldados parassem de atirar à esmo e começassem a escolher o alvo, nem mesmo um Jedi poderia livrar-se de tantos disparos. Manteve-se atirando, esperando que Luke soubesse o que fazia.

— Agora! — gritou o Jedi.

Enquanto Han se perguntava para o quê teria de ficar pronto, Luke deu um passo para trás e atirou o sabre-laser para o lado. A arma girou pelo aposento e a lâmina atravessou uma das paredes...

E com um estrondo súbito, cortou a fuselagem, expondo a ante-sala ao espaço aberto.

Luke saltou para trás assim que recolheu o sabre-laser, pouco antes que as portas se fechassem com a descompressão repentina. O alarme soou por um instante, até Chewbacca desligá-lo. Por mais um minuto, Han escutou os disparos inúteis contra as portas.

Em seguida, veio o silêncio... a batalha havia terminado.

Luke já estava ao visor, observando os combates no espaço, entre as naves.

— Vá com calma, Luke — aconselhou Han, guardando a arma no coldre e aproximando-se do cunhado. — Estamos fora dessa briga.

— Não podemos ficar de fora. Precisamos fazer alguma coisa para ajudar. O Império vai matar todo mundo se não impedirmos — ponderou Luke.

Parecia angustiado, abrindo e fechando sua mão mecânica, talvez recordando-se de Myrkr e da longa caminhada pela floresta com Mara.

— Não podemos disparar e tampouco manobrar — argumentou Han, sentindo a própria impotência, pois Leia estava na fragata de escolta. — O que mais podemos fazer?

— Não sei — confessou Luke, dando de ombros. — Você é que é o gênio militar, por aqui. Pense em alguma coisa.

— Claro. Tudo o que eu preciso fazer *é* acenar, e... — começou Han, interrompendo-se e olhando ao redor da ponte. Um sorriso torcido formou-se em seus lábios. — Chewie, Lando! Vão até o console dos sensores. Luke, me ajude a achar... não precisa, já achei.

Ele se dirigira a um dos consoles e Luke juntou-se a ele.

— O que encontrou?

Han examinava os controles, e seu olhar aprovou as condições. Esperava apenas que tudo funcionasse a contento. Esticou a mão para interruptor principal

e ligou os sistemas.

— Pense por um instante. Onde estamos, afinal?

— Estamos no meio do nada — respondeu Lando, do outro lado. — Ficar mexendo com os instrumentos da cabine de comando não vai nos levar a lugar nenhum.

— Tem toda a razão — afirmou Han, alargando o sorriso. — Não vai nos levar a lugar nenhum.

Lando olhou para ele e à medida que compreendia, um sorriso formou-se também em seus lábios.

— Tem razão. Esta é a Frota *Katana.* E estamos a bordo do *Katana.*

— Exatamente! — concordou Han.

Prendendo a respiração, forneceu energia para o sistema de acoplamento.

O *Katana* não se moveu, naturalmente, mas o motivo para a frota ter desaparecido fora...

— Peguei um — anunciou Lando, prestando atenção aos sensores. — Posição quarenta e três, ponto vinte.

— Só um?

— Só um — confirmou Lando. — E dê graças por isso. Depois desse tempo todo, temos muita sorte em ter pelo menos uma nave com os motores funcionando.

— Vamos esperar que estejam funcionando bem. Me dê o curso para interceptar esse destróier que chegou agora.

— Um momento... quinze graus para bombordo, e um toque leve para baixo.

— Certo... — confirmou Han, executando as mudanças necessárias. Era uma sensação estranha, pilotar uma nave à distância.

— Que tal agora?

— Parece perfeito — disse Lando. — Dê mais velocidade.

— Os monitores de controle de disparo não estão funcionando — avisou Luke. — Não sei se vai conseguir atirar sem eles.

— Não pretendo nem tentar. Lando?

— Um pouco mais à bombordo... um pouco mais... assim. Assim está ótimo. Está perfeitamente alinhado.

— Lá vai — anunciou Han, empurrando o controle de velocidade até a posição máxima.

Naturalmente o destróier iria avistar o velho cruzador avançando em sua direção. Porém, o bombardeio iônico dos Dreadnaught de Bel Iblis interferia e danificava os sistemas eletrônicos; não havia forma de sair do lugar a tempo.

Mesmo à grande distância em que se encontrava o destróier, o impacto e a

explosão foram espetaculares. Han observou a enorme bola de fogo, ainda aumentando, depois voltou-se para Luke.

— *Agora* estamos fora do combate.

Através das escotilhas laterais do *Justiceiro,* o capitão Brandei observava incrédulo a agonia do *Implacável.* Não podia estar acontecendo. Simplesmente, não podia! Não com um destróier estelar, a nave mais poderosa do Império.

O estalido de um disparo contra o escudo defletor da ponte de comando trouxe-o de volta à realidade.

— Relatório!

— Um dos Dreadnaught inimigos parece ter ficado danificado na explosão do *Implacável* — anunciou o oficial que monitorava os sensores.

— Os outros dois estão vindo para cá. Para ajudar os três cruzadores que o bombardeavam com seus canhões tônicos.

Brandei examinou seus monitores táticos; porém foi um gesto inútil.

— Chame todos os caças — ordenou ele, sabendo que não havia alternativa. — Vamos entrar no hiperespaço assim que estiverem a bordo.

— Sim, senhor.

Enquanto a tripulação se agitava para cumprir as ordens, Bran-dei permitiu-se um sorriso amargo. Haviam perdido aquela batalha. Porém voltariam em pouco tempo... e quando voltassem, seria com a Força Negra comandada pelo Grande Almirante Thrawn.

Deixaria que os rebeldes apreciassem sua breve vitória. Talvez fosse a última.

29

A equipe de manutenção do *Quenfis* consertou a ante-sala despressurizada em tempo recorde. A nave que Luke requisitou aguardava no hangar quando chegou lá e o resultado *é* que uma hora depois da destruição de um destróier estelar e da fuga do outro, estava outra vez no espaço.

Localizar um simples assento ejetado entre todos os destroços da batalha seria uma tarefa impossível para o pessoal de Karrde. Para um Jedi, não era difícil.

Mara estava inconsciente quando a encontrou, tanto pela escassez de ar respirável, quanto por uma pancada leve na cabeça. Aves embarcou-a no *Wild Karrde* e partiram rápido em direção às instalações médicas do cruzador estelar, que finalmente chegara. Luke acompanhou-os até que estivesse a bordo, depois voltou ao *Katana,* onde o resto da tripulação aguardava, ao lado do transporte, para voltar a Coruscant.

Imaginava, em primeiro lugar, porque fora tão importante para ele salvar Mara.

A verdade é que não sabia. Havia um bocado de caminhos racionais que poderia citar, desde a simples gratidão pela ajuda na batalha, até o fato de que o salvamento de vidas fazia parte do dever de um Jedi. Mas nenhuma delas passava de uma simples racionalização. Tudo o que sabia ao certo, é que tivera de fazê-lo.

Talvez fosse uma orientação da Força. Talvez apenas o último arroubo de idealismo jovem e ingenuidade.

— Luke? — chamou uma voz pelo comunicador.

— Diga, Han.

— Volte para o *Katana.* Agora mesmo.

Luke olhou para a nave escura acima, um arrepio correndo pela espinha. A voz de Han parecia ter vindo de um cemitério.

— O que aconteceu?

— Encrenca. Eu sei o que o Império pretende. E não é nada bom.

— Estou indo — avisou Luke, engolindo em seco.

— Obrigado por sua insistência em me reter aqui — disse Thrawn, os olhos brilhando de fúria ao terminar de ler o relatório do *justiceiro.* —

Acabamos de perder o *Implacável.* Espero que esteja satisfeito.

C’baoth devolveu o olhar à altura.

— Não queira encobrir a incompetência de seus pseudoconquistadores

jogando a culpa em mim. Ou talvez não tenha sido apenas incompetência, mas apenas habilidade da Rebelião. Você poderia estar morto nesse momento se o *Quimera* estivesse no lugar dele.

O rosto do Grande Almirante fechou-se. Pellaeon acercou-se do superior, aproveitando a proteção do ysalamiri em seu substrato.

Porém Thrawn possuía um bom controle.

— Por que está aqui, afinal?

C'baoth sorriu e voltou-se para outro lado.

— Você me fez muitas promessas desde que nos encontramos em Wayland, Grande Almirante Thrawn — começou ele, parando em frente a uma das holografias de esculturas, como se a estivesse admirando. — Estou aqui para me certificar de que serão cumpridas.

— E como pretende fazer isso?

— Garantindo que eu seja importante demais para ser esquecido por conveniência. Portanto, vim para informá-lo de que estou voltando para Wayland... e vou assumir o comando do projeto no monte Tantiss.

— Projeto do monte Tantiss? — repetiu Thrawn, sem conseguir conter-se.

— Exatamente — respondeu o Mestre Jedi, olhando para Pellaeon. — Já sei tudo sobre o assunto, capitão. Não se dê ao trabalho de tentar ocultar fatos de mim.

— Não queríamos trazer problemas desnecessários. Alguma lembrança desagradável, por exemplo, que esse projeto pudesse trazer a você.

C'baoth encarou-o antes de responder.

— Pode ser — concedeu ele, com um toque de sarcasmo. — Se esse foi de fato o motivo, agradeço muito. Mas o tempo dessas coisas já passou. Meus poderes aumentaram muito desde que saí de Wayland, Grande Almirante Thrawn. Não preciso mais que se preocupe com minhas sensibilidades.

Enquanto os dois militares o fitavam, C'baoth levantou-se e deu a impressão de aumentar muito em altura e imponência. Quando falou, a voz ecoou pela sala.

— Sou C'baoth, Mestre Jedi. A Força que mantém a Galáxia unida é minha aliada.

Devagar, Thrawn levantou-se.

— E você é meu servo — afirmou ele.

— Não mais, Grande Almirante Thrawn. O círculo se fechou. Os Jedi vão dominar outra vez.

— Cuidado, C'baoth — ameaçou Thrawn. — Diga o que quiser, mas nunca se esqueça de que é perfeitamente dispensável para o Império.

As sobrancelhas do mestre Jedi ergueram-se e o sorriso que se seguiu fez

com que Pellaeon se arrepiasse de medo. Era o mesmo sorriso de Wayland.

O mesmo que o convencera de que C'baoth estava louco de verdade.

— Pelo contrário. Do jeito como as coisas estão, represento tudo que é *indispensável* para o Império — declarou o Mestre Jedi, levantando o olhar para as estrelas representadas nos hologramas de navegação. — Venha, vamos discutir os novos arranjos do *nosso* Império.

Luke olhou para os corpos dos soldados das tropas de choque, mortos pela despressurização da ante-sala no *Katana*. Finalmente compreendeu porque pareceram diferentes à sua sensibilidade mental.

— Acredito que não exista nenhuma possibilidade de erro — murmurou como se falasse consigo mesmo.

— Leia pediu um teste genético. Daqui a pouco fica pronto — informou Han. — Mas não creio que haja engano.

Luke assentiu com um gesto de cabeça, olhando para os rostos. Ou melhor, para o rosto único partilhado por todos os cadáveres. Eram clones.

— Então foi isso — disse por fim. — Em algum lugar, o Império encontrou um conjunto de cilindros Spaarti. E começou a produzir.

— O que significa que não vão demorar anos para encontrar e treinar uma tripulação para os novos Dreadnaught — concluiu Han, de cara amarrada. — Talvez levem alguns meses. Talvez nem isso.

Luke respirou fundo.

— Tenho um péssimo pressentimento sobre isso, Han.

— Eu sei... Bem vindo ao clube.

A HISTÓRIA CONTINUA...

SOBRE O AUTOR

Timothy Zahn é um dos mais populares autores de ficção científica, nos Estados Unidos, sendo conhecido por sua habilidade em elaborar narrativas muito humanas em contraste com um bem construído cenário de alta tecnologia.


A SAGA CONTINUA, PARTE II !
A GRANDE AVENTURA ESTÁ APENAS COMEÇANDO!
GUERRA NAS ESTRELAS
O DESPERTAR DA FORÇA NEGRA
EDITORA BEST SELLER
TIMOTHY ZAHN